UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

TULIO SOUSA COSTA

UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA:
modos de vida e a escrita de si

São Paulo

2023

TULIO SOUSA COSTA

UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA:
modos de vida e a escrita de si

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, com área de concentração em Artes Visuais do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (Unesp), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Linha de pesquisa:
Práticas e procedimentos artísticos

Orientador:
Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

C837b Costa, Tulio Sousa, 1991-

Uma bixa trapeira-colecionadora : modos de vida e a escrita de si / Tulio Sousa Costa. -- São Paulo, 2023.

319 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo.

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artistas - Narrativas pessoais. 2. Arte - Prática profissional. prática artística. 3. Escrita. 4. Arte moderna - Séc. XXI. I. Romagnolo, Sergio Mauro. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 792.028

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

TULIO SOUSA COSTA

UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA:
modos de vida e a escrita de si

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Dissertação aprovada em: 30 de junho de 2023

Banca examinadora

_____
Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo
Instituto de Artes/UNESP – Orientador

_____
Prof. Dr. Ricardo Luis Silva
Centro Universitário Senac

_____
Profª. Drª. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes/UNESP

Suplentes

Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho
(Instituto de Artes/UNESP)

Dr. Gustavo Henrique Torrezan
(Centro de Pesquisa e formação/Sesc)

dedico este trabalho às bixas, trapeiras ou não, que desde sempre reescrevem o mundo a partir das sobras e dos restos; e às suas avós, mães e irmãs, que imaginaram mundos melhores para todas nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha avó materna, Juenir Mendes, e à minha mãe, Isabel Divina, por terem imaginado uma vida melhor para mim. A elas, agrego o meu pai, Valentin Ribeiro, e a minha irmã, Isabela Valentina; nenhum deles mediram esforços para que eu pudesse seguir a caminhada. Para com vocês, minha família de sangue, tenho uma dívida impagável! Sou e serei eternamente grato.

Aos meus orientadores, Agnus Valente (*in memorian*) e Sérgio Romagnolo, agradeço o incentivo e a anuência para que eu praticasse a liberdade no campo da pesquisa, do pensamento, da crítica e da escrita nas artes visuais e desenvolvesse profissionalmente minha prática artística.

Aos professores da banca examinadora, Rita Bredariolli e Ricardo Luis Silva, cujos apontamentos da qualificação foram transformadores para o encaminhamento do trabalho.

Às minhas queridas amigas bixas: rafael amorim, Deri Andrade, Gabriel Pessoto, Andrey Koens, Pedro de Oliveira Rodrigues e a não-bixa, Nina Porto, por acompanharem de perto meu desenvolvimento – pessoal, artístico e profissional – e por escreverem os textos tão bonitos que compõem esta dissertação.

Aos meus colegas de mestrado (turma de 2020) – Clarissa Mendes, Carmen Garcia, Rita balduino, Caio Netto, Guilherme Bullejos, Andrés Suárez, Bárbara Milano, Patrícia Lobo e Daniel Herrera – em especial Andrey Koens, Lu Martins e Vinícius Almeida, que seguiram comigo até os últimos instantes.

À Erika Ozako, minha sócia e amiga, pela parceria, generosidade e criatividade nos projetos que estamos desenvolvendo juntos.

Aos meus amigos de infância – Marjorie Viana, Patrícia Vidal, Jeiziel Cassiano – e aos amigos paulistanos – Bárbara Wada e Felipe Loberto. Tem sido muito especial crescer com vocês.

À Fernanda Pantuzzo e Rodrigo Lopes, pelas primeiras leituras e pelas conversas fortalecedoras; À Carolina Hidalgo Castelani pela revisão cuidadosa e provocações assertivas.

À Simone Maia, Paloma Marques, Dennis Araújo e Andreza Passos, colegas de trabalho da Editora Senac São Paulo, pelo apoio e incentivo que me deram enquanto trabalhava com eles. Um brinde à classe operária!

Aos amigos, colegas, parceiros, companheiros, conhecidos e amantes que me atravessaram nesse processo, incluindo os que não permaneceram, cujos vestígios de experiência estão presentes nas palavras que escrevo, ainda que não nominalmente citados: meu muito obrigado!

Às bixas trapeiras-colecionadoras.

Sou a favor de uma arte que evolua sem saber que é arte, uma arte que tenha a chance de começar do zero.

Claes Oldenburg

RESUMO

Escrito em primeira pessoa, **Uma bixa trapeira-colecionadora: modos de vida e a escrita de si** narra a trajetória pessoal e construtiva da minha autoinvenção como artista. A partir de coleções de vivências cotidianas, são propostas escritas – em forma de diário, ensaios, *hypomnemata*, correspondências, compilação de imagens – que fazem tanto uma leitura da alteridade da cidade quanto denotam uma reflexividade sobre a própria prática artística. Os conceitos que permeiam as práticas de uma bixa trapeira-colecionadora – colecionismo, experiência urbana, narrativas, cotidiano, caminhada, afetividade – são diluídos na própria escrita errática do trabalho.

Palavras-chave: trapeiro-colecionador; escrita de si; narrativas pessoais; autoetnografia; arte contemporânea brasileira.

ABSTRACT

Written in the first person, **One fag ragpicker-collector: ways of life and self-writing** narrates the personal and constructive trajectory of my self-invention as an artist. Based on collections of everyday experiences, written proposals are made – in the form of diaries, essays, hypomnemata, correspondence, compilations of images – that make both a reading of the otherness of the city and denote a reflection on artistic practice itself. The concepts that permeate the practices of one fag ragpicker-collector – collecting, urban experience, narratives, daily life, walking, affectivity – are diluted in the erratic writing of the work.

Key-words: ragpicker-collector; self-writing; personal narratives; autoethnography; brazilian contemporary art.

SUMÁRIO

[PRÓLOGO] OS CATADORES, AGNÉS VARDA E EU..... 12

[INTRODUÇÃO] EU INVENTEI UMA VIDA INTEIRINHA PARA SER FELIZ..... 68

1. "EIS UM HOMEM" / "UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA"..... 74

2. DAS COISAS QUE SÃO AMARELAS [PARA RICARDO LUIS SILVA]..... 80

3. POR UMA METODOLOGIA DOS TRAPOS: A ESCRITA DE SI COMO ESCRITA ACADÊMICA (OU O INVERSO) 91

4. DIÁRIO [INSTAGRAM] 101

5. CAPTURAS [*HYPOMNEMATA*] 181

6. UMA PEQUENA COLEÇÃO DE MIJOS: TODO ÂNGULO DE 90º É UM POSSÍVEL MICTÓRIO..... 238

7. UMA BIXA TRAPEIRA NÃO ESTÁ SOZINHA NO SEU SONHO..... 245

7.1. O QUÃO TRAPEIRA PODE SER UMA BIXA – POR RAFAEL AMORIM... 246

7.2. SONHOS COR-DE-ROSA, HISTÓRIAS DE AMOR – POR GABRIEL PESSOTO..... 250

7.3. *DE ASPIRANTE A ESTILISTA DE SUCESSO A CATADORA DE CLIPES* – POR DERI ANDRADE..... 258

7.4. TRISTEZA ESTRUTURAL [PARA TULIO COSTA] – POR ANDREY KOENS..... 262

7.5. CAFÉS DA MANHÃ 269

7.5.1 Café da manhã – por nina porto 270

7.5.2 Meditação – Menu Pequeno [Almoço] – por Pedro Rodrigues 296

[CONSIDERAÇÕES FINAIS] A LENDA [EU TAMBÉM SOU UMA BIXA INTELECTUAL COMO MINHA AMIGA MARCEL COUTO] 302

[REFERÊNCIAS] UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA NÃO ESTÁ SOZINHA NO SEU DELÍRIO..... 306

[APÊNDICE] POSFÁCIO – AGORA VOCÊ ESTÁ MAIS PERTO DO QUE LONGE..... 316

[PRÓLOGO][1]

OS CATADORES, AGNÈS VARDA E EU[2]

[1] Esse prólogo, como sequência de imagens, foi livremente inspirado na dissertação de mestrado de Vinícius Almeida. Cf. ALMEIDA, Vinícius, 2023.
[2] Coleção do autor: Os catadores, Agnès Varda e eu. 138 frames dos filmes *Os catadores* e eu e *Os catadores eu: 2 anos depois*, da cineasta Agnès Varda. Trabalho em vídeo disponível em: https://youtu.be/H7JZiKsYKyY Fonte: Acervo pessoal do autor.


Urbanos e rurais
se curvam para recolher.

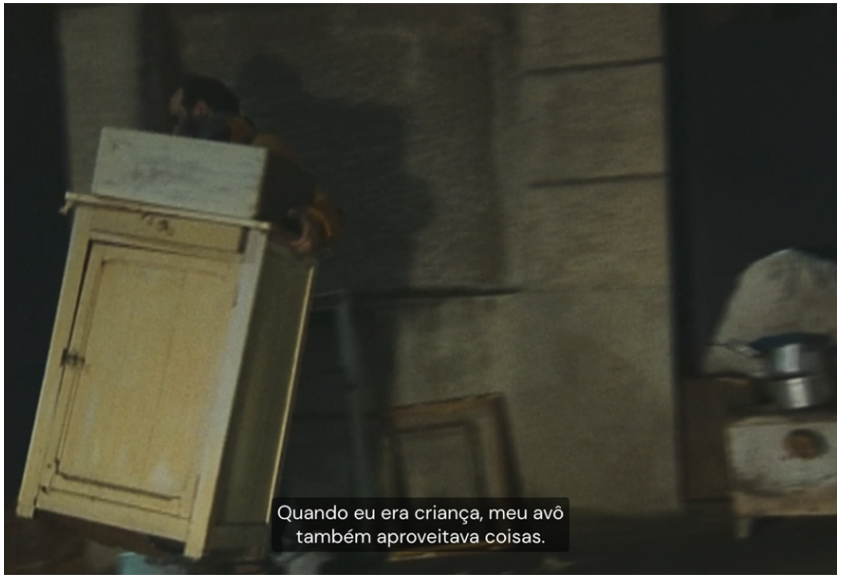

Urbanos e rurais
se curvam para recolher.


Ao fim da tarde, voltávamos exaustos
com nossos sacos e aventais


e nos divertíamos rindo
e tomando café juntos.


Catar é costume de outrora


Durante a guerra, fazia-se
isso porque não havia o que comer.


Quando eu era criança, meu avô
também aproveitava coisas.


Agora já não catamos,
nem apanhamos os restos para comer.


mas ainda se recolhem restos
na nossa sociedade saciada.


"Fazer de trapeiro"


significa aproveitar os objetos
de que as pessoas se desfazem.


Eu sou, entre outras coisas,
pintor e "trapeiro".


chegam os catadores.


São reconhecidos

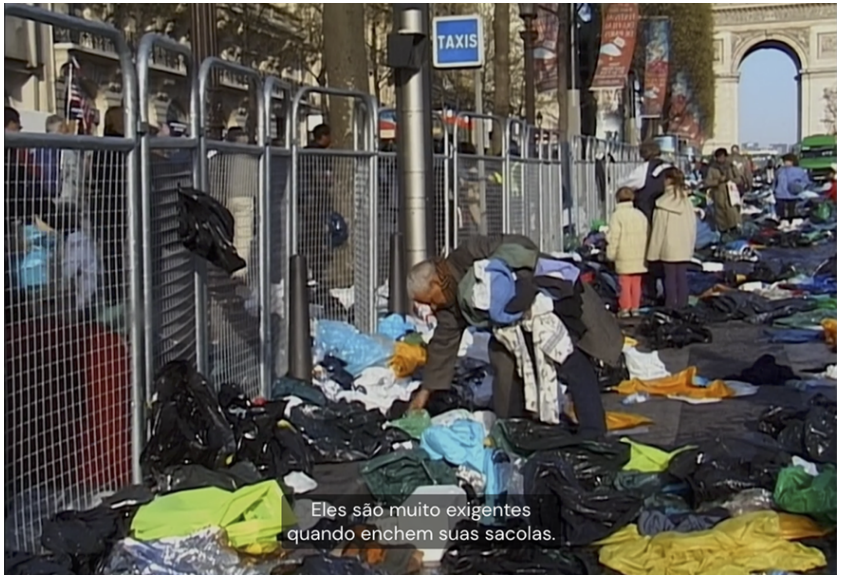

pelos cestos, caixas
e sacos plásticos...


e recipientes nada parecidos com
os dos apanhadores de maçãs.

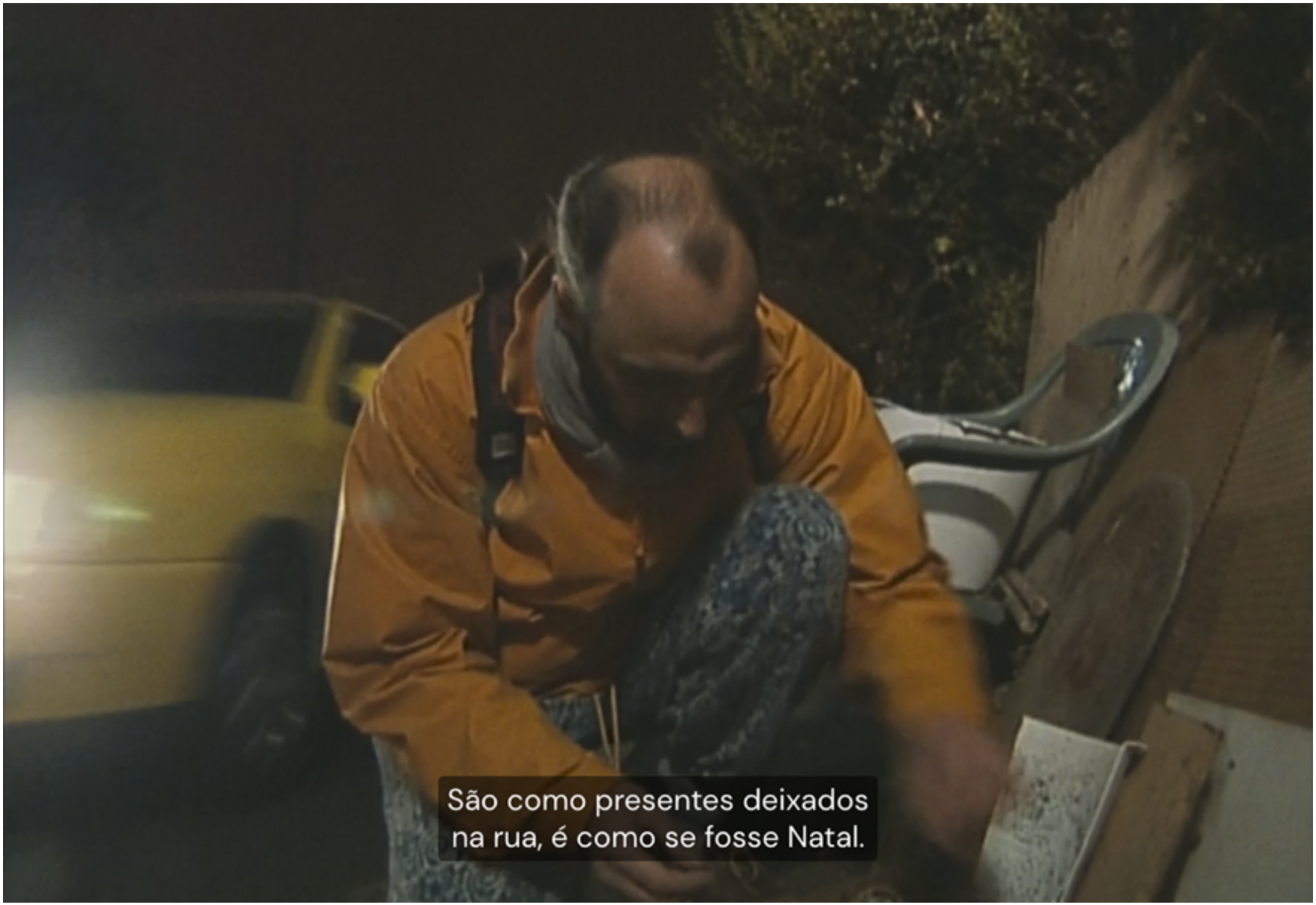

Catar não é brincadeira,
é trabalho duro.


Apanho porque, como vê,
há muitas e vale a pena.


Até na cata se seleciona.


TAXIS
Eles são muito exigentes
quando enchem suas sacolas.


ANANAS DE CÔTE D'IVOIRE
EIDA
Tudo para eles
tem o seu valor


São como presentes deixados
na rua, é como se fosse Natal.


é que eles têm um passado,
já tiveram uma vida,


Não temos medo de sujar
as mãos. Podem ser lavadas.


Por vezes, o encontro
acontece no caminho.


Como vou de bicicleta,
só pego coisas pequenas.


O encontro se dá na rua.


O objeto me chama porque
tem o seu lugar aqui.


"Velharias" é comum.
"Achados" é mais apelativo.


Esta é uma maçã
com pouca sorte.


É como uma pessoa que
não é bela e nem inteligente.


Gosto muito de bonecas.
É o meu sistema.


É sólido, muito sólido.


feitas de coisas achadas


Ele pinta com os objetos


e compõe com o acaso.


coisas inúteis.


Para alguns
é um monte de lixo.


Para mim é
um monte de possibilidades.


Mas seu marido
é um artista.


Um artista...
Sim, se quiser...


Porque há melhor
do que isso.


O direito de catar
sempre existiu,


Recuperar, para mim,
é uma questão de ética,


então eu sou 100% lixo.
Minhas roupas são 100% de lixo.


o direito de salvar as coisas.


Como estudei biologia,


Quando as pessoas descobrem
que tenho um mestrado,


não compreendem porque
ganho a vida vendendo jornais.


LES GLANEURS
et
LA GLANEUSE
É uma escolha por razões éticas.


Isso toma diferentes formas.

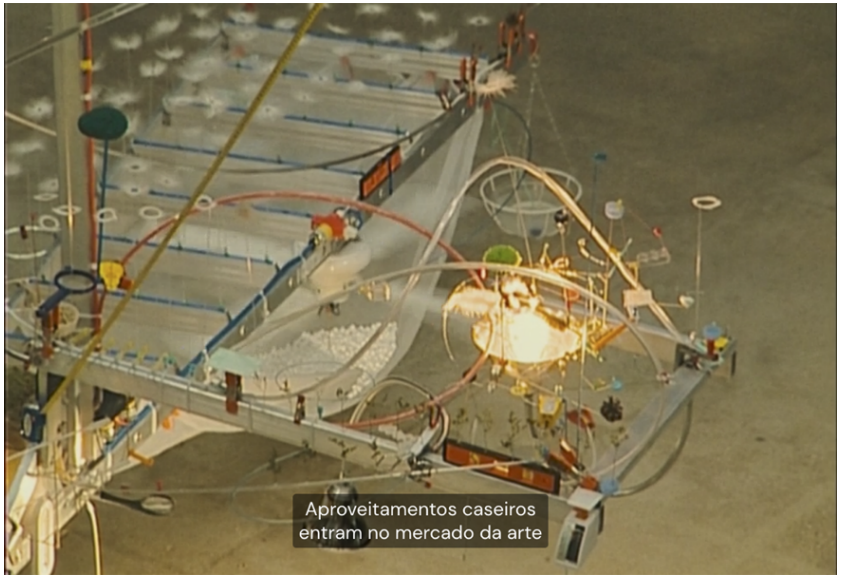

Nós transformamos o cotidiano,
e nós mesmos fazemos isso.


Pode se transformar num
livro ou numa instalação.

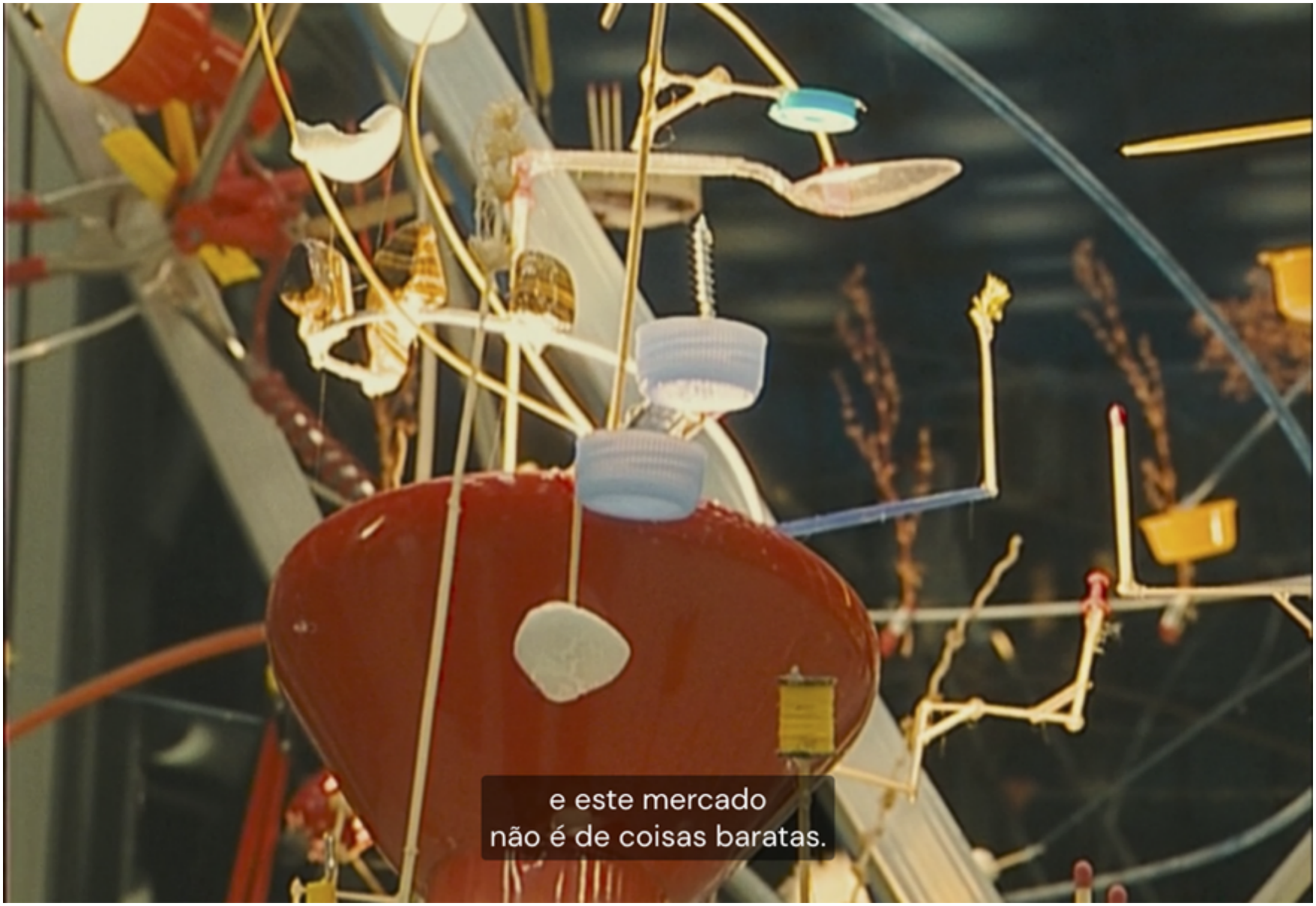

Objetos, também.

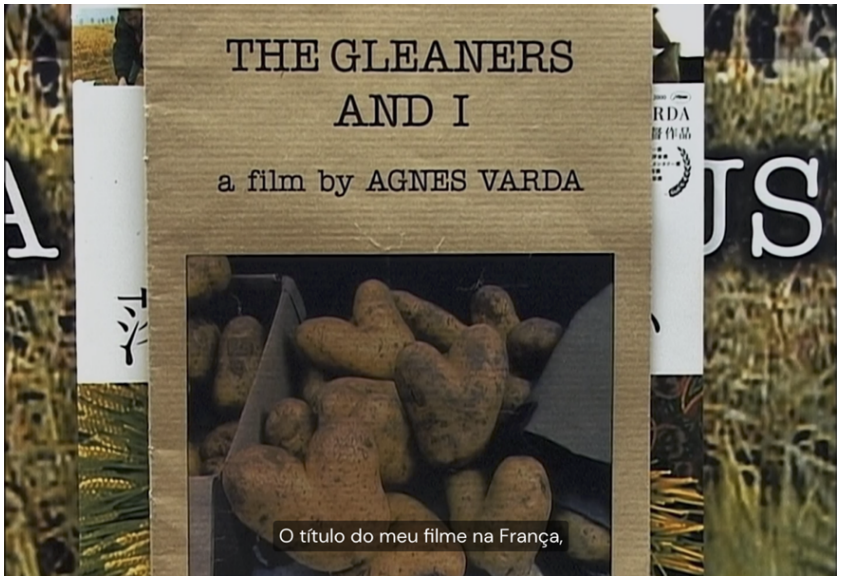

Poubelle,
ma belle!
Exposition-jeu sur
les déchets ménagers
le musée en herbe
Pelo menos nos museus,

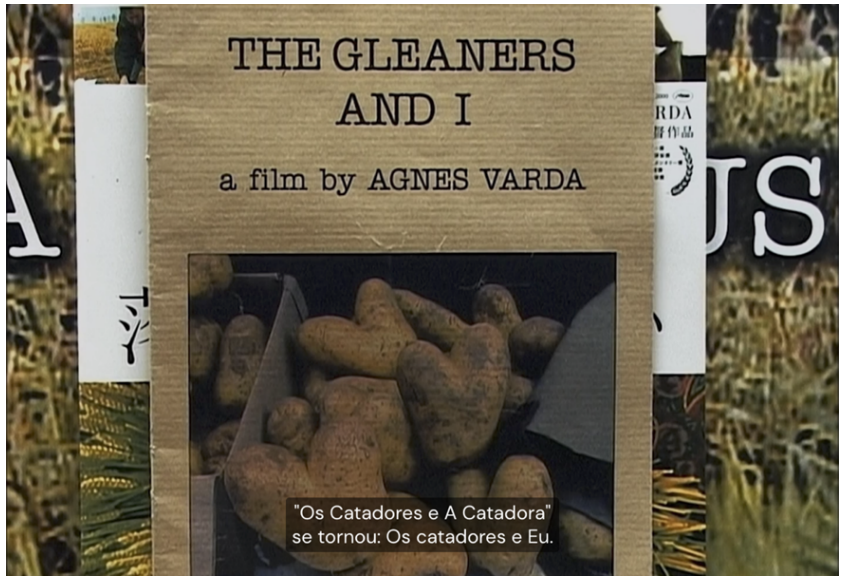

belle!
os restos são bonitos,
limpos e coloridos.


Aproveitamentos caseiros
entram no mercado da arte


A artista americana Sze


e este mercado
não é de coisas baratas.

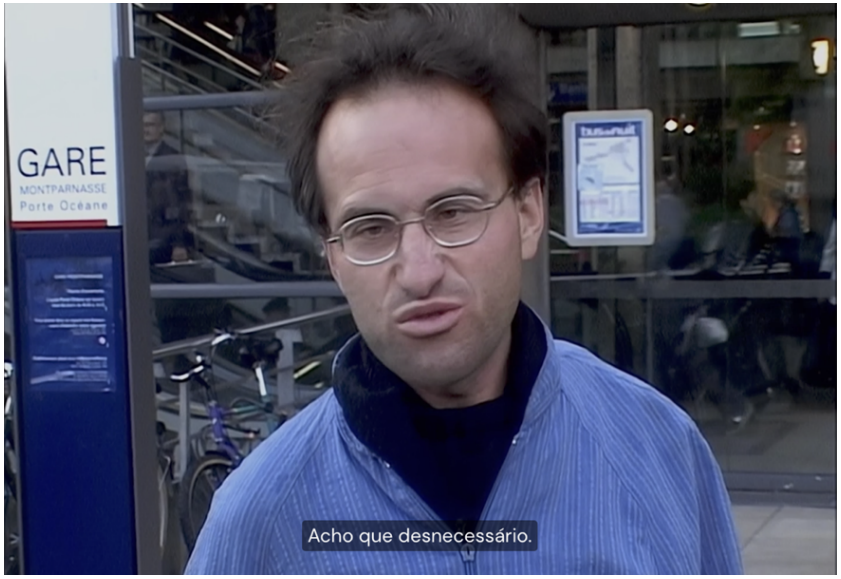

THE GLEANERS
AND I
a film by AGNES VARDA
O título do meu filme na França,


THE GLEANERS
AND I
a film by AGNES VARDA
"Os Catadores e A Catadora"
se tornou: Os catadores e Eu.


Os Respigadores
e a Respigadora
Em Portugal, eu sou
uma "Respigadora". Olá!


Eu acho que seu
autorretrato não é bem-feito.


GARE
MONTPARNASSE
Porte Océane
Não bem-feito ou desnecessário?


GARE
MONTPARNASSE
Porte Océane
Acho que desnecessário.


GARE
MONTPARNASSE
Porte Océane
Pelo menos é o que eu penso...


Lignes
Eu coleto também. Eu coleto
imagens para o meu filme.


Lignes
Não, não é isso.
É quando você filma a si mesma.


Troco com gosto as espigas
de trigo pela minha câmera.

MACHA MAKEÏEFF

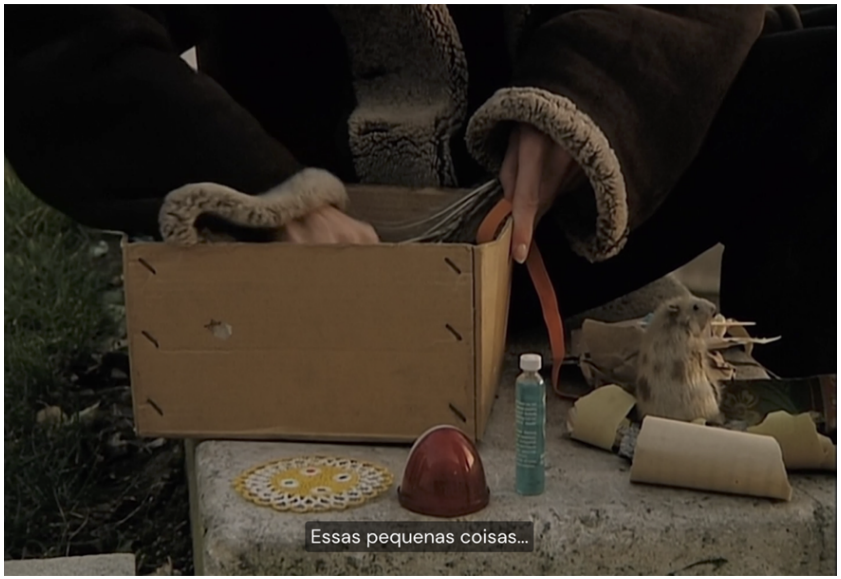
collecteuse de choses inconsolables

Catadora de coisas inconsoláveis








Essas pequenas coisas...


perdidas, escolhidas...


Eu acho que isso é magnifico,
é como um sinal.

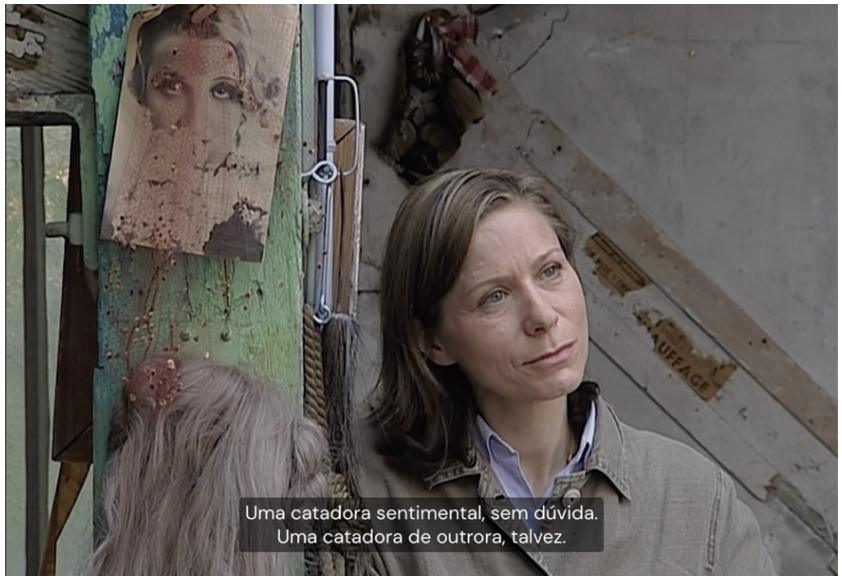

Eu recolho coisas para...


para contar sua história.


Eu acho que os objetos
contêm parte de nós.


- Contam nossa história ou...?
- Nos contêm.

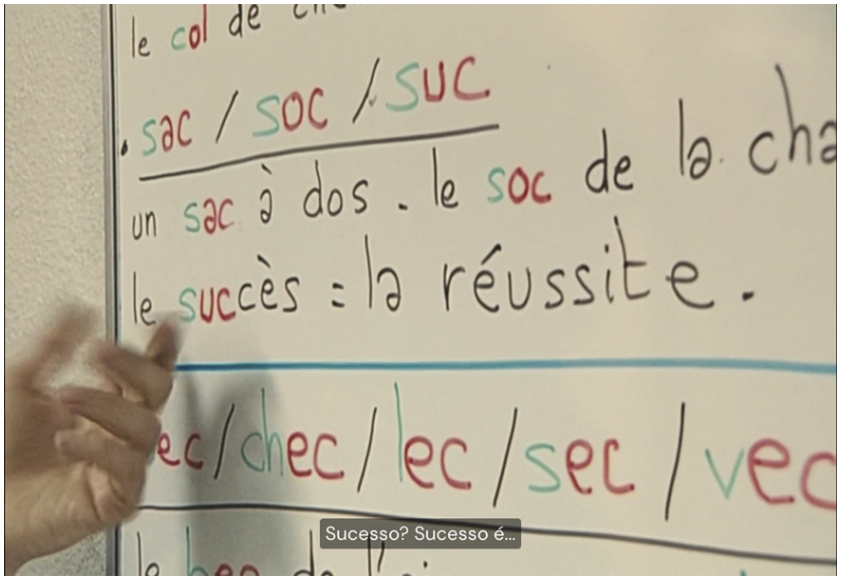

- Você está nessa toalhinha amarela?
- Sim.


Uma catadora sentimental, sem dúvida.
Uma catadora de outrora, talvez.


A ordem procura aliviar essa dor.


É isso que uma exibição é:
uma celebração.


Existe algo doloroso nisso.


le col de
sac / soc / suc
un sac à dos . le soc de la cha
le succès : la réussite .
ec / chec / lec / sec / vec
Sucesso? Sucesso é...


Ter êxito na vida.


Alguém que venceu na vida.

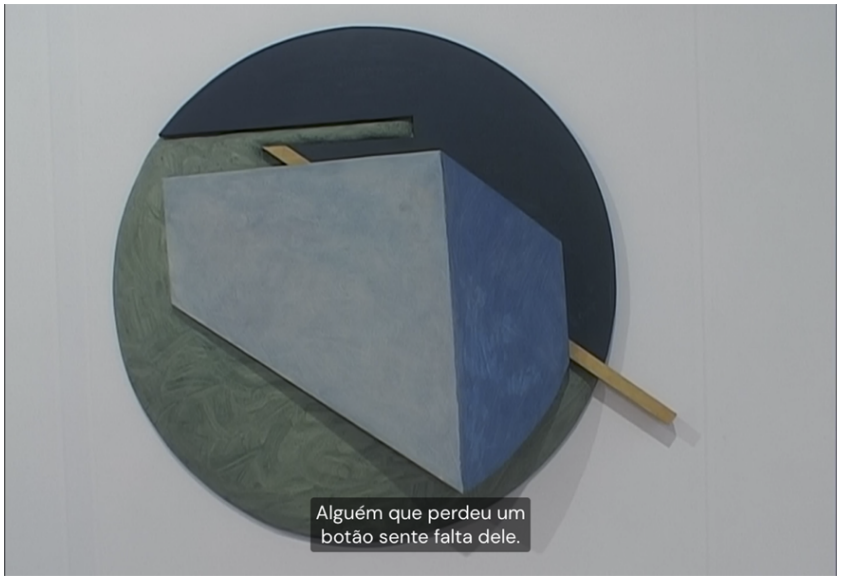

Mas é sobretudo
o espírito de...


Triunfar.


Há isso em todas as coisas...


Um objeto inerte fala sobre a vida


Então você está sempre em contato
com a pessoa que perdeu.


Alguém que perdeu um
botão sente falta dele.


Ao mesmo tempo,
há uma tentativa de humor.


Eu pensei, não tem nada
mais idiota que um botão!


É redondo com dois buracos redondos.


Em termos de forma,
é interessante explorar.


Eu coleciono pequenas coisas
que estão espalhadas aqui e ali


Onde?


Então comecei a costurar
um botão branco com fio branco,


em homenagem ao Quadrado Branco,
de Malevich.


Depois, um botão preto e um fio preto.
E uma coisa levou a outra.


Há 25 anos que ele
se veste de branco.

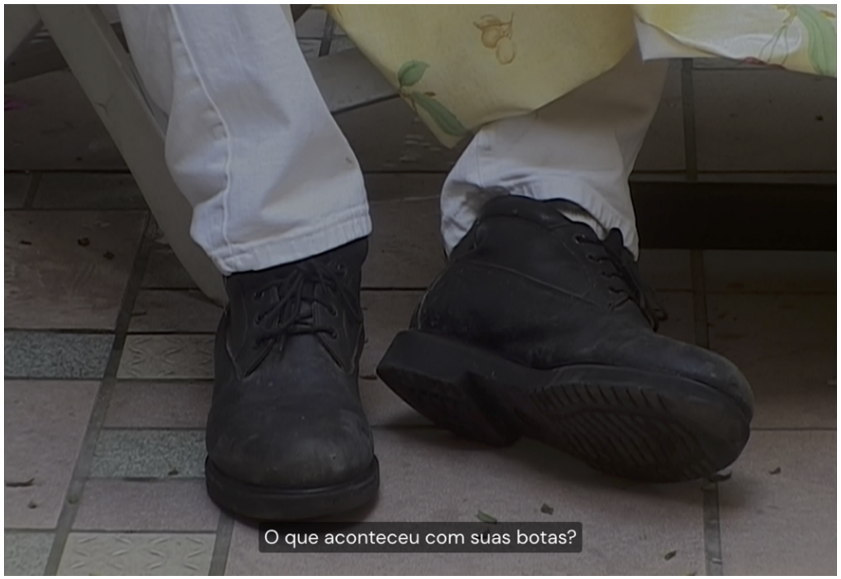

Os vizinhos chamaram a polícia.


- E?
- A polícia considerou necessário


me colocar sob
observação psiquiátrica.


Eles não gostam do jeito que eu vivo.


Ser legal não é suficiente para eles.
Você tem que ser normal também.


O que aconteceu com suas botas?


elas estavam desgastadas
e foram para o lixo.


Então, o que o lixo deu,
o lixo levou.


Eu não sou mais o senhor da cidade.


De certa forma,
sou o prisioneiro da cidade.


François é curioso,
gosta de aproveitar coisas,


O trabalho do analista,
quando ele está analisando alguém,


na maneira freudiana,
com uma cadeira e um sofá,


você realmente pode chamar
de uma espécie de coleta.


Em outras palavras, prestamos atenção
às coisas que ninguém mais presta:


o que cai da fala.


porque as coisas
que são apanhados ou recolhidas


O que é derrubado,
o que é apanhado.


são mais valiosas para nós
do que o que é colhido.


Há uma diferença entre
catar e colher.

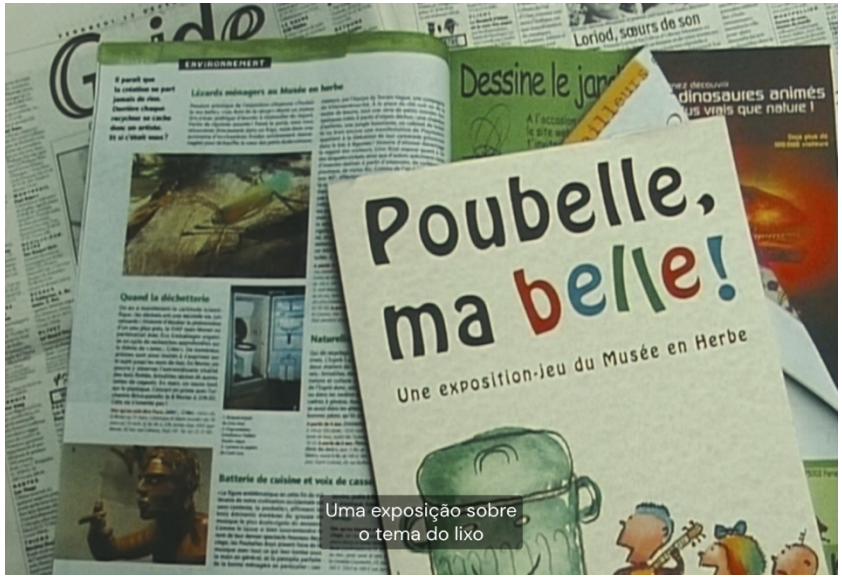

A diferença é que colher é
pegar frutos suspensos...

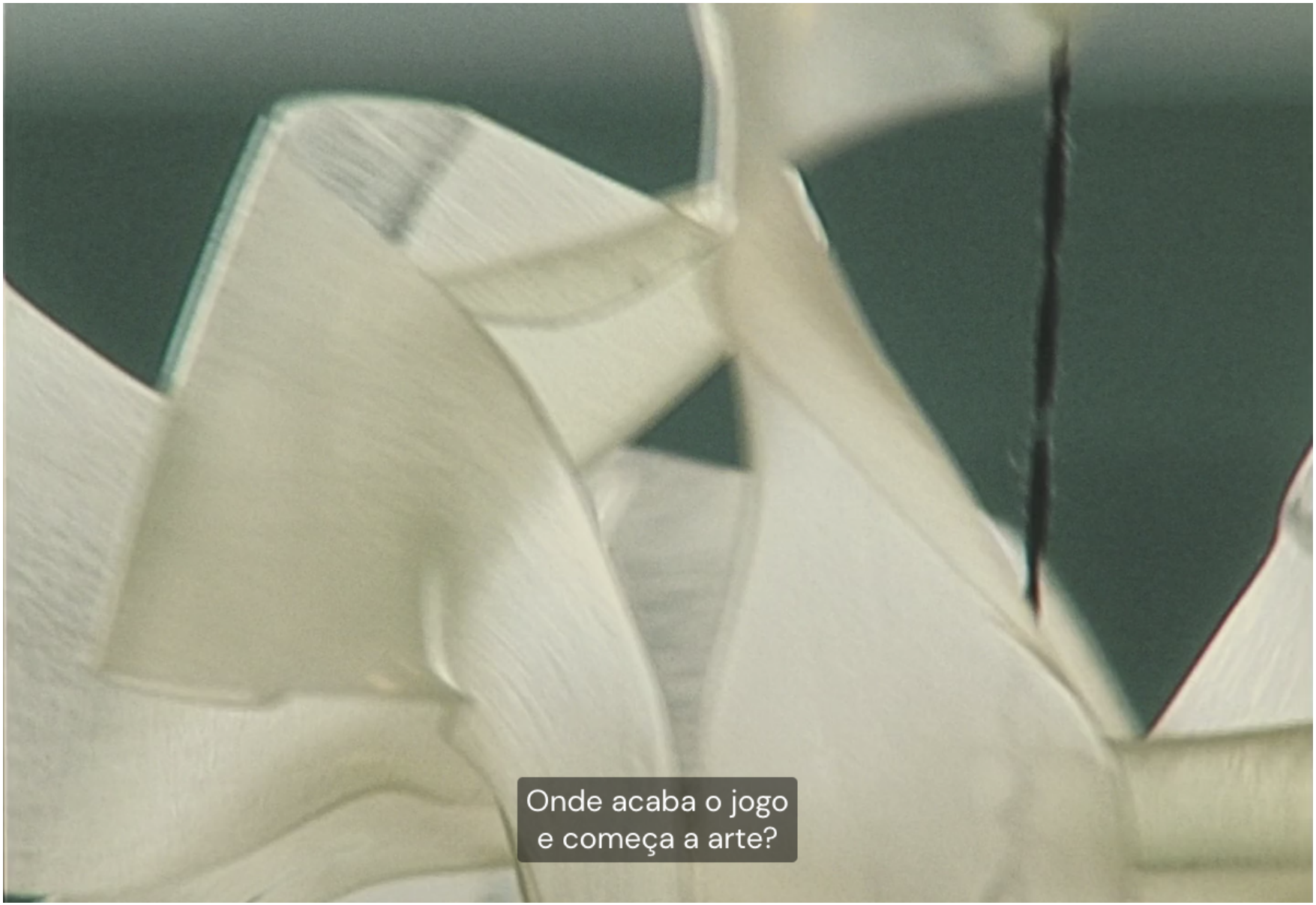

pendurados, enquanto catar
é apanhar o que sobe.


Essa batata aquece meu coração!


E ainda fala muito sobre os restos,


coisas que foram abandonadas.


Poubelle, ma belle!
Une exposition-jeu du Musée en Herbe
Uma exposição sobre o tema do lixo


Onde acaba o jogo
e começa a arte?


Em sentido figurado,
catar é uma atividade mental.


são as coisas que cato que
resumem as viagens que faço.


Catar fatos, catar atos,


catar informações.


A outra catadora,
a deste documentário, sou eu.


Um relógio sem ponteiros
me convém.


Não vemos o tempo passar.

[INTRODUÇÃO]

EU INVENTEI UMA VIDA INTEIRINHA PARA SER FELIZ

Eu [3] inventei uma vida inteirinha para ser feliz, e isso inclui esta dissertação. Claramente não a inventei sozinho: isso começou antes de mim, com Juenir Mendes,[4] ; [5] minha avó, e Isabel Divina,[6] minha mãe, que imaginaram uma vida melhor para mim, uma vida pautada na educação e no investimento de um sonho coletivo para além da nossa redoma, em que outros agentes foram compondo as narrativas no decorrer da caminhada. Sou Tulio Sousa Costa, uma bixa branca, classe média, bacharel em design de moda, trapeira-colecionadora, nascida em Herculândia, município com aproximadamente 9 mil habitantes, no interior de São Paulo, no ano de 1991. Vivo, estudo e trabalho em São Paulo, capital, desde 2013.

[3] "Escrevo em primeira pessoa, a partir de uma situação subjetiva e de discurso bastante problemática, múltipla, contraditória, singular, sem me fazer porta-voz de ninguém. Como bixa, é muito difícil, para mim, falar em nome de outras bixas, muito mais ainda em nome das lésbicas e das transexuais, porque estou convencido de que não se pode colocar todos esses grupos no mesmo saco, já que nossa situação de opressão e discriminação social são muito diferentes." (VIDARTE, Paco, 2019, p. 9)

[4] As minibiografias apresentadas nesta dissertação foram solicitadas diretamente para seus correspondentes ou encontradas em sites pessoais, nas redes sociais digitais e currículo Lattes.

[5] Juenir Mendes da Silva e Sousa (Pompeia/SP, 1953). Evangélica, trabalhadora rural aposentada e dona de casa. Filha de pai alcoolista, já trabalhava como empregada doméstica antes dos 12 anos. No campo, atuou como cortadora de cana e batedora de amendoim. Quando criança, andava mais de 10 km para estudar e sonhava em ser professora ou dançarina. Cuidou com muito amor dos filhos, netos e outras pessoas que atravessaram seu caminho e careciam de cuidado. Reconhecida pelo amor incondicional aos outros, tem orgulho de ter sido uma grande mãe.

[6] Isabel Divina Sousa Costa (Tupã/SP, 1976). Enfermeira com especialização em oncologia. Exímia colecionadora de clipes de papel encontrados, acredita que um dia ficará rica com eles.

Escrita em primeira pessoa, esta dissertação é uma montagem[7] fragmentária[8] e constituída de trapos,[9] farrapos,[10] resíduos[11], referências e demais produções[12] intelectuais e artísticas que foram desenvolvidas, articuladas, dialogadas, entrecruzadas[13] por mim nos últimos anos. Apesar de seguir uma estrutura narrativa, apresentada aqui nesta introdução, ela não se pretende linear, lógica, decodificável ou reprodutível.[14] Ao contrário, ela parte de uma experiência[15] trapeira singular,[16] a minha própria, que poderá se comunicar, ou não, com outras experiências singulares dos leitores que se sentirem atravessados por elas. Não acredito na neutralidade da produção acadêmica nem em escritas impessoais.[17] Tampouco desejo que a

[7] "Um tipo de conhecimento específico e complexo é operado pela prática, trabalho ou jogo da montagem, um exercício que não busca qualquer unidade e pretende mostrar a própria complexidade ao acentuar diferenças e ao misturar, colocando lado a lado [...] diferentes tipos de fragmentos, documentos, textos ou imagens, ou detalhes de diferentes tempos e campos do conhecimento e, a partir do choque entre suas diferenças, nos fazem compreender outros nexos possíveis, não mais baseados em semelhanças, mas sim na própria diversidade e heterogeneidade." (JACQUES, 2018, p. 218)

[8] "Uma imagem, uma ideia: tal foi o ritmo que eu quis imprimir a este ensaio. Minhas leituras de Walter Benjamin e Georges Bataille me ensinaram que às vezes a exposição de um tema por estilhas, uma escrita fragmentária e errante, pode delimitar melhor meu objeto do que muitos desenvolvimentos retilíneos." (BOURRIAUD, 2011b, p. 8)

[9] "Benjamin praticava a montagem como um verdadeiro colecionador – a figura do colecionador aparece em várias passagens, assim como a do trapeiro – ou um catador de fragmentos. Colecionava citações, resumos, notas, aforismos, pedaços de textos de campos distintos. Em suma, fragmentos." (JACQUES, 2018, p. 216)

[10] "Eram sempre os fragmentos, 'os farrapos, os resíduos', tanto temporais quando textuais, que interessavam Benjamin e, como ele insistia, 'não bastava inventariá-los, seria preciso utilizá-los'". (JACQUES, 2018, p. 216)

[11] SILVA, Ricardo Luis (2019c).

[12] Cf. outros escritos não presentes nessa dissertação: COSTA, Tulio (2021c; 2022b; 2022c)

[13] "Uma forma de conhecimento processual construído pela própria prática, na ação mesma de montar/desmontar/remontar, que admite o acaso [...]. Uma forma de pensar em movimento, que atua pelas diferenças, multiplicidades, um pensamento em transformação permanente, que recusa qualquer síntese conclusiva assumindo a incompletude como princípio." (JACQUES, 2018, p. 219)

[14] "O conhecimento pela montagem foi uma resposta das vanguardas modernas aos excessos da própria modernidade, de sua cientificidade positivista, da ideia de progresso inelutável e acrítico, mas também uma resposta contra os diferentes fechamentos metodológicos funcionalistas e contra os formalismos estetizantes, ambos ainda dominantes em diferentes campos disciplinares." (JACQUES, 2018, p. 219)

[15] Cf. LARROSA, Jorge (2022).

[16] "Tudo o que eu escrevo aqui são coisas em que acredito e as quais interessa publicar porque sua divulgação me parece necessária. E é melhor que isso seja feito por mim mesmo do que por outra pessoa, ou por ninguém, porque não se pode exigir das pessoas que ponham o cu como eu estou pondo, que se exponham desse modo e não se importem de ficar expostas. Além de qualquer instinto sacrificial, fora de todo vitimismo. Pensar é divertido. Escrever é divertido. Ser bixa é divertido. Militar é divertido. Tudo isso ou se faz por prazer, por gosto, ou não se faz." (VIDARTE, 2019, p. 89-90)

[17] GAMA, Fabiene (2016; 2020).

pesquisa em artes visuais siga por esse caminho. Portanto, tento apresentar aqui uma produção de conhecimento que se aproxime mais do que é possível ser produzido por uma bixa trapeira-colecionadora, eu mesma.

Esta dissertação inicia-se pelo prólogo, "Os catadores, Agnès Varda e eu", cuja inspiração parte do procedimento do livro *Escrever-através*[18] – escrito a partir de citações não referenciadas de textos já existentes – e da própria formulação metodológica[19] dos filmes[20] *Os catadores e eu* (2000) e *Os catadores e eu: 2 anos depois* (2002). Nesses audiovisuais, a cineasta Agnès Varda se apresenta como uma trapeira-colecionadora, recolhendo, organizando e expondo fragmentos, memórias e imagens para a configuração de seus filmes. Ao se colocar em cena junto dos catadores e trapeiros, ela formula uma escrita de si em modo fílmico. Decido então fazer uma reedição – o trapeiro como editor (?), ou semionauta –[21;22] do conteúdo desses filmes: seleciono frames e reorganizo-os em uma nova montagem.[23;24] Ao selecionar, organizar e reapresentar trechos da narrativa da cineasta e fazer a minha própria montagem, eu, Tulio Costa, me introduzo e me apresento, também, como um desses trapeiros-colecionadores, inserindo-me na narrativa – e na metodologia – constituída por Agnès.

---

[18] WALICKOSKY, Marcos (2019).

[19] "Em seu documentário *Les Glaneurs et la Glaneuse* [Os respigadores e a respigadora], Agnès Varda adaptou seu método ao seu tema: rodando um filme sobre a antiga prática dos respigadores e suas declinações contemporâneas, ela vagueia de uma pessoa para outra, um lugar levando-a naturalmente ao lugar seguinte, construindo com paciência uma analogia entre seu ofício de cineasta e o ato de colher aqui e ali, pirataria tolerada de um sistema de produção." (BOURRIAUD, 2011b, p. 102)

[20] "[...] aquilo que é a linguagem cinematográfica específica – a montagem, com sua justaposição de fragmentos visuais isolados entre si – forma o contexto geral (frame) dentro do qual é produzida uma escolha epistemológica idêntica." (CANEVACCI, 2004, p. 109)

[21] "Para designar essa nova figura do artista, forjei o termo Semionauta: o criador de percurso dentro de uma paisagem de signos." (BOURRIAUD, 2011b, p. 101)

[22] "O artista radicante inventa trajetórias em meio aos signos: *semionauta*, põe as formas em movimento, inventando por elas e com elas percursos através dos quais se elabora como sujeito ao mesmo tempo que constitui para si um *corpus* de obras." (BOURRIAUD, 2011b, p. 52)

[23] "O processo de montagem, para Benjamin, era uma outra forma de narrar, de escrever a história [...]" (JACQUES, 2018, p. 215)

[24] "A montagem literária é a estratégia de escrita de uma história das imagens arruinadas. Benjamin pretende, assim, afastar-se da historiografia burguesa, linear, científica e causal, pautada na ideia de progresso, para aproximar-se de outra forma de escrita da história, a que conte a história dos vencidos, das coisas ínfimas que pareceram e perderam o valor no fluxo do tempo." (VELLOSO, 2018, p. 113)

No capítulo 1, “Eis um homem / Uma bixa trapeira-colecionadora”, parto da apresentação do trapeiro “Eis um homem”, feita por Ricardo Luis Silva, e a reescrevo a partir da minha condição de bixa trapeira-colecionadora. Para além da questão de gênero – anteposto pelo dualismo: o homem e a bixa –, me interessa também refletir sobre esse “homem”, que, apesar do artigo indefinido “um”, é configurado por um homem genérico, enquanto a bixa trapeira-colecionadora possui nome e sobrenome. Formalmente, instauro um paralelismo entre essas duas apresentações – os dois textos são postos lado a lado. Essa escolha reafirma o meu posicionamento a uma proposta teórico-metodológica autoetnográfica,[25] em que o “objeto de pesquisa” passa a atuar também como “produtor de pesquisa”.[26]

No capítulo 2, “Das coisas que são amarelas [para Ricardo Luis Silva]”, exponho um procedimento comum em minha prática de trapeira-colecionadora – e acadêmica – de me apropriar de discursos ou coleções alheias. Nesse caso, sabendo que Ricardo possui uma relação simbólica com o amarelo e o número 33, coleciono e lhe dedico uma coleção de 33 objetos dessa cor encontrados na cidade.

No capítulo 3, “Por uma metodologia dos trapos: a escrita acadêmica como escrita de si (ou o inverso)”, ensaio uma defesa para o saber da experiência e o saber autoetnográfico, bem como a importância dos modos de pensar e narrar, sobretudo o saber das narrativas pessoais. Ensaio uma defesa sobre um modo de escrever, para além da escrita acadêmica e científica, pautada na primeira pessoa, a partir de experiências singulares que abarquem saberes outros para além dos já estabelecidos.

[25] “[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os atores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas.” (SANTOS, 2017, p. 219)

[26] RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al*. (2020); RAIMONDI, Gustavo Antonio (2019).

No capítulo 4, “Diário [Instagram]”, ao apresentar fragmentos da minha escrita cotidiana[27] meu diário, assumo meu papel de “produtor de documentos”.[28] Desde 2017, escrevi-o originalmente para o Instagram e repliquei-o no Facebook.[29] É um diário sem menção de mês ou ano, ainda que algumas datas sejam flagradas no conteúdo do texto. Um diário não linear de 5 anos, que misturados criam um anacronismo de narrativas. Um diário íntimo, cuja tessitura apresenta, em sua brutalidade, um modo de vida[30] de uma bixa trapeira-colecionadora, eu mesma. Um diário ilustrado e comentado pelas dezenas de referências que me circundam.

No capítulo 5, “Capturas[31] [*Hypomnemata*[32]]”, parto da escrita como instrumento para o autoconhecimento[33] e exercito uma metodologia de escrita *etopoética*[34] na forma de *hypomnemata*[35] – livro da vida. Esse exercício de escrita se uniu a uma problemática

[27] “Entre as temáticas do diário de viagem, uma se destaca: a relação de Tulio com a moda, a vestimenta e seu próprio corpo e as relações que se estabelecem entre o corpo e aquilo que o cobre. A relação entre o que se veste e a cidade em que se está e a que se vive – dimensões que, vamos perceber, são diferentes para o nosso performer.” (VIANA, 2021, p. 383)

[28] “Assim, alçamos o nosso Tulíssimo à condição de ‘herói da história’? Não é bem isso, já que tampouco Matthaeus ou [Pero Vaz de] Caminha foram heróis, foram produtores de documentos.” (VIANA, 2021, p. 383)

[29] “[...] não posso deixar de ressaltar a efemeridade do documento produzido por Tulio e por toda uma geração de youtubers, blogueiros e assemelhados, como já discutimos anteriormente em ‘Uma catástrofe documental anunciada para a moda?’, no livro *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion* (ECA/USP, 2017). O Facebook, a rede na qual Tulio publicou seu diário de viagem, é uma rede de compartilhamento, não de arquivamento. O objetivo do Facebook (do Instagram ou de outras redes) não é preservar a memória [...]” (VIANA, 2021, p. 383)

[30] Essa relação entre arte-vida, ou modos de vida proposto como expressão estética, dialoga com a arte experimental brasileira. Cf. BRETT, Gui (2005)

[31] “A leitura produz no leitor um movimento, em sua alma, que pode ser utilizado tal qual uma ‘ferramenta’ para auxílio na sua disposição de vida. Fazer coleta de fragmentos dos textos lidos sugere algo de peculiar.” (BASTOS, 2017, p. 161)

[32] “Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplo e acções de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior.” (FOUCAULT, 1992, p. 135-136)

[33] BASTOS, 2017.

[34] “Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em *ethos*.” (FOUCAULT, 1992, p. 135)

[35] “Por mais pessoais que sejam, estes *hypomnemata* não devem, porém, ser entendidos como diários íntimos [...]. Não constituem uma ‘narrativa de si mesmo’; [...] trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que

do contexto de confinamento social da pandemia de Covid-19: é possível uma prática trapeira-colecionadora fora do espaço urbano, da fisicalidade dos territórios? Considerando os espaços sociais virtuais também como um meio importante de convívio cotidiano, capturo e coleciono os fragmentos de frases, ideias, afirmações, críticas, elogios e outros diálogos em aplicativos como WhatsApp, Instagram, Facebook, e outros de encontros.

No capítulo 6, apresento o texto "Todo ângulo de 90º é um possível mictório". Esse ensaio explicita o papel de trapeira-colecionadora como uma leitora da alteridade da cidade. A partir de vestígios de urina e fezes encontrados, discuto a falta – e a importância – de políticas públicas para os espaços de alívio – para descanso, saciar a sede e efetuar as necessidades fisiológicas – em São Paulo.

No capítulo 7, "Uma bixa trapeira não está sozinha no seu sonho", convido amigos[36] artistas e pesquisadores para ensaiarem sobre algumas de minhas coleções, trabalhos e modos de vida. Para além da contribuição intelectual sobre a minha produção, pelo olhar estrangeiro, intento com esse convite elogiar a importância da amizade[37] e das parcerias afetivas na constituição da vida – artística, acadêmica e, principalmente, fora delas.[38]

Bastante otimista, encerro esta dissertação com o ensaio "A lenda [eu também sou uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto]", em que respondo à pergunta: Como – ou por quê – eu transformei a minha produção artística em acadêmica?

De modo geral, esta dissertação joga com as hierarquias do próprio texto acadêmico. Para evidenciar a escrita em primeira pessoa, e a importância das narrativas pessoais,

---

se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si." (FOUCAULT, 1992, p. 137)

[36] "O que é, de fato, a amizade senão uma proximidade tal que dela não é possível fazer nem uma representação, nem um conceito? Reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como 'algo'. Não se pode dizer 'amigo' como se diz 'branco', 'italiano' ou 'quente' – a amizade não é uma propriedade ou uma qualidade do sujeito." (AGAMBEN, 2009, p. 85)

[37] "Os amigos não condividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a condivisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política." (AGAMBEN, 2009, p. 92)

[38] "Pode soar um pouco pretensioso, mas, se a pesquisa não tem a ver com a vida que vivemos, então decididamente não faço e não quero fazer pesquisa." (KOHAN, 2016, p. 49)

os conceitos e as referências estão situados todos nas notas de rodapé[39]. O que era suposto, também, ficar como anexos e apêndices, aqui é introduzido no corpo do arquivo para reforçar sua importância e local de destaque. O prólogo, feito todo com imagens apropriadas, bem como as compilações de imagens apresentadas no corpo do documento, enfatizam a importância do discurso imagético e da coleção como também escrita de si.

[39] A ideia de trazer as referências para nota de rodapé foi livremente inspirada na dissertação de Adelaide Estorvo. Cf. SILVA, Adelaide, 2019.

1. “EIS UM HOMEM”[40] / “UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA”[41]

[40] SILVA, Ricardo Luis (2017, B_1, p. 5-7).

[41] Uma versão anterior desse texto foi publicada originalmente no livro *A respeito do fracasso e outras virtudes*, no contexto da exposição individual do mesmo título de rafael amorim. Cf. AMORIM, rafael; BAKER, Julia (org.) (2022); COSTA, Tulio (2022c).

Eis um homem

IN-CORPO-AÇÃO.
E como um corpo em ação no espaço do Outro, me deparo com um espelho – apresentado pelo Outro – e nele vejo um homem e percebo: eis um homem.
Eis um homem, ele é homem mas também mulher. É infante e de idade avançada; de antes e ainda agora. É personagem urbano daqui e também de lá.
Eis um homem, ele é ordinário e anônimo. Não possui nome próprio, sem nenhuma grande qualidade ou especialidade. Raramente lembrado, é inexpressivo nas páginas da história e da cidade contemporânea.

Uma bixa trapeira-colecionadora

Uma bixa trapeira-colecionadora é uma avarenta cujo tesouro são os restos, resquícios, fragmentos, abandonos, inutilidades e quaisquer outras ninharias encontradas que possam vir a fazer vibrar suas pupilas.[42] Uma bixa trapeira se apropria apenas do que está disponível ou do que já foi apresentado,[43] ela não é uma ladra! Embora, não raro, e desprovida de vergonha, dedica e exibe as coleções àqueles de quem as apropriou.[44]

Uma bixa trapeira-colecionadora, por vezes, se assemelha a uma criança[45] na primeira infância, sentada no chão[46], analisando meticulosamente

[42] "Os poetas encontram o lixo da sociedade nas suas ruas, e é também ele que lhes fornece a sua matéria heroica. Assim, no tipo ilustre do poeta transparece um outro, vulgar, de que ele é cópia. O poeta é penetrado pelos traços do trapeiro, que tantas vezes ocupou Baudelaire. [...] Trapeiro ou poeta – a escória interessa a ambos; ambos exercem, solitários, a sua profissão [...]." (BENJAMIN, 2015, p. 81)

[43] Neste ponto, uma bixa trapeira-colecionadora e um ensaísta se aproximam: "O ensaio sempre fala de algo já formado ou, nas melhores das hipóteses, de algo que já tenha existido; é parte de sua essência que ele não destaque coisas novas a partir de um nada vazio, mas se limite a ordenar de uma nova maneira as coisas que em algum momento já foram vivas. E como ele apenas as ordena novamente, sem dar forma algo novo a partir do que não te forma, encontra-se vinculado às coisas, tem de sempre dizer a 'verdade' sobre elas, encontrar expressão para a sua essência." Georg von Lukács *apud* ADORNO, Theodor W. (2003, p. 16)

[44] Ver a coleção "Das coisas que são amarelas [para Ricardo Luis Silva]", p. 78.

[45] "Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram." (ADORNO, 2003, p. 16)

[46] O catador – Manoel de Barros
Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.

Apenas um homem que foi deixado para trás.
Eis um homem, ele é andarilho da Cidade, na Cidade. Seu andar é lento, seu caminhar é inquieto. Em grande parte, solitário, mas raramente se encontra sozinho.
Eis um homem, ele é descendente de Abel, o nômade. Faz da Cidade sua morada mas o único habitat real é seu corpo em movimento, perambulando. Ele faz da perambulação seu trabalho e encontra no trabalho sua subversão.

com seus pequenos dedos os elementos miúdos que encontra.[47] Eventualmente, a criança[48] leva os dedos à boca para tentar absorver o conteúdo do objeto por outras sensibilidades. Uma bixa trapeira, ao contrário,[49] sabe que seus tesouros não são dotados de higiene e pureza e decide, apenas, aproximar, juntar, unir e fazer conversar entre si os fragmentos, com suas similaridades ou dessemelhanças.

Uma bixa trapeira-colecionadora caminha[50] só, apesar de não estar

---

Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais - o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.

[47] "Porque no ato cotidiano de esforçar-se para ver as relações é que se pode ver emergirem novos mundos, novos modos no mundo todo que já está aí, aqui, mas que não se dá a ver, a menos que se disponha a perscrutar os entremeios, a menos que se prepare para ver o mais pequeno, a menos que se arvore em rastreador e mateiro a ver nos intervalos entre o sólido e esse mundo todo feito de recheios. Operação não simples, não fácil, que obriga muitas vezes a abaixar-se para ver pelas frestas, a desviar-se para abrir as entredobras." (RAYEL, 2017, p. 210)

[48] "O historiador benjaminiano atua como uma criança que escava, seleciona, reorganiza e reapresenta, em seu jogo singular de heterogeneidades, os farrapos do tempo em uma espécie de micrologia ou mundo em miniatura." (ALMEIDA JÚNIOR; JACQUES; SILVA, 2020, p. 31)

[49] "O artista e a criança, uma bela imagem síntese – mesmo que parcial – do pensamento filosófico. O artista quebra a rigidez dos conceitos com respostas criadoras da intuição, da imaginação, vive e cria em estado de paradoxo. Ou melhor, em estado a-doxo, polivalente, politeísta, polidoxal. Já a criança surge associada à imagem de inocência, mas também de retorno, metáfora do esquecimento que nega certo tipo de tradição do conhecimento, construído sobre a memória e a ordenação dos saberes." (FABRINI, 2014, p. 10).

[50] "O denominador comum entre esses artistas, e suas ações urbanas, seria o fato de que eles vêem a cidade como campo de investigações artísticas aberto a outras possibilidades sensitivas, e assim, possibilitam outras maneiras de se analisar e estudar o espaço urbano através de suas obras ou experiências." (JACQUES, 2005, p. 22)

Eis um homem, ele é um colecionador em sofrimento, de sofrimentos. Ele recolhe, coleta e cataloga as coisas encontradas na Cidade, no trabalho. Coisas esquecidas, coisas dos Outros. Eis um homem, ele é inútil à sociedade, mesmo assumindo seu papel social. Suas coleções não servem, não funcionam, não acrescentam, já não fazem parte, nem dos Outros, nem dos sistemas utilitários da sociedade. São dele, apenas dele. Eis um homem, ele é apaixonado pela Cidade, seus olhos e seu ouvido atento também procuram coisa diferente daquilo que a multidão vem ver, seus caminhos são também os do Flâneur. Mas este homem é outro, não lhe interessa

sozinha no seu sonho.[51] Ao contrário de suas caminhadas[52] solitárias nas cidades, suas recolhas são abastadas[53] e sua produção é seriada: as obras andam sempre acompanhadas de outras. Uma coleção[54] não se configura em um único item, mas em um conjunto, sendo necessário um amontoado, um acúmulo, uma diversidade de fragmentos um mesmo tema para que o corpo[55] do trabalho aconteça.

Uma bixa trapeira-colecionadora é constituída de objetos e memórias[56] de encontros.[57] Não obstante, como artista, tem um tanto de todos os outros que já a antecederam:[58] o ready-made de Duchamp, as colagens aleatórias do Dada, os

[51] "O trapeiro não está sozinho no seu sonho. Tem companheiros que o acompanham, envoltos com ele no cheiro dos barris e como ele encanecidos nas batalhas." (BENJAMIN, 2015, p. 22)

[52] Sobre o caminhar, cf. CARERI, Francesco (2013; 2017); LABBUCCI, Adriano (2013); SANTOS, Gabriel Lühmann dos (2013); COVERLY, Merlin (2015); GROS, Frédéric (2021); e SOLNIT, Rebecca (2016).

[53] "O artista do mundo precário considera o meio urbano como um invólucro do qual há que se desprender fragmentos." (BOURRIAUD, 2011b, p. 96)

[54] Sobre coleção, cf. BENJAMIN, Walter (1987); PEREC, Georges (2005); LOPES, José Rogério (2010); KRÜGER, Constance Von (2014); RAMPIM, João Felipe Lopes (2016).

[55] "O artista radicante inventa trajetórias em meio aos signos: semionauta, põe as formas em movimento, inventando com elas e por elas percursos através dos quais se elabora como sujeito ao mesmo tempo que constitui para si um *corpus* de obras." BOURRIAUD, Nicolas (2011b, p. 52)

[56] STARACE, Giovanni (2015).

[57] "Colecionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. Quantas cidades não se revelaram para mim nas caminhadas que fiz à conquista de livros!" BENJAMIN, Walter (1987, p. 231)

[58] CARERI, Francesco (2013).

observar o sofrimento constituído pela modernização, mas sim incorporá-lo, tomá-lo também para si. Eis um homem, ele é um personagem urbano em sofrimento, em movimento, em busca. Assim como o Flâneur, o Blasé, o Zappeur; ou mesmo o Marcovaldo de Italo Calvino, os primos de E.T.A. Hoffmann, o Bartleby de Herman Melville, o Bloom de James Joyce. Eis um homem, ele é suas coisas. Constitui-se delas; das coisas colecionadas, encontradas, recolhidas. Constitui-se dos pedaços dos Outros, dos pedaços de Outros. Pedaços e coisas que já não significam, mas um dia significaram. Memórias. Esse homem é suas coisas e seus pedaços, as coisas dos Outros, os pedaços de/dos Outros, memórias dos Outros.
Eis um homem, ele é um leitor urbano que se propõe entender e

jogos urbanos dos situacionistas,[59] a deriva letrista, a precariedade da arte povera, a invenção de si do flâneur,[60] o caráter narrativo das pinturas históricas,[61] a arte viva,[62] a arte-vida,[63] vida...[64]

Uma bixa trapeira-colecionadora tem o chão como fundamento e protagonismo em sua produção: é de onde os objetos vêm e é onde eles se sentem mais à vontade de estar. Uma bixa trapeira respeita os desejos dos objetos, alguns, por exemplo, nem querem ser encontrados e se escondem… Muitos dos trabalhos se iniciam no chão, enquanto o caos dos objetos recolhidos ao longo dos dias é analisado, selecionado, categorizado.

Uma bixa trapeira-colecionadora facilita o trabalho dos historiadores do futuro.[65] De suas coleções é

[59] JACQUES, Paola Berenstein (2003).

[60] BOURRIAUD, Nicolas (2011a).

[61] VISCONTI, Jacopo Criveli (2014).

[62] GOLDENBERG, Roselee (2015).

[63] Cf. KAPROW, Allan (2003); SAMPAIO, Valzeli (2009); SNEED, Gillian (2010); PESSOA, Desirée (2015); BASBAUM, Ricardo (2017).

[64] “O que quer afinal a vida? Não o que eu, esse grande ego, quer da vida? A vida está aí, açoitada e pedindo para ser ouvida. Nós até ouvimos e colocamos a citação no rodapé, com texto alinhado à esquerda, em Arial corpo 10.” FABRINI, Verônica (2014, p. 10)

[65] “Os historiadores de amanhã, ao se debruçarem sobre nossa época, ficarão sem dúvidas impressionados com a qualidade de obras que retratam a vida cotidiana das grandes cidades.” BOURRIAUD, Nicolas (2011b, p. 91)

refletir sobre a Cidade, sobre o estar na Cidade, sobre o viver na Cidade, sobreviver na Cidade.

Eis um homem, ele é um escritor urbano experimentando a Cidade, com suas lentas caminhadas e suas coletas de memórias. Ele escreve a cidade que caminha e coleciona, desenha mapas inúteis com seu "gancho", seu "saco" e sua "lanterna".

Eis um homem, eis um Trapeiro.

Chiffonnier, Rag picker, Lumpensammler, Trapeiro, recolhedor de trapos...

possível fazer uma análise histórica,[66] pois a obsolescência dos objetos, perante a modernização das cidades, culmina em seu abandono. No tempo presente, as bixas trapeiras se apresentam como exímias cartógrafas[67] e leitoras da alteridade das cidades[68], os objetos abandonados dizem muito do território onde são encontrados.[69] No entanto, a bixa trapeira-colecionadora, autora desta dissertação, utiliza-se de sua coleção para narrar sua própria existência.[70] A esta, o colecionar lhe interessa enquanto escrita de si[71] e inscreve-se, no tempo presente, como uma artista.[72]

[66] "[...] as coleções teriam evoluído na razão com que a própria sociedade humana foi se sofisticando." LOPES, José Rogério (2010, p. 385)

[67] "Colocar o corpo em movimento dentro da Cidade, fazê-lo perceber o espaço, afetar-se com as coisas ordinárias e extraordinárias do território urbano, perder-se na multidão de outros corpos, cheiros, texturas e tantas outras sensações pertinentes e impertinentes. E como resposta, como transpiração, uma representação subjetiva do traço gerado: uma outra cartografia. Uma não, muitas." SILVA, Ricardo Luis; SILVA, Joyce Cavalcante (2020, [n.p.]).

[68] PEREC, George (2016); SILVA, Ricardo Luis (2019c).

[69] SILVA, Ricardo Luis (2019a).

[70] ARTIÈRES, Philippe (1998).

[71] FOUCAULT, Michel (1992).

[72] "Um artista pode ser muitos, de vários modos e maneiras, mas somente se assim se quer ou requer, [...] Inventar-se como artista, processo que se dá em público e sempre frente a um circuito real, concreto, em suas materialidades e medidas. Insistências, confrontos, embates, fugas e linhas-limite: a trajetória não é linear nem tranquila, ou seja, há uma coleção de aventuras e o redelineamento constante entre as demandas e desejos em jogo, de um lado ou de outro – o que se quer, o que se lhe é atribuído, as intervenções, processos efetivos e resultados." (BASBAUM, 2013, p. 21-22)

2. DAS COISAS QUE SÃO AMARELAS [PARA RICARDO LUIS SILVA][73]

[73] Coleção do autor: Das coisas que são amarelas [para Ricardo Luis Silva]. Da série: de/para. Fotografia digital de 33 objetos encontrados. 2021. Dimensão variada.

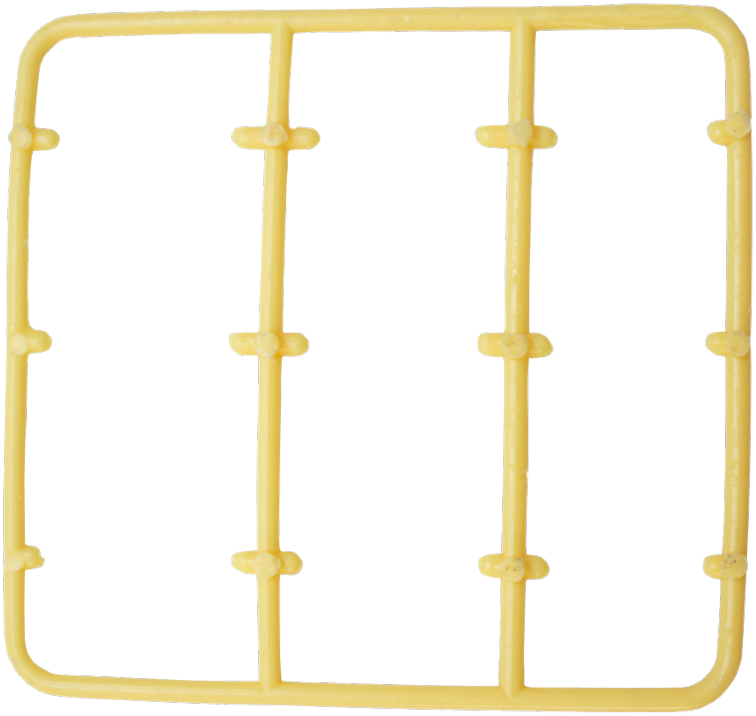


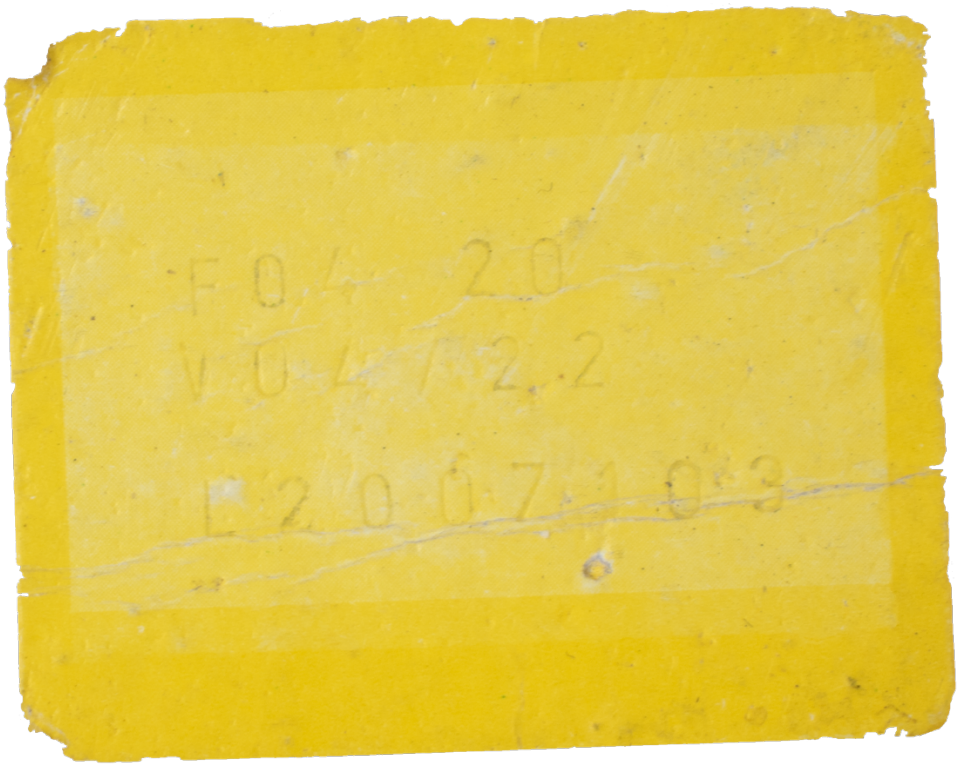











F04 20
V04/22
E2007103



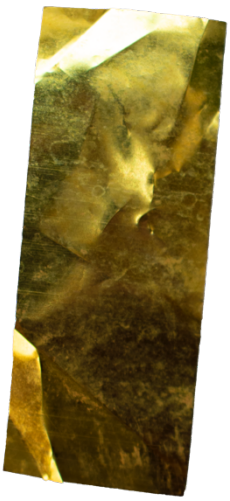

R$ 14,99
DEO AERO SUAVE MEN INTENSE PROTECT 150ML
7791293034987
R$ 4,99
DEO AERO SUAVE FRUTA VERMELHA 150ML
7791293034080
R$ 4,99


LEMBRANÇA DE










BALAS FRUTMEL
sac@frutmel.com.br
(17) 3571-1460

3. POR UMA METODOLOGIA[74] DOS TRAPOS: A ESCRITA ACADÊMICA COMO ESCRITA DE SI (OU O INVERSO)



75

[74] "Metodologia – Palavra que sempre evitei, driblando-a com 'modalidade', 'aptidão' ou 'prática'. Sempre soou pra mim como algo de dogmático, estático, pouco interpretável, pouco maleável. É o exato contrário de 'como acontece' meu trabalho e de 'como o faço acontecer'. Depois, Paola Berenstein Jacques, em Salvador da Bahia, lembrou-me a etimologia: 'método' deriva do grego *methòdos* (*metà* = depois, através; *hòdos* = via, caminho): 'depois do caminho', mas também 'através do caminho'. A metodologia pertence indiscutivelmente ao caminhar, ela é construída 'ao longo do caminho', 'ao caminhar', e o método se compreende 'enquanto se está procedendo'. Logo, uma metodologia do parar só pode ser construída ao parar." (CARERI, 2017, p. 114-115)

[75] *Figura 1 – Les extrêmes se touchent. Joseph Louis Hippolyte Bellangé (França, Paris, 1800-1866). França, 1823. Impressões, Litogravuras.*

O trapeiro, dado o seu caráter marginal, não é lá de pedir desculpas ou permissão![76] Ao contrário de mim, que, nascido no seio da culpa cristã, tenho pedido permissão para tudo o que faço e me defendo de coisas que sequer fui acusado.[77] Em determinado momento do meu processo de pesquisa, prometi a mim mesmo que incorporaria esse "caráter marginal" do trapeiro e que não pediria permissão para escrever o que eu tivesse vontade, para ser quem eu sou. Contudo, essa minha indagação de me autodesculpar, ou de me preparar para o ataque (a arrogância bixa é aquilo que construímos para sobreviver[78]), acabou permeando toda a minha caminhada de pesquisa, a metodologia deste trabalho que estão lendo. Aqui elenco algum dos referencias teóricos que encontrei para dialogar sobre meu modo de escrita, de viver, de pensar. Esse processo foi crucial para a formulação do meu conhecimento – mais em uma instância interna que externa. Desde minha entrada no mestrado fui alertado por professores e pela própria banca de qualificação de que "não precisaria justificar o artista[79] que eu sou". Eles estavam corretos. Contudo, assumir-se artista[80] perante um público não é uma tarefa fácil,[81] e eu queria isso. Precisei recorrer a esses autores para me ajudar nesse processo, ao mesmo tempo que me construía enquanto uma bixa-pesquisadora que também sou.

---

[76] "É possível que o faxineiro, o prostituto, o membro da gangue se transforme no etnógrafo*,* produtor de conhecimento? Sem ter que enterrar suas experiências debaixo de camadas de teorias e outras tecnologias de justificação de conhecimento acadêmico? Ou seres humanos em posições de marginalização serão sempre relegados à posição de objeto de estudo?" BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio (2016, p. 1103)

[77] "As bixas que acreditam na razão, no diálogo, no consenso racional, nos direitos, não são livres, só acreditam na razão, e isso não as liberta (apenas a alguma delas). Ser livre no seio das democracias ocidentais exige ser pouco racional, ou ter apenas o mínimo de razão para renunciar a ela quando for para salvar o cu e colocar em xeque a racionalidade das instituições. Estamos loucas. Temos estudado. Sabemos polemizar como os jesuítas. Mas no fundo tudo isso nos prejudica. Nos entretém, nos retém, nos afasta de uma luta mais imediata. De uma luta irracional. De uma luta impensável, imprevisível." (VIDARTE, 2019, p. 66-67)

[78] "As bixas temos uma inteligência peculiar cultivada desde muito pequenos para sobreviver, que nos permite agir guiados por outros parâmetros, que transpõem as regras do pensamento heterossexista, engabela-o, nós admitimos a incongruência, a contradição, a esquizofrenia, a mentira, qualquer coisa para evitar a queda." (VIDARTE, 2019, p. 123-124)

[79] "O que é ser artista hoje? Essa é a pergunta que eu gostaria de responder já sabendo que qualquer pretensão dessa natureza falha na largada porque carrega em si inúmeras outras perguntas e abre um espectro tal de digressões rizomáticas que o peso da tarefa paralisa o trabalho de antemão." GIROTTO, Karlla Barreto (2017, p. 157)

[80] "O artista, não sendo mais um criador, é uma espécie de intruso em todos os outros campos. Ele seleciona signos, explora seus campos de produção, manipula-os, constrói trajetórias entre eles." BOURRIAUD, Nicolas (2003, p. 77)

[81] BASBAUM, Ricardo (2013).

Ainda no curso de design de moda, na Universidade Estadual de Londrina, em 2010, tive contato com a escrita de Rosane Preciosa.[82] Seu livro trouxe uma perspectiva sobre moda que até então eu desconhecia, em teoria, visto que já a tinha experienciado em meu próprio corpo:[83] roupas, sujeitos e modos de vida[84] e o processo de autoprodução, formulação de identidades, edição de si. É um prazer imenso, para nós acadêmicos, encontrar autores que pensem como nós e teorizem nossas inquietações. O modo de escrita de Rosane, ensaístico, me marcou profundamente e segue até hoje em minha prática de escrita.

Nesse mesmo período, entre 2010-2011, conheço Jorge Larrosa Bondía e seu clássico ensaio sobre a experiência e o seu saber.[85] Relia-o anualmente, de tanto que me marcou. A apresentação de um conhecimento que passa pelo corpo, proposto no texto, que é experienciado e que busca fugir de um ditame produtivista, da informação, me encantou, pois isso já fazia parte dos meus modos de viver, consumir e de produção. Anos depois conheceria outros de seus escritos sobre experiência e educação, que também me inspirariam.[86]

Interessante pensar que esses caminhos metodológicos não surgem do nada, ao contrário, vão sendo construídos no percurso de uma longa caminhada... como uma coleção.[87] E esse é um processo moroso, pelo menos no que cabe ao meu modo de produzir. Ainda nessa investigação metodológica, de pesquisas qualitativas,[88] descubro a escrevivência de Conceição Evaristo,[89] a escrita autobiográfica,[90] a escrita

[82] Rosane Preciosa Sequeira dedica-se a pesquisas que cruzam campos de saber, adotando perspectivas minoritárias. Interessa-se sobretudo pelos modos de pensar-escrever, de vestir, de imaginar, que inventam outros territórios de existência.

[83] "O corpo age buscando encontrar uma nova maneira de se expressar e de existir, porque algo acabou por se transformar dentro de nós. Algo de novo surgiu a partir do momento em que sustentamos a desestabilização sofrida e conseguimos, então, inventar em nós novos gestos, nova língua, nova sensibilidade para expressar essas novas formas que acabam por se traduzir em um novo modo de viver a vida." RAYEL, Mara Lafourcade (2017, p. 200)

[84] PRECIOSA, Rosane (2005).

[85] BONDÍA, Jorge Larrosa (2002).

[86] LARROSA, Jorge (2016; 2022).

[87] SILVA, Ricardo Luis (2017, A1_3, p. 4).

[88] GARNICA, Antonio Vicente Marafioti (1997); GRAÇAS, Elisabeth Mendes da (2000); RICHARDSON, Laurel; SUEYOSHI, Humberto Issao (2018).

[89] SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO Paula Sandrine (2017); SOUZA, Elisa de (2022).

[90] TEIXEIRA, Leônia Cavalcante (2003).

evocativa, a autoficcão,[91] a autoetnografia[92] e a autoetnografia performática,[93] ou autoetnografia da performance,[94] que me orientaram ao que eu tenho feito aqui como escrita de si[95], pois, diferentemente da origem do conceito de autoetnografia,[96] não viso falar por um "grupo de pertencimento", ainda que faça parte de alguns deles.[97]

[91] "Parto da hipótese de que a autoficcão se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre um desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma 'verdade' na escrita. Assim, a autoficção se aproxima do conceito de performance, que, como espero mostrar, também implica uma desnaturalização do sujeito." KLINGER, Diana (2008, p. 18-19)

[92] SANTOS, Silvio Matheus Alves (2017).

[93] RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al.* (2020); RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de (2021).

[94] "[...] um conceito contestado, sem consenso entre os teóricos da área. A autoetnografia escorrega, evita definições simplistas. É a coalisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a 'performatividade' – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu (estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou performance/apresentação)." BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio (2016, p. 1100)

[95] Uma crítica ao uso do termo Escrita de si como autobiografia foi feita por Derek Tavares. Cf. TAVARES, Derek (2014)

[96] "'Autoetnografia' vem do grego: *auto* (self = 'em si mesmo'), *ethnos* (nação = no sentido de 'um povo ou um grupo de pertencimento') e *grafo* (escrever = 'a forma de construção da escrita'). Assim, já a mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato ('escrever'), sobre um grupo de pertença ('um povo'), a partir de 'si mesmo' (da ótica de quem escreve)." SANTOS, Silvio Matheus Alves (2017, p. 218)

[97] "[...] o conceito de *autoetnografia* mais do que refletir a 'descoberta' de um objeto anterior e exterior ao pesquisador, surge como delimitação do objeto construído pelo pesquisador, preocupado em estabelecer estratégias de leitura das produções culturais que tematizem processos de identificação e subjetivação coerentes com as alternativas conceituais ético-políticas de construção de uma episteme não dualista." VERSIANI, Daniela Beccaccia (2002, p. 67-68)

ESCRITA DE SI (FOUCAULT)		AUTOBIOGRAFIA (PHILIPPE LEJEUNE)
GRECO-ROMANA	**CRISTÃ**	**MODERNIDADE**
AUTOEXAME	AUTOJULGAMENTO	REPRESENTAÇÃO DO EU
ESCRITA 1 - REGISTRO 2 - SELEÇÃO 3 - UNIFICAÇÃO (NOVA VERDADE/NOVO CORPO)	CONFISSÃO 1 - CUSTO/ SACRIFÍCIO 2 - ENGAJAMENTO 3 - RENÚNCIA 4 - QUALIFICAÇÃO DO SUJEITO	COMPOSIÇÃO ESTÉTICA DE SI
CONSTITUIÇÃO DE SI	RENÚNCIA DE SI	NARRATIVAS DE SI

98

Essa última ferramenta de escrita me interessa enquanto metodologia qualitativa, pois implica repensar[99] as questões paradigmáticas[100];[101] antes de discutir os métodos,[102] bem como diluir as fronteiras dicotômicas entre "mente e corpo, teoria e método, o pessoal e o político, pesquisador e sujeito",[103] ainda bastante comuns na produção de conhecimento acadêmico. Nessa minha caminhada, achei muitíssimo curioso como a vertente da autoetnografia performática bebeu de nossas fontes – artes cênicas,

---

98 Tabela 1 – Escritas de si e autobiografia. Fonte: sistematização do autor [baseada em TAVARES, Derek (2014) e FOUCAULT, Michel (1991)]

99 "Como nós, pesquisadores da cultura, podemos participar de forma criativa com textos/resposta a esse processo intersubjetivo de construção de saberes sobre realidades?" VERSIANI, Daniela Beccaccia (2008, [n.p.])

100 "O que essa 'Ciência' pretende salvaguardar? Será que se quer proteger a verdade universal e imutável, com rituais, regulações e políticas na produção dessa 'Ciência'? Ou será, como aponta Latour, uma tentativa de tornar a sociedade em um 'laboratório' como reino da imparcialidade? [...] Onde estão as individualidades? Onde estão as pessoas? Porque a subjetividade aterroriza essa 'Ciência', esses guardiões dos 'sujeitos/participantes'?" RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de (2019, p. 8)

101 "Somos convidados a refletir sobre com o que estamos realmente comprometidos em nossas práticas científicas e se o que temos feito e queremos fazer está comprometido com a justiça social, com a equidade, com a promoção da diversidade, com a não violência, com a cultura de paz, com os direitos humanos e com outros princípios que defendemos." RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al.* (2020, p. 3)

102 BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio (2016).

103 BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio (2016, p. 1102).

visuais e performativas – para a sua configuração, e foi necessário eu recorrer às "ciências médicas" para reivindicar aqui esse método que cabe tão perfeitamente a nós, artistas-pesquisadores. Achei intrigante ler, em revistas científicas, médicos e farmacêuticos – ainda que dentro do campo das ciências sociais e da saúde coletiva – escrevendo suas autoetnografias, suas escritas performativas[104] – na forma de diálogos, poemas, colagens, ensaios... Não seria essa a especialidade das Artes? Por que passei tanto tempo me remoendo e tentando escrever uma dissertação quadrada, engessada, que em nada dava conta da complexidade do meu objeto de pesquisa? Essas são perguntas cujas respostas não respondo da forma tradicional, cartesiana, mas tento expressar aqui na montagem[105] desta dissertação.

Ainda nessa caminhada metodológica, o encontro com as publicações do grupo de pesquisa Laboratório Urbano,[106] liderado por Paola Berenstein Jacques,[107] foi fundamental para pensar as errâncias, a experiência urbana, ou a experiência da alteridade urbana[108] e a importância das narrativas[109] nas práticas do trapeiro-

[104] BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio (2016); RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al.* (2020); RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de (2021).

[105] "A montagem é o pensamento abstrato da metrópole." CANEVACCI, Massimo (2004, p. 109)

[106] O Laboratório Urbano é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002. O grupo integra a linha de pesquisa "Processos Urbanos Contemporâneos" do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), tendo como foco de pesquisa e estudos o Urbanismo Contemporâneo. No sentido de melhor compreender a complexidade da cidade contemporânea, o Laboratório Urbano investiga e propõe experiências metodológicas e propositivas a partir de três linhas de pesquisa articuladas entre si: apreensão crítica da cidade contemporânea; estética, corpo e cidade; historiografia e pensamento urbanístico.

[107] Paola Berenstein Jacques (Rio de Janeiro/RJ, 1968) é professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), pesquisadora CNPq e coordenadora do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA).

[108] "A experiência da diferença, do diferente, do Outro, seria então uma experiência da alteridade. A experiência errática pode ser vista como possibilidade de experiência na alteridade da cidade. A experiência errática seria uma experiência da diferença, do Outro, dos vários outros, o que a aproxima de algumas práticas etnográficas e posturas antropológicas. [...] A experiência de errar pela cidade pode ser pensada como ferramenta de apreensão da cidade, mas também como ação urbana, ao possibilitar a criação de microrresistências que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível." JACQUES, Paola Berenstein (2012, p. 22-23)

[109] Cf. JACQUES; PEREIRA; CERASOLI (2020)

colecionador.[110] Dado o caráter fragmentário[111] da pesquisa desta bixa trapeira que vos escreve, o narrar por relações[112] se apresenta como uma possibilidade de escrita,[113] pautada sobretudo num modo de pensar por montagens.[114] Também o narrar por transversalidades,[115] visto que a matéria-prima do trapeiro-colecionador são os vestígios[116] encontrados – de naturezas diversas, errantes, pouco iluminadas –, os quais propiciam um pensamento "nebuloso",[117] transdisciplinar.

---

[110] "[...] os errantes inventam outras possibilidades narrativas, outras formas de compartilhar experiências, em particular a experiência da alteridade urbana nas grandes cidades. Essas narrativas errantes são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade da cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer 'pensamento único' ou consensual, como o promovido hoje por imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades." JACQUES, Paola Berenstein (2012, p. 20-21)

[111] "[...] propomo-nos pensar o exercício narrativo que, a partir da reintrodução e aproximação de fragmentos, dejetos, detritos recalcados no tempo, faz emergir intervalos a serem animados pela imaginação. Assim, acercamo-nos dos debates historiográficos que aproximam e friccionam os limites entre história, memória e ficção." ALMEIDA JÚNIOR, Dilton Lopes de; JACQUES, Paola Berenstein; SILVA, Ramon Martins da (2020, p. 26)

[112] "Narrar por relações constituir-se-ia, primeiro, no engendramento dos intervalos que ganham importância com a montagem de fragmentos heterogêneos; e, segundo, no reconhecimento da imaginação enquanto motor fundamental ao gesto de colocar-se diante de uma zona intervalar, a fazer emergirem nexos, e compreensões outras a respeito da história, tanto do ponto de vista de quem constrói a narrativa quanto de quem a ela dá uso." (ALMEIDA JÚNIOR; JACQUES; SILVA, 2020, p. 26)

[113] "[...] Walter Benjamin nos mostra que escrever a história é dar justo uso aos cacos, aos fragmentos e aos restos do passado tocados no presente pelas mãos do historiador de modo a reintroduzir a diferença, concatenar imagens dialéticas e estilhaçar homogeneizações, o que nos parece fundamental indicar sobre um modo de narrar por relações é a proposição da própria imaginação enquanto operação tática errante que movimenta a construção relacional dos tempos." (ALMEIDA JÚNIOR; JACQUES; SILVA, 2020, p. 39)

[114] "Seja na montagem historiográfica ou, ainda, na montagem urbana, associações improváveis proporcionam choques entre ideias diferentes, a partir de diferentes citações ou de diferente tempos e espaços." (JACQUES, 2018, p. 215)

[115] "*Narrar por transversalidades* significa dizer que se forma e é formado de novo como ato atento às assimetrias e com diferentes 'corpos à reação poética'. Narra-se com corpos que interpelam corpos na relação de sujeitos e mundos, nas suas intersubjetivações, nas diferentes práticas de ver, pensar e agir. Narra-se com corpos que são também pedras, vento, cordas, ar, mar, besouro, concha ou pólen: o mundo das coisas e o espaço relacional de suas *co-ex-istências.* Narrar por transversalidades tecendo intrigas passa, portanto, de uma coisa à outra, transita entre ideias, traduções e conexões e tenta ampliá-la." LABORATÓRIO de Estudos Urbanos – UFRJ (2020, p. 182)

[116] "Talvez o contador de histórias seja um alquimista. O laboratório do alquimista é um amontoado de imagens escritas, fragmentos, imagens de coisas que são vestígios, ruínas no passado e no futuro. Narra-se o que é e será ruína. Talvez, a potência métrica das cronologias seja que ela permite ver fugas, fragmentos e as próprias ruinas, que não são nem ponto de partida nem de chegada." LABORATÓRIO de Estudos Urbanos – UFRJ (2020, p. 184)

[117] "[...] pensar por nebulosas reage a uma ideia de ciência que se mostra preponderantemente compartimentada em 'áreas' de saber e associa o conhecimento a um ideal de transparência e de claridade." JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (2018, p. 246)

Com tudo isso em mente, caio na famigerada escrita acadêmica e nas possibilidades de trazê-la mais próxima do meu processo de pesquisa. No livro *Uma escrita acadêmica outra*, [118] encontrei momentos de alegria – ao encontrar autores, pensadores e pesquisadores que escrevem aquilo que eu penso e acredito – e me senti "respaldado", ou melhor, encontrei pares acadêmicos para dialogar: uma bixa trapeira não está sozinha no seu delírio.

No capítulo "Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica",[119] Anelice Ribetto me estimulou a pensar naquilo que eu estava denominando metodologia dos trapos. Como escrever com os cacos, os restos, os fragmentos de minhas experiências? Quando Anelice escreve: "Em que língua vamos contar o que nos passa?",[120] me perguntei: Qual a língua do trapeiro? Em outro momento, a própria autora me ajuda a responder: a disponibilidade, a atenção ao ordinário, a abertura para o que vier sem expectativas[121] – nas minhas próprias terminologias: o olhar ferino do trapeiro.

[118] CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (orgs.) (2016).

[119] RIBETTO, Anelice (2016 p. 58-67).

[120] RIBETTO, Anelice (2016, p. 65).

[121] "[...] a sua disponibilidade e atenção para o que possa aparecer mostra uma condição fundamental à escrita-experiência: a suportabilidade da abertura para o que possa vir sem representação (como expectativa prévia) e um regime de atenção quase flutuante contraposto à ideia de construção de uma atenção em foco e recortada da escrita-investigação tão presente nas lógicas majoritárias acadêmicas." RIBETTO, Anelice (2016, p. 65)

Ainda nesse livro, reencontro, por acaso, o incrível Jorge Larrosa defendendo o ensaio,[122] que dada sua constituição fronteiriça,[123] entrelaçada,[124] errática,[125] fragmática,[126] apaixonada,[127] artística,[128] expositiva, complexa,[129] inclusive, parece resolver em forma escrita alguns interesses presentes na autoetnografia.[130] Todas essas características não poderiam aproximar de modo melhor as práticas de um ensaísta e de uma bixa trapeira-colecionadora.

---

[122] "Usarei o ensaio como pretexto para problematizar a escrita acadêmica, ou melhor, para problematizar o modo como as políticas da verdade e as imagens do pensamento e do conhecimento, dominantes no mundo acadêmico, impõem determinados modos de escrita e excluem outros – entre eles, o ensaio." LARROSA, Jorge (2016, p. 17)

[123] "Além de confundir as diferenças entre ciência, arte e filosofia, o ensaio se dá uma liberdade temática e formal que só pode incomodar em um campo tão reprimido e tão regulado como o saber organizado. A esse respeito, Adorno assinala que o ensaio se vê esmagado por uma ciência em que todos defendem o direito de controlar a todos. A ciência organizada é o lugar dos controles, o lugar das bancas, dos tribunais, das avaliações, das hierarquias, e exclui com o aparente elogio de 'interesse' ou 'sugestivo' o que não está ajustado ao padrão de consenso." LARROSA, Jorge (2016, p. 21)

[124] "O ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um *continuum* de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. Da densidade dessa tessitura depende a fecundidade dos pensamentos. O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la." ADORNO, Theodor W. (2003, p. 29-30)

[125] "É verdade que esse modo de aprendizado permanece exposto ao erro, e o mesmo ocorre com o ensaio enquanto forma; o preço de sua afinidade com a experiência intelectual mais aberta é aquela falta de segurança que a norma do pensamento estabelecido teme como a própria morte. O ensaio não apenas negligência a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros encontrados." ADORNO, Theodor W. (2003, p. 30)

[126] "O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada." ADORNO, Theodor W. (2003, p. 35)

[127] "O ensaísta não parte do nada, mas de algo preexistente, e parte sobretudo de suas paixões, de seu amor e seu ódio pelo que lê. Porém, amar e odiar não é o mesmo que estar de acordo ou em desacordo, não é o mesmo que a verificação ou a refutação, nada tem a ver com a verdade e o erro. O ensaísta, quando lê, ri ou se enfada, se emociona ou pensa em outra coisa que a leitura lhe evoca. E seu ensaio, a sua escrita ensaística, não apaga o riso nem o enfado, nem suas emoções e evocações." LARROSA, Jorge (2016, p. 25)

[128] "Sua forma é orgânica e não mecânica ou arquitetônica, nisso se parecendo com as obras de arte, especialmente com a música e a pintura." LARROSA, Jorge (2016, p. 27)

[129] "[...] o ensaio obriga a pensar a coisa, desde o primeiro passo, com a complexidade que lhe é própria, tornando-se um corretivo daquele primitivismo obtuso, que sempre acompanha a ratio corrente." ADORNO, Theodor W. (2003, p. 33)

[130] "O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, [...]. O ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia." ADORNO, Theodor W. (2003, p. 25)

Os capítulos “Notas sobre escrever [n]uma vida”[131] e “A relação da pesquisa com a escrita e as possibilidades de dizer de si”[132] me ajudaram a pensar no que eu estou chamando de a escrita acadêmica como escrita de si, alertando para o fato de que o que eu pesquiso me constitui e ganha consistência em nosso corpo. Por tantas vezes eu ouvi: “Você precisa separar seu trabalho da sua vida, sua pesquisa (acadêmica) da sua arte”. Sinto informar que, ainda que isso fosse possível, o que não é, eu não quero. Eu, Tulio Costa, uma bixa trapeira-colecionadora, sou justamente a constituição, a intermediação, a incorporação de todos esses conflitos, de todas essas complexidades. Eu sou minhas coleções, eu sou minha pesquisa, eu sou minha escrita, eu sou meu pensamento, eu sou minha prática profissional, eu sou minha arte-vida. E ainda que tenha me custado caro, não estou disposto a abrir mão, não descobri outra forma de fazer.

[131] MACHADO, Leila Domingues; ALMEIDA, Laura Paste de (2016).

[132] CALLAI, Cristiana (2016, p. 103-110).

4. DIÁRIO [INSTAGRAM]

DIA 1

"Minha poesia, em geral, não responde a razões práticas, muitas vezes nem eu mesmo sei por que começo a escrever. Não planejo nada, nunca planejei. Minha poesia é um ato que nasce de situações específicas, do que acontece comigo. Comecei o poema [sujo] por necessidade, refletindo sobre problemáticas que estavam dentro de mim, sobretudo quando pensei que ia morrer." Ferreira Gullar[133]

Preparar uma viagem me dá sempre ansiedade por demandar uma organização que não me é natural. Eu até que sou pragmático, para uma coisa ou outra, mas essa foi mais uma forma que eu inventei para conseguir atuar no cotidiano[134] com mais destreza. O que não me impediu de comprar passagens para Belo Horizonte, saindo de São Paulo, quando ainda estaria em Porto Alegre. E ainda achei que teria uma semana livre em São Paulo entre essas viagens todas. "Você criou muitas regras para si", disse uma psicóloga (e eu virei refém delas, como fazem os bons artistas). Refém das próprias regras! Aprisionado pelo desejo de uma vida mais orientada, reta, segura. Dada a dinâmica das últimas semanas em que tenho tentado reordenar uma vida inteirinha para continuar sendo feliz, me deparo com o incompleto. Ao mesmo tempo que tento não exigir de mim mais do que aquilo que eu posso entregar, e aqui já observamos meu nível de incoerência. Uma negociação constante, essa minha, de organizar um mundo inteirinho, tendo como critério não sei bem o quê. Talvez: mistério, beleza, autenticidade! Eu só sei que, para mim, é mais fácil dobrar perfeitamente uma sacola plástica de feirante[135] do que dobrar minhas roupas. Mesmo os lixos recicláveis de papel ou plástico são dobrados por mim até onde a dobra não ser mais possível e, depois, o descarte do material, super compactado por minhas mãos, minhas dobras. Tenho um fascínio por dobras,[136] e ele vem antes de

[133] JIMÉNEZ, Ariel (2013, p. 199).

[134] CERTEAU, Michel de (2011); CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (2013).

[135] Cf. imagens p. 160.

[136] "Preguear é diminuir, reduzir e remover até restar apenas uma fina coluna; desdobrar, por sua vez, é aumentar, crescer, ganhar velocidade e volume. Preguear, desdobrar, repreguear num movimento perpétuo, quase como respirar ou relaxar, como um exercício de alongamento de Pilates. Um diálogo reversível entre as trevas e a luz, o negativo e o positivo, energias vitais que originam tensão e criatividade. Um fluxo do exterior para o interior, onde nada está fixo, mas sim em troca constante.

eu ter conhecido Amílcar de Castro. PLEAT PLEASE![137][138] Acho curioso esse meu anseio pela coleção de trapos e esse fôlego de tentar organizar um mundo inteirinho, sendo que mal consigo fazer isso na minha própria vida. Nessa minha vivência do ateliê, me dei conta de que meu trabalho não é necessariamente sobre ordem, está mais para agenciar o caos para mais caos. Para outros, novos caos. Não para uma ordem, ainda que ela se formule. Até porque a narrativa da ordem é infinita e tenho repassado esse papel para meus interlocutores. Cada caixa, envelopes, sacos e sacolas com elementos encontrados, ou pertencentes ao meu próprio acúmulo cotidiano, é uma novidade quando abertas. Existe um lampejo de vida na surpresa que é saber o que tem dentro: esparramá-los no chão, dado que o chão é o fundamento do trapeiro e meu local preferido para o trabalho, reorganizar o que é possível, aproximar o que quer ficar junto, constituir as narrativas que já foram criadas em outras desses desempacotamentos da biblioteca, como escreveria Walter.[139] A dinâmica do caos e da ordem[140] na coleção e na organização. E, por fim, sempre sobram os que não pertencem e ficam ali, dias e dias no chão ansiosos pelos pares que não aparecem (meus olhos lacrimejam nesse momento). E voltam novamente para a caixa dos "rejeitados", solitários, à espera de que, da próxima vez que forem abertas, semanas, meses ou anos depois, tenham mais sorte e o encontro seja possível.

Esboçando o corpo numa variedade de formas geométricas, concebendo o corpo como expressão abstrata." EDELKOORT, Li (2012, p. 22)

[137] MIYAKE, Issey (2012)

[138] "A PLEAT PLEASE é uma obra de dimensões consideráveis que durante quase duas décadas investigou e explorou a natureza das pregas e as suas implicações no envolvimento, no colapso e na revelação do corpo em movimento; [...] este processo contínuo de transformação mecânica da superfície dos têxteis criou uma das assinaturas mais fortes do design de moda atual." EDELKOORT, Li (2012, p. 26-29)]

[139] BENJAMIN, Walter (1987).

[140] "A existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem." BENJAMIN, Walter (1987, p. 228)

DIA 2

“Cadê o sorriso que a mãe pagou tão caro?” Isabel Divina, minha mãe.

Meu corpo sucumbiu sábado retrasado, sábado passado e hoje: não consegui sair da cama, exceto para comer. Dormir e comer; comer e dormir. Um corpo que não produz não serve. E a vitória de ontem não serve para hoje. Produzir, produzir, produzir. Marcel[141] me alertara sobre não cair nas teias da produção acadêmica-capitalista. Isso é mais fácil para quem já tem alguma coisa, Marcel! São os cuidados necessários para ser alguém na vida, não são? Fui elogiado esta semana. É bom ter a vida reconhecida. Não os trabalhos, não os bens... a vida! A vida pela vida, sabe? Um projeto de mestrado, de edital, de especialização são só as ferramentas do grande projeto. A vida é a obra mais potente e importante do trapeiro-colecionador. Ser reconhecido pelo que se é (atitude perante a vida) e não pelo que se faz (modos de produção). *Uma vida inteira pra dar conta I e II*. Mas eu não estou dando. Pelo menos não praquela vida fantasiosa que a gente inventa pra ser feliz e que do nada te deixa triste. Desde Gabriel, tenho lidado com essas questões de utopias, fantasias, endeusamentos, não lembro a palavra certa, mas é quando a gente coloca uma pessoa/ou algo num estatuto intocável. Um muso é um muso, não é pra ser acessível. Não é pra ser mundano. Inclusive, não me perdoei ainda por não o ter parabenizado em seu aniversário. Eu me cobro demais. Percebi também que não me perdoei de alguns erros do passado, mas só aqueles graves que, porventura, pode suscitar algum risco de vida, não a minha, mas de outros. Lembrei de quando criança, ensinando minha irmã a andar de bicicleta, não consegui ser rápido o bastante e correr atrás dela na descida da avenida Campos Salles. No cruzamento de esquinas, um carro a viu e freou. Ela assustada, caiu no chão. Me sinto péssimo em grande parte do tempo. O segundo exemplo, que me vem à cabeça, prefiro nem dizer, mas me relembro semanalmente subindo a avenida Ipiranga de bicicleta. Semanalmente. Coisas assim. Nunca o suficiente, nunca o bastante. O corpo sucumbe. O corpo físico está ótimo,

[141] Cf. nota 304, p. 302.

mas a cabeça anda fraca. A médica disse que o problema não é dos pulmões: “Estão ótimos! Já procurou psicoterapia? Ioga talvez ajude”. Precisei raspar novamente a barba... primeiro porque achei que chegou no ponto de assumir uma beleza “original” ao invés de disfarçar e porque criei uma falha de pelos no meu queixo, resquícios de algo maior: “Quando os sintomas ficam evidentes, é sinal para preocupação”. Superei meu trauma estético com meu queixo pequeno... inclusive, até tenho um formato de rosto agradável... É que eu só queria dar um presente decente de aniversário pra minha mãe, sabe? Foi aniversário dela quarta-feira e... ela é foda! A pessoa mais foda que conheço, e queria mesmo dar um presente decente pra ela... mas, por ora, só tenho isso, um perfume da Loewe. Aii mãe... como te amo! “Meu filho, não esconda nada de mim, o.k.? Fico preocupada!”; “Pra quem te ligou chorando, aquela manhã, pedindo pra voltar pra casa, acha mesmo que te esconderia algo, mãe?”; “É verdade.” A pior coisa que eu perdi na minha vida foi a credibilidade com a minha família; mas aprendo muito rápido. É verdade que no fim do poço não tem mais pra onde ir, aí você sobe (ou espera alguém começar a jogar terra, mas não faz meu feitio rs). É verdade também que o que eu tenho pra ofertar é isto. Este projeto de vida que me dedico com muita paixão há 28 anos. Não tenho uma profissão, então, não me analisem pela minha “produção” e muito menos pelo pouco (material) que tenho, não fazem ideia de como cheguei até eles. O que sobra é esta vida aqui: um organizar e guardar objetos; uma conversa defendendo o fim da sacralização do final de semana, pois ele é muito pouco pra dar conta de uma vida[142]; um diálogo profundo comendo pizza; uma alfinetada; um puxão de orelha; uma crítica; um dormir de conchinha com o futuro amante, já que ele não pode ser o marido no momento. Me chateia a falta de profundidade, pois, tem muito de mim nestas palavras, tanto quanto nestas fotos, que eu atualmente tenho evitado postar. Eu tenho medos também. Bastante, inclusive! Hoje me deu vontade de escrever, para não sucumbir novamente. Gosto de escrever. E queria me sentir melhor pra sair pra dançar hoje, já que comprei o ingresso por impulso semanas atrás, “sem ter produzido nada”. Amanhã tem artigo pra fazer, mas hoje é isso que tem. Será que eles vão gostar de mim?

[142] *Figura 2 – Tulio Costa. Uma vida inteira pra dar conta I. Registro de instalação site-specific realizado em 2018. Fonte: Acervo pessoal do autor.*



Parabéns para mim. 29 anos. Eu cheguei tão longe e a lugar nenhum. Resgatei estas fotos de aniversários[143] passados. Gosto muito de uma delas, que intitulei: “Para não esquecer quem somos I”[144], que será o título de uma exposição individual minha num futuro presente. Minha mãe, eu e meu pai na antiga casa de minha avó onde morei minha primeira infância. Eu amava essa casa e as mamadeiras com leite morno e achocolatado que minha avó me fazia enquanto enrolava seus cabelos crespos.



[143] COSTA, Rodrigo Lopes (2022).

[144] *Figura 3 – Para não esquecer quem somos I. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Na foto, o tamanho do bolo não nega: “aniversário de pobre”![145] É que tinha que sobrar um pedaço para cada um dos convidados da vizinhança levar pra casa! Reparei só agora que não tem bexigas na foto... só esse azul, que tinha tudo pra ser frio, mas me parece tão quente nessa casinha e na pele queimada do meu pai... só esse azul nessa parede de madeira tão característica, pintada com cal e corante xadrez.



Tubaína gelada, bebida preferida de minha avó, Juenir Mendes, até hoje. Acho que foi o Jorge Tadeu que registrou esse momento... ele era o “fotógrafo oficial da cidade”. Será que ele está vivo? Gostaria de resgatar seus arquivos[146] e dar uma de Rosângela Rennó,[147] mas isso fica para um outro tempo... o que importa agora são os 29 anos:

[145] *Figura 4 – Para não esquecer quem somos II (aniversário de pobre). Fonte: Acervo pessoal do autor.*

[146] RENNÓ, Rosângela (2012).

[147] Rosângela Rennó (Belo Horizonte/MG, 1962) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em arquitetura pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

até aqui eu cheguei! E, junto comigo, meus antepassados abrindo caminhos. Dessa casa, infinitas memórias, mas resgatarei duas aqui que considero as mais importantes. O dia em que minha avó, Juenir Mendes, também conhecida como vó Geni, me ensinou coragem e autonomia. Eu sempre fui uma criança muito sensível; criança-viada. Chorava com tudo e me emocionava também. Nessa foto, por exemplo, se vocês olharem bem de perto, poderão ver os meus olhinhos lacrimejando. A beleza e os lampejos de felicidade me emocionam até hoje. Acho que eu sempre fui feliz, mesmo sendo triste. O lance era que eu chorava, por tudo, desde que nasci, e em duas dessas situações minha avó se irritou. Enquanto meus primos pedalavam felizes suas bicicletas amarelas, eu chorava, empurrando a minha: ela me posicionou na descida, em uma rua de terra batida, em frente dessa casa das fotos. Correu comigo alguns metros enquanto gritava: PEDALA, PEDALA, PEDALA!!! E eu pedalei, veementemente, e com muita alegria! Fui cair no fim da rua, pois ela não me ensinou a frear. Sem limites! Acho que vem daí meu amor por bicicleta. A segunda situação, escalar uma jabuticabeira, ou no linguajar interiorano: “subir no pé de jabuticaba”. Chorava embaixo da árvore, enquanto meus primos brincavam em cima. Nesse dia, minha avó, cansada dos meus dramas, me colocou na árvore e com um chinelo na mão disse: SOBE! E eu escalei, cada vez mais alto, até onde não pude mais, inclusive descer. Minha mente agora me permite imaginar que, no meio daquele emaranhado de galhos, olhando o céu mais de perto... eu vislumbrei o infinito pouco antes de cair: fiquei pendurado pelo couro do meu tórax! Tenho a cicatriz até hoje! É bem provável que eu tenha chorado nesses dois dias, a queda nos faz chorar, mas o que eu consigo recordar é um grande sorriso de satisfação, sabe? Daqueles que você sabe que deu um passo grande na escrita de si.[148] Estou há três dias tentando escrever este texto, na primeira tentativa iniciei-o com a questão: “Em que mundo você vive, Tulio?” Eu não sei. Talvez eu ainda esteja na memória dessa imagem... na esperança desse jovem casal para com essa criança. E na alegria da minha mãe. Meu Deus! “Só nossas

(1986) e em artes plásticas pela Escola Guignard, Belo Horizonte (1987). Doutora em artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo (1997).

[148] “Como adultos, passamos a vida inteira compensando nossa infância. [...] Contudo, é nas pessoas que trabalham sua memória com mais constância, como os escritores, que esse primeiro contato com o real se torna fecundo e duradouro, e pode ser percebido em suas obras do começo ao fim. Ali, para quem sabe observar, encontra-se escondido, se não toda a obra de um autor, seu primeiro estímulo, o conjunto de problemas aos quais ele tentara responder por toda a vida.” “Inventar a si mesmo – O descobrimento da poesia”, de Ferreira Gullar. JIMÉNEZ, Ariel (2013, p. 25)]

mães torcem verdadeiramente por nós", disse uma amiga, um tanto quanto decepcionada. E eu só tenho a agradecer a essa deusa, Isabel Divina.



[149]

Até aqui eu cheguei, mãe. Obcecado pela própria vida, obstinado a ser uma personalidade. Pois tudo o que a gente tinha e tem é o nosso corpo e a nossa vida. Sempre quis ser grande... é preciso imaginar. E é difícil fazer isso de onde eu vim, é difícil sonhar depois de adulto, é preciso vó Geni, minha mãe, Isabel Divina, e tantos outros que por mim passaram e gritaram: PEDALA! E berraram SOBE MAIS ALTO, sorrindo pra mim lá de baixo, quando não me oferecendo o ombro para apoiar meus pés. Poderia citar aqui a Jéssica, do filme *Que horas ela volta*, ou a Jota Mombaça, cobrando da gente, de mim, uma imaginação anticolonial,[150] mas, por ora, sinto que

[149] *Figura 5 – Aniversário de 7 anos. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

[150] MOMBAÇA, Jota (2021).

não cabe aqui, agora. Obrigado a todas as mensagens sinceras, pelo carinho singelo e pelas declarações surpreendentes que recebi ontem. Obrigado por não me deixarem esquecer quem eu sou. Amo vocês.

Caminho pelas ruas de Porto Alegre como quem tenta encontrar. Porto Alegre é uma cidade limpa, mas isso se deve a seus habitantes e não a outra coisa.[151] Na falta de resíduos urbanos, tenho encontrado ciclistas bem-trajados em roupas de escritório, e alguns pais charmosos com crianças a tiracolo. O privilégio masculino mais uma vez impera: a beleza de um pai cuidando de seus filhos – nada além de sua obrigação. Tenho divido a atenção do chão com os rapazes da cidade, até porque eu sou uma bixa trapeira e não, somente, um homem trapeiro. Fiquei me indagando ontem sobre o que seria ser uma bixa, e o pertencimento à fauna da comunidade LGBTQIAP+ me pareceu uma resposta possível, mas não todos e quaisquer membros dessa comunidade, mas àqueles cujo corpo em deslocamento na cidade não passa despercebido a essa condição. Afeminadas, masculinas e dissidentes de uma passabilidade heteronormativa. E por que bato tanto nessa tecla? Porque o estado de alerta precisa ser redobrado: Meus shorts estão excessivamente curtos?[152] Minhas havaianas estão gerando mal-estar? Não deveria ter saído com essa roupa… não estou no Rio de Janeiro… a experiência – a preocupação – desses corpos na cidade é diferente de um corpo "neutro". Infelizmente, não nos é permitido olhar apenas para os tesouros. Olhar para o chão[153], olhar para o outro, olhar para si.

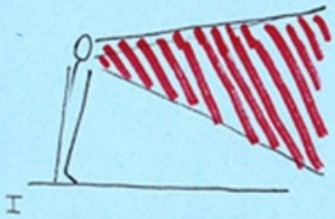
---

[151] Em referência ao conto "Casa tomada", de Júlio Cortázar (primeira publicação em 1946).

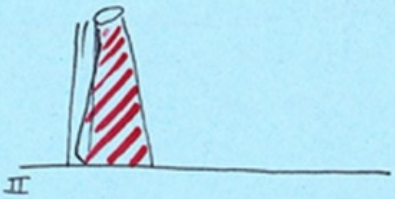
[152] "Simplesmente andar pelas ruas pode ser um ato difícil quando suas roupas são consideradas 'inapropriadas' e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo como você age e aparenta. O risco de tornar-se parte das horríveis estatísticas de violência antibicha (e antitrans, antinordestina, antipreta, etc.) é uma constante e não é justo que somente nós – que assumimos como ética da existência a desobediência à normalidade social ou que simplesmente estamos mal posicionadas no ranking dos 'direitos humanos dos humanos direitos' – tenhamos que lidar com esse risco." MOMBAÇA, Jota (2021, p. 73)

[153] *Figura 6 – Bill lühmann, Tudo começa com C, 2011. Fonte: LÜHMANN, Gabriel dos Santos (2013).*

SOU UMA PESSOA QUE ANDA MAIS OLHANDO PRO CHÃO DO QUÊ PRA FRENTE. ATÉ DESCOBRI UMA "ANGULAGEM" QUE ME PERMITE OLHAR PRO CHÃO E PRA FRENTE AO MESMO TEMPO, ASSIM CONTINUO COM MINHAS COLEGAS SEM PARECER DEPRIMIDO. (OU SEM SER SURPREENDIDO)



I

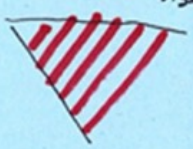


II

QUISTO PODE SER "QUERIDO" OU ISTO (SACO FECHADO CONTENDO UMA MEMBRANA BIOLÓGICA DISTINTA E DIVISÃO CELULAR NO TECIDO PRÓXIMO. PODE CONTER AR, FLUIDOS OU MATERIAL SEMI-SÓLIDO.) ENFIM... ALGO NÃO MUITO QUERIDO



III



I - PESSOAS NORMAIS, POSTURA ERETA, CABEÇA RETA. O CONTATO VISUAL PROPICIADO PELA ~~POSTURA~~ POSIÇÃO DA CABEÇA OS TRANSFORMA EM PESSOAS BEM VISTAS E QUISTAS, COISA DO PORTE. ESSAS PESSOAS SEMPRE OLHAM PARA ALÉM DA FRENTE; POR ISSO NÃO ACHAM NADA! A PROBABILIDADE DE QUEDAS POR ALGO QUE ESTÁ DEBAIXO DO NARIZ É ALTO. SÃO OS GRANDES PISADORES DE CHICLETES E MERDAS ESPALHADAS PELO MUNDO (LITERALMENTE FALANDO)

II - PESSOAS DEPRIMIDOS EVITAM O CONTATO VISUAL. ASSIM NÃO PRECISAM EXPLICAR O MOTIVO DE SUAS ANGÚSTIAS. ~~SÃO OS QUE NÃO~~ ACHAM BASTANTE COISA, MAS SEU INTERESSE POR QUALQUER UMA DELAS É PRATICAMENTE NULO

III - OLHAR PERFEITO PARA COLETORES. (OU PARA O DIA-A-DIA...); ALÉM DE ACHAR VÁRIAS MIUDEZAS, ESSA ANGULAÇÃO EVITA PESSOAS QUE DISTRIBUEM PAPÉIS NAS RUAS, ASSIM COMO AQUELES QUE DIZEM SÓ QUERER UM MINUTO DA SUA ATENÇÃO E TERMINAM OU QUERENDO FAZER UM CARTÃO DE CRÉDITO OU UMA CONVERSÃO RELÂMPAGO.

~~NUNCA JÁ TER VISTO MUITOS BOTÕES NO CHÃO~~

SEMPRE ACHEI MUITOS BOTÕES PELO CAMINHO MAS NÃO ME ATINHA MUITO A ELES. QUANDO PEGUEI O PRIMEIRO QUE COMECEI A PENSAR SOBRE

DIA 3

Vou abrir um parêntese de minhas responsabilidades acadêmicas para retomar aqui esse lance do rosa-Gabriel. É maluco como uma cor pode dominar a sua vida e você começa e ser permeado de/para/por ela. Não só você, como também os que te rodeiam.[154] Ancoragem emocional.[155] É isso. É o que faz uma coleção. Talvez seja um caminho sem volta. Sinto também que fui transformado ao longo desse processo.[156] Quando comecei essa pesquisa, até então intitulada Para Gabriel, [vírgula], só queria expressar o estado de espírito apaixonado que é tão raro em mim. Imagina sucumbir a tal irracionalidade? E hoje eu não me reconheço. Me coloco em dúvida. Continuo achando difícil encontrar, mas hoje mais fácil que ontem. Acho que me abri para esses afetos. Preciso assumir também que eu negligenciei a América Latina e esses meninos latino-americanos pelos quais venho me apaixonando. Gabriel, Miguel, Juan... Virei uma dessas bixas românticas que sempre critiquei – com uma inveja por trás. Mulheres apaixonadas. Gosto mesmo é dos primeiros encontros, decidir me apresentar de um modo bruto, correndo o risco de afugentar o amado em vez de performar o que o outro – o que você deduz que o outro – vai gostar, como em outras relações banais-sexuais. Deixa-me feliz me apresentar tão livre e vociferar essas maluquices que configuram minha existência. No meio do caminho, eu percebo que estou passando dos limites, e vou um pouco além, aos moldes Tulíssimo.

Aii aii como me ensinam esses meninos latino-americanos...

---

[154] "O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirido). Tudo o que é lembrado, pensado, consciente torna-se suporte, pedestal, moldura, fecho de sua posse." BENJAMIN, Walter (2018, v. 2, p. 348)

[155] "[...] ancoragem emocional, antes de aparecer como conceito pensando para o trabalho dos clipes de papel encontrados, é um procedimento de vida (também ritualístico), em que me interessa construir redes. Ele pode vir a ser a elaboração de um primeiro sistema nesta pesquisa para pensar a circulação do trabalho e do pensamento em arte na contemporaneidade." AMORIM, rafael (2020, p. 19)

[156] "Ora, é exatamente isso o que passa com o grande colecionador em relação às coisas. Elas vão de encontro a ele. Como ele as persegue e as encontra, e que tipo de modificação é provocada no conjunto das peças por uma nova peça que se acrescenta, tudo isso lhe mostra suas coisas em um fluxo contínuo. [...] (No fundo, pode-se dizer, o colecionador vive um pedaço de vida onírica. Pois também no sonho o ritmo da percepção e da experiência modificou-se de tal maneira que tudo – mesmo o que é aparentemente mais neutro – vai de encontro a nós, nos concerte.)" BENJAMIN, Walter (2018, v. 2, p. 349)

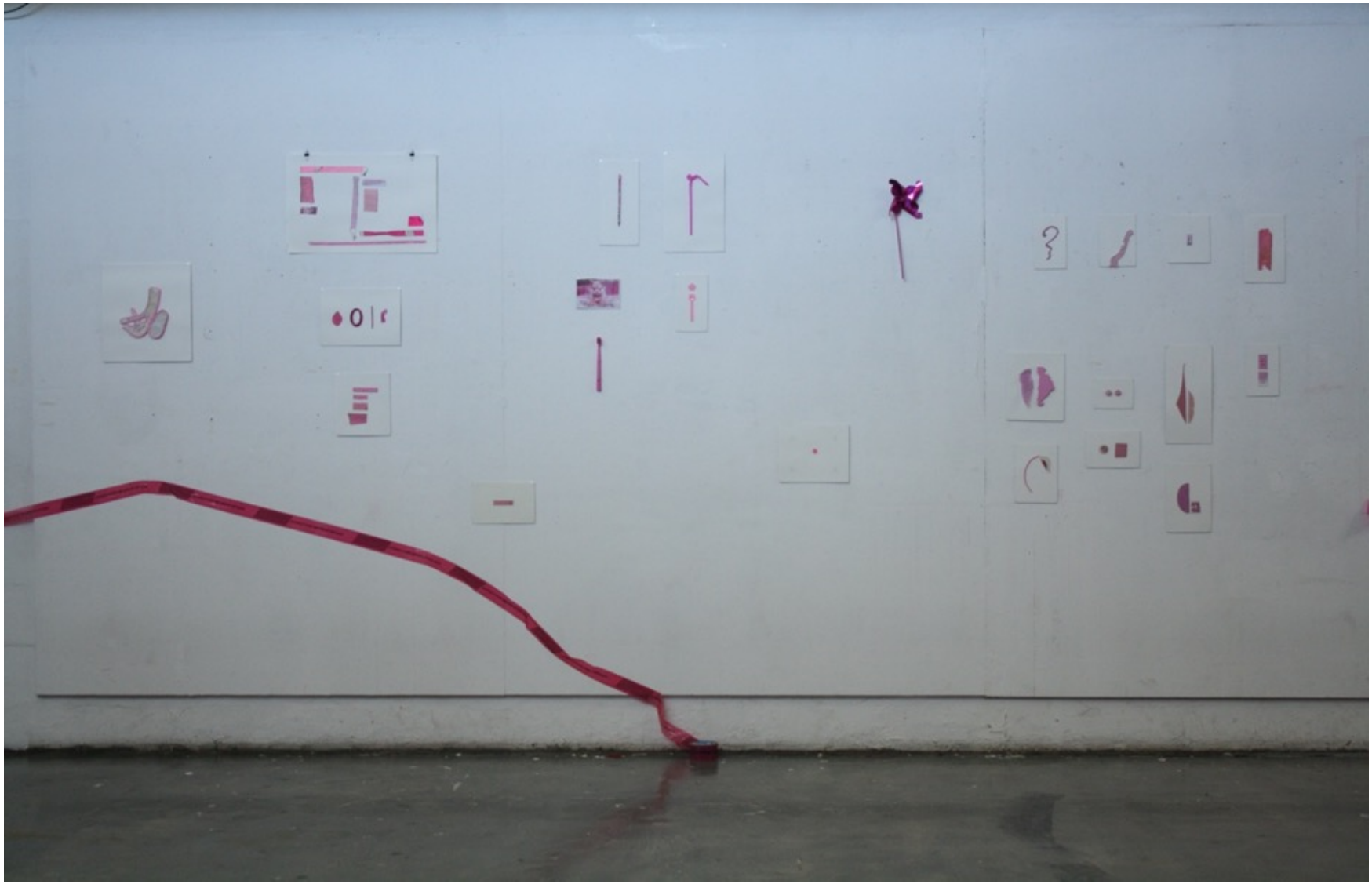
Por fim, imerso nos *Fragmentos de um discurso amoroso*,[157]

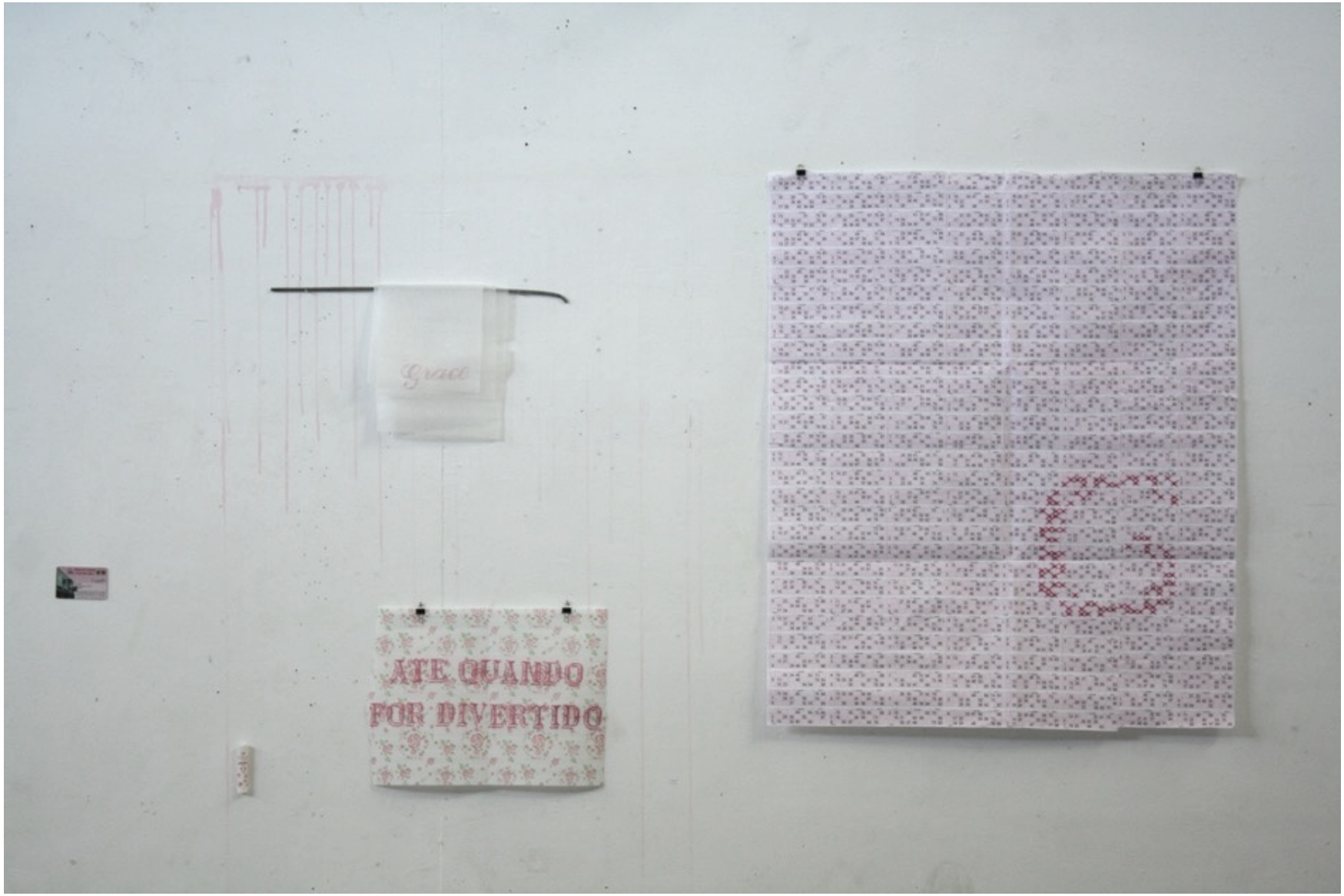
Gabriel[158] é uma ficção.

Assim como Miguel, Pedro e Juan.

[157] ROLAND, Barthes (2018).

[158] *Figuras 7 e 8 – Detalhe da exposição Para Gabriel, [vírgula], 2019. Saguão do quinto andar – IA/Unesp. Fonte: Acervo pessoal do autor.*




Graça
ATÉ QUANDO
FOR DIVERTIDO

DIA 4

Atuar como entregador ciclista, da UberEats[159], tem sido uma experiência de solidão e entrega – ao acaso e de comida. Consciência da ausência de controle.





[159] *Figura 9 – Ferramentas de trabalho (o saco e o gancho): mochila da UberEats e bicicleta Caloi 10. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Por falta de espaço, tempo, dinheiro, investimento, interesse e disciplina, os objetos saem e voltam para suas caixas, sacos e envelopes, de tempos em tempos, e se armazenam embaixo do balcão desse ateliê improvisado, também entendido como casa. É um dado que eles nunca voltam acompanhados dos pares que estavam antes e articulam novas relações. Alguns outros, felizardos, se organizam em coletividade, se configuram em escultura e embelezam as paredes dessa residência modular, na zona norte de São Paulo.

Assim como os objetos são arquivados, os anos vêm e vão e eu me planejo para que as coisas sejam diferentes da próxima vez, mas a falta de espaço, tempo, dinheiro, investimento, interesse e disciplina nunca propiciam uma mudança radical. O que não significa que ela não aconteça, de modo mais singelo e honesto: gentileza, elegância, delicadeza, sensibilidade, alegria e carinho. Obrigada pelo combo de felicidade que é você, por alegrar as manhãs… arisco, pragmático, esnobe, irritadiço, impaciente, bravinho, crítico, debochado, mandão, sistemático, controlador, ansioso, extremamente preocupado e tantas outras características que tive que engolir a seco – ou com sertralina[160] – em 2020 e 2021. Ufa!

O que me deixa feliz, na verdade, é que afora tudo isso mais que um colecionador eu sou um grande cuidador. Tendo a proteger com afinco quem me circunda, o que não significa que verdades duras não sejam ditas. Um colega me disse que sou um humanista. Imaginem só? Justo eu que crio monstros… meu coração se encheu de alegria por sua sensibilidade e eu me senti menos horrível do que me acho às vezes.

Enfim, para 2022 quero emprego para os meus pares, para que possam comprar boa comida e roupas bonitas, saúde em abundância e tempo livre para que desfrutem do que restou da festa. E amor. E carinho. E cuidado.

Ser feliz sozinho não faz sentido.

[160] Remédio antidepressivo.

DIA 5

A violência do território se mede pela velocidade das passadas.[161] A violência do território se mede pela velocidade das passadas. A violência do território se mede pela velocidade das passadas. A violência do território se mede pela velocidade das passadas. A violência do território se mede pela velocidade das passadas.

[Repetindo mentalmente para não esquecer, até encontrar um lugar seguro para transcrever em meu bloco de notas.]

[161] “As bixas nunca voltam a cabeça para trás quando ouvem vozes suspeitas, seguem em frente e apertam o passo. É a única atitude meio política que seguimos mantendo por questões de sobrevivência: sempre em frente, sem olhar para trás, e se puder ser rapidinho, muito melhor. Chegando em casa, já colocaremos os pés na salmora.” (VIDARTE, 2019, p. 154-155)

DIA 6

Uma vida inteira pra dar conta[162].

[162] *Figura 10 – Uma vida inteira pra dar conta II. Registro de instalação site-specific de 2018. Fonte: Acervo pessoal do autor.*





As pessoas se arriscam por tão pouco. Eu mesmo me pego aqui, nesses lugares inóspitos, recolhendo cápsulas de cocaína usadas e isqueiros coloridos para minha nova coleção denominada Vícios. Tudo isso a contragosto de minha mãe: “Se a polícia te pegar, até você explicar que é artista…” Ela tem razão. Contudo, não resisto ao fascínio desses objetos vibrantes. No mais, tenho achado triste encontrar mais vício que esperança nas cidades.

DIA 7

Se eu questiono minha própria ordinariedade artística? Claro! Acho que tem algo muito errado acontecendo quando sua maior felicidade é achar um clipe abandonado nas ruas.[163]

[163] “Sou a favor da arte de objetos perdidos ou jogados fora na volta da escola.” OLDENBURG, Claes (2006, p. 70)

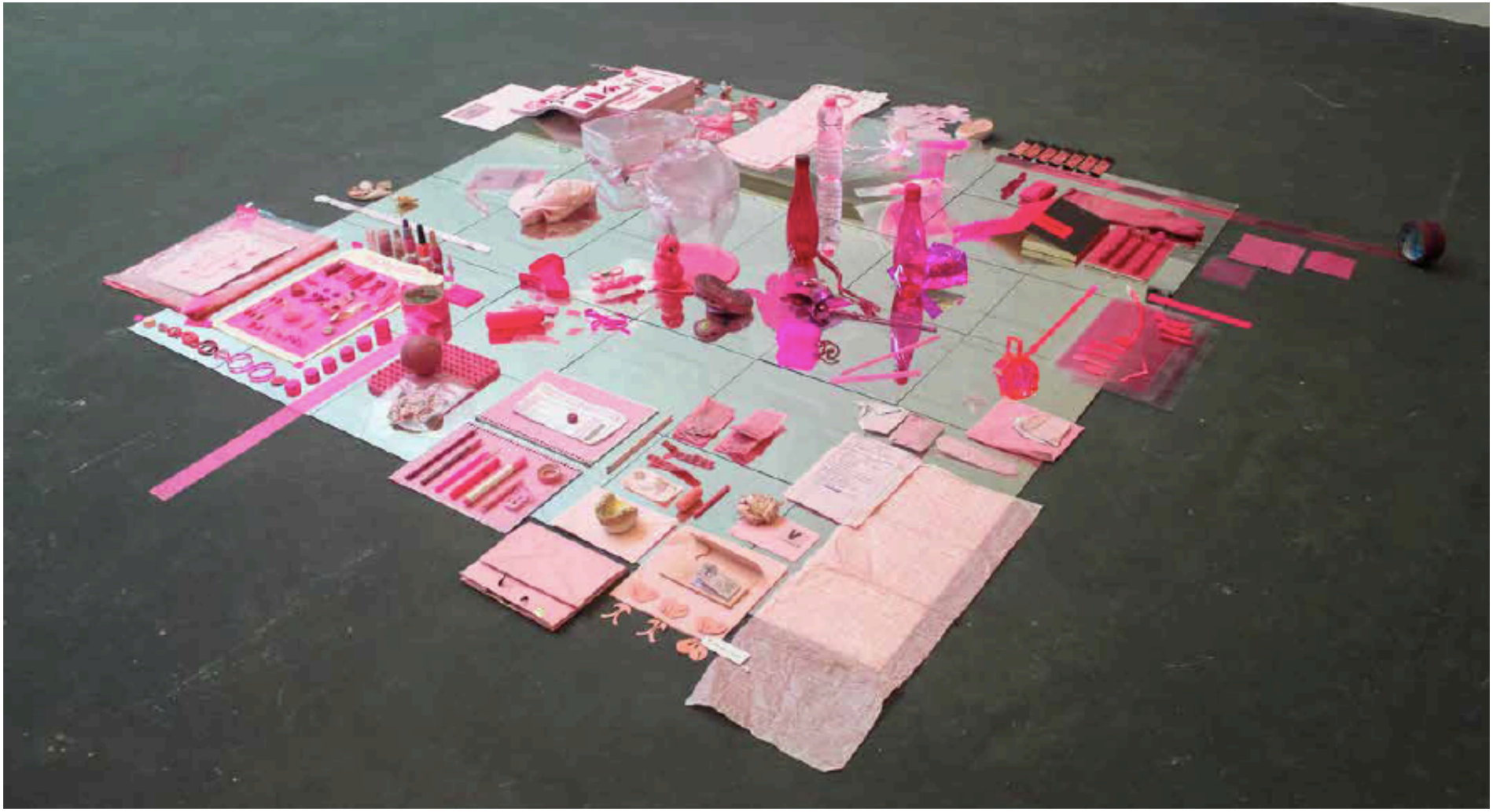
DIA 8

Não consigo parar de pensar nos objetos que ficaram de fora da exposição. Descartados. Ou naquele buraco espelhado que se formou no chão da galeria, que absorve tudo e que não consigo não parar de olhar, a que me imagino constantemente sendo absorvido por aquele reflexo e ficando preso debaixo daquela estrutura toda, sendo representado apenas por essa ficção “rosa”. É este que é o tal Gabriel? Sim, estou me relacionando com ele há 15 meses. Sou um narcisista. Só sei falar de mim. meu trabalho não é sobre a cor. Não sou um entusiasta da teoria da cor (e da luz), mesmo o trabalho dando esses indícios... Roxo não é rosa, rosa não é vermelho! Quais os limites do rosa? O abandono, a beleza do abandono, do descarte, do encontro, do resgate, da insignificância, da sutileza, a materialidade; alguns resquícios de romantismo, bixice, homoafetividade, solidão, paixão, vazio, feminino, artificialidade, masculino (sim!), leveza, peso, obsessão, caos, tentativa de organização, acúmulo, sujeira, ficção, autobiografia... e meu próprio corpo-vestido, recolhendo essas impurezas-poéticas pela cidade. Esse corpo-vestido inventado. O kimono de seda vintage é luxuoso, minha imagem “de moda” flutua por uma “sofisticação”, mas não se deixem enganar, meus caros: estou muito mais para um andarilho do que para outra coisa... estou mais próximo daqui do que de lá. Feliz de observar o quanto a minha formação “em moda” se faz presente no meu trabalho “de arte”. Esta é a coleção de roupas que nunca fiz, e que é articulada como tal: os objetos podem ser pensados isoladamente, como uma peça de vestuário ou acessório, em pequenos conjuntos como num “styling”, em macroconjuntos, como num mix de produtos, ou no todo, como num desfile. Desculpem, me formei assim: chic. O resultado é publicitário, segundo Juliana, mas que com muita generosidade também diz que é uma pintura expandida: observada pelas nuances de tons, texturas, volumes, misturas, vibração, composição, equilíbrio, e tantos outros termos da área, tão bonitos que nem consigo recordar de tão emocionado que fiquei. É bom pôr um trabalho no mundo. Lembrei agora que na primeira série, com 7 anos, eu respondi que queria ser pintor quando a professora perguntou o que gostaríamos de ser quando crescer... ela não entendeu muito bem e me indagou: de paredes? Eu disse: não, de quadros! Nunca pintei nada de fato, mas sou bom em articular respeito, em juntar coisas. Para comigo, para com o outro, para com o objeto: meu trabalho é sobretudo

sobre afeto. “Fiquem perto dele, que ele vai ser famoso.” A gente inventa qualquer coisa para ser feliz, não é mesmo? Gabriel é uma ficção[164].

[164] *Figuras 11 e 12 – Vista da instalação, Gabriel é uma ficção, [vírgula], na exposição do III Jornada de Pesquisa em Artes. Fonte: Catálogo da exposição.*





DIA 9

Uma exposição bonita[165] não é suficiente para estruturar uma vida em ruínas.[166]

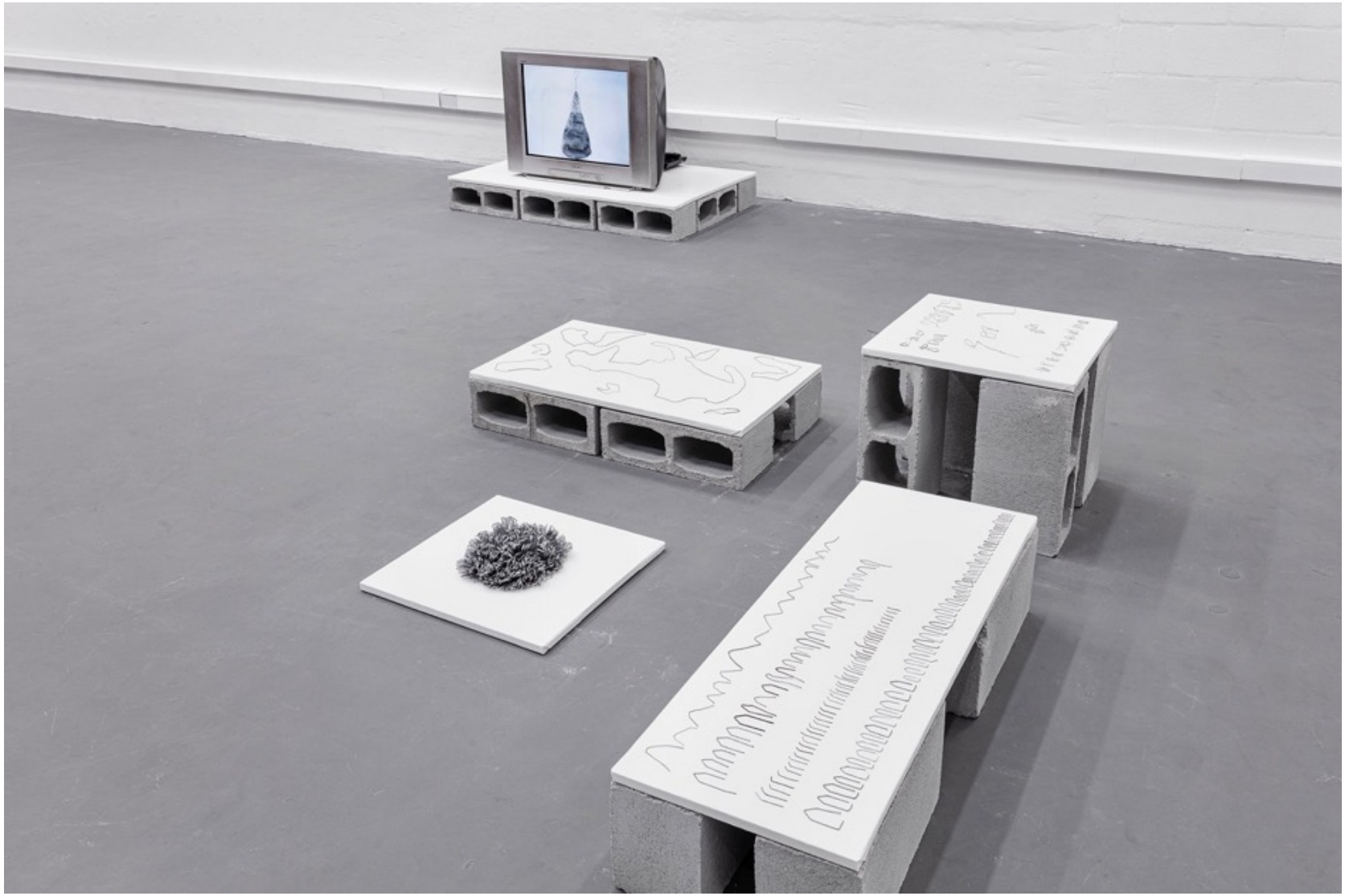
[165] *Figuras 13 - 18 – Vistas da minha exposição individual De aspirante a estilista de sucesso a catadora de clipes. Fonte: Acervo pessoal do autor (registros por Filipe Berndt).*

[166] "não nasci
para ver o mundo
desabar em minha cabeça
exijo uma retratação
antes da reconciliação
uma redistribuição
de todas as ruínas." AMORIM, rafael (2023, p. 26)













DIA 10

O ano iniciou com muita merda e muita chuva no centro de São Paulo. Enquanto isso eu estou aqui tentando preencher todos os espaços vazios desse caderno de rascunho, que eu mesmo fiz, antes de descartá-lo. São tantas horas demandadas de informações, planejamento e trabalho nessas anotações que me fazem desistir de desapegar do desapego. No fundo, tudo isso não vale de nada! Exceto quando preciso relembrar alguma informação e vou buscando na desordem a informação escrita, visto que as páginas não são datadas e, por vezes, não sei de quando se trata, pois o cotidiano é o mesmo. No lugar do dia, mês e ano, eu escrevo HOJE – listando o que precisa ser feito hoje –, AMANHÃ – o que precisa ser feito amanhã – ou SEGUNDA-FEIRA – anotações feitas na sexta-feira, e que considero as mais importantes, já que tendo a apagar minha memória destinada ao escritório no fim de semana. Tudo isso para dizer que ele vai para o lixo, mais cedo ou mais tarde, junto a outras experiências sem serventia. Me assusta esse meu apego com o desapego (ou seria o desapego com o apego? Não sei bem... acho que essa frase não faz sentido nem de um jeito, nem de outro, mas gostei dela). O velho senhor negro, engraxate, da Praça da República, urina discretamente dentro de uma garrafa pet,[167] tentando esconder seu pudor, por trás da estrutura de madeira onde seus clientes se sentam para terem seus sapatos escovados e ficarem mais brilhantes. Ele faz isso todas as manhãs, e possivelmente ao longo do dia, todos os dias. Não há mictórios ou banheiros públicos na Praça da República. Em diálogo, cada árvore dos canteiros centrais do centro de São Paulo se transformara em sanitários completos. Os dejetos humanos, vez ou outra, são cobertos com tecidos, peças de roupas e outras superfícies têxteis (trapos) quase como um pedido de desculpa, ou uma tentativa de esconder as vergonhas, que não são deles necessariamente, mas de uma sociedade inteira. Uma vergonha de uma sociedade inteira. Iniciar o ano comprando roupa nova, refletindo qual imagem eu quero construir daqui pra frente. Este ano, meu guarda-roupa completa 10 anos e parece que já não me correspondo com ele. Pode um trapeiro comprar algo novo ou deve ele estar circunscrito apenas à busca incessante no “garimpo” de brechós, bazares e doações? Tristeza estrutural talvez seja essa falsa alegria de entrar num

[167] Cf. “Uma pequena coleção de mijos: ‘Todo ângulo de 90º é um possível mictório’”, p. 238.

shopping, poder escolher uma roupa dentro de uma grade de tamanhos. Sem muito esforço. Poder usar uma roupa do avesso. Tudo isso tem gosto de vômito.

DIA 11

Sou obcecado pela minha vida (ou até quando for divertido).



168

Meu querido amigo italiano, Francesco Careri, me disse uma vez que quando se perde tempo, se ganha espaço.[169] Fiquei pensando ontem o dia todo que isso se trata também de relacionamentos afetivos. E pra mim, que sou um burocrata, inculto, vulgar e pragmático, essa perda de tempo se apresenta numa condição um tanto aflitiva. Perder tempo, imagine só! Por isso vivo sobre minha magrela, pois na minha ilusão sensível-produtivista acredito cegamente que eu aproveite os dois com ela em

---

[168] Figura 19 – Até quando for divertido, da exposição Para Gabriel, [vírgula], 2019. Coleção particular. Fonte: Acervo pessoal do autor.

[169] "Quando estamos prontos para começar a andar, fico sabendo que já há alguns dias alguns dos líderes limparam um percurso do mato e da lama que o cobria, para chegar diretamente ao lugar estabelecido. É o primeiro obstáculo que aparece e procuro dizer que nunca se vai diretamente ao objetivo, seria fácil demais. Que o percurso mais breve nunca é o melhor, que há muitas coisas para ver ainda, que perdendo tempo ganha-se espaço." CARERI, Francesco (2017, p. 87)

simultâneo: tempo e espaço. De todo modo aqui estou, firme e forte, como uma banana esquecida na gaveta durante as férias do trabalho, tentando fazer acontecer essa arte inútil[170] que, infelizmente, não enche a barriga dos bichos da imundície do pátio e tampouco a minha. Risoto de tomate seco com muçarela de búfala e brownies cremosos de chocolate amargo com sorvete de pistache a base de leite tipo A são pagos com um outro ofício. Ana Raylander[171] estava certa: sou um artista amador e uma trapeira profissional, mas vez ou outra me orgulho dos meus cacarecos de parede (ou de chão) como na minha coleção Gabriel, que para mais um desespero da minha existência tem ficado mais famosa que os famigerados clipes de papel[172] encontrados e que possuem um valor superior pela sua condição de juntar, anexar, prender, unir. Concordo que o rosa é cativante, estimulante, vibrátil, além do mais todos amam uma história de amor para torcer, celebrar, seja na vida, seja na arte. Tudo isso pra dizer que sábado foi o último dia da exposição & domicílio conjugal na Ista Galeria em Porto Alegre, onde eu apresentei, mais uma vez, a coleção rosa, na materialidade da instalação Gabriel é uma ficção, [vírgula], na apresentação da carreira *Gabriel é um vício I e II* e na performance *Minha primeira tatuagem* onde gravei no meu próprio corpo as 7 letras que compõem essa minha ficção romântica: G-A-B-R-I-E-L, em caixa-alta, virada para meu olhos. É a primeira coisa que vejo pela manhã: olho para ele, e ele me sorri de volta. O que poderia vir depois disso? Talvez uma nova instalação, ainda mais sofisticada como mandam os critérios da grande arte? Novas organizações no acrílico dos pinos de cocaína em tons infantis? Uma nova tatuagem em vermelho na coxa esquerda para não deixar esquecer de Pedro? Ou um novo "Gabriel" da Barra Funda, que apareceu de olhos azuis e um clipe de papel no furo da orelha esquerda, só para me provocar. Enfim, muitas possibilidades. Por ora, comprem meus trabalhos enquanto ainda estou viva.

---

[170] Cf. SILVEIRA, Marcelo (2016)

[171] Ana Raylander Mártis dos Anjos (MG, 1995) é nascida no cafundó do mundo, atualmente vive em São Paulo. Em sua prática procura estabelecer um diálogo entre a história coletiva e a sua própria história, o que tem chamado de prática em coralidade, envolvendo grupos de pessoas para colaborações e experiências de aquilombamento. Com formação em palhaçaria, bacharelado em artes visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e arte e multimédia pela Escola Superior Gallaecia (Portugal), entende sua atuação como um fazer interdisciplinar e transversal. Vem recorrendo com frequência aos saberes da educação, escrita, performance e brincadeira como forma de compor um maquinário verbal, corporal e ético para discutir suas urgências em projetos de longa duração.

[172] Cf. "De aspirante a estilista de sucesso a catadora de clipes", p. 258.

 [173]

[173] *Figura 20 – Vista da exposição & domicílio conjugal, realizado na Ista Galeria, em Porto Alegre/RS, novembro 2021. Fonte: Acervo pessoal do autor.*



[174]

[174] *Figura 21 – Gabriel é um vício I e II. Pinos de cocaína encontrados e caixa de acrílico. Dimensão: 20 x 4 x 6 cm cada. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Na cidade nós vemos aquilo que queremos ver e o que quer ser visto. Hoje eu encontrei um pedaço de plástico amarelo que claramente queria ser visto. Primeiro, pela sua condição amarela e, segundo, por estar descansando, pálido, no meio do meu trajeto. Eu até segui com minha bicicleta alguns metros à frente, mas tive que voltar. Dobrei-o com carinho e terminei meu trajeto até o trabalho com ele nas mãos. Sua textura é fascinante. Fiquei com vontade de pintar uma flor boba com tinta espessa branca e rebordá-la com canutilhos. O desejo por roupas novas não passa. Não quaisquer roupas, àquelas que considero adequadas para minhas altíssimas exigências, e eu fico por semanas, meses, esperando que o desejo passe, ou cesse, e quando não acontece, faço o esforço e entendo que o investimento vale a pena ser feito. Uma negociação gigantesca, de mim para comigo mesmo, para algo que deveria ser usual: uma roupa nova. Eu me defendo enquanto atitude sustentável, mas na prática é só falta de grana mesmo. Ao mesmo tempo que essas coisas precisam fazer um pouco mais de sentido antes de entrarem aqui em casa. Talvez tudo isso seja só ansiedade por saber que terei que me qualificar em breve e ainda este ano serei chamado de mestre. Medo bobo do porvir.

Sentado aqui a esta velha mesa, de minha avó Juenir Mendes, eu avisto a mesma velha toalha. Se não for a mesma era outra bem parecida com uma estampa feia semelhante. As coisas da casa mudaram tão pouco em todos esses anos que eu fiquei pensando nessa relação do tempo e da casa de nossos avós: é como se elas parassem em determinado tempo e só envelhecessem, e mesmo quando surgem pratos e talheres e toalhas novas, eles compõem o velho. Outra coisa que relembrei ali naquela cadeira velha – que por sinal eu lembro de quando eram novas e suponho já parecerem velhas à altura – era que eu preferia presunto a queijo. Meu pai trazia da padaria do japonês pão francês, que ainda continuam excelentes e custam menos de 1 real, e frios finamente fatiados, o oposto dos vendidos no Mercado Líder. O presunto era mais doce que o queijo, por isso gostava mais dele. Eu adorava o doce,

hoje eu prefiro só queijo mesmo, mas ali, sentado àquela velharia, eu quis comer um misto-quente em pão de forma branco, que eu também deixei de comer há muito, e tudo isso, nessa velha estrutura da casa, me soou tão bom. Tão delicioso. Que eu comi outros 3 iguais ao longo desses dias. Também me permiti tomar litros de refrigerante e comer tanta carne que estou há duas semanas digerindo. Os freezers, inclusive, estão abarrotados de carne e peixes e outras "misturas" congelados que não serão engolidos tão já. Eu sei que as imagens da miséria que viveu meu avô José Antônio jamais serão vistas nesta velha casa. Falando em comida, os 15 quilos que ganhei nesses últimos meses não passaram despercebidos e foram assuntos em todas as rodas que estive. O peso é um tema comum aqui. De quem está na roda e de quem não está. Questiono uma amiga e ela responde que, além da gordofobia, eles não sabem de praticamente nenhuma outra fobia. A bolha só se apresenta quando nos afastamos dela e eu preciso alertá-los de que será difícil competir com os 8 mil reais da participação dos lucros da empresa bolsonarista. No mais, adoro ver os velhotes andando de Monark. Ainda sobre a casa: ruínas! Enquanto eu tento relembrar qual dos autores abordam esse tema: Walter, Didi, Douglas, Caetano… enquanto eu teorizo bobagens, um pequeno caramujo habita a parede arruinada daquele velho banheiro.

Arruinada! Eu adorei esse adjetivo.

[…]

DIA 12

Delusional! Churrasquinho do Kaka, nova administração top do Brasil. Outro casal, a mesma ambiência – é muito difícil identificar a diferença entre aqueles que bebem da mesma fonte: loira odonto, empreendedor tradicional. Tédio. Blasé. Zappeur. Flâneur.[175] Se os catadores do campo se chamam respigadores, os da cidade trapeiros, como se chamariam os catadores do litoral? Seis respostas para uma despedida. Chegou a minha vez de maltratar:[176] agora é a sua vez de ser o outro[177]

[175] "O flâneur, portanto, é o leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto." MASSAGLI, Sérgio Roberto (2008, p. 57)

[176] Trecho da música: "Rolê (vai beber, vai chorar, vai ligar)", do cantor Tarcísio do Acordeon com participação de Marcynho Sensação.

[177] Trabalho de Agrippina R. Manhattan, exposto comigo na exposição Terreno Baldio: exp. I, na cidade de Viçosa/MG, em 2019.



178

[178] *Figura 22 – Vista da exposição Terreno Baldio exp.1, Pinacoteca da UFV – Viçosa/MG, 2019, com as obras: Agora é sua vez de ser o outro, de Agrippina R. Manhatan[178] e Esperança de uma vida inteira, de Tulio Costa. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

DIA 13

“A gente usa a ficção[179] pra contar a nossa verdade.”[180] davi jesus do nascimento[181]

Vez ou outra questiono minha capacidade de sonhar. Esse “sonhar depois de adulto”, que frequentemente aparece aqui nos meus textos, que considero primordial pra uma vida transcendente e que é tão difícil quando a realidade – boletos, cobranças, profissão, expectativas, formação – bate na porta. E me pego questionando isso, pois sou muito apegado às possibilidades reais, a uma espécie de objetividade nessa “invenção de uma vida inteirinhaaaa para ser feliz”. Menos fantasia e mais concretude. Menos ideologia e mais execução. O que me deixa feliz, por sentir a terra e os pés no chão e conseguir me deslumbrar com essa realidade ordinária que me circunda, que eu tanto amo, e que é tão presente no meu trabalho-vida; e me deixa mal também, por não conseguir sonhar com a praia, já que tenho uma praça aqui do lado, ou com alta-costura, já que acesso vestidinhos de seda de 20 reais. Os fracassos[182] nos fortalecem, mas também nos cansam.

Não creio que as coisas sejam dissonantes ou se contraponham, como tenho apontado aqui, mas pelo visto eu ainda não estou sonhando o suficiente, grande o

---

[179] “Somente quando passarmos a aceitar a autonomia da ficção é que poderemos viver a vida como arte, ou a arte como vida, não importa a ordem.” FABRINI, Verônica (2014, p. 12)

[180] “quando nasci alevim, em 1997, no fulgor norte-mineiro, banharam-me com o mesmo nome de meu pai, Davi de Jesus do Nascimento. sou barranqueiro curimatá, arrimo de muvuca e escritor fiado. gerado às margens do Rio São Francisco – curso d’água de minha vida – trabalho coletando afetos da ancestralidade ribeirinha e percebendo ‘quase-rios’, no árido. fui criado dentro do emboloso da cumbuca de carranqueiros, pescadores e lavadeiras. o peso de carregar o rio nas costas bebe da nascente dos primeiros sóis que chorei na vida. sustentar na cacunda a carranca tem feito eu sentir a força do vento de minha taboca envergada no seguimento da rabiola solta que desceu em espiral gongo caracol envoltório para o calcanhar direito como cobra, isca, peixe e pedra.

[181] davi jesus do nascimento (Pirapora/MG, 1997) vive e trabalha em Pirapora. É artista barranqueiro criado às margens do Rio São Francisco – curso d’água de sua vida. Nascido em família de pescadores, lavadeiras e mestres carranqueiros, trabalha coletando afetos da ancestralidade ribeirinha e percebendo “quase-rios’’, no árido.

[182] “Que tipos de recompensas o fracasso pode nos oferecer? Talvez o mais óbvio é que o fracasso permite-nos escapar às normas punitivas que disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano com o objetivo de nos resgatar de uma infância indisciplinada, conduzindo-nos a uma fase adulta controlada e previsível. O fracasso preserva um pouco da extraordinária anarquia da infância e perturba os limites supostamente imaculados entre adultos e crianças, ganhadores e perdedores.” HALBERSTAM, Jack (2020, p. 21)

suficiente, ambicioso o suficiente, melhor o bastante, e tenho caído, mais uma vez, nessa tentativa de resolução de uma vida banal, nessa mediocridade da minha existência, que fujo como o diabo foge da cruz, desde que me entendi enquanto sujeito, e isso foi bem cedo... Bixa, né? Não tem tempo a perder.[183] Enfim, é isso. Eu sou uma fraude. Sou uma grande farsa. Mas não sou tolo, disso me orgulho, e me cerquei dos bons: preciso ouvir mais o Andrey Koens,[184] dialogar ainda mais com o Marcel Couto, reler as promessas[185] de Ana Raylander Mártis dos Anjos, relembrar os cafés majestosos de Pedro Rodrigues,[186] reviver os aprendizados no ateliê de (e na vida com) Lucas Barros,[187] e, é claro, Isabel Divina, minha mãe, e seu desejo utópico de ficar rica recolhendo clipes abandonados... quer sonho maior do que esse? Pois não há, e aqui me vejo confinado a realizar esse sonho impossível, da pessoa que mais amo, tendo ela abandonado os próprios pelos meus. Pelo visto já tenho a resposta.

A gente vai fazendo tudo o que é possível e quando nos damos conta estamos mortas. Ou falidas. Ou doentes. Ou infelizes. Eu até acordei no horário hoje, mas voltei a dormir por vaidade. Dormir sozinho hoje abriu espaço para comer pão com mortadela e leite com café adoçado para lembrar de vó Geni. Foi difícil sair de casa. Saudades de casa, aliás. Hoje seria o dia perfeito para fazer home office, mas não foi o caso.

[183] "Nós, bixas, temos tanta paciência? Eu com certeza não. Felizmente, essa metáfora, que nada tem a ver com o darwinismo social, não fala de prazos, mas da necessidade e da urgência de inventar coisas, de mudar o que é dado, de sacrificar muito, de ter vergonha na cara, como eu estou tendo, de errar muito, de arriscar nas estratégias, de quebrar a cara e levantar, de não ter medo do que possa cair em cima de nós na nossa tentativa de encontrar caminhos inovadores para a militância e o desbloqueio do movimento LGBTQ. [...] É preciso inventar, criar, desenvolver, pôr em prática todos os mundos possíveis melhores que este para as bixas." VIDARTE, Paco (2019, p. 104-105)

[184] Cf. nota 293, p. 262.

[185] ANJOS, Ana Raylander Mártis dos (2020).

[186] Cf. nota 300, p. 296.

[187] Lucas Barros (Palmeira dos Índios/AL, 1984) é arquiteto e urbanista por formação (FAU/Universidade Federal de Alagoas), desenvolve experimentações com estamparia artesanal em tecidos e diversos materiais que servem como suporte para busca de novas texturas. Com uso de serigrafia, pintura à mão, lavagens, bordados e tingimentos manuais, suas peças passam por processos que podem levar dias para o resultado desejado. O designer busca referências na natureza, na aparência inacabada e de construção da cidade, no reciclado, orgânico e instintivo. Também tem paixão pela cultura popular brasileira, e o uso recorrente da sua memória afetiva em seu trabalho vem da infância no interior de Alagoas. Improviso, fragmentação e espontaneidade são alguns dos conceitos encontrados em seu universo criativo.

Dia sim, dia não, o segurança da Porto Seguro me cumprimenta pelas manhãs. Ele não me conhece. Os dias que ele não me cumprimenta é porque ele não está lá. Anteontem ele também não me cumprimentou, pois parecia estar numa conversa importante no celular, acredito que com a companheira. Mais adiante uma senhora negra sentada em frente a um carrinho me remete à *Preta quitandeira*, pintura de Antonio Ferrigno. Um senhor planta flores vermelhas na calçada. Um senhor velho, branco, andando de bengala pede ajuda ao gari, que segura uma garrafa de guaraná Antártica de um litro e meio, para atravessar a rua. Ele aceita. Fiquei contente pela gentileza. Contraste das peles, das cores das roupas e da geração dessas duas figuras. Mais à frente, na Praça da República, observo um outro velho senhor sentado. Sua calça e seu sapatos são feitos de trapos. Por nós, meticulosamente apertados, dados nas tiras dos tecidos esgarçados. Não sei por que ainda não tive coragem de perguntar o nome dele. Um outro homem, na mesma praça, faz uma cabana para se proteger do sol. Um teto ondulado suspenso por dois pedaços de madeira, aberta por vários ângulos. Ele descansa aproveitando seu ócio-estético-valioso.[188] Ao chegar no sinaleiro, fico apavorado com os pedestres atravessando no farol aberto para os automóveis. Eu fico desesperado com essas pequenas coisas, com essa falta de apreço às regras, mas dessa vez segui o bonde.

Era para eu ter ficado aliviado, mas, na verdade, não fiquei. Extremo oposto. Fiquei triste. O quarto, de fato, ficou maior e mais organizado, mas o vazio imperou naquele fim de noite. Para dissipar a melancolia comi 3 chocolates de sabores diferentes. Notei que cada um possui calorias diferentes. Consumi 650 kcal em poucas centenas de segundos e, para dizer a verdade, não adiantou muito. Decidi dormir.

Na pandemia escrevi que não existia mais a cidade como disfarce. Agora identifico que não tenho mais o outro como disfarce. A alteridade da cidade é o outro. Agora que não tenho nenhum menino para cuidar, quais serão minhas justificativas para não cuidar de mim mesmo?

[188] AMIGO, Maria Luisa; ARROYABE, Fernández de (2018).

Lembrei da obra *Cuidar de você, cuidar de mim*, que desenvolvi em 2019 para a coleção Para Gabriel, [vírgula]. Nele, bordo em técnica de ponto-cruz a palavra “cuidado” sobre um orçamento de oficina mecânica. Entendo que esse papel encontrado, com fundo rosa, é um indício de que alguém se importa e está cuidando do bem que possui. E que considero fundamental para qualquer tipo de relação que possuímos: com objetos, serviços e sujeitos.

Talvez meu trabalho, a minha poética, seja sobre o cuidar.



189

[189] *Figura 23 – Cuidar de você, cuidar de mim. Bordado em ponto-cruz sobre orçamento encontrado. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

DIA 14

Não consegui escrever nada em Belo Horizonte. Achei que seria a cidade onde eu mais conseguiria trabalhar e até foi, não nos textos, mas na experiência urbana como um todo. Estava muito ocupado conhecendo os habitantes e os desenhos geométricos das ruas cujos cruzamentos interpolam nomes de origem indígena e estados brasileiros. Conheci o muso Marcelo Venzon[190] e para a minha surpresa ele é bem maneiro: uma estrela que quer brilhar junto. Marcelo Subrin[191] tem celebrado minhas viagens e minhas pequenas vitórias. Marcelo Amorim[192] tem 45 anos (ele é de 77). Meu antigo vizinho Marcelo, filho da dona Cida, faleceu. Minha avó Juenir Mendes, que fazia anos naquela semana, com toda a sua sensatez, disse que não havia o que ser celebrado. A um fio de perder um filho. Não deveríamos celebrar a perda dos outros, infelizmente o fazemos. Encontrei muitos, muitos, muitos pinos. Existe mais vício do que esperança em BH. Não só os encontrei em quantidade, mas também em qualidade: encontrei dois raríssimos pinos dourados, e uns outros com um selo de qualidade do Inmetro. Acho que darão bons trabalhos. Hoje mesmo eu fiquei roxo de vergonha com a pegação nervosa ali no Mercado Novo. Fiquei um tanto desconfortável, mas ao mesmo tempo me permiti fazer algo ousado. Existe uma potência quando duas bixas afeminadas se pegam em locais públicos:[193] “Tá um calor

[190] Marcelo Venzon (Vitória/ES, 1990) é capixabixa e estudou arquitetura e urbanismo na Universidade Federal do Espírito Santo (ES) e na Associação Escola da Cidade (SP). Pesquisa as memórias, histórias e trabalhos de Zezinho, seu tio-avô, bixa vitrinista que trabalhou e viveu na cidade de Ribeirão Preto, entre as décadas de 1960 e 1990. “Tudo o que nos une, também nos separa.” É a partir dessa frase que direciona o olhar sobre o que lhe interessa. Lidar com pré-existências e entender o real como sendo o lugar do empilhamento e do conflito. Seus trabalhos dialogam com desenhos de estruturas existentes na cidade por meio de maquetes, esculturas e instalações site-specific. Os corpos são matérias, podem se tornar arquitetura e, portanto, são transformados a partir dos esforços que lhes são atribuídos.

[191] Marcelo Almeida de Carvalho (Bragança Paulista/SP, 1986) é arquiteto, produtor, maracatuzeiro e ciclista. Chegou até aqui salvo pelo RAP.

[192] Marcelo Amorim (Goiânia/GO, 1977), vive e trabalha em São Paulo. Coleciona e apropria-se de imagens para a partir delas produzir principalmente desenho, pintura e vídeo. Retiradas de acervos particulares, manuais, livros didáticos, mídias sociais, as imagens têm procedências diversas e parecem ser de um passado distante. Através de montagens e transposições o artista liberta intenções, particularidades e gestos contidos nas imagens com o intuito de revelar seu papel de conformadoras de comportamentos e levantar questões sobre os valores culturais históricos e sua evolução ao longo do tempo.

[193] “Você sai na rua, uma velha te olha atravessado, te chama de cadela e já te acusam de fazer algo errado. Você veste suas melhores roupas, suas plataformas mais maravilhosas, entra numa igreja

aí, né? Quer que eu traga um pouco de gelo?" Nós rimos! E continuamos em pé roçando nossas rolas duras ali no meio do pátio: "Quero te chupar todinho!" Fiquei vermelho da cor da banqueta do bar. Mais vermelho que a minha tatuagem inflamada, que clama Pedro, ou as obras de Lu Martins.[194] Ri muito por dentro e sorri ainda mais por fora. Não entendem a minha péssima dicção: respondi Tulio, anotaram Arthur. O feitiço de Thales[195] é o próprio sotaque mineiro.

O café da manhã solo anuncia a partida. Haverá festa com o que restar,[196] e nesse caso um melão amanhecido, geleia diet de frutas vermelhas esquecida na geladeira, ovos mexidos frios, pão francês miúdo da padaria versátil da esquina, um pedacinho de banana-da-terra cozida no canecão vermelho antiaderente Tramontina e café com canela preparado de modo não usual na cafeteira preguiçosa. Enquanto tomo café, analiso as novas produções de Andrey Koens[197] (UAU!) e danço *a la folie* (saudades, Louis Logodin[198]). Ouço Thales Henrique[199] dizendo: "Está bravinho?" Tenho pensado muito nele esses dias: nem tudo precisa ser brilhante! Tenho pensado também em homofobia internalizada, ou melhor, nos limites entre as preocupações/os cuidados afetivos e a homofobia internalizada entre nossos pares. Marcar um encontro comigo

---

que parece bonita e o barraco que armam porque supostamente você está quebrando algum código. Desafiando a gravidade." VIDARTE, Paco (2019, p. 112)

[194] Lu Martins é nascida no interior paulista. Desenvolve sua pesquisa em pintura que expande pelo espaço, procurando por ecos na literatura, sobretudo latino-americana, ativando sua existência enquanto caipira. Mestre em artes visuais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) com a dissertação "Hipérbole do vermelho: Guimarães por Djanira e vivências de luto|solidão|memória", juntamente à sua primeira exposição individual Hipérbole do vermelho na Galeria Alcindo Moreira Filho. Graduada em bacharelado e licenciatura em artes visuais (Unesp) e licenciada em pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP). Atua na Residência L.O.T.E. desde 2022.

[195] Thales Henrique Carvalho Rodrigues (Ipatinga/MG, 1990) é engenheiro civil, técnico em sistemas de informação. Atua no Nubank como auditor associado interno de TI. Entusiasta por literatura, ciclismo e música.

[196] MALMANN, Francisco (2018).

[197] Cf. nota 293, p. 262.

[198] Louis Logodin (1986, França) trabalha nas artes cênicas e na diplomacia cultural. Adido cultural em São Paulo (2017-2020), retornou à França no fim do seu mandato. Agora, mora em Paris e é muito emocionado pela sua estadia no Brasil.

[199] Cf. nota 195, nesta mesma página.

na segunda-feira e voltar com o ex no domingo. Boa sorte! Nem sei o que pensar! Penso que ainda foi a melhor decisão ter escolhido a segunda opção. A primeira, seria um desses romances avassaladores de férias alagoanas que mexeria demais com as minhas condições emocionais, que, cá entre nós, já não estão muito boas. Como seria frequentar o Kaka[200] de alcinhas? Ou trajar um top Lavini Brand,[201] com a saia *umbrela rainbow,* para tomar um sorvete à tarde na Bali,[202] com minha amiga Evelin,[203] enquanto observamos o comportamento das famílias vizinhas? Ou exibir minha bunda branca em uma tanga nas praias da orla mais bonita do Brasil? Usar pedrarias na boate de domingo e dançar com os meninos baianos, chapados, recém-conhecidos na pista de dança?[204] Voltar ao batom vermelho quando as máscaras não precisarem mais cobrir nossos lábios. Saudades de minha bicicleta. Sinto que Maceió me revigora tanto quanto os encontros com Isabel Divina, minha mãe. Sinto também que não estou preparado. Errata: o Nordeste não é um estado de espírito. O estado de espírito é a minha condição sudestina que não dá conta dessa liberdade outra. Estou tão passada! Estou choroso aqui no aeroporto, trocando imagens de olhos lacrimejados com Lucas Barros.[205] Achei que fosse ter uma crise, ali mesmo no aeroporto, mas respirei fundo. Sinto que cada vez que eu venho para Alagoas eu aproveito só um pouquinho para ter a justificativa de voltar o quanto antes. Eu até gosto que os planos não funcionem como deveriam, para agilizar a volta e passar mais um tempinho sentado na minha toalha verde manchada na praia em frente ao McDonald's, comprando água de coco na barraquinha do Alysson ou caipirinhas na

[200] Churrasquinho do Kaka Pub & Bar, Maceió/AL.

[201] Marca de vestuário feminino de Maceió/AL, onde Lucas Barros (Cf. nota 187, p. 146) atuava como estilista.

[202] Sorveteria tradicional de Maceió/AL.

[203] Evelyn Gomes (Arapiraca/AL, 1987) é diretora do LabHacker – laboratório focado em atuar nos pilares de política, arte e tecnologia com pedagogias de autonomias – desde 2017. Graduada nas ruas de São Paulo, cidade que adotou por doze anos, tem atuado como gestora de projetos, consultora em design de serviços e inovação social, sempre valorizando a colaboração e respeitando a individualidade de cada membro da equipe. Atualmente está se especializando em políticas públicas de cuidado, na área de saúde mental de ativistas e parlamentares. Como ativista, atuou nos coletivos Baixo Centro e Ônibus Hacker, com diálogos entre ocupações de espaços públicos, autonomia e políticas a partir das pessoas e vem atuando para a organização de respostas em casos de crimes e desastres socioambientais.

[204] Poema de Waly Salomão musicado por Adriana Calcanhoto. SALOMÃO, Waly (2014, p. 309).

[205] Cf. nota 187, p. 146.

do El Porteño, aguardando Leo Rocha[206] para se despedir de mim. Nove bixas desiguais[207] em uma casa e eu aprendendo com todas elas. Me sinto aquém nessa cidade, usando minhas roupas de mil anos atrás, enquanto todos exibem roupas novas o tempo todo – o tempo todo! Reparem nisso quando visitarem a cidade. Todos estão sempre limpos, recém-saídos do banho, com roupas limpas, passadas, e eu só consigo reparar no meu nariz suando 5 minutos depois de ter saído do chuveiro. Acho que falta um pouco de sujeira nessa cidade. Talvez Tulíssimo, [208] e sua performatividade cotidiana, faria algum reboliço aqui, minha inconveniência, minha acidez, meu ultraje, meu desapego, meu deboche, minha insignificância, meus olhos ariscos, ferinos, ou talvez meus amigos estejam certos em suas preocupações e aqui só caiba o Tulio e essa camisa de algodão boba listrada (branco e azul claro, nem precisaria dizer!), pois o contrário eu só estaria morta. Uma sudestina morta na praia de Jatiúca. Nessa cidade verde e amarela, eu não viraria nem manchete, e as próprias crianças corajosas se juntariam e tentariam me arremessar ao mar, como aquele peixe morto. E o mar me devolveria de novo e de novo, e então elas me enterrariam na areia em um ritual fúnebre, ali mesmo, no sol de 32 graus, e voltariam a brincar. Mal sabem elas que o próprio mar me desenterraria, e outra pessoa teria que lidar com aquele corpo estendido na praia. Em 2017 escrevi sobre um corpo bixa, o meu mesmo, estendido no asfalto. Desculpem ser tão dramático às vezes. Um corpo dissidente é um corpo que sofre – nas tentativas de afirmação ou nas tentativas de anulamento. Na mesa do churrasco de terça-feira, independência do Brasil, percebemos que as 9 bixas desiguais possuem "a mesma história". E não há medidas para os esforços que precisam ser feitos para ser feliz. Eu mesma inventei uma vida inteirinha para ser feliz e estou particularmente emocionada com essa viagem. Bixa-feminino. Estou orgulhoso dos meus amigos – o antigo, e os recém-conhecidos.

[206] Leonardo Rocha (Maceió/AL, 1989) é graduando em enfermagem, com interesse em administração e gestão da saúde. Atualmente, trabalha em uma empresa de Home Care no Departamento Administrativo. Não se considera bom em falar de si, mas é leal aos seus.

[207] "[...] porque nós, bixas, somos todas diferentes, nenhuma é igual à outra, não existe igualdade entre nós, as sapas são desiguais, todas distintas, cada buceta, cada cu é um mundo. Que ninguém venha me representar: eu sozinha me afundo sem precisar botar a culpa em ninguém." VIDARTE, Paco (2019, p. 97)

[208] Tulíssimo é um apelido que recebi em 2009, em uma aula de italiano, e incorporei como codinome, nome de guerra, nome artístico, não sei bem como definir. Ainda que considere, hoje, Tulio e Tulíssimo um só, aqui eu os diferencio em duas supostas personalidades: o Tulio seria o clássico, o discreto, o tradicional e Tulíssimo o artístico, o exuberante, o ousado, o performativo.

Quando nossos amigos crescem, crescemos com eles. Colaborar com o sonho do outro faz parte do nosso. A vitória de uma é a vitória de todas. Mesmo que a distribuição dos benefícios ainda seja ineficaz, injusta, infeliz. Irresponsabilidade afetiva. É tão mágico tudo isso pelo simples fato de ser outra coisa: apesar da sofrência, ainda dançam. Haverá festa com o que restar e ainda resta muito. Fim da temporada MCZ.

DIA 16

Acho que ouvi pela primeira vez a palavra “vadiagem”. Até então, só a havia lido. Também não conhecia a palavra “botoeira”. A cidade art deco não encanta. Os rapazes, menos ainda. Mas aqui, no Zé Latinhas,[209] se concentra uma quantidade generosa de pessoas atraentes. Apesar de ter visto apenas uma ciclovia, o perfil dos ciclistas me entusiasma: nada de bicicletas finas ou metidas a elegantes, tampouco a performatividade estética dos fixeiros,[210] ao contrário, a ação social sobre duas rodas é da própria classe operária e das mães que carregam suas tralhas e filhos em bicicletas baratas que encontramos em qualquer hipermercado. Eu vibro! Na cidade, nada de vícios, só esperança mil enterradas em lama e numa terra mais vermelha que a cidade do pé vermelho, Londrina, Paraná. Disseram que eu tinha cara de gringo. Você se passa de venezuelano de boca fechada! Seu português é muito bom! Obrigado! Infelizmente, não o bastante para ter passado naquele processo seletivo, mas o suficiente para escrever essas bobagens aqui! Marcel Couto contra-argumenta: “Venezuelano nem é gringo!!!” Goiânia danada! Ainda ansioso para ver o que me espera.

[209] Café-Bar tradicional do centro de Goiânia/GO.

[210] Categoria de ciclistas que andam com bicicleta de roda fixa.

DIA 17

Um tal de Gabriel. Goiano. Com olhos claros e uma tez vermelha como quem não dormiu nada. Chega sorrateiro. Os olhos felinos me cercam como quem está pronto ao ataque, mas vai brincar com a presa antes de abocanhá-la. Um corpo cênico desprovido das amarras mundanas. Uma postura ousada de alguém que se excita em desobedecer. Adormece no meio da minha fala e repousa no chão frio. Sereno. Um hedonista que se entrega ao cansaço e depois desperta de um sono íntimo e público. Alceu Valença cantaria: um olhar agateado! Gabriel me olha como se me beijasse e me abraça com a pressão que um abraço deve ter. Suspiro fundo!!! Carlos Gabriel, João Gabriel, Gabriel! Não me aguento, não me aguento!!! Mas quero tudo. Sou Gabriel também e tenho um presente pra você



211

[211] *Figura 24 – Cicatrizada [minha primeira tatuagem]. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

DIA 23

Eu inventei uma vida inteirinhaaaa para ser feliz! [212]

Enquanto manipulava as sacolas de feirante, colecionadas por mim desde 2018, ficava pensando que qualquer coisa que fizesse com elas, antes de passá-las no calor da prensa, ficariam belas, pois são oriundas de sua natureza: precárias, recicladas, mambembes, deformadas, únicas. Vocês já viram um "bolo" de sacolas coloridas penduradas, na feira de domingo, por um longo gancho de metal? As sacolas aglomeradas criam uma forma escultórica que se dobra sobre si mesma e paira como um bloco de cor suspenso sobre as frutas, onde vai se desmembrando uma a uma a cada venda. Adoraria negociar essas esculturas cromáticas e seus ganchos e transportá-las diretamente para a minha casa. Seria um outro trabalho.

Sacolas é uma série que não possui uma grande narrativa. Decerto, é possível afirmar que o rosa é herança de Gabriel. Poderia também refletir sobre o episódio de homofobia, sofrido por mim, na feira dominical, no bairro da Santa Cecília, em 2016. No entanto, seria inadequado relembrar os adjetivos horríveis que ouvi naquele dia ao me deparar com a geometria, a translucidez e a força que as sacolas apresentam em sua unidade e sobretudo em conjunto.

Quando suspendi o conjunto de sacolas por um fio de nylon, em um teste rápido de espacialidade na galeria, eu chorei: de exaustão, de cansaço, de caras feias e mal-humoradas que estava fazendo inconscientemente ao longo do dia... de medo também, mas sobretudo pela beleza.

Chorei pela possibilidade de fazer algo tão bonito.

---

[212] "O que pretendo dizer bem claramente é que se nós não construirmos uma ética bixa que sirva para nós, uma ética na qual nos eduquemos seja qual for a nossa idade, pois nunca é tarde, uma ética bixa que contribua com a nossa felicidade de bixas, lésbicas e trans, certamente a ética de que vamos dispor em nosso dia a dia vai ser uma merda, não vamos improvisá-las, não vamos criá-la, não podemos nos enganar: vamos tê-la emprestado do poder, como uma doação do poder feita generosamente para nos prejudicar." VIDARTE, Paco (2019, p. 20)

Cada vez que essas sacolas saem daquela máquina quente, eu as observo na contraluz, sorrio e elas me sorriem de volta. Não se enganem: a transparência não é sinônimo de leveza, pelo contrário, é densidade.
Chorei porque eu consigo me ver nelas.

 [213]

[213] *Figura 25 – Sacolas #1-64, na exposição Se for importante, vou lembrar, 2022. Fonte: Acervo pessoal do autor (registro por Andrey Koens).*

DIA 24

Nada me dá mais prazer do que me vestir[214] no sábado de manhã. É um compromisso que eu tenho comigo, e com a sociedade. Vestir-me. Cuidar do corpo é também pensar naquilo que nos veste. Deve ter carinho envolvido. Não espere do poliéster o mesmo carinho que receberás da seda. Sem contar que ninguém passa imune a um homem de dourado em cima de uma bicicleta rompendo a paisagem no centro de São Paulo.[215] Metamorfoses da paisagem. Que prazer.

Lembrei quando estive em Maceió e atendente do caixa de um restaurante, com humor, me perguntou se eu era gringo ou famoso, não entendi muito bem: "Todos estão olhando pra ti". Não reparei em nada, na verdade, mas me diverti também. Confesso que já há alguns anos tenho ignorado parte da realidade.

Gosto de criar uma imagem única, tais como os objetos que encontro perdidos no concreto. Tem muito esforço envolvido. Tempo. Trabalho. Garimpo. Encontro. Afeto. Dedicação. Essa busca pelo genuíno me move... tão diferente da minha "produção artística" que é um grande compilado de "já visto"; entre artistas vivos e mortos e novos. Como disse um amigo, o qual quero o sobrenome: "Bacaninha, mas nada novo até aqui". Nem mesmo essa invenção de mim, à qual me dedico fielmente há 28 anos, não é nova. Nada novo. Tem partes de mim que datam do século XIX... aii aii... Por que nos tratam como estúpidos?

Mais que coerência,[216] sinceridade!

Só hoje me fez claro o sentido do ditado "vaso ruim não quebra": prendem os bons, ficam os péssimos. Recuso-me a aceitar a morte.

A questão é: eu amo Gabriel, hoje cada vez mais.

---

[214] "Sou a favor da arte de roupas íntimas e táxis." OLDENBURG, Claes (2006, p. 70)

[215] "'Glamour' é um termo pouco usado hoje, mas é algo que existe. O glamour é algo que nos arrebata, não é? Seja um olhar na rua, ou um rosto na multidão, ou alguém sentado à nossa frente no almoço... ficamos arrebatados." DIANA Vreeland (2011, p. 10)

[216] "E também não deve preocupar-nos a coerência estilística, pois nossa única preocupação possível é a pesquisa contínua, a contínua auto-análise, com a qual, apenas, podemos chegar a fundar morfemas 'reconhecíveis' por todos no âmbito da nossa civilização." MANZONI, Piero (2006, p. 35)

DIA 25

As pontas duplas do meu cabelo começam a me irritar profundamente, bem como a falha que existe em minha barba, no meio do queixo. Quero me livrar de tudo. Mexo e puxo meu cabelo e a minha barba, depositando as penugens que descolam da cabeça e do meu rosto sobre uma mesa branca. Gosto de observar suas formas, frágeis e defeituosas, que não resistem à tensão do puxão. Não resistiram. Rapidamente são lançadas ao chão ou ao lixo.

Hoje acordei assim: meio feliz e meio triste, sabe? Emerson Meneses[217] defendeu sua dissertação,[218] e eu fui um dos entrevistados: objeto de estudo – ou a vida é a obra. Interpreto isso como uma forma de reconhecimento, mesmo "a vida não cabendo no Lattes". Quando a vida é o trabalho que eu mais me dediquei, é bom que fragmentos dela sirvam para alguma coisa. Fico feliz. Ele também foi uma das primeiras pessoas, generosas, juntamente a Fausto Viana,[219] a dissecar o meu Instagram e a entender meu diário,[220] meus textos, com a mesma dedicação que eu tenho para construí-lo[221]. Parabéns pela defesa.

Vez ou outra me bate essas crises de artista pobre, ou classe média baixa, como disse um outro colega. É que as coisas me parecem, do meu ponto de vista (sempre), um

[217] Emerson Silva Meneses (São Paulo/SP, 1972) é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da EACH-USP, com bolsa CAPES. Mestre em ciências, possui graduação em administração (FEI, 1996), formação técnica em artes cênicas (Teatro Escola Célia Helena, 1997), especialização em criação de imagem e styling de moda (Centro Universitário Senac, 2016) e mestrado em têxtil e moda (EACH-USP, 2019). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, e se dedica à pesquisa em temas que vinculam as Artes, as construções de masculinidades, as identidades de gênero, aos artivismos das dissidências sexuais e de gênero e à arte como meio de expressão política da comunidade LGBTQI+.

[218] MENESES, Emerson Silva (2019).

[219] Fausto Roberto Poço Viana é bacharel em artes cênicas com habilitação em cenografia (1992) pelo Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo CAC-ECA. Tem mestrado em artes (2000) e em têxtil e moda (2015) pela Universidade de São Paulo. Seu primeiro doutoramento foi em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (2004) e o segundo em museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (2010). Atualmente é professor livre-docente da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Artes e Museologia, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, figurino, caracterização, cenografia, conservação e restauro de trajes.

[220] Cf. texto crítico sobre meu diário. VIANA, Fausto (2021).

[221] Cf. montagem de uma entrevista fictícia entre Fausto Viana e eu a partir de meus escritos. VIANA, Fausto; COSTA, Tulio (2021).

pouco mais complicadas quando o interesse não é simplesmente comprar uma casa, arrumar um namorado e frequentar os ambientes da moda. Isso não significa que eu não goste dessas coisas boas, pelo contrário, já tive o privilégio de ter o paladar, o olfato, a visão e o tato apurados por esses acessos, e esse é um caminho sem volta, e por isso talvez este texto: Quando conseguirei compensar os grandes investimentos que minha mãe fez? A questão é que a Beatriz Cruz[222] me enviou os textos sobre o projeto Descaracterizar-se,[223] e isso me dá uma luz sobre os próximos passos: a roupa, o vestir, o caminhar, o ser, o performar. Janeiro de 2017, uma semana me vestindo de outra pessoa é também um caminho sem volta.

Por fim: três artigos, um atrasado, um TCC, uma vídeo-performance sobre o aspirante a estilista de sucesso que virou catadora de clipes e um projeto de mestrado até agosto, onde poderei rever um amor com distância de 5 anos.[224] Me desejem sorte.
Como fazer a própria vida entrar para a história? Sim, sou uma bixa pretensiosa, caso ainda não tenham percebido... Porque para mim essa coisa de brincar de viver não funciona. Levo a vida, e as coisas, muito a sério, não sei relaxar. A busca pela excelência. Um átomo, segundo Marjorie Viana.[225]

---

[222] Beatriz Cruz (São Paulo/SP, 1980) é performer, atriz e educadora. Suas criações transitam entre as artes cênicas e visuais, buscando atravessamentos entre arte-vida; corpo-cidade e arte-ativismo. Especialista em estudos do corpo pela Técnica Klauss Vianna (PUC/SP), pesquisa o caminhar como prática artística e política.

[223] Performance duracional da artista Beatriz Cruz. “Por um ano ininterrupto (2016-2017) convidei pessoas para me vestir com as suas próprias roupas. Não vesti as minhas e deixei que cada pessoa me descaracterizasse da forma como costuma se caracterizar. A experiência investigou as dimensões da roupa como construção de gênero e de identidade (e a sua dissolução) e como um território político. Num encontro previamente marcado, cada participante me entregava uma mala para 7 dias com seus sapatos, roupas, acessórios etc. Recebia seus objetos, mas também suas manias, histórias e modos de usar. Ambos escrevíamos sobre as sensações, imagens, lembranças, encontros e confrontos que cada roupa suscita. Alguns aceitaram trocar, ser vestidos também por uma semana. Nesse emaranhado de tecidos e contornos se dava a experiência.” CRUZ, Beatriz ([s.d.])

[224] COSTA, 2021a.

[225] Marjorie Cristine Viana Pinto (Tupã/SP, 1991) Vive e trabalha em Herculândia/SP. Bacharel em relações internacionais pela Universidade Federal de Grande Dourados (Mato Grosso do Sul). Desacelerou sua incursão no universo profissional startapeiro e encontrou no interior de São Paulo uma pausa necessária após um burnout. Atualmente, busca reconexão consigo mesma através da escrita e fotografia.

Ontem, enquanto me encaminhava pra exposição do Cildo Meireles,[226] ouvia o tilintar das pedras e dos metais dos meus brincos Dolce & Gabbana. Tulíssimo é uma ficção! Fiquei pensando que eu poderia ser a única pessoa no mundo inteirinho que teria o privilégio de ouvir esses brincos tilintarem enquanto pedalava. É maluco isso. Já não me acho mais "especial" – isso já caiu por terra há anos pra mim, mas a ideia de me sentir único, em alguma medida, é o que me faz levantar da cama ao acordar[227] e montar esses looks podres de chique pra ir ao trabalho ou a essas exposições. Vestir-me é a coisa que mais me dá prazer. Eu amo me cobrir desses bons tecidos bem costurados e bem cortados. E tem também essa fixação com o chique. O chique "clássico". Eu nasci em Herculândia...[228] ninguém entende exatamente (nem eu): é sobre criar beleza, vestir magnitude e ousadia limítrofe, para não parecer louquinha... não é sobre violência ou transgressão, não tenho mais 15 anos e os millenials fazem isso na perfeição: "sem defeitos" ou looks que poderiam ser usados por homens e mulheres, mas que funcionam melhor em mim. De/para/por mim. Não sei falar de outra coisa. Não sou viciado na minha imagem, só na minha vida. Esses brincos não fazem tanto sentido na orelha de outras pessoas. Ou melhor dizendo, fariam outros sentidos em outras orelhas. O batom vermelho idem. Não é qualquer brinco, não é qualquer batom que cumpre essa função. Por isso o banal não cabe em mim.[229] O banal foi o futuro que me deram logo quando eu nasci.[230] A história da minha vida é completamente banal: a bixa evangélica interiorana que tenta a sorte na cidade grande… quantas dezenas de bixas assim vocês não conhecem? Ainda tenho meus referenciais cristãos. Na imagem, inclusive. Cada pequeno detalhe do que eu fiz disso

[226] Exposição Cildo Meireles – Entrevendo. Curadoria: Júlia Rebouças e Diego Matos. Sesc Pompeia. De 26 set. 2019 a 2 fev. 2020.

[227] "[...] o estilo é o que faz você levantar da cama ao acordar e descer as escadas..." Diana Vreeland, no documentário biográfico: DIANA Vreeland (2011).

[228] Herculândia é um município brasileiro do interior paulista, a 511 km de distância da capital São Paulo, de aproximadamente 9.500 habitantes, cuja economia baseia-se na cultura e beneficiamento de amendoim e a produção, distribuição e comercialização de mudas de plantas frutíferas e ornamentais.

[229] Ainda sobre esse ponto de vista, leia nos apêndices o texto "De aspirante a estilista de sucesso a catadora de clipes", escrita por Deri Andrade, p. 244.

[230] "Quando você era bixa e estava só no mundo, não inventou sua própria vida e seu modo de ir em frente? Pois lembre-se disso! Faça memória! Por que agora delegar a outros essa responsabilidade para que nos façam de caudilhos?" (VIDARTE, 2019, p. 124)

tudo foi bem inventado.[231] Bixa sofisticada. Vida sofisticada. Sofisticação é sobre como eu amarrei tudo isso. É o que eu fiz da minha vida que tinha tudo para ser meia-boca, mas eu me recuso. Eu disfarcei uma vida inteira de mediocridades para ser feliz. Tem muita inteligência na minha construção, é disso que me orgulho. Desde muito pequeno eu quis ser memorável. É uma das coisas que ainda se mantém. De batom vermelho, vestido e sobretudo Reinaldo Lourenço.[232] Na bicicleta, sempre! (É mais seguro.) Cortando os carros, querendo xingar os motoristas escrotos que atravessam sua frente só pra demonstrar poder e também assustando alguns pedestres que te confundem com trombadinha. Imagina eu? Tão chique, roubando celular alheio de bicicleta no centro de São Paulo? É cada coisa que me acontece... Quando eu me coloco na balança, estou mais próximo desses marginais do que da elegância da alta classe dos Jardins ou Pinheiros. Consciência de classe! Sou bixa do centro, querido! E como não venho de família chique eu inventei algumas regras que cabem pra mim. Eu gosto deste contraste absurdo de usar um look de dez mil reais e chegar suada nos eventos. Dá até um tesão. E o resto vocês próprios criam, nessa ficção coletiva. Eu desejo muito essa vida que vocês criaram para mim. Gostaria de ser essa pessoa que vocês descrevem às vezes: ULTRABEMSUCEDIDAERESOLVIDA e sofisticada, e chiquérrima, claro! Até eu fico impressionado! Talvez eu já seja, né? Vai saber… de resto é isso, meus amigos: amai-vos uns aos outros como a ti mesmo – aliás, vocês se amam, né? Senão, nada disso funciona.

[231] “As bixas sabemos perfeitamente inventar, inovar, criar nossa própria vida do nada, sem referência, sem orientação, sem guia, tateando com bengala de cego, frangos sem cabeças desde a infância abrindo o próprio caminho.” (VIDARTE, 2019, p. 124)

[232] Marca de moda nacional desde 1984. Seu idealizador, Reinaldo Lourenço, foi coroado pela imprensa e pelas clientes com o título de “rei da alfaiataria”.

DIA 26

Tudo o que invento, inventei, sobre mim mesmo é uma tentativa desesperada de fugir do homem ordinário que me habita. E quando eventualmente sou desmascarado, me vem uma sensação de vergonha e liberdade simultaneamente. Eu costumo gostar das pessoas que me desmascaram e talvez a resposta do meu interesse pela vulgaridade e pelo chique venha daí. Aliás, o que mais poderíamos esperar de alguém que nasceu em Herculândia?[233]

Acabo de assistir a umas entrevistas sobre a lenda dos caboclos d'agua,[234] compartilhada por davi jesus do nascimento.[235] Lembrei dos meus avós e chorei. Quietinho. Aqui no meu quartinho de 2,8 m^2. Desse ângulo, vejo os milhares de clipes que já encontrei na esperança de uma vida inteira que farão sua primeira viagem em breve: "eu ainda ficarei rica com isso" é a lenda sobre os clipes. Deparo-me entre duas lendas então: uma das águas e outra do concreto.

Um dos cachos de clipes está num invólucro rosa, desses de proteger fruta, de isopor. Tulíssimo encontra Gabriel (ou proteção). Acima dele está uma mochilinha transparente com detalhes rosa que encontrei na rua com dezenas de outras inutilidades rosas que também encontrei. À esquerda, tenho um presente que Gabriel Pessoto[236] me deu: Manilha e Veludo. Seco e molhado. *Couple*. Duplo. Lembro da série *Casais*, da coleção Para Gabriel, [vírgula], e faço umas fotos das composições. Já dá para expor. Aluguemos um galpão!

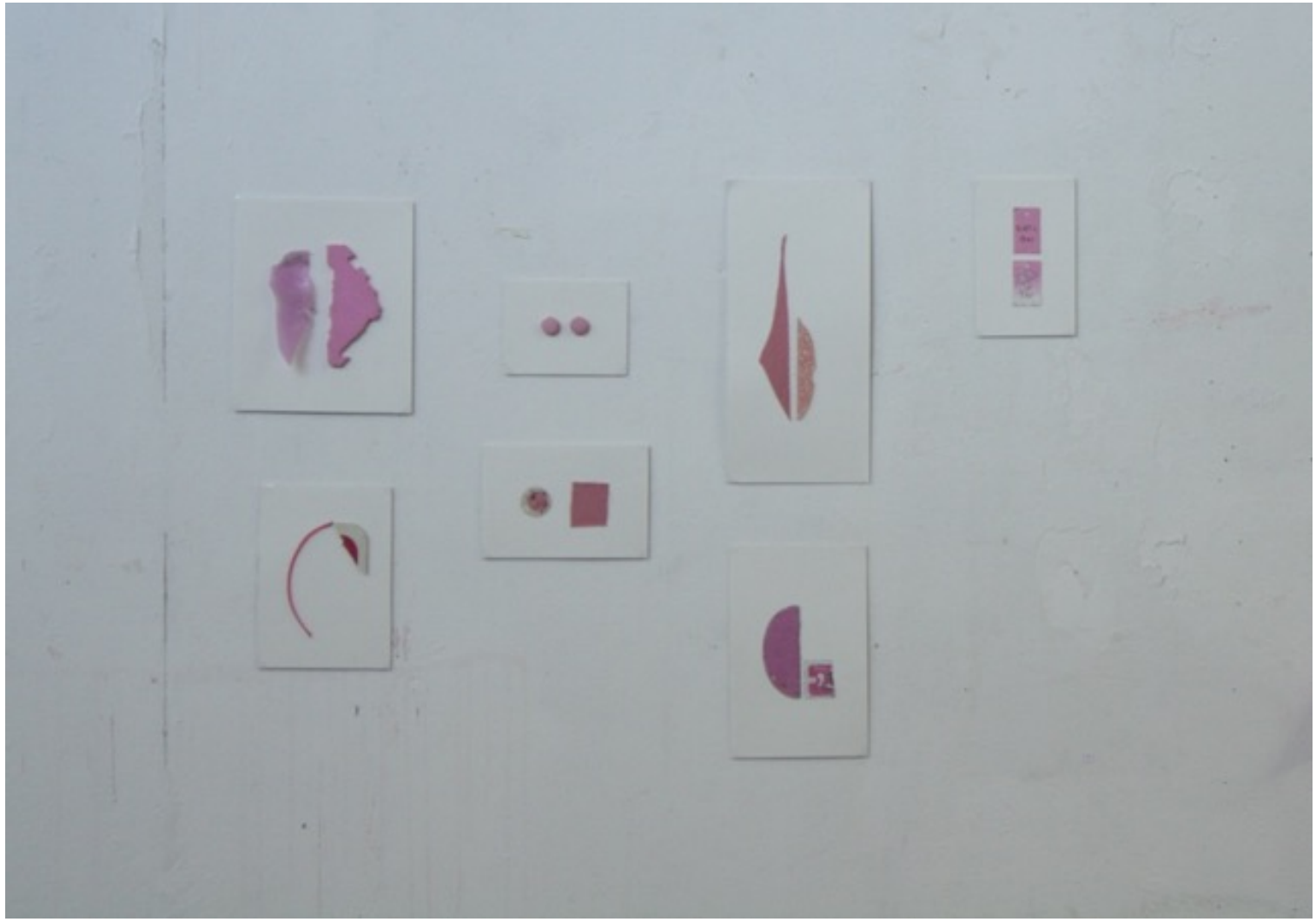
---

[233] Cf. nota 228, p. 164.

[234] A LENDA dos caboclos d'agua (2019).

[235] Cf. nota 180-181, p. 145.

[236] Cf. nota 284, p. 250.

 [237]

[237] *Figura 26 – Casais I-VII, na exposição Para Gabriel, [vírgula]. Dimensão variada. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Também tem umas cartucheiras de couro que Lucas Barros[238] me deu antes de viajar, e um trabalho lindo, lindo, do Flávio Rex.[239] Enquanto isso converso com Pedro Rodrigues[240] e Heverton Lima.[241] Passado, presente e invenção.

---

[238] Cf. nota 187, p. 146.

[239] Flávio Rex. Produtor de cenografia, síndrome de Cassandra e sagitariano.

[240] Cf. nota 300, p. 296.

[241] Heverton Lima (Cássia/MG, 1982) É produtor executivo e sócio da Paideia Filmes. Atua como professor de produção audiovisual na graduação em cinema e audiovisual da ESPM (SP). É graduado em cinema pela UFF (2012) e em economia pela Unesp (2004), com mestrado em cinema e televisão na ECA/USP (2015) e mestrando em economia (UFRGS e Itaú Cultural), com foco em indústrias criativas (2020-2022). Seus recentes trabalhos incluem a produção de lançamento de *Democracia em Vertigem* (2019, 102 min), de Petra Costa, indicado ao Oscar de Melhor Documentário (2020), na Busca Vida Filmes. Também é produtor executivo dos documentários *Platamama* (2018, 72 min), *Eleições* (2018, 102 min) e *Meu corpo é político* (2017, 71 min / 52 min), dirigidos por Alice Riff; e as ficções *Guigo Offline* (TV Cultura, 2017, 52 min) e o premiado curta *Marina não vai à praia* (2014, 17 min).

Até aqui eu cheguei.
Acho que estou chorando de orgulho do que me tornei.
E eu sou tão pouco ao mesmo tempo.
E tão muito.
Eu cheguei tão longe e a lugar nenhum.

[Para[242] Lucas Barros]

Quando nossos amigos crescem, crescemos com eles. O contrário também acontece. Sempre rememoro essa frase e ela diz muito a respeito de nossa história. Quantos altos e baixos. Muita intensidade... Enquanto desembalo as dezenas de pacotes do meu ateliê, repleto de objetos encontrados nesses últimos anos, para reordenar e reempacotar, ou plastificar no melhor dos casos, encontro com eventualidade algumas das notinhas dos produtos de confecção de quando trabalhávamos juntos. Zíperes, tecidos, linhas, tintas, tesoura, botões, metais... Eu era insano, né? Acho que desejo o sucesso mais do que você mesmo. Até porque nunca cheguei perto... E não medi esforços – até hoje não meço – para fazer dar certo. Fui tantas vezes rude contigo, é que você nunca me disse toda a verdade, então era difícil ser empático..., mas descobri depois, por conta própria... e não é que deu certo? Não do jeito que esperávamos, claro! Mas quando é? O que importa é que deu. De outro jeito, mas deu. Aqui estamos. Sobreviventes. Eu e você. Com uma pequena distância, entretanto nunca estivemos tão próximos. Lembro que voltei chorando pra casa no primeiro dia no ateliê: meu bordado não era bom o suficiente, você não me disse nada, mas estava claro. Fiquei tantos anos trancafiado em um fábrica, calculando tecidos e porcentagens de produção, que não sabia mais fazer o manual, o criativo, o simples... sabe aquele sentimento de não saber fazer nada? Ou pior, de não conseguir fazer

[242] "A correspondência não deve ser encarada como simples prolongamento da prática dos *hypomnemata* [...] constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor 'presente' àquele a quem dirige. [...] Escrever é, pois, 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se devolve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz." FOUCAULT, Michel (1992, p. 149-150)

algo que eu era bom... aliás, no que eu sou bom? Até hoje não sei. Independentemente de saber ou não saber, estarei lá dando o meu melhor, dando tudo de mim, virando a madrugada para acertar o ponto, a linha... implacável, como o olhar ferino do trapeiro! Até os limites. Aliás, superando-os! Porque o possível qualquer um faz.[243] E não é que aprendi a bordar? E a pintar também! E, o mais importante, a imaginar.[244] Não podemos construir o que não podemos imaginar primeiro.[245] No fim, estávamos com o mesmo nível de exigência, e já era difícil identificar o que era meu ou teu. E mandei muito bem na passadoria também, mesmo queimando aquele vestido laranja que ficamos duas semanas para pintar... que tragédia! "É esse artesanal que a Itália quer!" Disse aquela compradora gringa, nos deixando cheios de orgulho. Quantos elogios... No ateliê, você expos meus metais na parede com tanta dignidade que pareciam ouro junto de outros artistas referências da coleção: Abraham Palatnik, Paulo Whitaker e Ana Maria Tavares.

[243] "[...] tem uma coisa que eu detesto profundamente não só na política, mas em quase todas as áreas da vida: o puto do possibilismo, a pessoa fazer só o que for possível, o que for pensável, o que for racional, o que for previsível. Essa funesta inércia de se limitar ao que é possível para as bixas é um pé no saco já que, de saída, uma bixa é o impossível mesmo, nós, bixas, somos impossíveis, o impossível para muita gente, o que não deve existir, aquilo cuja existência não se compreende, cuja emergência na natureza é aberrante, um desvio, um absurdo, um extravio na evolução." (VIDARTE, 2019, p. 94)

[244] Não podemos construir o que não podemos imaginar primeiro é o título da exposição de curadoria de Jota Mombaça e Thiago de Paula no Paço das Artes, na cidade São Paulo/SP, entre 28 nov. e 14 jan. de 2018. Ainda que eu não tenha visitado a exposição, essa frase ficou ecoando em minhas reflexões meses a fio.

[245] "O poder insuspeitado das ficções é o de ser cimento do mundo, porque, como propõem pensar as coeditoras do livro Octavia's Brood, Walidah Imarisha e Adrienne Maree Brown, 'não podemos construir o que não podemos imaginar', de modo que tudo o que está construído precisa antes ser imaginado. E aí reside o poder das ficções." MOMBAÇA, Jota (2021, p. 67)



[246]

[246] *Figura 27 – Metais encontrados por mim expostos no ateliê do estilista Lucas Barros. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Tulio Costa e Lucas Barros. Que grande dupla nós fomos. Que grande dupla nós somos. Te pedi perdão este ano por ser tão duro contigo. É que quando me aproximo de ti é um espelho que eu vejo, e você tão à frente e tão mais perto que eu, que preciso te dar uns... é difícil ver meus defeitos refletidos, e é mais fácil jogar a responsabilidade para ti do que assumir as minhas... Acorda pra vida, bixa! Acordemos, bixas!!! Na verdade, além das fragilidades, é como se tivesse despejado meus sonhos em você também. E, em troca, você me faz relembrar os meus próprios. A escrita de si.[247] O cuidado de si.[248] Perdão novamente por exigir tanto de ti... é que eu acredito. Do fundo do meu coração. Lembro da gente chegando no Rio de Janeiro... cadavéricos – de tão magros! Eu nunca me senti tão vivo quanto em 2017... que ano! QUE ANO! Hoje, 2020, estamos aqui, em quarentena, cada um na sua casa, sem poder sair e comemorar. Apenas umas poucas gargalhadas nos áudios do Instagram. Pra gente como nós – arianos, eles dirão! – é até boa essa pausa forçada... pra se centrar... e agora? Qual o próximo passo já que todos vamos morrer e nossos talentos talvez não signifiquem muito? Ainda mais os nossos talentos que não são necessariamente mensuráveis. Por acaso, o vício em beleza é um talento? Ressignificar a existência por meio de objetos belos faz sentido no contemporâneo? Imaginar um lifestyle mais sofisticado e criativo se faz necessário? Eu não sei. Você se apegou no vestuário e eu nos objetos encontrados, e ambos concordamos com o simples genuíno, na poesia do nosso entorno. E eu, num passado não tão distante, na minha arrogância juvenil, nem gostava do seu trabalho... muito over! Mas aquela coleção do ciclo da água, meu amigo... me fez ter esperança, sabe? Até hoje faz! Você sabe o quanto as coisas bonitas me emocionam e me fazem crer. Espero que alguém, com o mínimo de sensatez, registre aquilo na história da moda brasileira... aliás, eu mesmo o farei![249] Não se deve esperar por ninguém. Nunca. Precisamos fazer, precisamos agir por nós

[247] "O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um 'corpo' (*quicquid lectione collectum est*, *stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever a coisa vista ou ouvida 'em forças e em sangue' (*in vires*, *in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional." FOUCAULT, Michel (1992, p. 143)

[248] "Esse é o sentido da escrita como cuidado de si, tornar-se o que se é na medida em que se escreve com sangue, palavras essenciais para conferir ao existir uma forma apropriadamente estética, ou, dito de outra forma, como uma estética da existência." BASTOS, Roberto Kennedy de Lemos (2017, p. 167)

[249] "Outra palavra de ordem: se você teve uma ideia, ponha-a em prática!" VIDARTE, Paco (2019, p. 105)

mesmos. Aqui, agora, o tempo urge. Custe o que custar! E assim inventar essa vidinha inteirinha que nos resta para ser relevante. Não foi isso o que você me relembrou? Ser um pouco feliz! Precisamos, merecemos (!) depois de tudo. Acho que é isso, a única coisa que vamos realmente deixar de marco é a nossa existência, a nossa presença, é nisso que estamos obstinados, com roupas ou com Tétano.[250]

[250] Tétano foi uma pequena linha de acessórios – antimoda, antidesign, não convencionais e até impróprios ao uso – desenvolvidos por mim com metais encontrados nas ruas.









[251]

[251] *Figuras 28-31 – Tétano: brincos desenvolvidos por mim com metais encontrados ou em uso descontextualizado. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Uma vida memorável. Estou tão emocionado aqui escrevendo essas memórias... estou tão feliz pelo quanto aprendemos, não pelos meus atos raivosos e indignados pela nossa "imaturidade", que bobinho eu fui, não sabia da metade, mas pela experiência. O saber da experiência.[252] A Vida.[253] As relações.[254] É isso o que me move, é isso o que te move, é aqui onde nos encontramos, e é a ela que viemos aqui brindar. Espero que essa nuvem passe logo, pra sairmos em breve, pra eu beber em demasia, falar coisas indevidas como modo de provocação, chatear pessoas queridas que não me conhecem na profundidade, flertar com todo mundo e ficar solta na pista dançando sem fim, sem limites, enquanto você cuida de mim de longe e morre de rir. E dançar. E praia da Dulce, claro! Água do mar e do São Francisco. Lu, meu amigo, meu amante, meu irmão: Te amo. Felicidades!

[252] "Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece." BONDÍA, Larrosa (2002, p. 27)

[253] "A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. Ter uma vida própria, pessoal, como dizia Rainer Maria Rilker, em *Los Cuadernos de Malthe*, é algo cada vez mais raro, quase tão raro quanto uma morte própria." BONDÍA, Larrosa (2002, p. 27)

[254] "O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana." BONDÍA, Larrosa (2002, p. 26)

DIA 27

Tenho encontrado mais vício que esperança nas cidades. Não obstante, que isso se reflita em nossa condição política, ética, subjetiva, empática. Objetos encontrados como indícios, fragmentos da alteridade da cidade. Os “valores” estão distorcidos, retorcidos, contorcidos. O diálogo anda impossível?[255] É cansativo. Já me corrigindo, não posso afirmar que exista mais vício que esperança nas cidades… é que os pinos, os isqueiros são coloridos, brilhantes, reluzentes, translúcidos, dando uma falsa impressão de onipresença e magnitude, diminuindo a força de outros. A verdade é que junto a eles encontro dezenas, centenas, milhares de clipes diminutos, opacos, enferrujados e resilientes. Não ignorando a presença dos outros, nestes prefiro acreditar.

Diálogo e redução de danos, meus amores! Peçam ajuda! Precisamos, mais que nunca, nos manter vivas, esperançosas e alegres!

[255] VIEIRA, Helena (2021).





256

[256] *Figuras 32-33 – Gay culture I e II. Pinos de cocaína encontrados e caixa de acrílico. Dimensão: 20 x 4 x 6 cm cada. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

DIA 28

Costumo dizer que o trabalho mais importante da minha vida, até agora, tem sido este: atravessar uma cidade inteira de bicicleta, trajando um vestido, batom vermelho e brincos exuberantes para celebrar a abertura de um grande amigo.

Um delírio. Uma entidade. Um ser quase mitológico. Uma figura folclórica. Um olhar de sábio ermitão. Uns brincões. Andando São Paulo de bicicleta e, de quebra, de vestido…

O vestido, a bicicleta e os brincos são sempre os mesmos e os olhares também. Dessa vez recebi alguns comentários: “Toma vergonha na cara”; “Volta pro mar oferenda”; “Uai, gostosa!”

Se eu tivesse tempo, eu responderia que essa é a minha versão com vergonha na cara, porque se eu não tivesse estaria “redistribuindo a violência”[257] e matando gente como ele; ou que eu amo o mar e não me importaria de voltar pra ele, desde que seja em Alagoas; ou obrigado, querido, realmente estou uma grande gostosa!

Mas sobre uma bicicleta o tempo é outro.

Preciso assumir que tem sido cada vez mais insuportável atravessar a cidade sobre duas rodas… não por esses “homens e meninos” que insistem em me coagir, longe disso! Esses daí eu já sei que terei que lidar em todos os ambientes em que eu estiver presente e enquanto estiver viva. É que tem muitas coisas abandonadas na cidade desejantes de serem recolhidas e cuidadas (por mim ou por outros).

Sobre a bicicleta as velocidades são outras.

Um amigo me disse: “Você estava impecável ontem: conseguiu tudo o que você queria?” Respondi que tudo e mais um pouco! Eu fui muito feliz nesse fim de semana.

Uma judia se ajoelha no Bom Retiro.

Por entre as grades dos portões das casas, um jovem andarilho oferece amoras aos cachorros domesticados. Na recusa dos animais, ele mesmo as come. Ao seu lado uma bixa trapeira procura clipes.

Rosa é o vermelho desbotado pelo sol.

Andar pelo Bom Retiro com a esperança de quem poderia ser salvo por esses objetos. Adoro a potência do nome desse bairro: Bom Retiro.

O título é a obra.

[257] MOMBAÇA, Jota (2016).



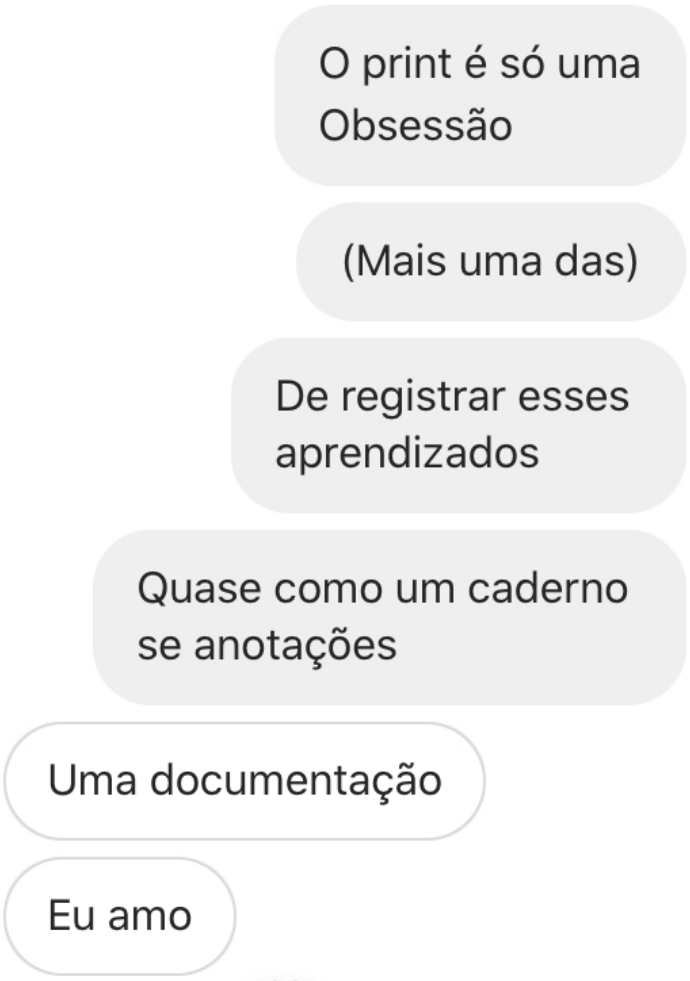
[258]

[258] *Figura 34 – Tulio Costa. Construindo um território (Bom Retiro), 2017. Linha de algodão, nankin e carbono sobre papel milimetrado. Fonte: acervo pessoal do autor.*

DIA 9621

Eu cheguei tão longe e a lugar nenhum.

5. CAPTURAS [*HYPOMNEMATA*[259]][260]

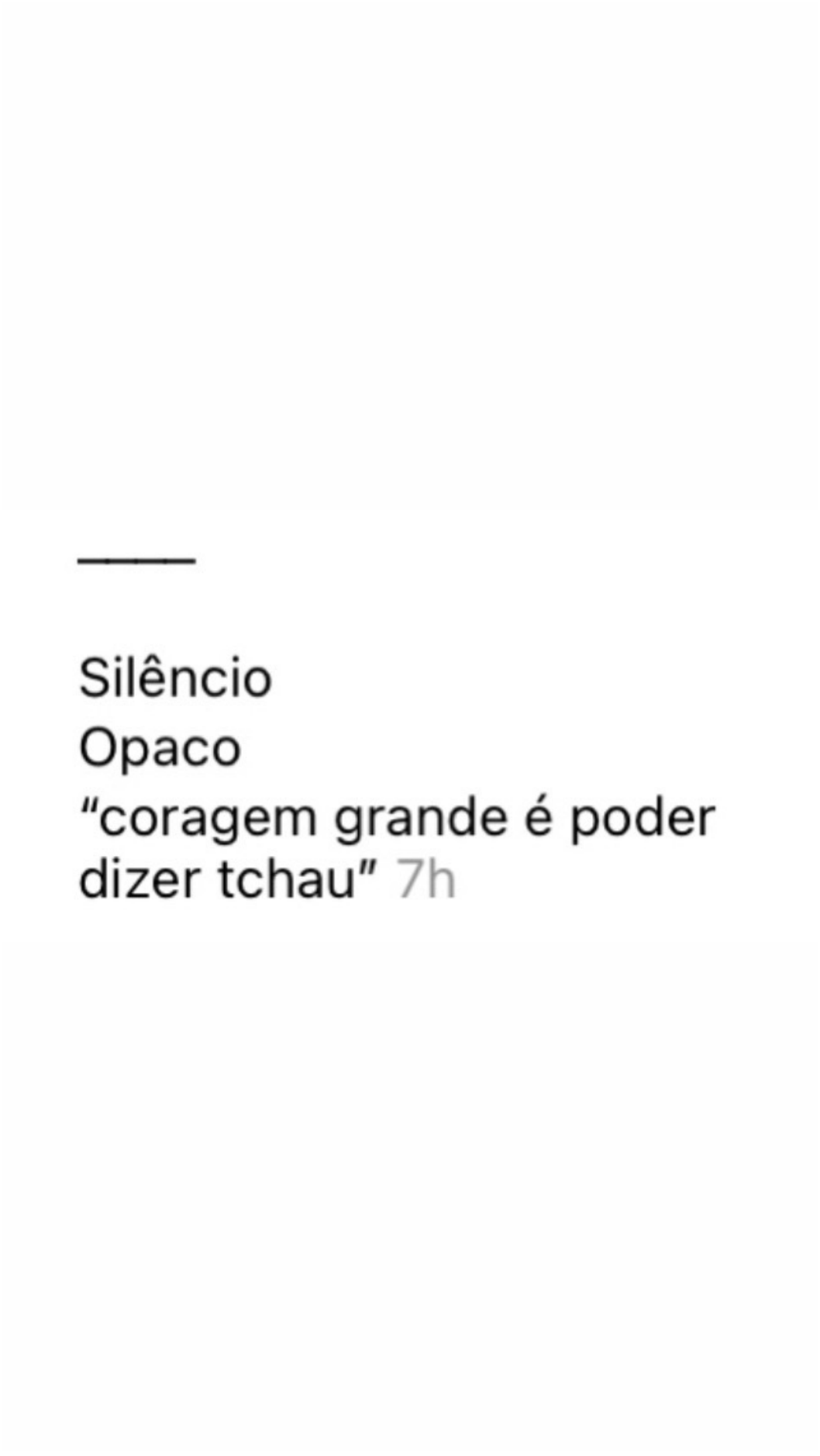


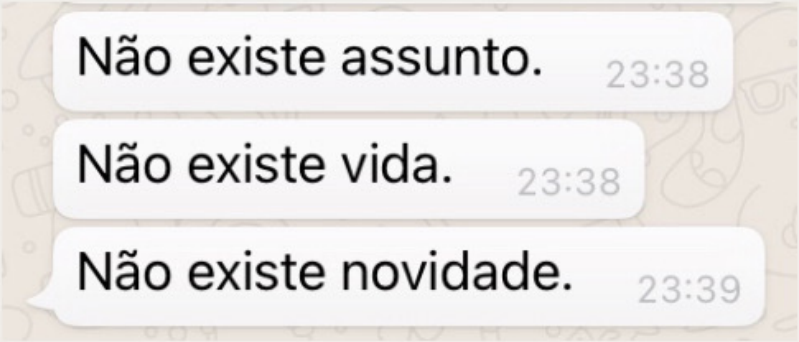
[259] Cf. notas 32 e 35 p. 71

[260] Coleção de imagens: Capturas [hypomnemata] – capturas de tela de troca de mensagens entre 2017-2023.

Namora comigo?

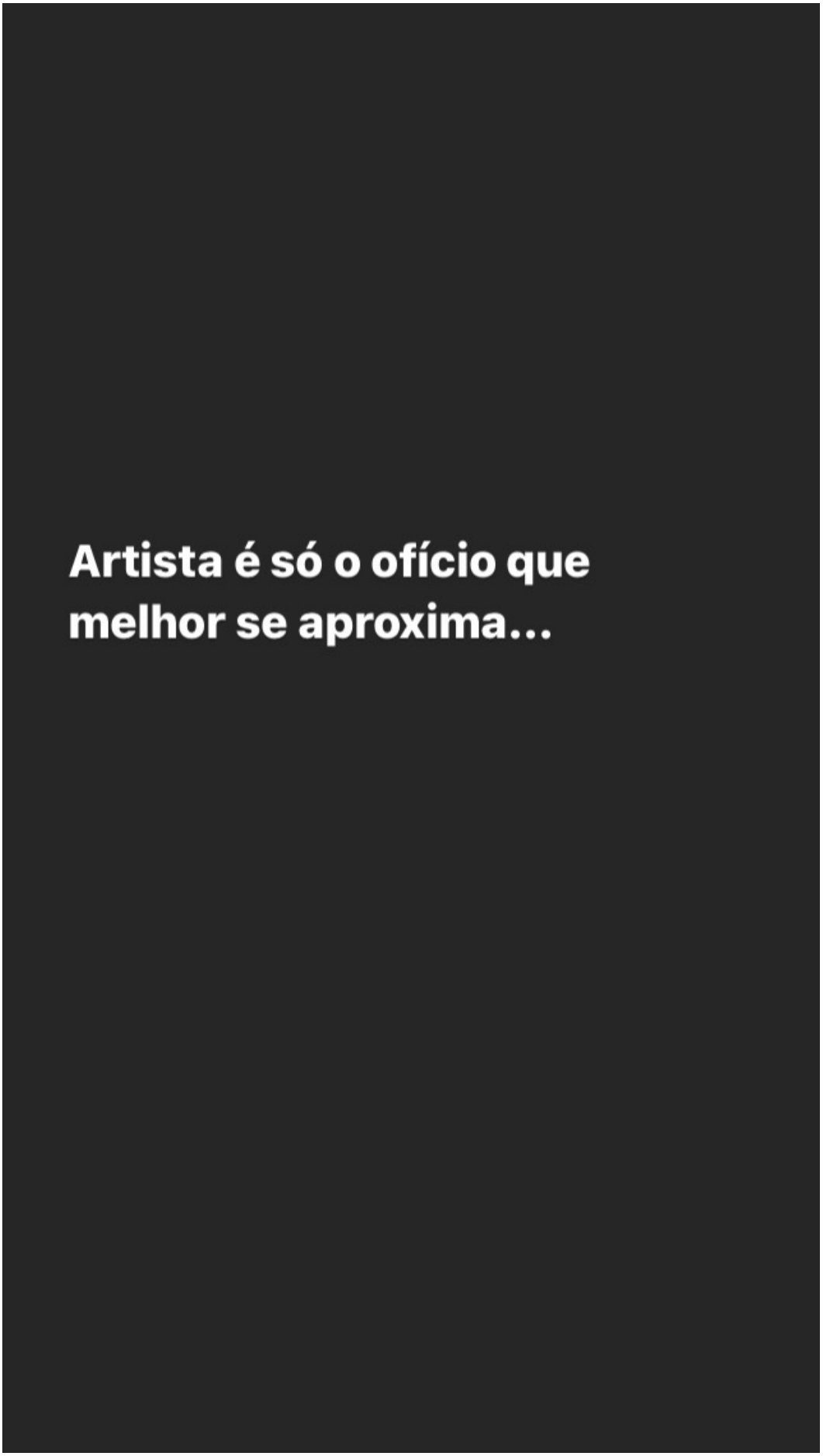
Não sou otimista com a paixão

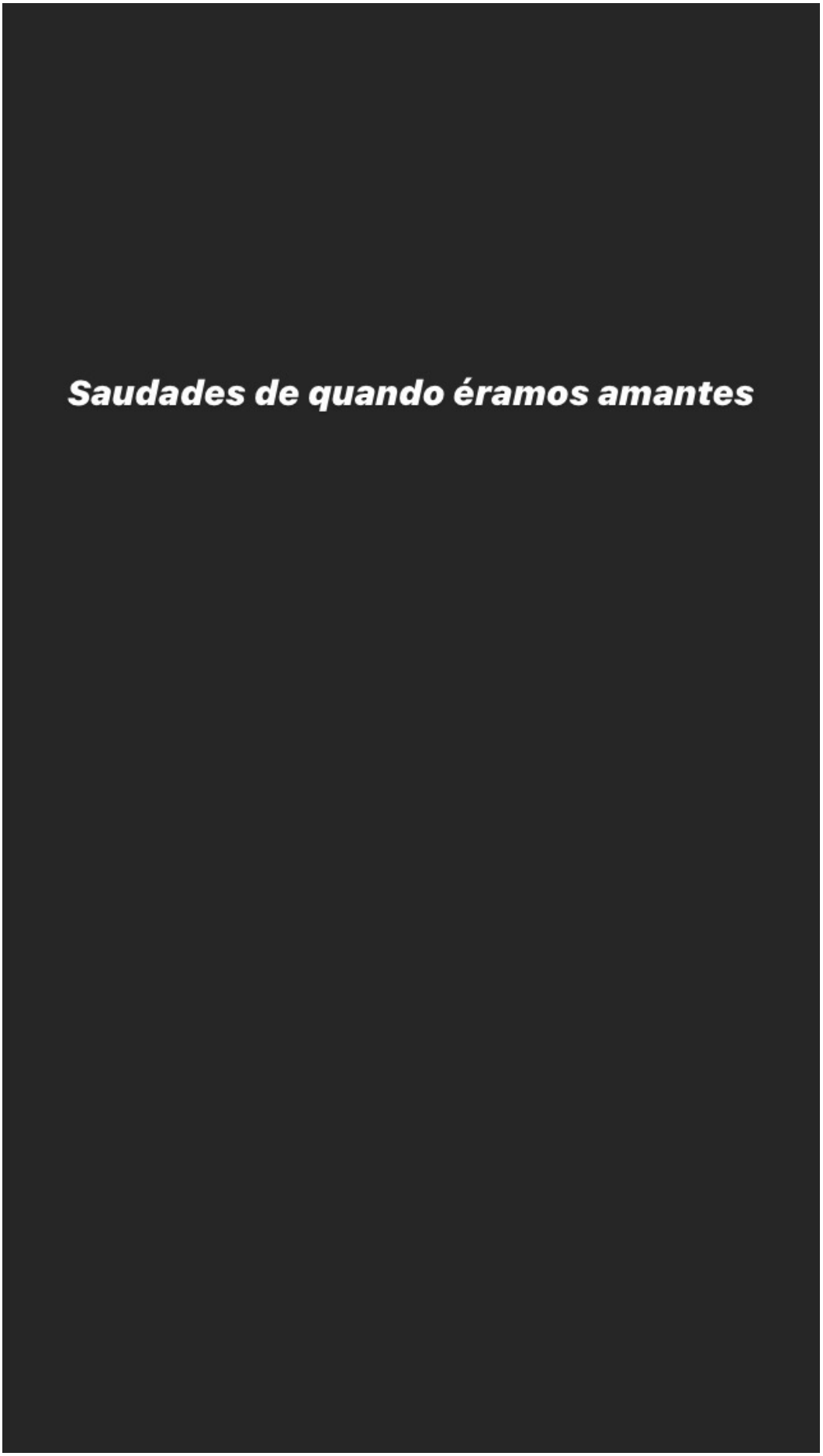

Silêncio
Opaco
“coragem grande é poder
dizer tchau” 7h


Não existe assunto. 23:38
Não existe vida. 23:38
Não existe novidade. 23:39

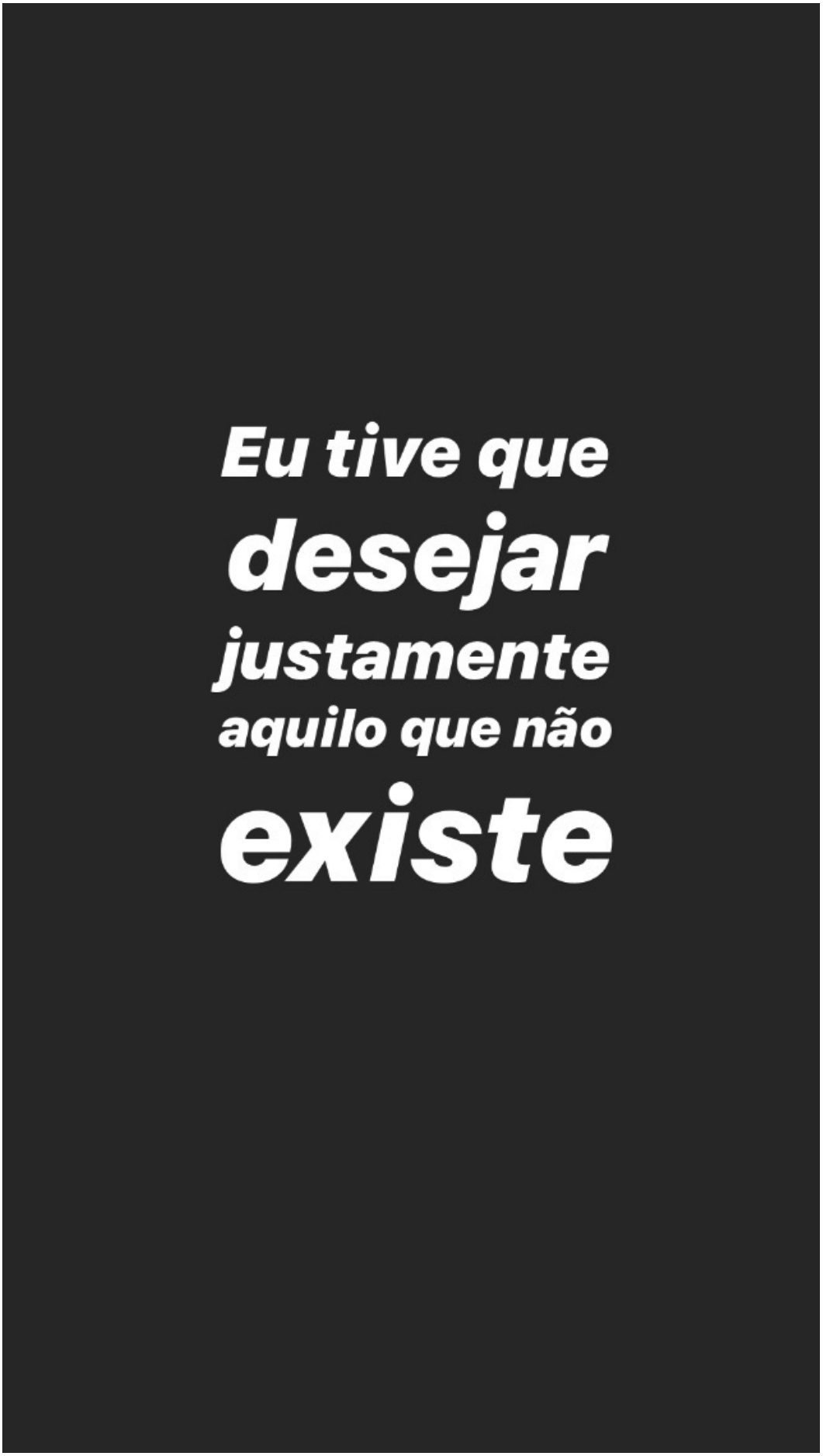
Dentro de casa três gotas de chuva atravessam minha camiseta. Olhei para o teto e não era goteira... senti como se alguém estivesse me tocando para me dar um aviso

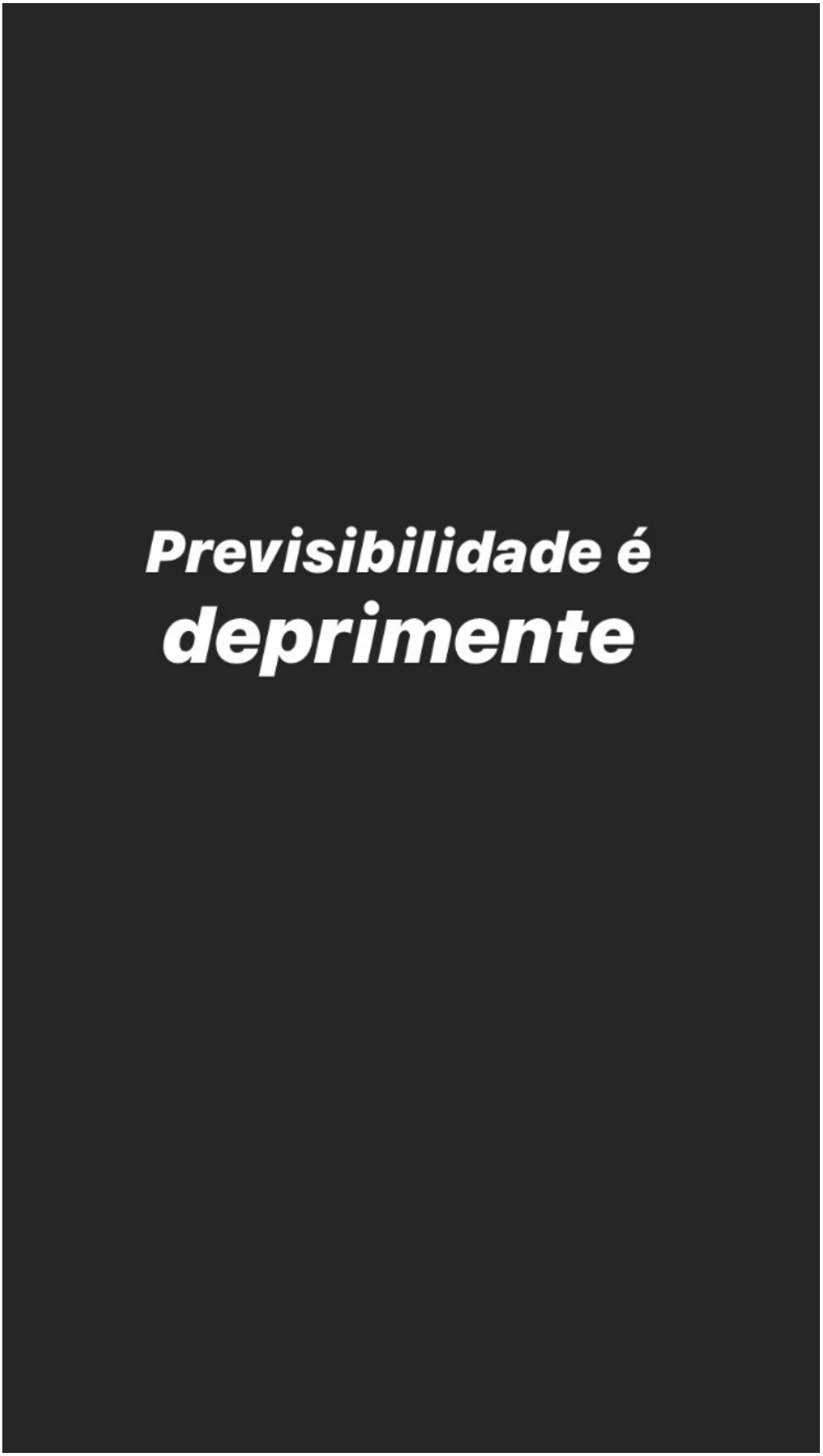
Mais que artista, errante.


Artista é só o ofício que
melhor se aproxima...


Saudades de quando éramos amantes


- eu acho que isso não é arte...
- que nome poderíamos dar?
- vida?!


Eu tive que
desejar
justamente
aquilo que não
existe


Previsibilidade é
deprimente

Mesmo a ação mais simples, como colocar todos os objetos soltos dentro de uma caixa, me parece impossível: ninguém quer ficar na caixa de sobras.


“Se você é
coerente
consigo
mesmo, o
resto é
suportável.”
- Hilda Hilst


amigo vc já é toda a arte que precisa ser
sabe que vc é uma das minhas pessoas favoritas né
me vinguei das pessoas que me humilharam ficando linda
Ver vocês dois me dá alegria de viver; me dá esperança no mundo
❤️
ai amigo eu odeio minha vida, sabe?
pq deus proíba, se vc viver sua arte-vida de verdade vc vai morrer amiga 12:17
quando vc puder desenhar o seu velório pra ser o maior evento da sua vida vc pode ir 12:19
bixa, te amo 10:36
obrigada por tanto 10:36
essa batalha nem existe, tulio!!!
tristeza pode, desânimo tá proibido
Metade de mim quer bater em vc e a outra te abraçar
E como vc gosta das duas... 😂 vc só sai ganhando
Acabar com um relacionamento tá na minha lista de coisas p fazer antes de bater as botas
Esse boy na minha cama...
Mininooo tu num é casado não?
Solteiro
Ehehheeh achei q vc queria um caso fora do casamento
Se for mais gostoso pra ti, a gente fantasia isso kkkkkk
Muito feliz de te ver, seu carinho, sua presença é demais Tulissimo!

Ele é muita areia pro meu caminhão

Você seria minha ruína

Metade de mim quer dormir contigo e a outra só quer dormir

O sorriso de Rafa ilumina a cidade de São Paulo inteira numa noite tempestuosa

09:04

Eu sou de falar verdades. Mentir da MUITO trabalho

16:13

Pessoas brilhantes estão extintas

Vc amei durante os 3 dias que ficamos juntos

Chorei horrores na análise

Eu espero ser um amor para outras pessoas

Por isso te amei por 3 dias

Eu não paro pra ler todas suas postagens, mas, cada vez que leio alguma, agradeço (ao universo ou seja o que for) pela oportunidade de ter te conhecido pessoalmente.

Fiquei pensando se uma
Bixa pode ser só uma bixa sem adjetivos

Quando resolvermos parar de indenizar o mundo por sermos bixa, daí não vamos mais precisar de adjetivos...

Pensei na gente se beijando embaixo da chuva

sem medo

Apaixonado pelo teu boy.

Amor, queria meter em vc

Vc deixa seus amores com sdds, é foda

Odeio os vácuos que você dá

- VOCÊ NÃO SE ENCAIXA NO NOSSO PERFIL.
- DESCULPE, NÃO ENTENDI, VOCÊ PODE ME EXPLICAR?

Herculandia só perde com a sua ausência

Se não for pra sonhar alto, amore...

Eu nem deixo meu inconsciente trabalhar

Depois que eu milito contra o poliéster

Eu fico com fama de ser fresca

❤️‍🔥 elogios vindos de vc são ouro

vai ser injusto se eu te disser q vc faz falta em são paulo?

duvido que não saibam que é ISABEL DIVINA

a única

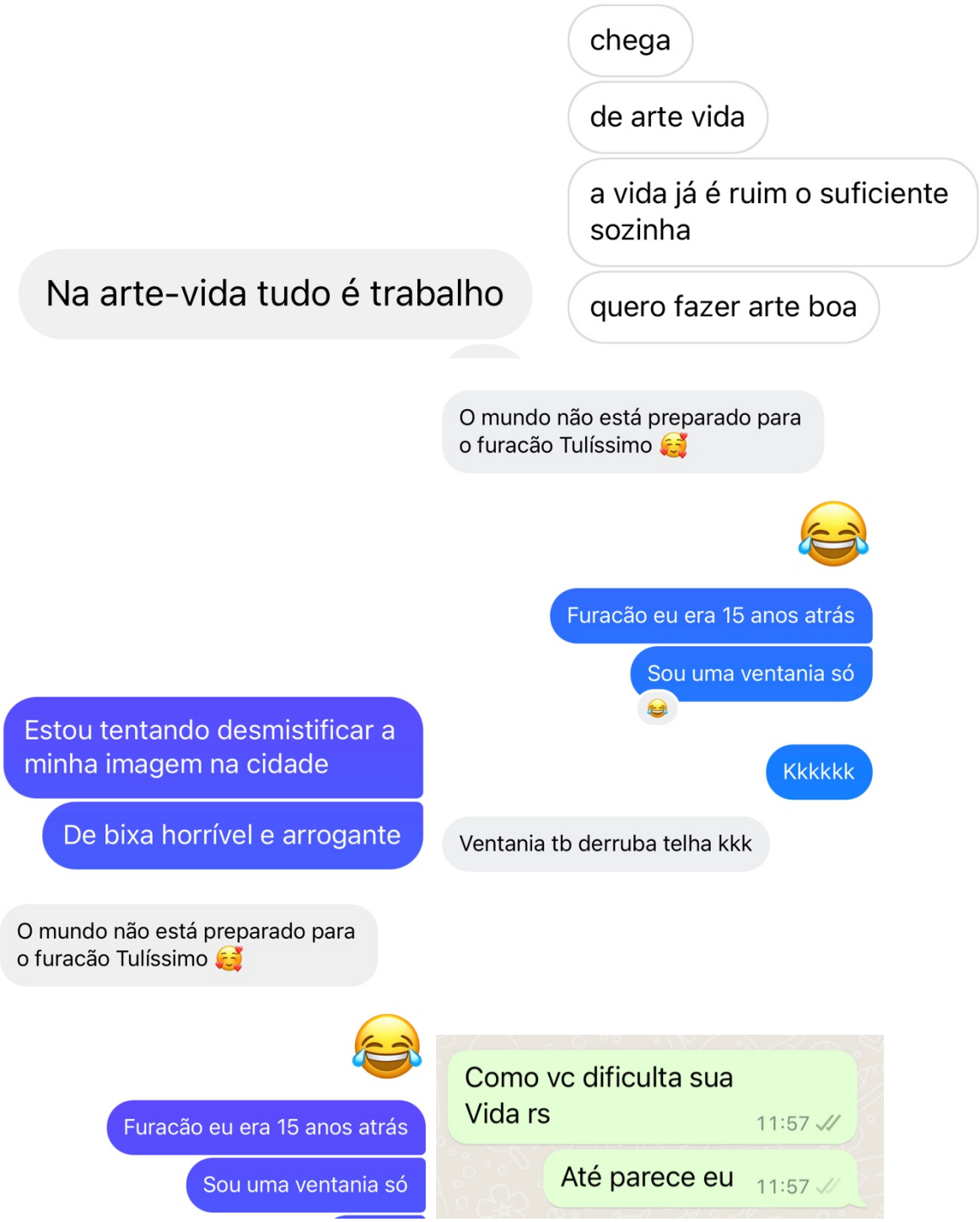
a inigualável

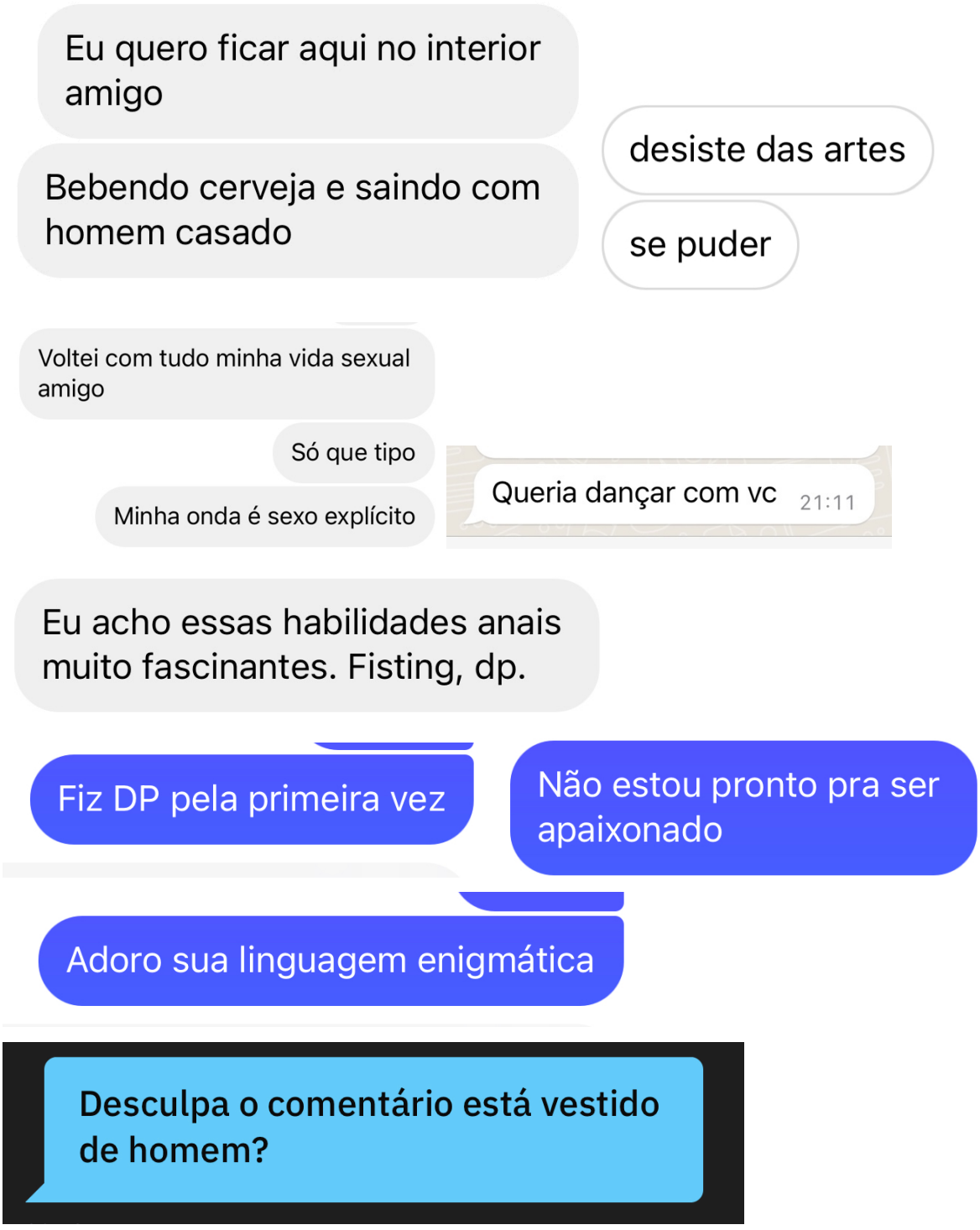
Querido, sábado eu vou estar em Nova York. 22:26

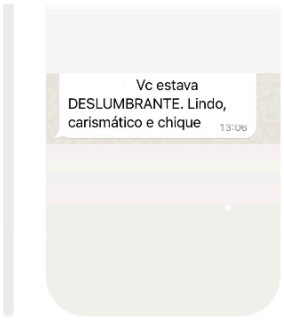
Tem um estilo essa Arquitetura?

tem, o ruim

É um privilégio estar com você 12:15


chega
de arte vida
a vida já é ruim o suficiente sozinha
Na arte-vida tudo é trabalho
quero fazer arte boa
O mundo não está preparado para o furacão Tulíssimo 🥰
😂
Furacão eu era 15 anos atrás
Sou uma ventania só
😂
Estou tentando desmistificar a minha imagem na cidade
Kkkkkk
De bixa horrível e arrogante
Ventania tb derruba telha kkk
O mundo não está preparado para o furacão Tulíssimo 🥰
😂
Como vc dificulta sua Vida rs 11:57
Furacão eu era 15 anos atrás
Até parece eu 11:57
Sou uma ventania só


Eu quero ficar aqui no interior amigo
Bebendo cerveja e saindo com homem casado
desiste das artes
se puder
Voltei com tudo minha vida sexual amigo
Só que tipo
Minha onda é sexo explícito
Queria dançar com vc 21:11
Eu acho essas habilidades anais muito fascinantes. Fisting, dp.
Fiz DP pela primeira vez
Não estou pronto pra ser apaixonado
Adoro sua linguagem enigmática
Desculpa o comentário está vestido de homem?



Um dia normal na vida de Tulíssimo, o superlativo

agradeço. Vc estava DESLUMBRANTE. Lindo, carismático e chique 13:06

Falta obra minha nessa casa

Gaste seu tempo sendo menos negativa com os outros

Mais que isso: falta vc

Ultimamente tenho andado tão atento pelas ruas que tudo o que vejo lembro de ti

amigo eu to com depressão

Namorado 1/50

Muito carão e pouco carinho

Rola fazer um múltiplo

tem mágoa pra todo mundo em santíssimo

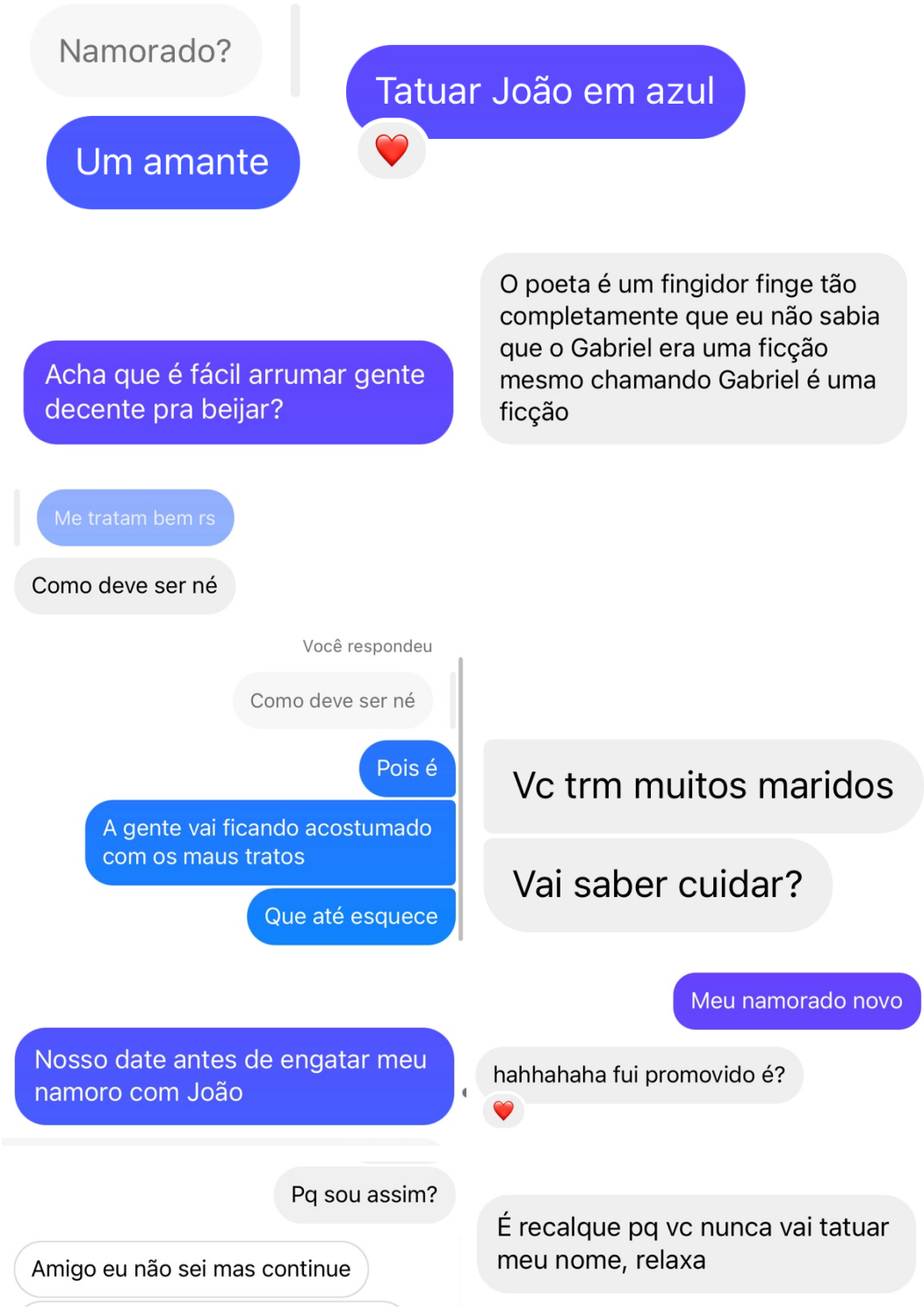
vc só complica a minha vida ❤️

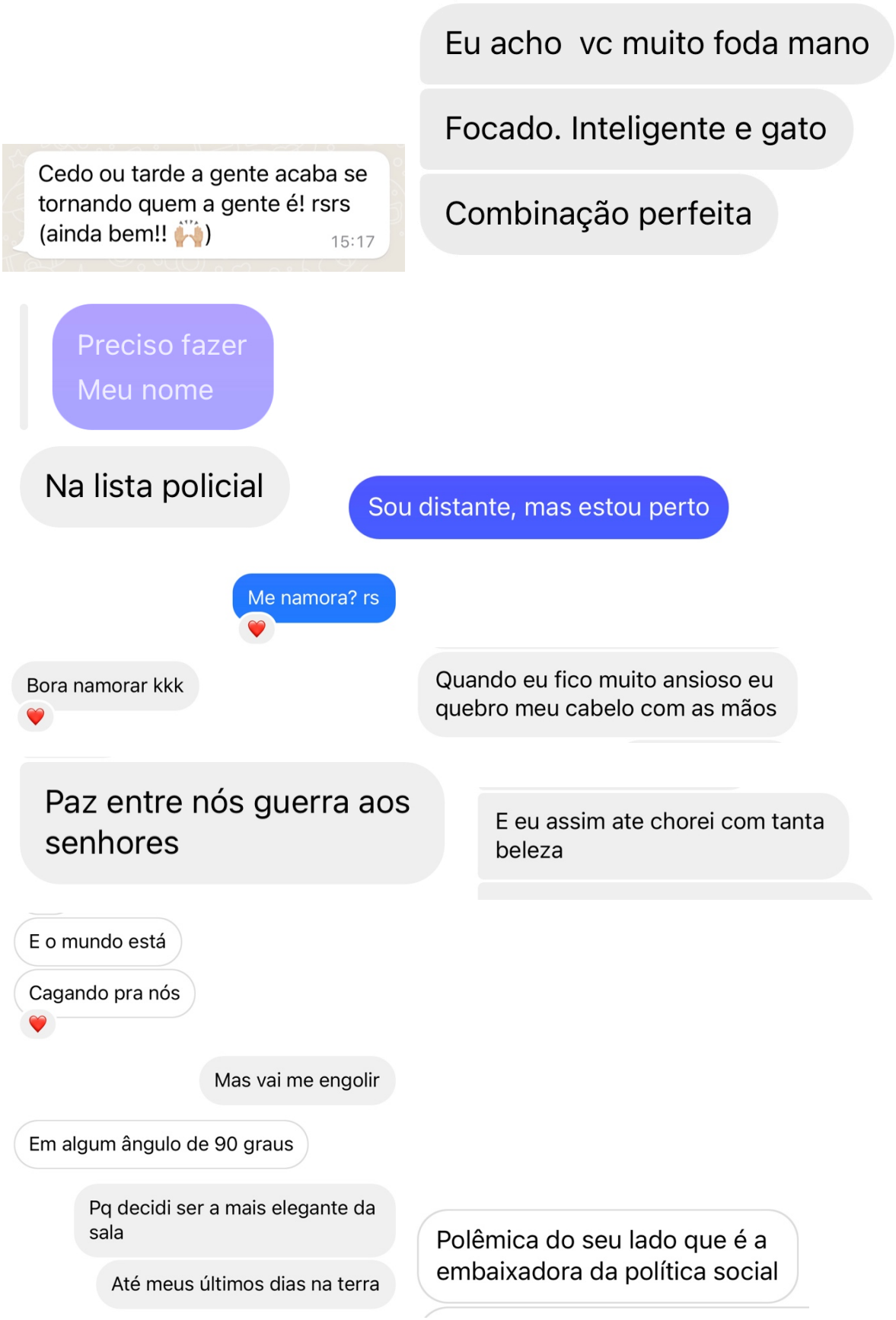
Vc é gabriel tbm

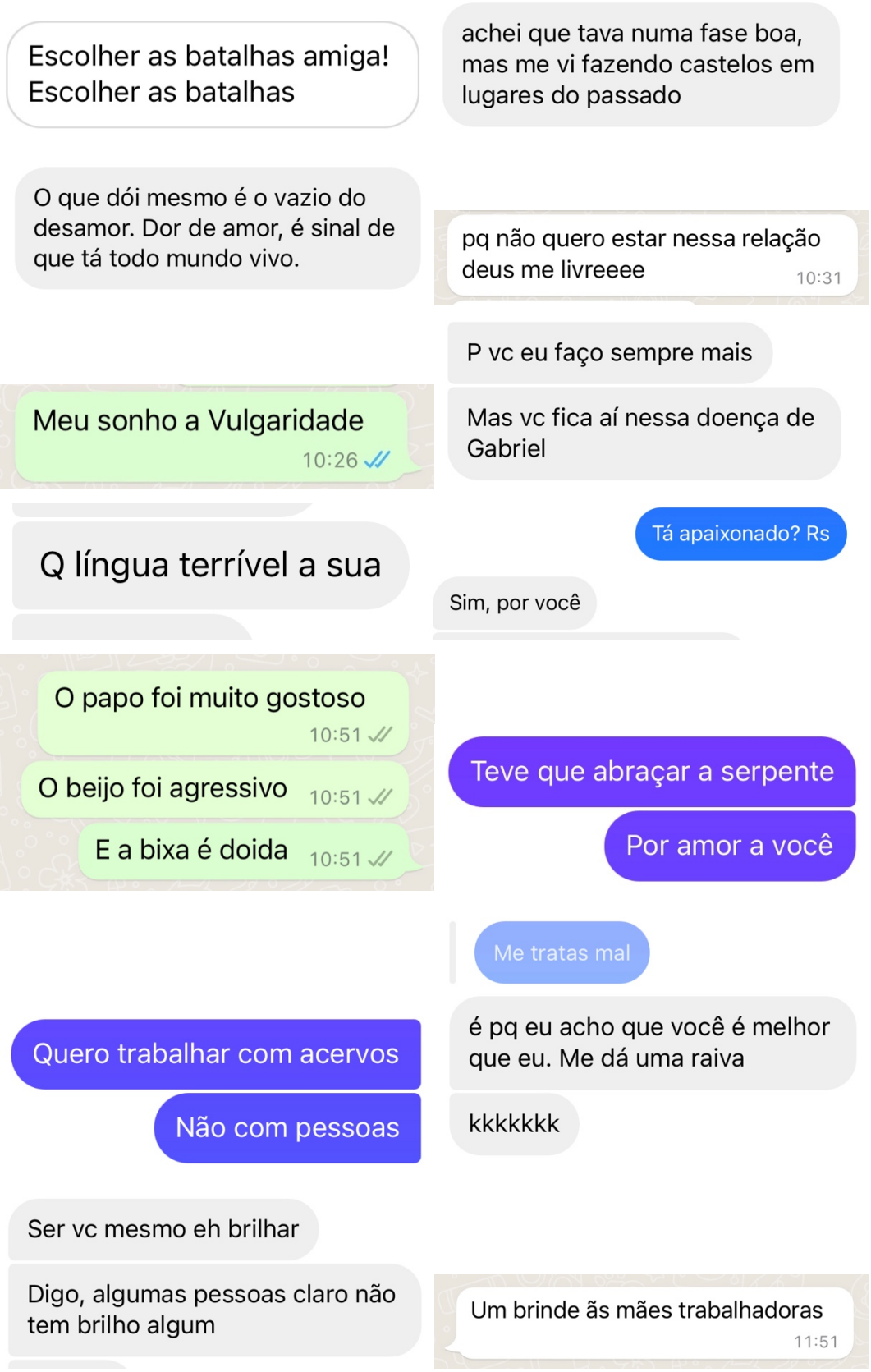
Caralhooooooooo

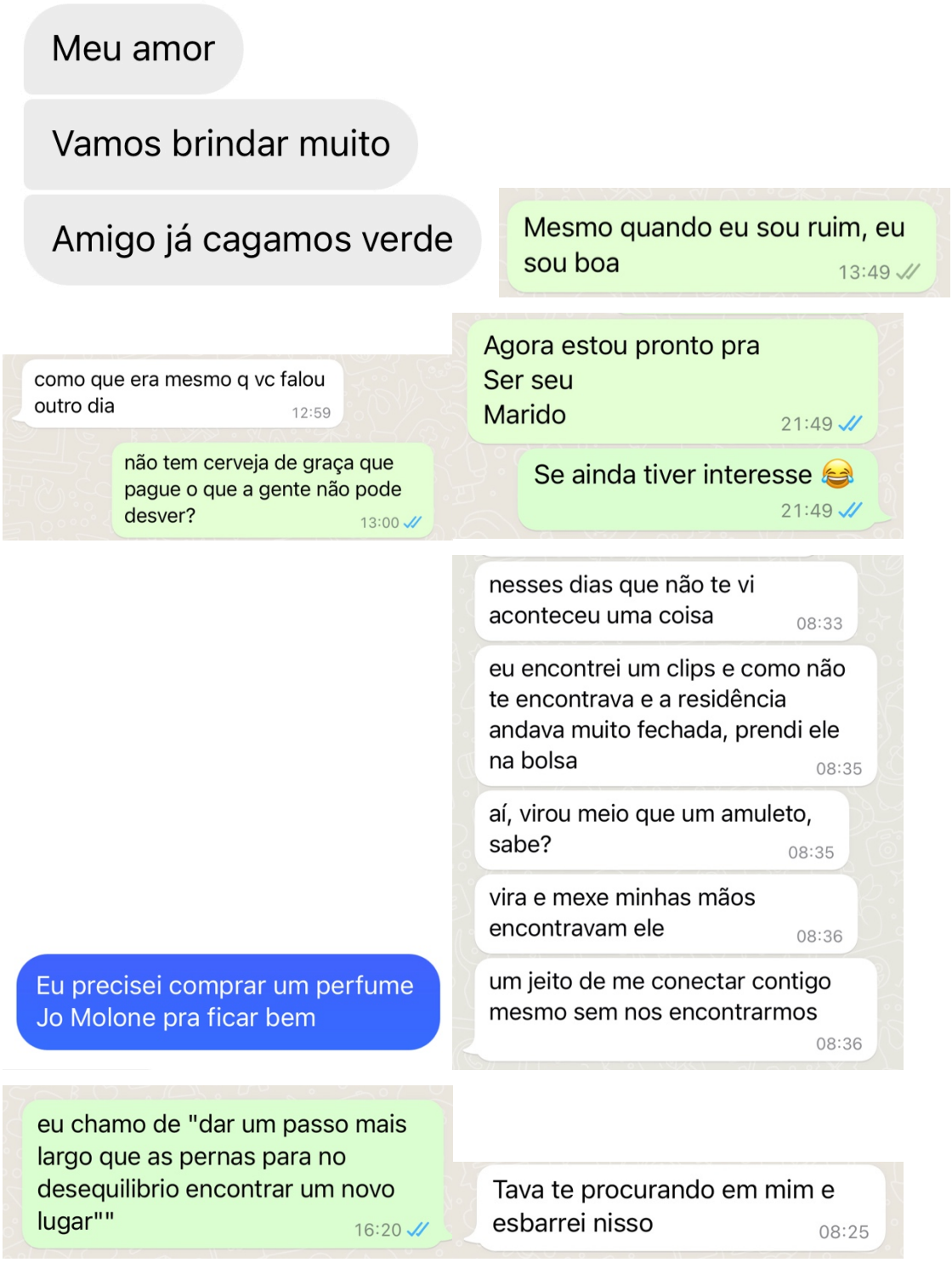
O sorriso mais lindo continua sendo o teu

Sou Gabriel também hahaha


Namorado?
Um amante
Tatuar João em azul
❤️
Acha que é fácil arrumar gente decente pra beijar?
O poeta é um fingidor finge tão completamente que eu não sabia que o Gabriel era uma ficção mesmo chamando Gabriel é uma ficção
Me tratam bem rs
Como deve ser né
Você respondeu
Como deve ser né
Pois é
A gente vai ficando acostumado com os maus tratos
Que até esquece
Vc trm muitos maridos
Vai saber cuidar?
Meu namorado novo
Nosso date antes de engatar meu namoro com João
hahhahaha fui promovido é?
❤️
Pq sou assim?
Amigo eu não sei mas continue
É recalque pq vc nunca vai tatuar meu nome, relaxa


Eu acho vc muito foda mano
Focado. Inteligente e gato
Combinação perfeita
Cedo ou tarde a gente acaba se tornando quem a gente é! rsrs (ainda bem!! 🙌)
15:17
Preciso fazer
Meu nome
Na lista policial
Sou distante, mas estou perto
Me namora? rs
❤️
Bora namorar kkk
❤️
Quando eu fico muito ansioso eu quebro meu cabelo com as mãos
Paz entre nós guerra aos senhores
E eu assim ate chorei com tanta beleza
E o mundo está
Cagando pra nós
❤️
Mas vai me engolir
Em algum ângulo de 90 graus
Pq decidi ser a mais elegante da sala
Até meus últimos dias na terra
Polêmica do seu lado que é a embaixadora da política social


Escolher as batalhas amiga!
Escolher as batalhas
achei que tava numa fase boa, mas me vi fazendo castelos em lugares do passado
O que dói mesmo é o vazio do desamor. Dor de amor, é sinal de que tá todo mundo vivo.
pq não quero estar nessa relação deus me livreeee
10:31
P vc eu faço sempre mais
Meu sonho a Vulgaridade
10:26
Mas vc fica aí nessa doença de Gabriel
Tá apaixonado? Rs
Q língua terrível a sua
Sim, por você
O papo foi muito gostoso
10:51
O beijo foi agressivo
10:51
E a bixa é doida
10:51
Teve que abraçar a serpente
Por amor a você
Me tratas mal
Quero trabalhar com acervos
é pq eu acho que você é melhor que eu. Me dá uma raiva
Não com pessoas
kkkkkkk
Ser vc mesmo eh brilhar
Digo, algumas pessoas claro não tem brilho algum
Um brinde ãs mães trabalhadoras
11:51


Meu amor
Vamos brindar muito
Amigo já cagamos verde
Mesmo quando eu sou ruim, eu sou boa 13:49
como que era mesmo q vc falou outro dia 12:59
não tem cerveja de graça que pague o que a gente não pode desver? 13:00
Agora estou pronto pra Ser seu Marido 21:49
Se ainda tiver interesse 😂 21:49
nesses dias que não te vi aconteceu uma coisa 08:33
eu encontrei um clips e como não te encontrava e a residência andava muito fechada, prendi ele na bolsa 08:35
aí, virou meio que um amuleto, sabe? 08:35
vira e mexe minhas mãos encontravam ele 08:36
um jeito de me conectar contigo mesmo sem nos encontrarmos 08:36
Eu precisei comprar um perfume Jo Molone pra ficar bem
eu chamo de "dar um passo mais largo que as pernas para no desequilibrio encontrar um novo lugar"" 16:20
Tava te procurando em mim e esbarrei nisso 08:25

é difícil demais para as pessoas lidarem com gente como você

A revolução começa lavando a louça 12:26

Mando pros esquerdo macho 12:26

porque elas não estão preparadas mesmo pra essas coisas

Mas com oq vc chorou?

Um pouco por dia já é muito

Reparação historica

seus textos são incríveis

tem uma paixão pelas coisas que transpassa a palavra

Mas acho que vcs estão certos

e aí não é que você escreveu de forma grandiosa, é porque escreveu de forma sincera

A performance é a resposta

e sinceridade é difícil encontrar

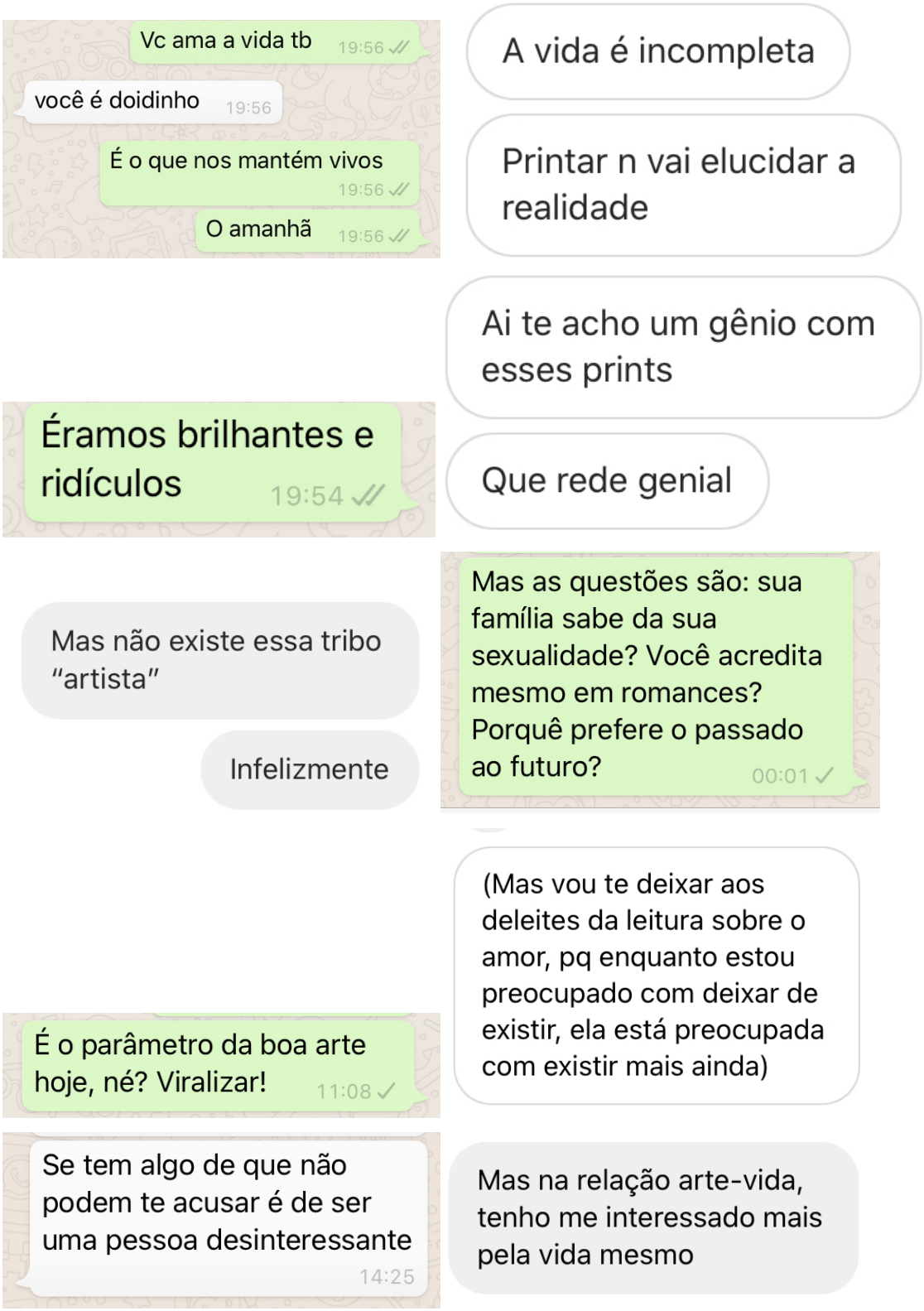
hoje eu fracassei 12:02

Sempre vou cobrar mais de ti Pedro 13:56

Porque te amo 13:56

arte=vida

la vida es obra


Vc ama a vida tb 19:56
você é doidinho 19:56
É o que nos mantém vivos 19:56
O amanhã 19:56
A vida é incompleta
Printar n vai elucidar a realidade
Ai te acho um gênio com esses prints
Éramos brilhantes e ridículos 19:54
Que rede genial
Mas não existe essa tribo "artista"
Infelizmente
Mas as questões são: sua família sabe da sua sexualidade? Você acredita mesmo em romances? Porquê prefere o passado ao futuro? 00:01
(Mas vou te deixar aos deleites da leitura sobre o amor, pq enquanto estou preocupado com deixar de existir, ela está preocupada com existir mais ainda)
É o parâmetro da boa arte hoje, né? Viralizar! 11:08
Se tem algo de que não podem te acusar é de ser uma pessoa desinteressante 14:25
Mas na relação arte-vida, tenho me interessado mais pela vida mesmo

E eu não quero ser como todas as outras

Eu quero ser quase como todas as outras

Ser original requer mta coragem

Muito compromentimento

Acho que não quero ser um artista 15:14

(Última coisa que falarei sobre o assunto)

É muita dedicação nessa invenção de vida

Mas pensando bem eu não conseguiria mto bem definir a sua arte mesmo

Eu preciso acontecer

Tipo, são performances? São instalações?

O mundo precisa me conhecer

Alguma categoria te contempla?

Pq já parto do fracasso como pressuposto

Tristeza pode, desânimo tá proibido

Foram tantos sonhos...

eliminei a palavra SUPERAR do meu vocabulário

Amigo mesmo dentre os artistas vc tá querendo fazer outras coisas sabe

E eu entendo e gosto só que não deve ser fácil

Nem pra ser assim pintor-escultor, é o trapeiro, a moda

Ser você

Maravilhosa

Ansiosa

Atrasada

Culpada

artista de verdade, é pintora

❤️

até eu explicar que sou uma artista conceitual

Enquanto eu estiver viva vou te celebrar

já estarei presa

Queria ser o teu trabalho 12:25

Só pra vc me dar atenção 12:26

Desde as 9h 12:26

O que vem depois de um sonho realizado?

Sim. Falta o mais importante rsrs

Um carinho diário

Pra suportar as adversidades

Disponibilidade

arte é aquele negócio que ninguém quer pq ninguém pediu, as pessoas só são convencidas de que elas querem

Eu não sei o que eu amo mais, a obra ou o nome

Tomei uma atitude, agora o sul é meu norte 12:32

e que eu perdi numa casa gigante que morei e mofou, joguei fora

Vixi mais aí ferro

Ain, somos gays até na temática 😅 22:41

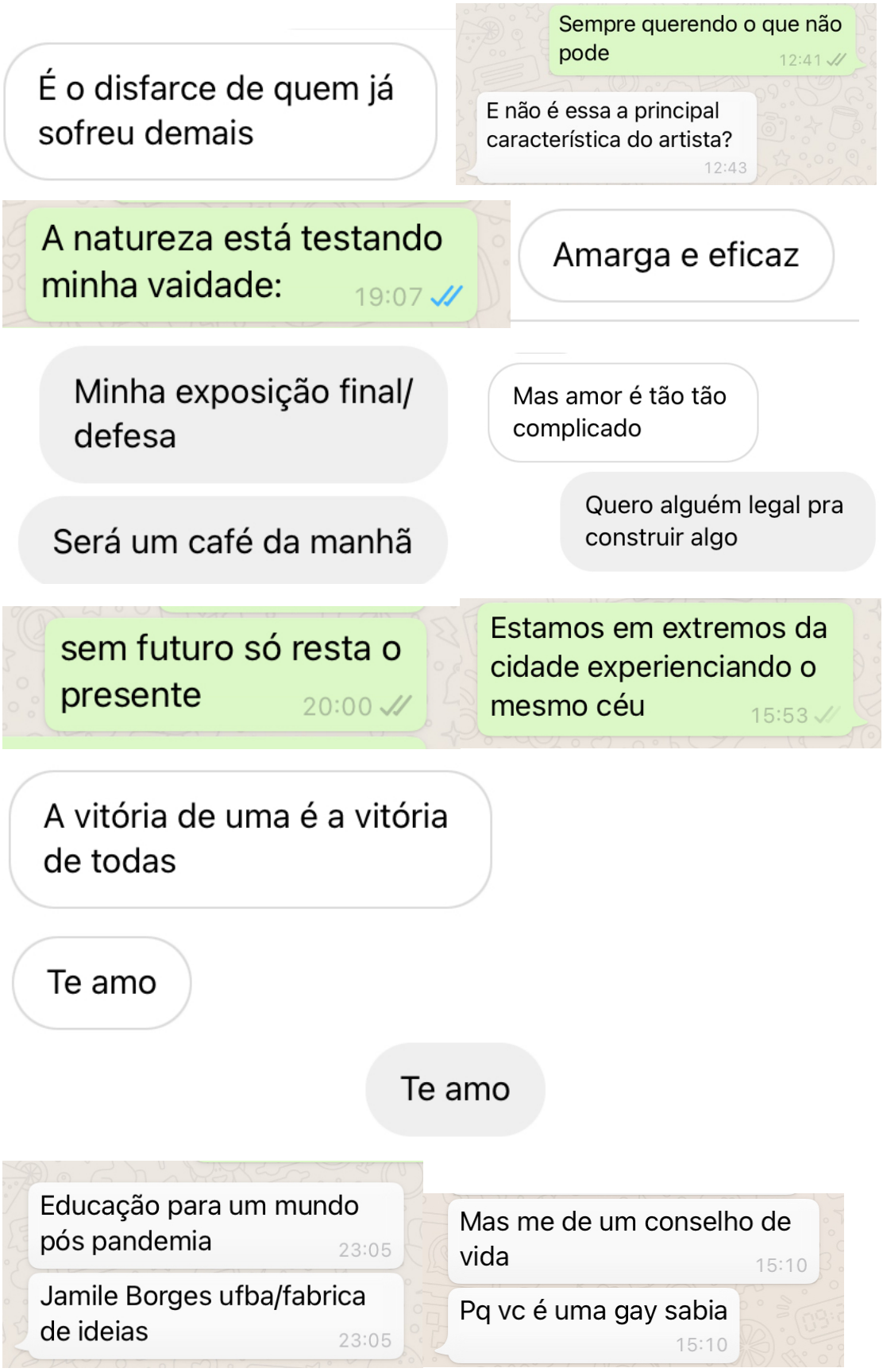
E acho que gosto mais de artistas que de arte

Vc usa roupa de mulher?

Pq ficaram bonitas em vc me chamou a atenção kkk

Uma bixa de vestido só serve como animadora de torcida

dois amigos cuidando um do outro 14:46


É o disfarce de quem já sofreu demais
Sempre querendo o que não pode 12:41
E não é essa a principal característica do artista? 12:43
A natureza está testando minha vaidade: 19:07
Amarga e eficaz
Minha exposição final/ defesa
Mas amor é tão tão complicado
Será um café da manhã
Quero alguém legal pra construir algo
sem futuro só resta o presente 20:00
Estamos em extremos da cidade experienciando o mesmo céu 15:53
A vitória de uma é a vitória de todas
Te amo
Te amo
Educação para um mundo pós pandemia 23:05
Jamile Borges ufba/fabrica de ideias 23:05
Mas me de um conselho de vida 15:10
Pq vc é uma gay sabia 15:10

A tulio tem essa cara blasé mas é uma fofinha 16:00

Coração mole 16:00

Ce fala q os seus conselhos são genericos mas as vezes esses são os conselhos q a gente precisa ouvir 15:54

Umas epocas eu senti raiva de vc 16:14

Quase parei de te seguir 16:14

como uma sábia pessoa me disse certa vez

quando a bixa é BOA

bixa ingênua morre de fome

e larga de ser abestada

Meu professor de antropologia diria



Bixa burra nasce morta

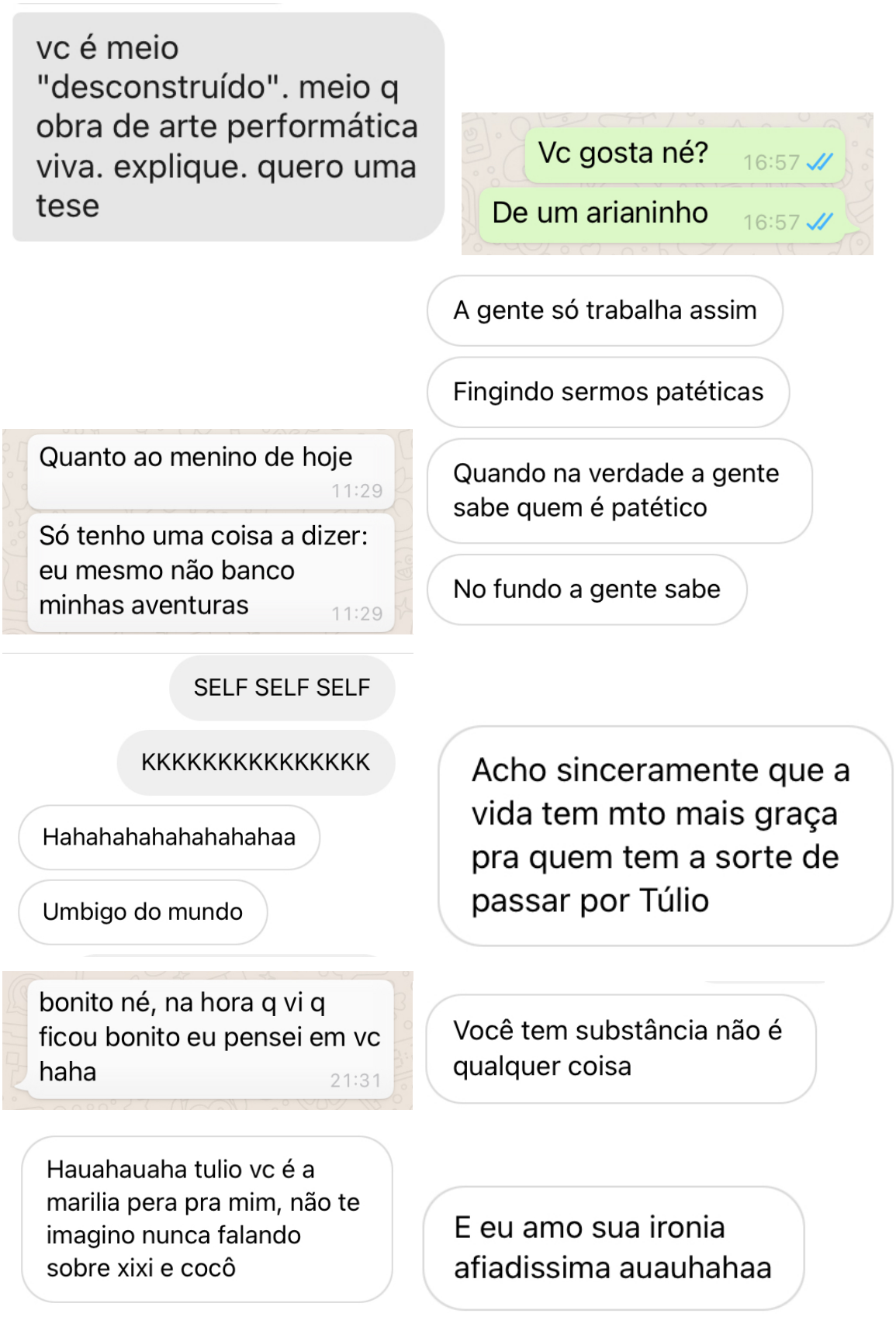
Cheia dos olhos

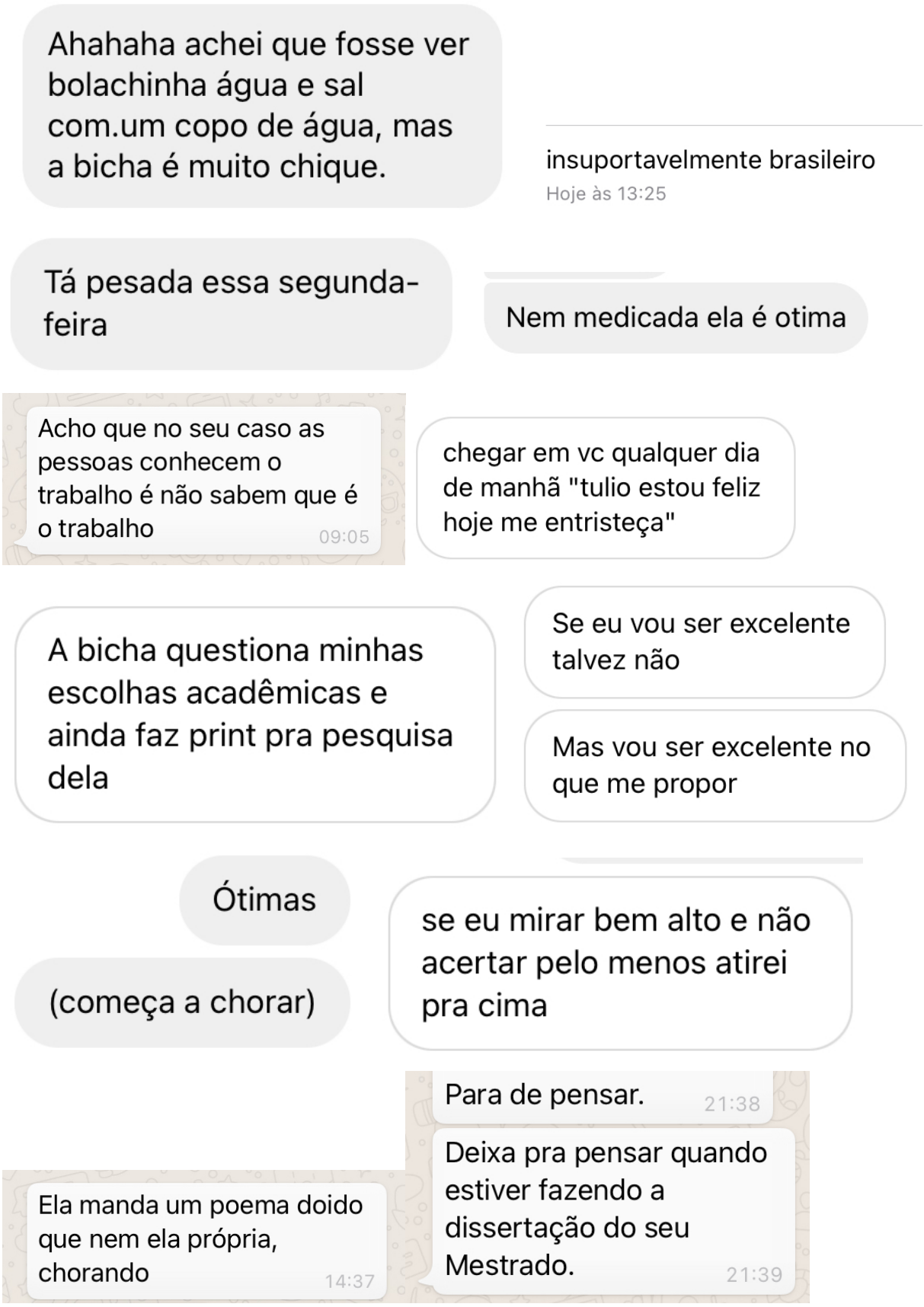
então vamos ao q interessa. vc é ativo? kkkkk

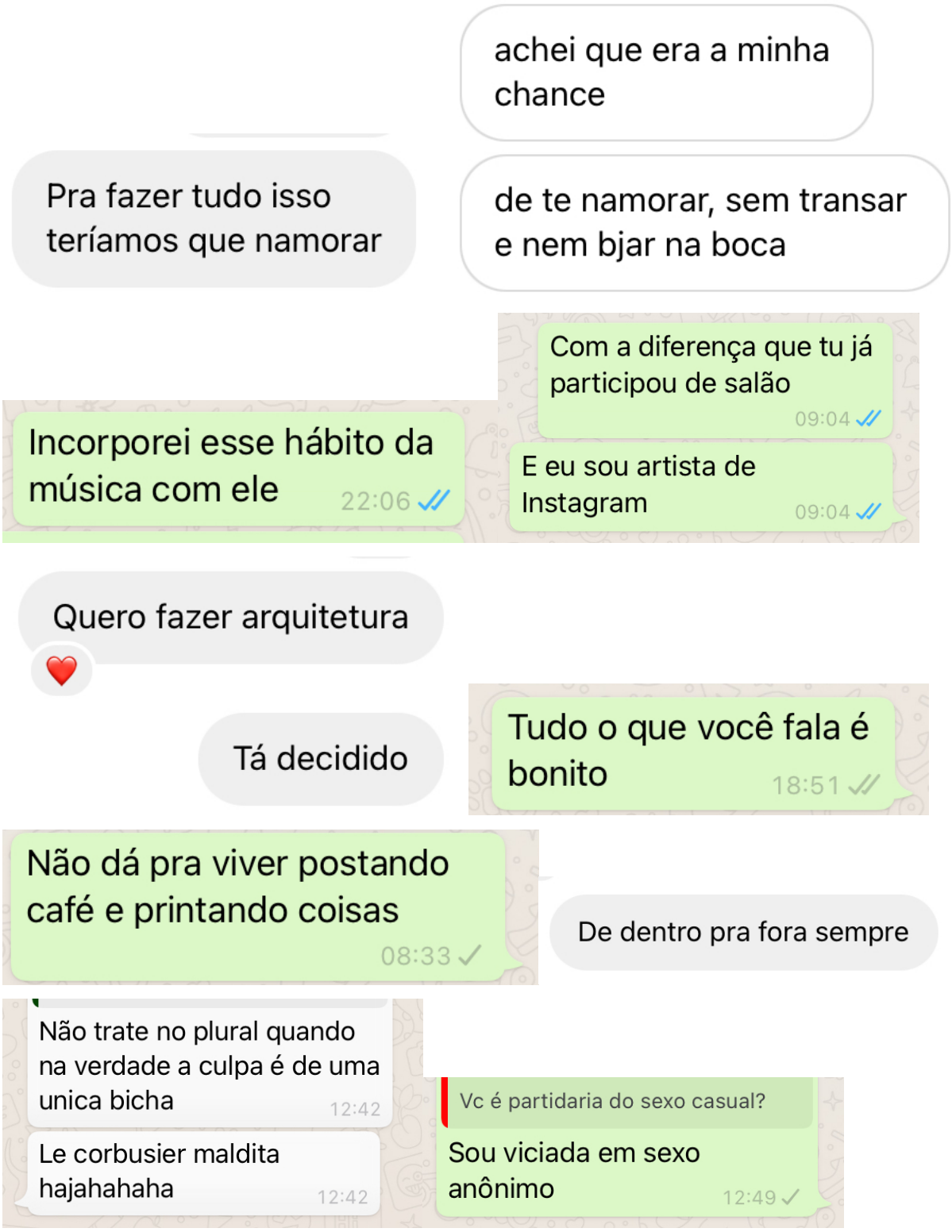
Não existe assunto. 23:38

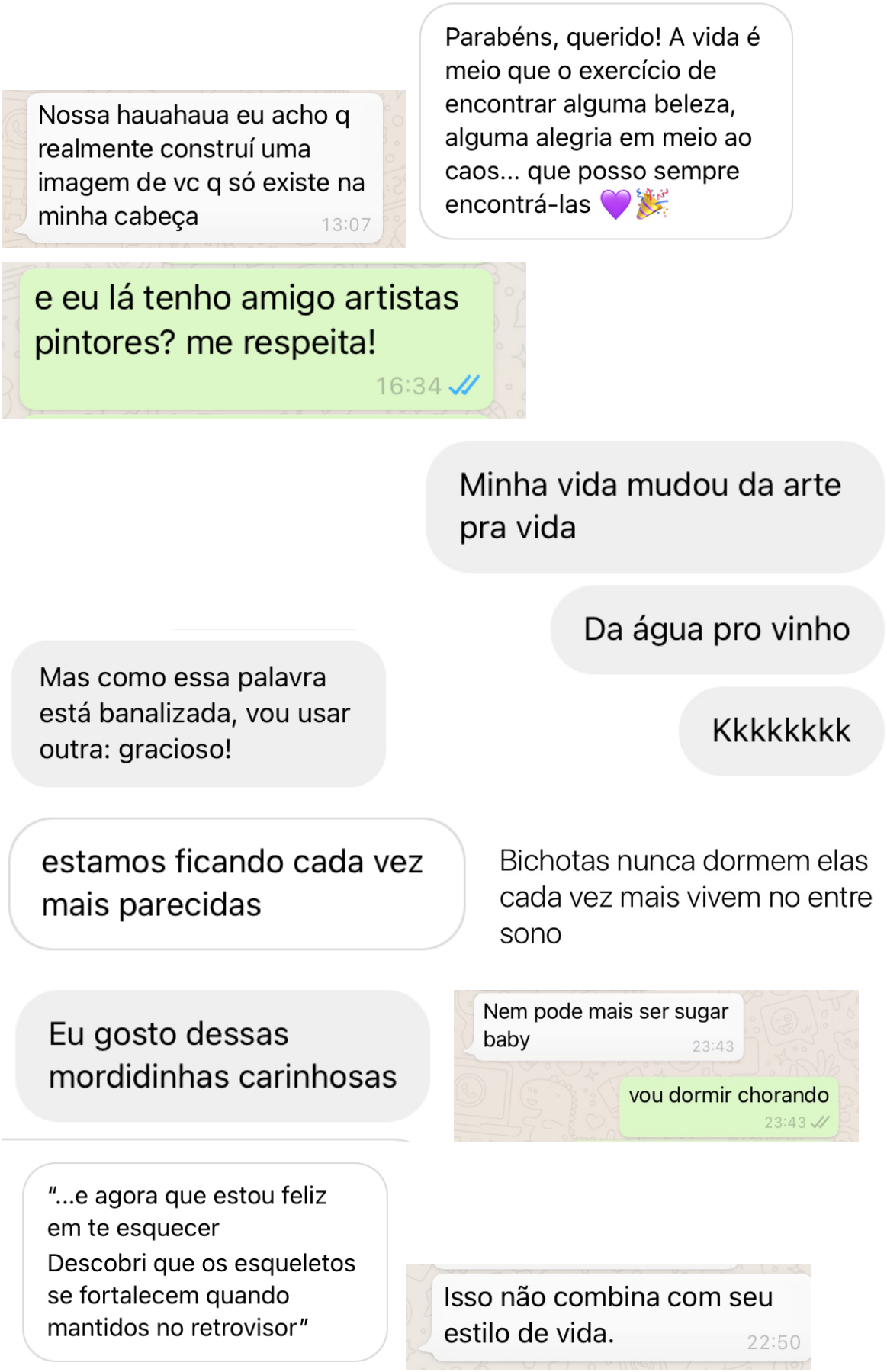
Não existe vida. 23:38

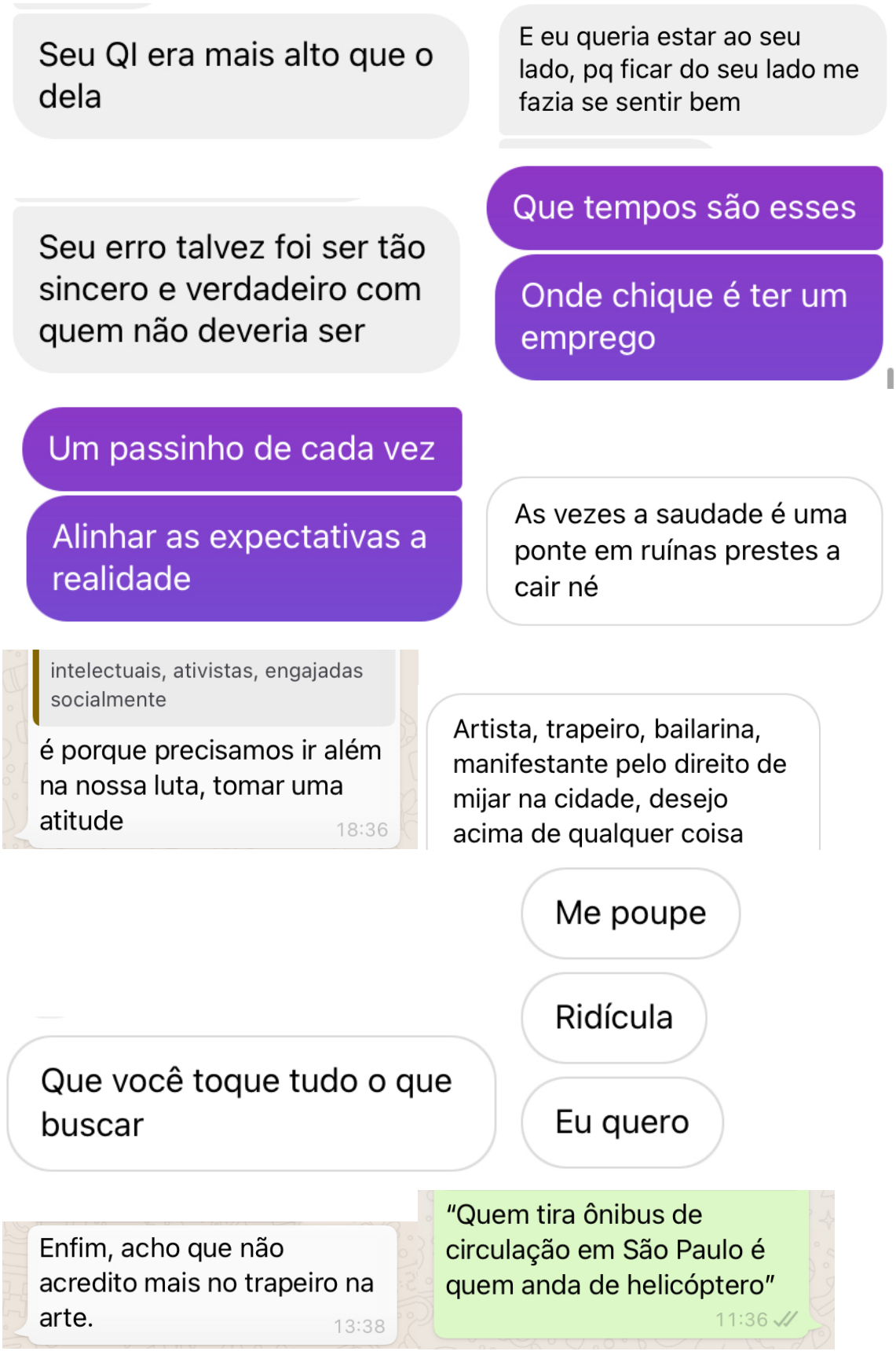
Não existe novidade. 23:39

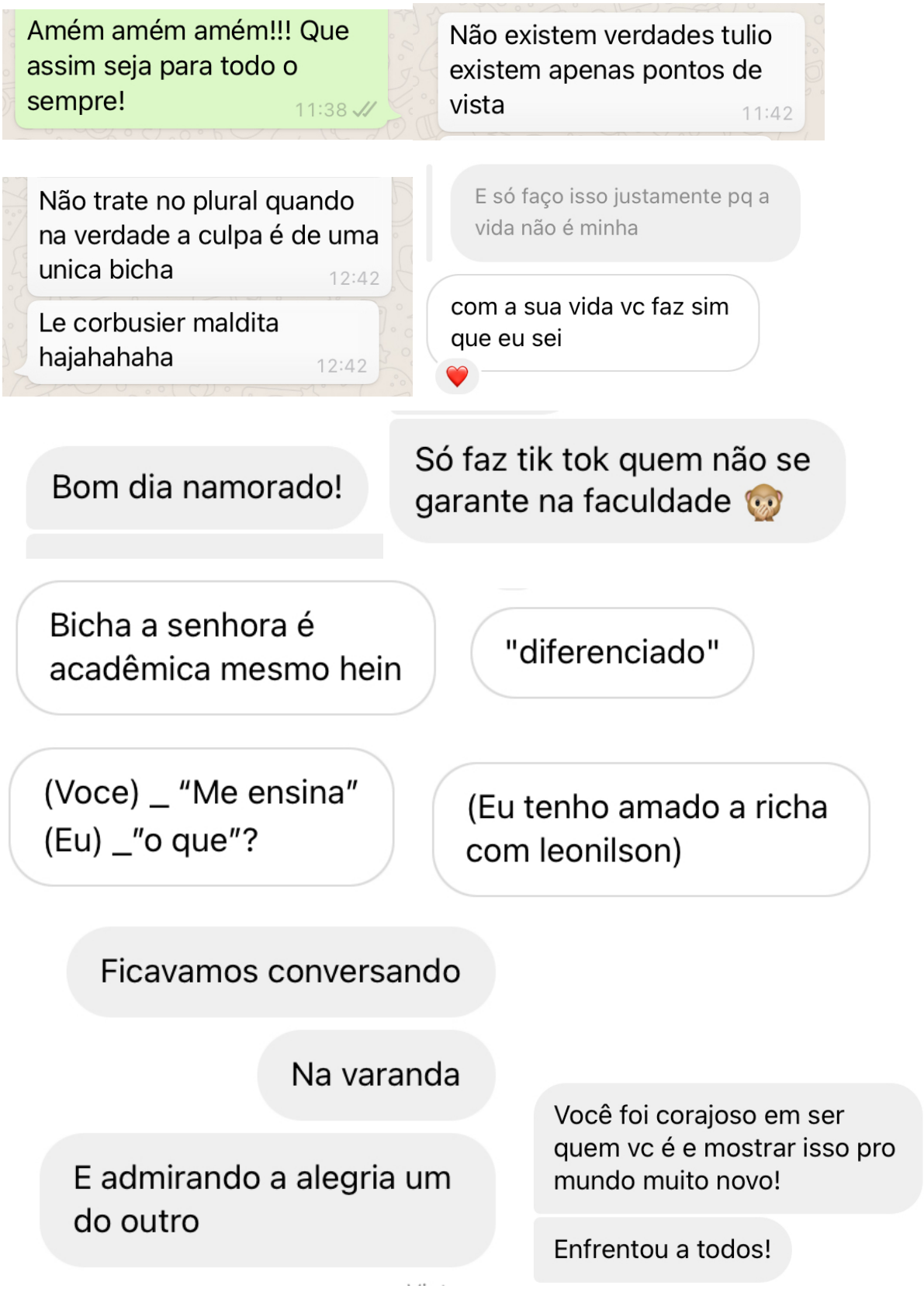

vc é meio "desconstruído". meio q obra de arte performática viva. explique. quero uma tese
Vc gosta né? 16:57
De um arianinho 16:57
A gente só trabalha assim
Fingindo sermos patéticas
Quanto ao menino de hoje 11:29
Só tenho uma coisa a dizer: eu mesmo não banco minhas aventuras 11:29
Quando na verdade a gente sabe quem é patético
No fundo a gente sabe
SELF SELF SELF
KKKKKKKKKKKKKK
Hahahahahahahahaa
Umbigo do mundo
Acho sinceramente que a vida tem mto mais graça pra quem tem a sorte de passar por Túlio
bonito né, na hora q vi q ficou bonito eu pensei em vc haha 21:31
Você tem substância não é qualquer coisa
Hauahauaha tulio vc é a marilia pera pra mim, não te imagino nunca falando sobre xixi e cocô
E eu amo sua ironia afiadissima auauhahaa

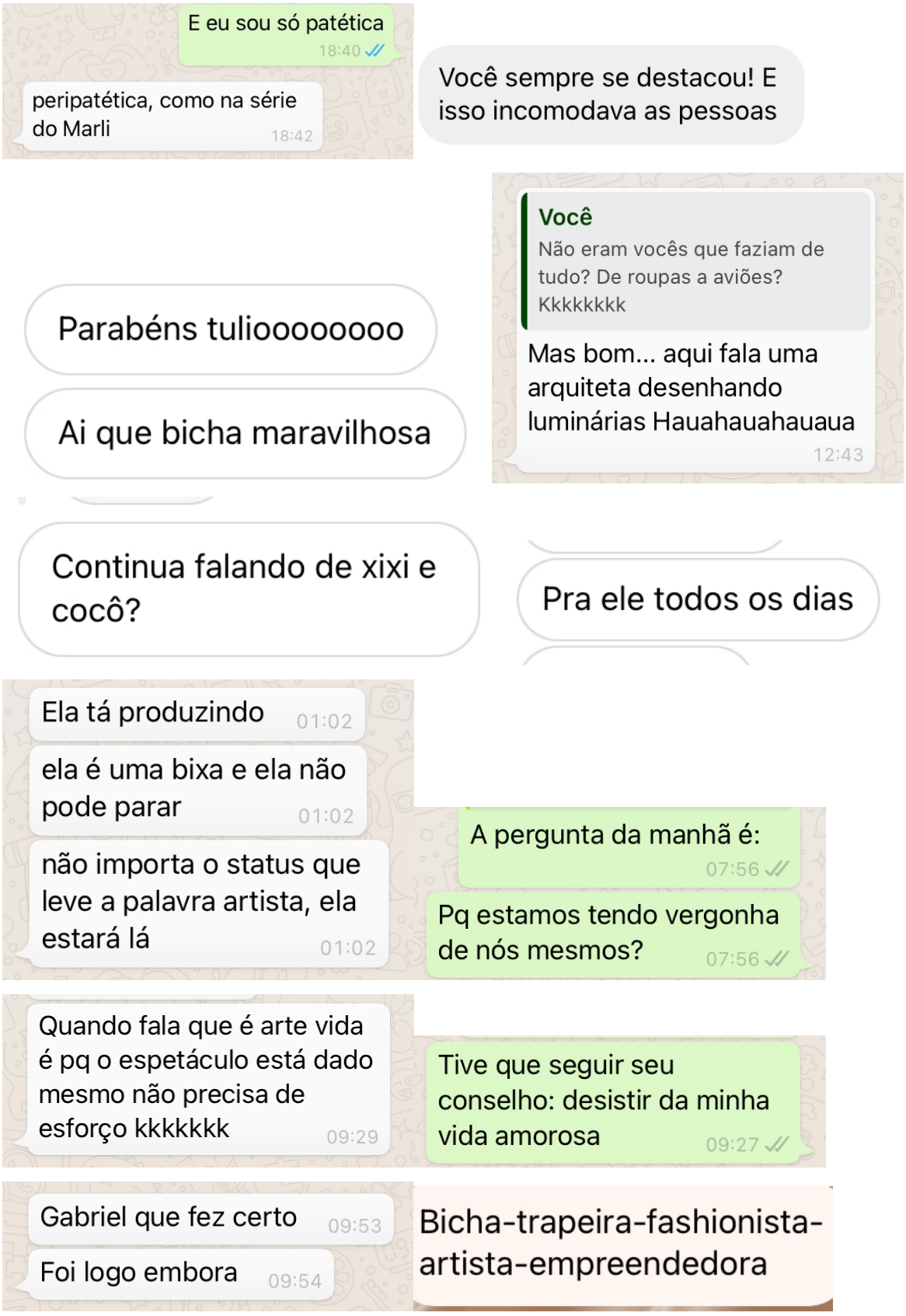

Ahahaha achei que fosse ver bolachinha água e sal com.um copo de água, mas a bicha é muito chique.
insuportavelmente brasileiro
Hoje às 13:25
Tá pesada essa segunda-feira
Nem medicada ela é otima
Acho que no seu caso as pessoas conhecem o trabalho é não sabem que é o trabalho
09:05
chegar em vc qualquer dia de manhã "tulio estou feliz hoje me entristeça"
A bicha questiona minhas escolhas acadêmicas e ainda faz print pra pesquisa dela
Se eu vou ser excelente talvez não
Mas vou ser excelente no que me propor
Ótimas
(começa a chorar)
se eu mirar bem alto e não acertar pelo menos atirei pra cima
Para de pensar.
21:38
Deixa pra pensar quando estiver fazendo a dissertação do seu Mestrado.
21:39
Ela manda um poema doido que nem ela própria, chorando
14:37


achei que era a minha chance
Pra fazer tudo isso teríamos que namorar
de te namorar, sem transar e nem bjar na boca
Com a diferença que tu já participou de salão
09:04
Incorporei esse hábito da música com ele
22:06
E eu sou artista de Instagram
09:04
Quero fazer arquitetura
❤️
Tá decidido
Tudo o que você fala é bonito
18:51
Não dá pra viver postando café e printando coisas
08:33
De dentro pra fora sempre
Não trate no plural quando na verdade a culpa é de uma unica bicha
12:42
Le corbusier maldita hajahahaha
12:42
Vc é partidaria do sexo casual?
Sou viciada em sexo anônimo
12:49


Nossa hauahaua eu acho q realmente construí uma imagem de vc q só existe na minha cabeça
13:07
Parabéns, querido! A vida é meio que o exercício de encontrar alguma beleza, alguma alegria em meio ao caos... que posso sempre encontrá-las 💜🎉
e eu lá tenho amigo artistas pintores? me respeita!
16:34
Minha vida mudou da arte pra vida
Da água pro vinho
Mas como essa palavra está banalizada, vou usar outra: gracioso!
Kkkkkkkk
estamos ficando cada vez mais parecidas
Bichotas nunca dormem elas cada vez mais vivem no entre sono
Eu gosto dessas mordidinhas carinhosas
Nem pode mais ser sugar baby
23:43
vou dormir chorando
23:43
"...e agora que estou feliz em te esquecer
Descobri que os esqueletos se fortalecem quando mantidos no retrovisor"
Isso não combina com seu estilo de vida.
22:50


Seu QI era mais alto que o dela
E eu queria estar ao seu lado, pq ficar do seu lado me fazia se sentir bem
Que tempos são esses
Seu erro talvez foi ser tão sincero e verdadeiro com quem não deveria ser
Onde chique é ter um emprego
Um passinho de cada vez
Alinhar as expectativas a realidade
As vezes a saudade é uma ponte em ruínas prestes a cair né
intelectuais, ativistas, engajadas socialmente
é porque precisamos ir além na nossa luta, tomar uma atitude
18:36
Artista, trapeiro, bailarina, manifestante pelo direito de mijar na cidade, desejo acima de qualquer coisa
Me poupe
Ridícula
Que você toque tudo o que buscar
Eu quero
Enfim, acho que não acredito mais no trapeiro na arte.
13:38
"Quem tira ônibus de circulação em São Paulo é quem anda de helicóptero"
11:36


Amém amém amém!!! Que assim seja para todo o sempre!
11:38
Não existem verdades tulio existem apenas pontos de vista
11:42
Não trate no plural quando na verdade a culpa é de uma unica bicha
12:42
Le corbusier maldita hajahahaha
12:42
E só faço isso justamente pq a vida não é minha
com a sua vida vc faz sim que eu sei
Bom dia namorado!
Só faz tik tok quem não se garante na faculdade
Bicha a senhora é acadêmica mesmo hein
"diferenciado"
(Voce) _ "Me ensina"
(Eu) _"o que"?
(Eu tenho amado a richa com leonilson)
Ficavamos conversando
Na varanda
E admirando a alegria um do outro
Você foi corajoso em ser quem vc é e mostrar isso pro mundo muito novo!
Enfrentou a todos!


E eu sou só patética
18:40
peripatética, como na série do Marli
18:42
Você sempre se destacou! E isso incomodava as pessoas
Você
Não eram vocês que faziam de tudo? De roupas a aviões? Kkkkkkkk
Mas bom... aqui fala uma arquiteta desenhando luminárias Hauahauahauaua
12:43
Parabéns tulioooooooo
Ai que bicha maravilhosa
Continua falando de xixi e cocô?
Pra ele todos os dias
Ela tá produzindo
01:02
ela é uma bixa e ela não pode parar
01:02
não importa o status que leve a palavra artista, ela estará lá
01:02
A pergunta da manhã é:
07:56
Pq estamos tendo vergonha de nós mesmos?
07:56
Quando fala que é arte vida é pq o espetáculo está dado mesmo não precisa de esforço kkkkkkk
09:29
Tive que seguir seu conselho: desistir da minha vida amorosa
09:27
Gabriel que fez certo
09:53
Foi logo embora
09:54
Bicha-trapeira-fashionista-artista-empreendedora

Vou tatuar gabriel numa coxa

❤️

Hj acordei e pensei: quero ouvir uma crítica da Tulio:

❤️

E marcelo na outra

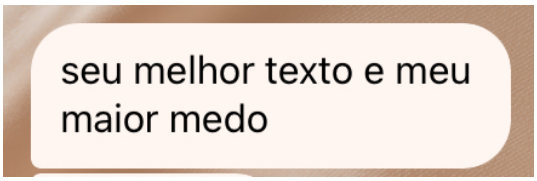
a troca de roupas

o cozinhar juntos

o despudor

Ela sonha com uma vida medíocre... 15:37

Belo retrato é vc acordando do meu lado



Se não entenderem hoje entenderão após a nossa morte

Sim é horrível

Mas a verdade é horrível

A vida é muito curta pra não compartilhar o que temos de melhor

Café da manhã com Tulíssimo ®

Vou roubar um dia sem querer rs

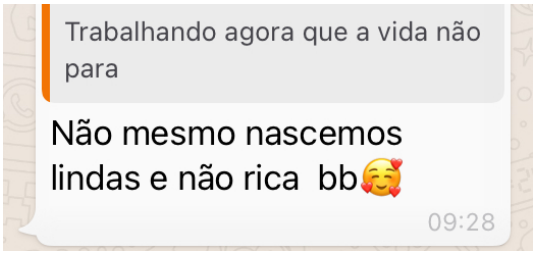
E guardar em segredo

Mas ontem mesmo estava contando como você é uma maravilha pra quem está ao seu redor

Te amo seu pilantra ❤️

"apesar de tudo, super produtivo... criando essa pesquisa que é você..."

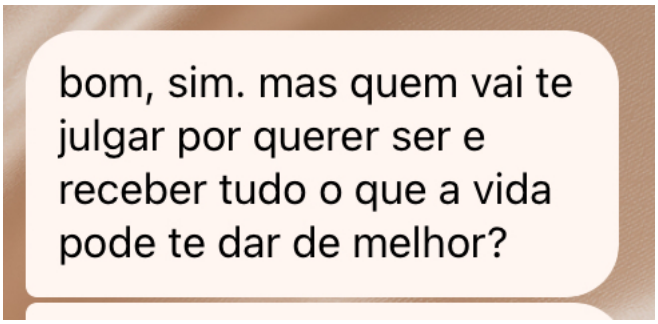
Precisamos aprender a arte de menos autocrítica e mais aceitação ❤️



Cansei disso há

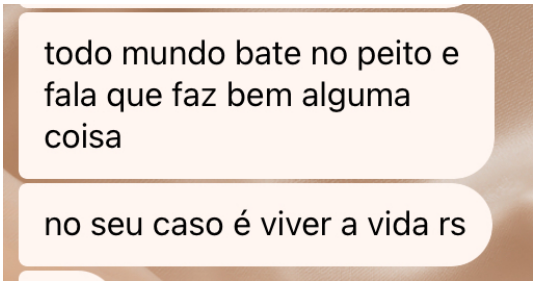
De Gabriel

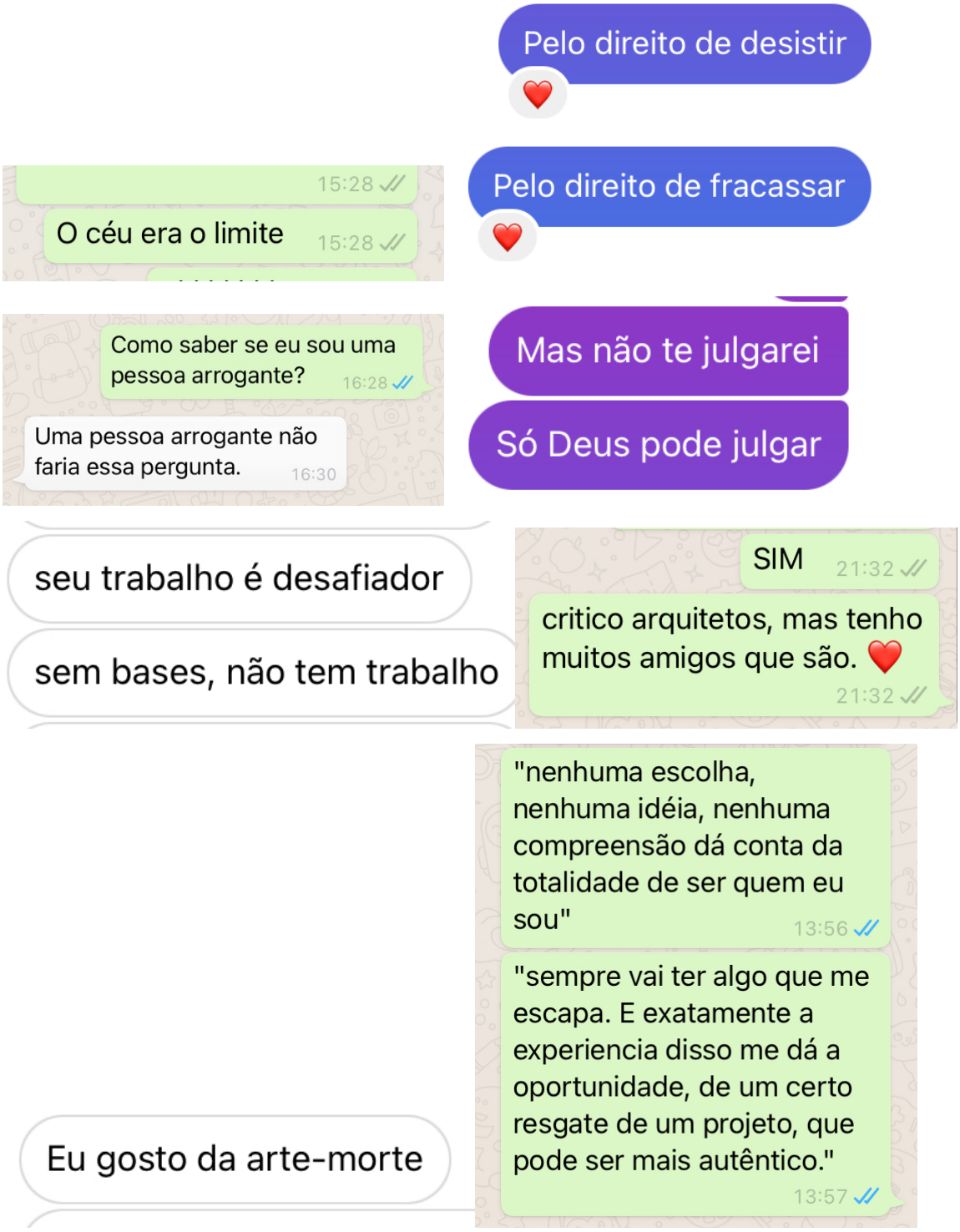
Canseeeeeeei ❤️

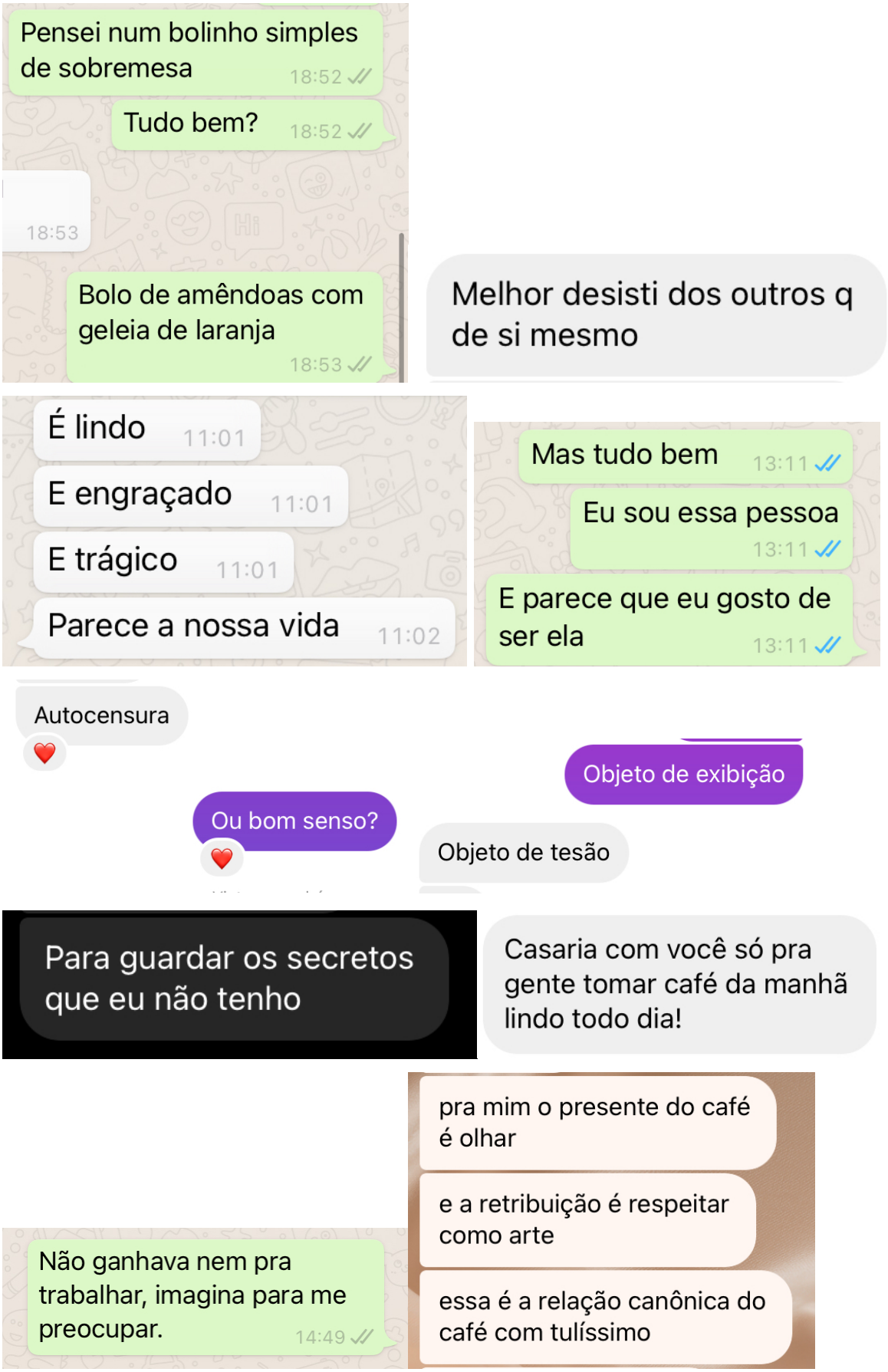


Da cabeça aos pés

E isso inclui roupa interior




Pelo direito de desistir
15:28
O céu era o limite 15:28
Pelo direito de fracassar
Como saber se eu sou uma pessoa arrogante? 16:28
Uma pessoa arrogante não faria essa pergunta. 16:30
Mas não te julgarei
Só Deus pode julgar
seu trabalho é desafiador
sem bases, não tem trabalho
SIM 21:32
critico arquitetos, mas tenho muitos amigos que são. ❤️ 21:32
"nenhuma escolha, nenhuma idéia, nenhuma compreensão dá conta da totalidade de ser quem eu sou" 13:56
"sempre vai ter algo que me escapa. E exatamente a experiencia disso me dá a oportunidade, de um certo resgate de um projeto, que pode ser mais autêntico." 13:57
Eu gosto da arte-morte


Pensei num bolinho simples de sobremesa 18:52
Tudo bem? 18:52
18:53
Bolo de amêndoas com geleia de laranja 18:53
Melhor desisti dos outros q de si mesmo
É lindo 11:01
E engraçado 11:01
E trágico 11:01
Parece a nossa vida 11:02
Mas tudo bem 13:11
Eu sou essa pessoa 13:11
E parece que eu gosto de ser ela 13:11
Autocensura
Objeto de exibição
Ou bom senso?
Objeto de tesão
Para guardar os secretos que eu não tenho
Casaria com você só pra gente tomar café da manhã lindo todo dia!
pra mim o presente do café é olhar
e a retribuição é respeitar como arte
essa é a relação canônica do café com tulíssimo
Não ganhava nem pra trabalhar, imagina para me preocupar. 14:49

Então a questão é:

Eu posso me assumir uma bixa-trapeira

Enquanto uso uma camisa de mil euros?

Parece contraditório

Eu até gosto de entender que era uma pessoa horrível, pq isso só peroba que eu tava no caminho certo de incomodar as vidas contidas

❤️

As coisas que a gente escolhe e a afinidade acentuada que o artista tem com o tecido da própria vida

Eu nunca digo isso pra ninguém

acho engraçado que todo mundo sabe que existem as pessoas mas só vc vê elas

12:28

Como falaram sobre meu livro: você se leva muito a sério, mas se chacoalhar, não sobra nem poeira

Quando acordo do seu lado eu acho que já estou sorrindo antes de abrir os olhos

Não te quero transformar em mais uma ficção

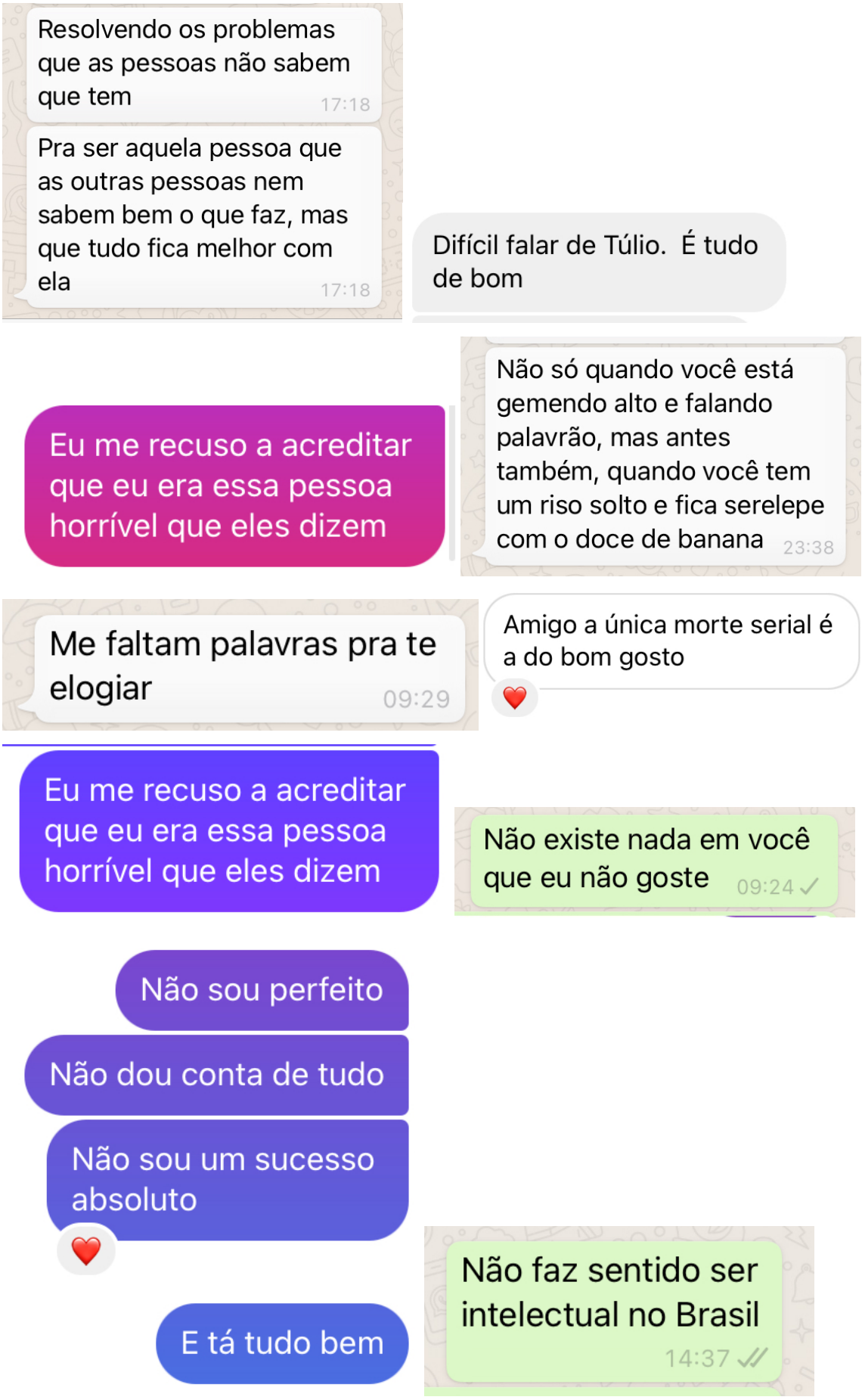
Transformando mesmo a vida em obra

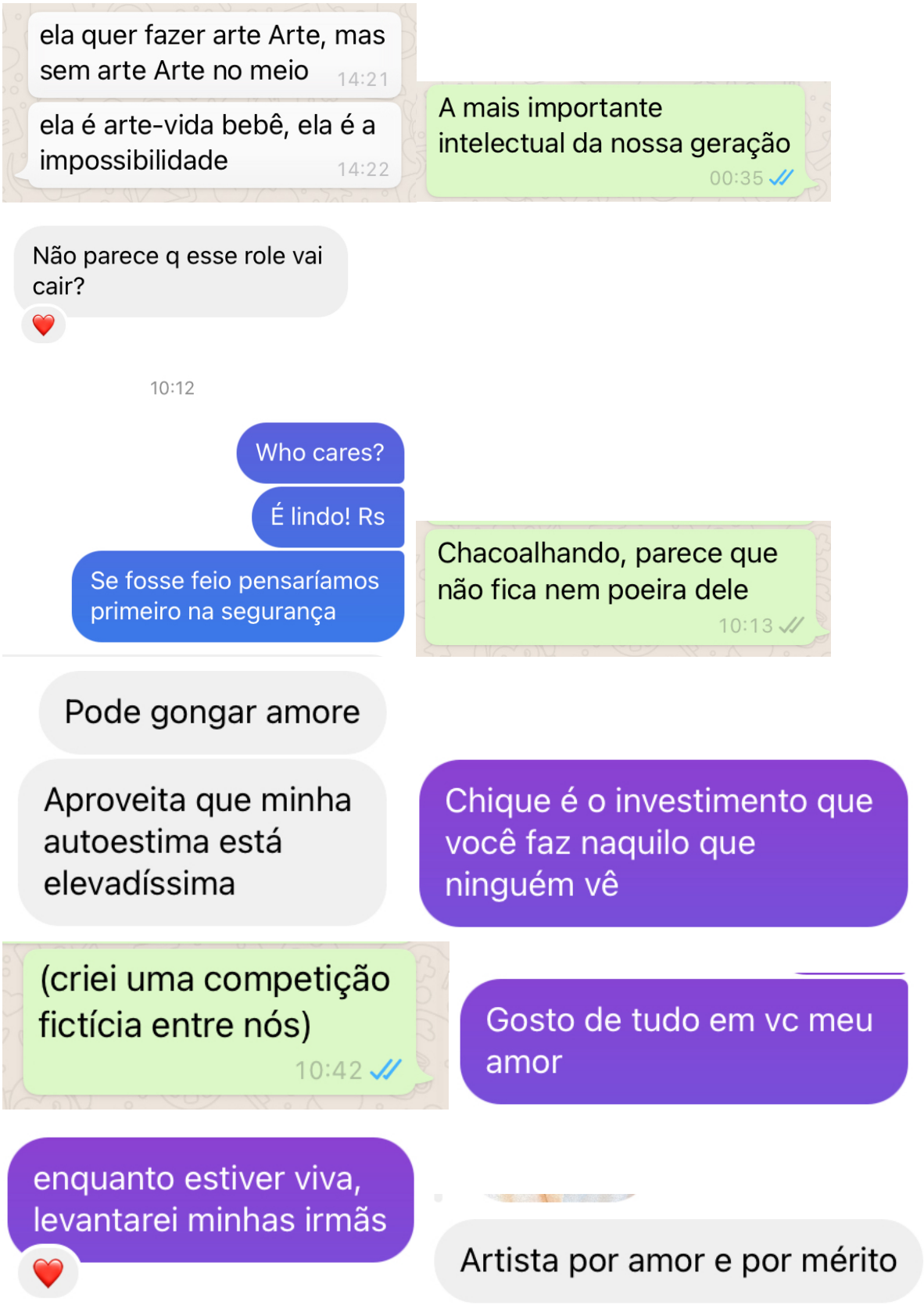
❤️

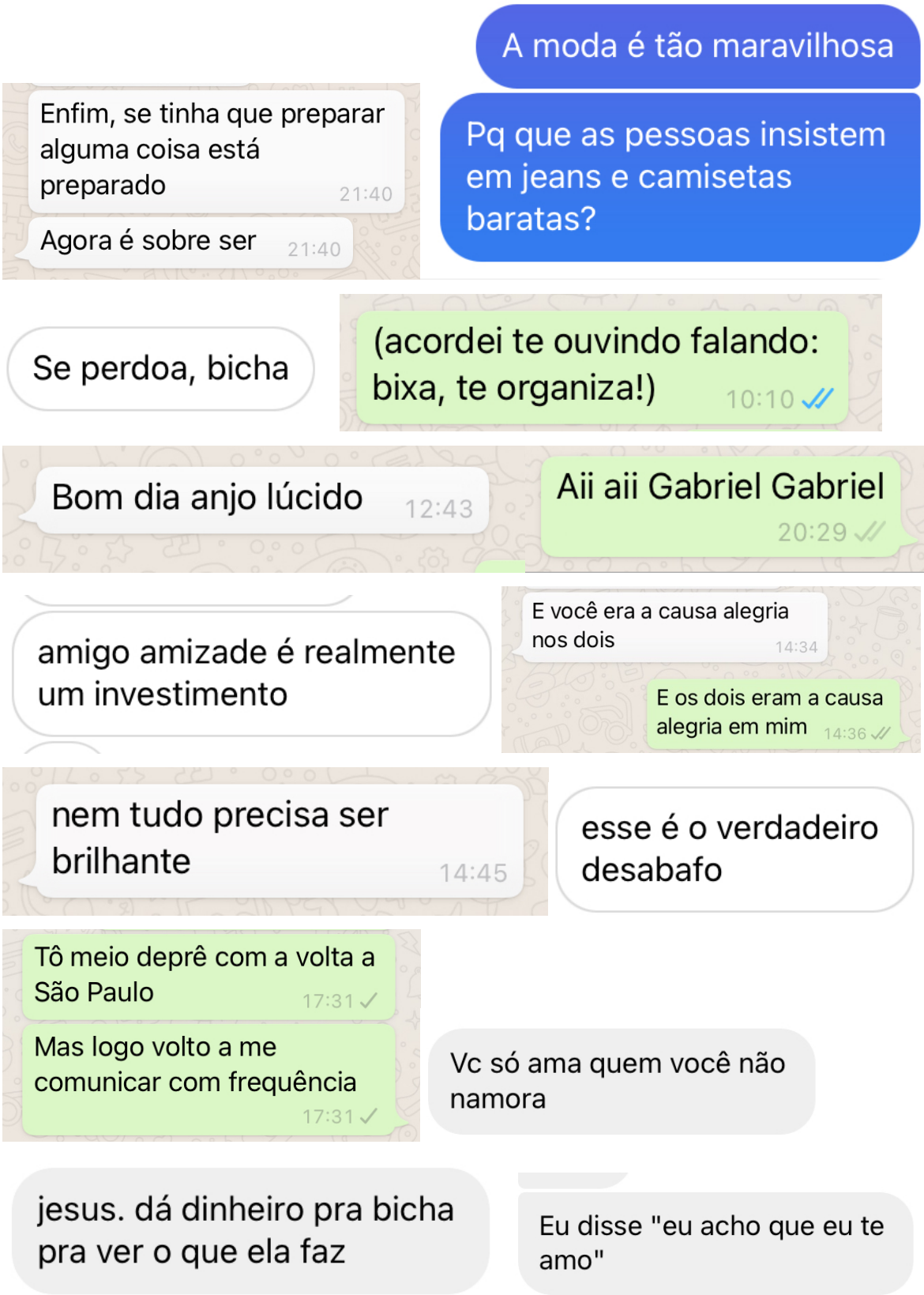
Liguei pra minha mãe chorando descompensada

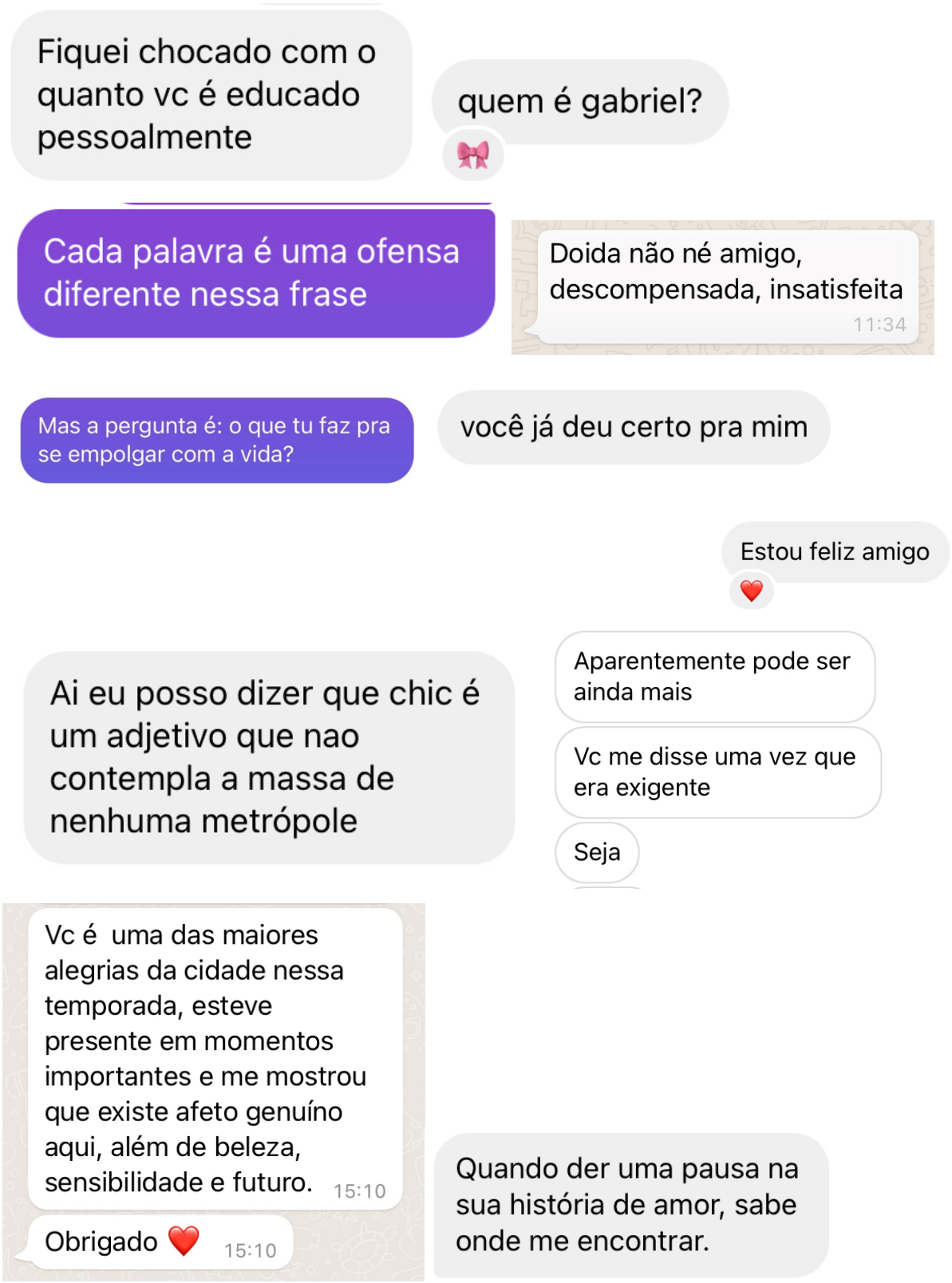
16:56

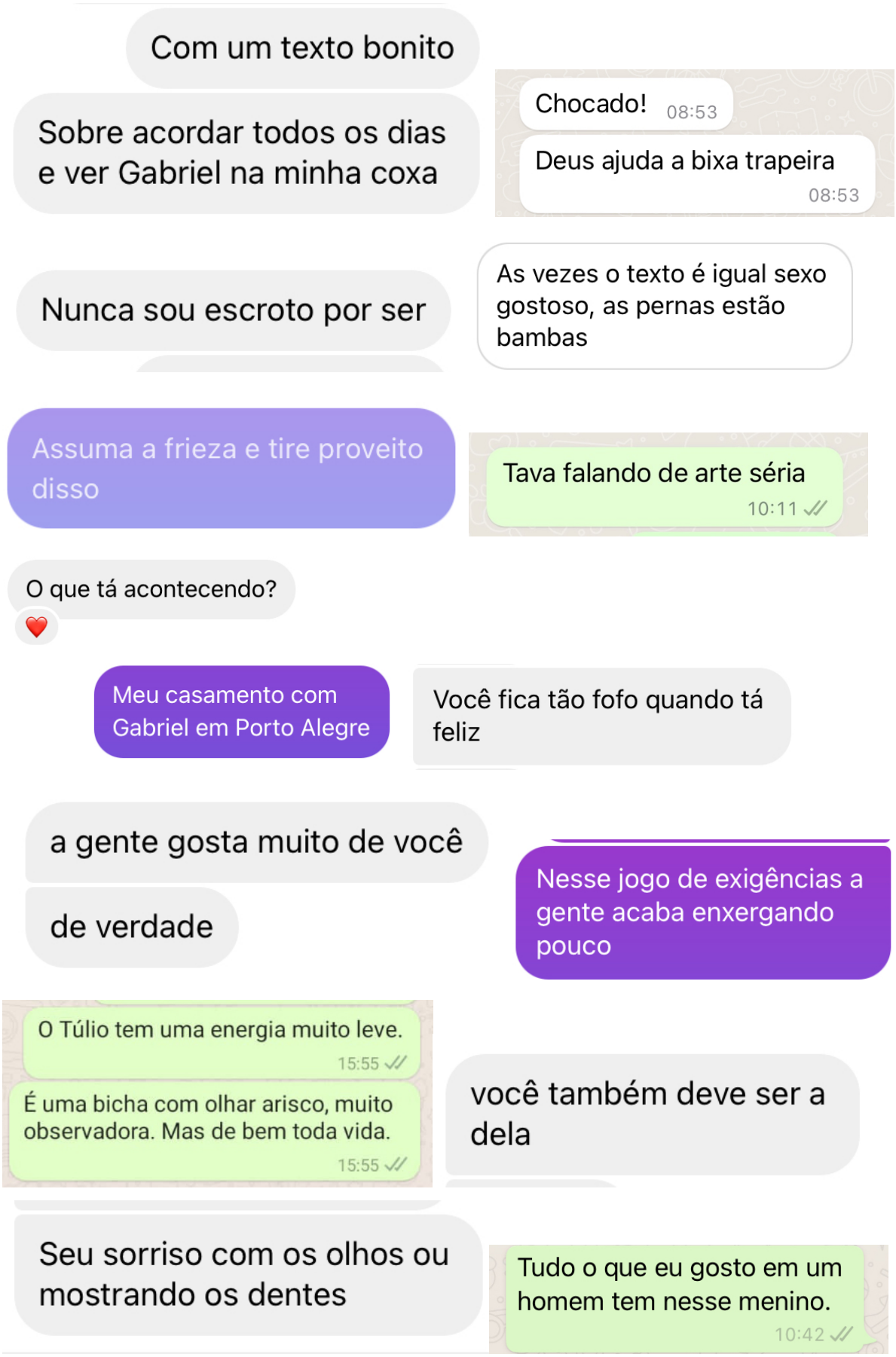
A vida dos outros


Resolvendo os problemas que as pessoas não sabem que tem 17:18
Pra ser aquela pessoa que as outras pessoas nem sabem bem o que faz, mas que tudo fica melhor com ela 17:18
Difícil falar de Túlio. É tudo de bom
Não só quando você está gemendo alto e falando palavrão, mas antes também, quando você tem um riso solto e fica serelepe com o doce de banana 23:38
Eu me recuso a acreditar que eu era essa pessoa horrível que eles dizem
Me faltam palavras pra te elogiar 09:29
Amigo a única morte serial é a do bom gosto
❤️
Eu me recuso a acreditar que eu era essa pessoa horrível que eles dizem
Não existe nada em você que eu não goste 09:24
Não sou perfeito
Não dou conta de tudo
Não sou um sucesso absoluto
❤️
E tá tudo bem
Não faz sentido ser intelectual no Brasil 14:37


ela quer fazer arte Arte, mas sem arte Arte no meio 14:21
ela é arte-vida bebê, ela é a impossibilidade 14:22
A mais importante intelectual da nossa geração 00:35
Não parece q esse role vai cair?
❤️
10:12
Who cares?
É lindo! Rs
Se fosse feio pensaríamos primeiro na segurança
Chacoalhando, parece que não fica nem poeira dele 10:13
Pode gongar amore
Aproveita que minha autoestima está elevadíssima
Chique é o investimento que você faz naquilo que ninguém vê
(criei uma competição fictícia entre nós) 10:42
Gosto de tudo em vc meu amor
enquanto estiver viva, levantarei minhas irmãs
❤️
Artista por amor e por mérito


A moda é tão maravilhosa
Enfim, se tinha que preparar alguma coisa está preparado 21:40
Agora é sobre ser 21:40
Pq que as pessoas insistem em jeans e camisetas baratas?
Se perdoa, bicha
(acordei te ouvindo falando: bixa, te organiza!) 10:10
Bom dia anjo lúcido 12:43
Aii aii Gabriel Gabriel 20:29
amigo amizade é realmente um investimento
E você era a causa alegria nos dois 14:34
E os dois eram a causa alegria em mim 14:36
nem tudo precisa ser brilhante 14:45
esse é o verdadeiro desabafo
Tô meio deprê com a volta a São Paulo 17:31
Mas logo volto a me comunicar com frequência 17:31
Vc só ama quem você não namora
jesus. dá dinheiro pra bicha pra ver o que ela faz
Eu disse "eu acho que eu te amo"


Fiquei chocado com o quanto vc é educado pessoalmente
quem é gabriel?
🎀
Cada palavra é uma ofensa diferente nessa frase
Doida não né amigo, descompensada, insatisfeita
11:34
Mas a pergunta é: o que tu faz pra se empolgar com a vida?
você já deu certo pra mim
Estou feliz amigo
❤️
Ai eu posso dizer que chic é um adjetivo que nao contempla a massa de nenhuma metrópole
Aparentemente pode ser ainda mais
Vc me disse uma vez que era exigente
Seja
Vc é uma das maiores alegrias da cidade nessa temporada, esteve presente em momentos importantes e me mostrou que existe afeto genuíno aqui, além de beleza, sensibilidade e futuro.
15:10
Obrigado ❤️
15:10
Quando der uma pausa na sua história de amor, sabe onde me encontrar.


Com um texto bonito
Sobre acordar todos os dias e ver Gabriel na minha coxa
Chocado! 08:53
Deus ajuda a bixa trapeira 08:53
Nunca sou escroto por ser
As vezes o texto é igual sexo gostoso, as pernas estão bambas
Assuma a frieza e tire proveito disso
Tava falando de arte séria 10:11
O que tá acontecendo?
❤️
Meu casamento com Gabriel em Porto Alegre
Você fica tão fofo quando tá feliz
a gente gosta muito de você
de verdade
Nesse jogo de exigências a gente acaba enxergando pouco
O Túlio tem uma energia muito leve. 15:55
É uma bicha com olhar arisco, muito observadora. Mas de bem toda vida. 15:55
você também deve ser a dela
Seu sorriso com os olhos ou mostrando os dentes
Tudo o que eu gosto em um homem tem nesse menino. 10:42

Difícil é o quê?

Acordar de manhã e estar no mundo

se faz de sonsa achando que não sabe de nada 10:56

mas já fez tanta coisa boa 10:56

Mas o que eu quis dizer é: tudo bem estar errado; tudo bem assumir que errou; tudo bem pedir desculpas; tudo bem não saber tudo; tudo bem testar algo diferente do receituário; estejamos bem...

aii gente 12:04

que alegria estou! 12:04

Muito bom 12:04

Chega dá vontade de viver 12:04

Sem vc eu não sou nada 09:29

Não diga isso 09:29

Sem mim você é tudo pelo que me apaixonei 09:29

Se a frase for boa

O título é a obra

E da falta quero dizer: senti saudades 10:56

Eu não fiz nada 15:01

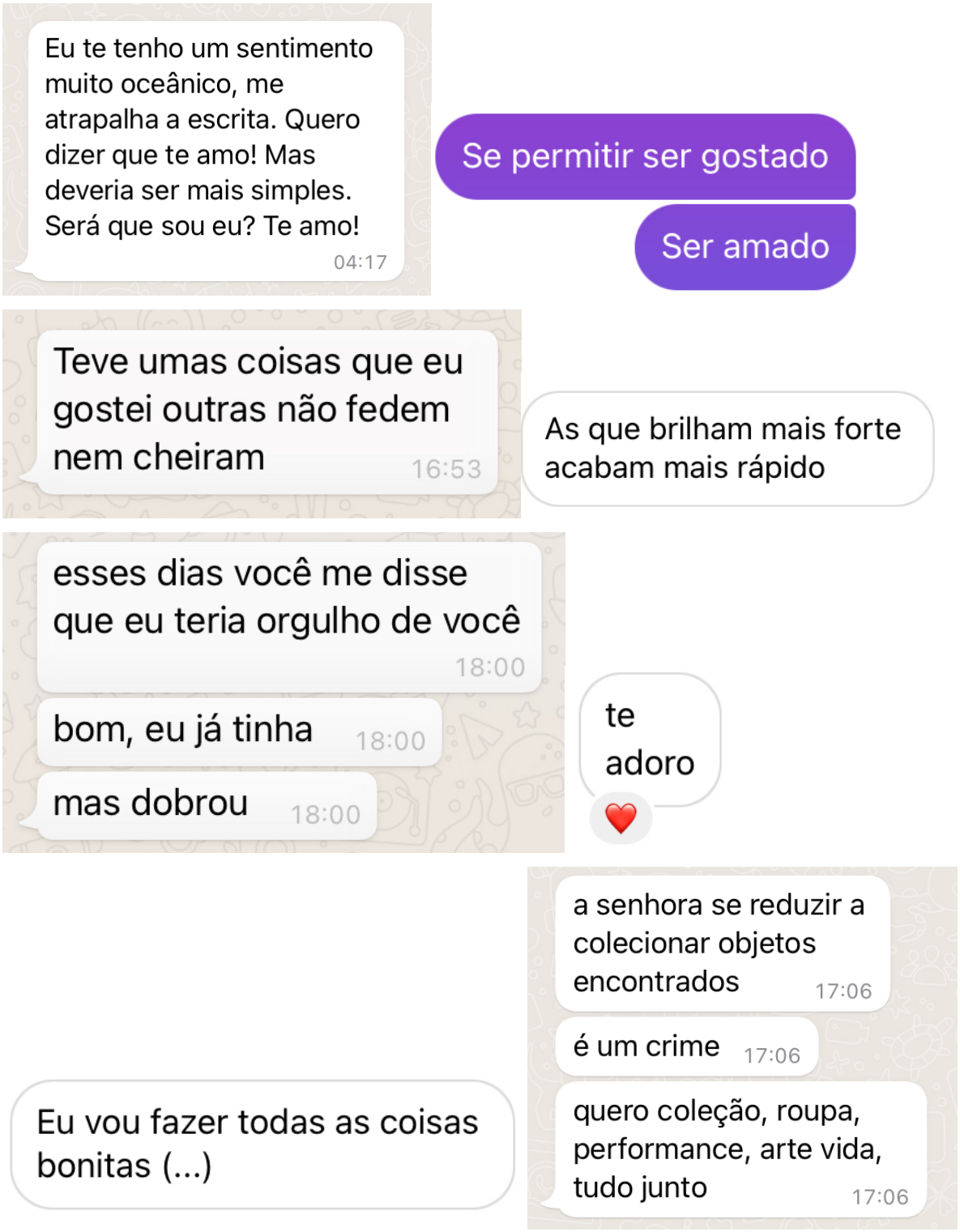
Era tudo você 15:01

Acho que seus amigos aproveitam muito mais de quem é o Túlio do que seus dates

A diferença é que vc não gosta de ser
Visto

Não há nada que você faz que não tenha beleza 23:17

Se alguém duvidar, vai morder a língua


Eu te tenho um sentimento muito oceânico, me atrapalha a escrita. Quero dizer que te amo! Mas deveria ser mais simples. Será que sou eu? Te amo!
04:17
Se permitir ser gostado
Ser amado
Teve umas coisas que eu gostei outras não fedem nem cheiram
16:53
As que brilham mais forte acabam mais rápido
esses dias você me disse que eu teria orgulho de você
18:00
bom, eu já tinha
18:00
mas dobrou
18:00
te adoro
❤️
a senhora se reduzir a colecionar objetos encontrados
17:06
é um crime
17:06
quero coleção, roupa, performance, arte vida, tudo junto
17:06
Eu vou fazer todas as coisas bonitas (...)

dá pouco trabalho quando está junto

E quando separa é facilmente substituído

estou intragavelmente chique hoje

❤️

ele disse que estou disfarçando meus problemas com batedeira e cafés da manhã 12:37

Insuportávelmente belo, talentoso, inteligente, charmoso, chic, sexy,... 08:03

Vc é um colapso de todas as coisas 13:12

Facilidade para se adaptar a diversos ambientes e tecnologias.

Só não digo te amo pra não causar mal entendido

não é um sonho impossível

te desejo sucesso amigo

e vitalidade

pra aguentar

as adversidades da arteArte

Só não digo love you pq é muito cedo

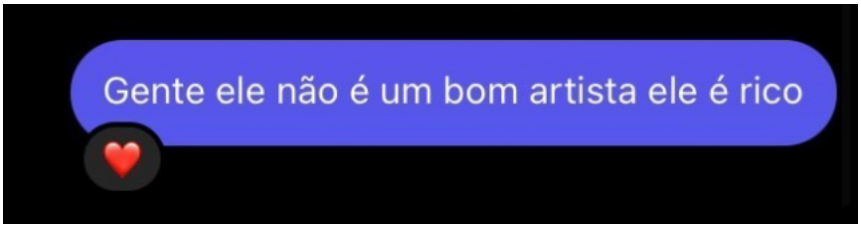
Então, eu gosto quando nossas conversas são tão boas quanto seus textos 10:54

A verdade doi em algumas pessoas e causa intrigas

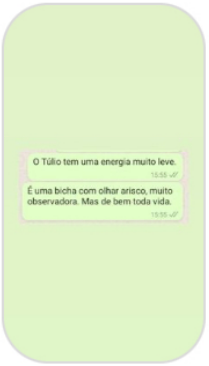
Querido, sei que você já sabe (tá cansado de saber...rs), mas não custa repetir: eu **adoro** você e ainda quero dançar e rir muito contigo! 💞 13:25

Amiga com todo o respeito 21:50

Vai se foder 21:50



Respondeu ao seu story



Fala isso pq nunca foi recebida com “o silêncio”

Tulíssimo trafega entre as margens do sublime e do caralho me responde demonia

Quem tem carinho pra dar sempre recebe carinho

Vi uma cena maravilhosa agora 09:17

Já te conto 09:17

Mas é de uma pessoa que parece ter inventado uma vida todinha pra ser feliz 09:17

é terrível o quanto de tempo a gente gasta pra entender minimamente a si próprio

Não precisa ser sorridente pra ser simpática

Não precisa ser feliz pra ser sorridente

Gente é tudo uma farsa

que presente isabel divina colocou no mundo 15:39

sinceramente, viu 15:39

Se quiser posso lamber...dizem que ajuda a cicatrizar...

"vício" ("isto é, um jovem atraente, com quem elas fazem sexo voluntariamente, sem cobrar", p.46).

"Ai ai...esse Túlio é um ciumentinho, não?! rsrs Mas ele faz uma boa (nem sempre conveniente) leitura das pessoas..rs"

Interna ela que a bixa endoidou

IMPOSSÍVEL fazer tudo isso sozinho

Impossível é ser feliz sozinho

Amor, vc estava impecável ontem. Conseguiu tudo o que vc queria?

Não viva no mundo do sonho, compartilha com a gente o que vc faz. Porque é bom

O pensamento pessimista de alguma forma é otimista 16:03

Só queria dizer uma coisa: 00:01

Se eu não existisse, deveria ser inventado 00:01

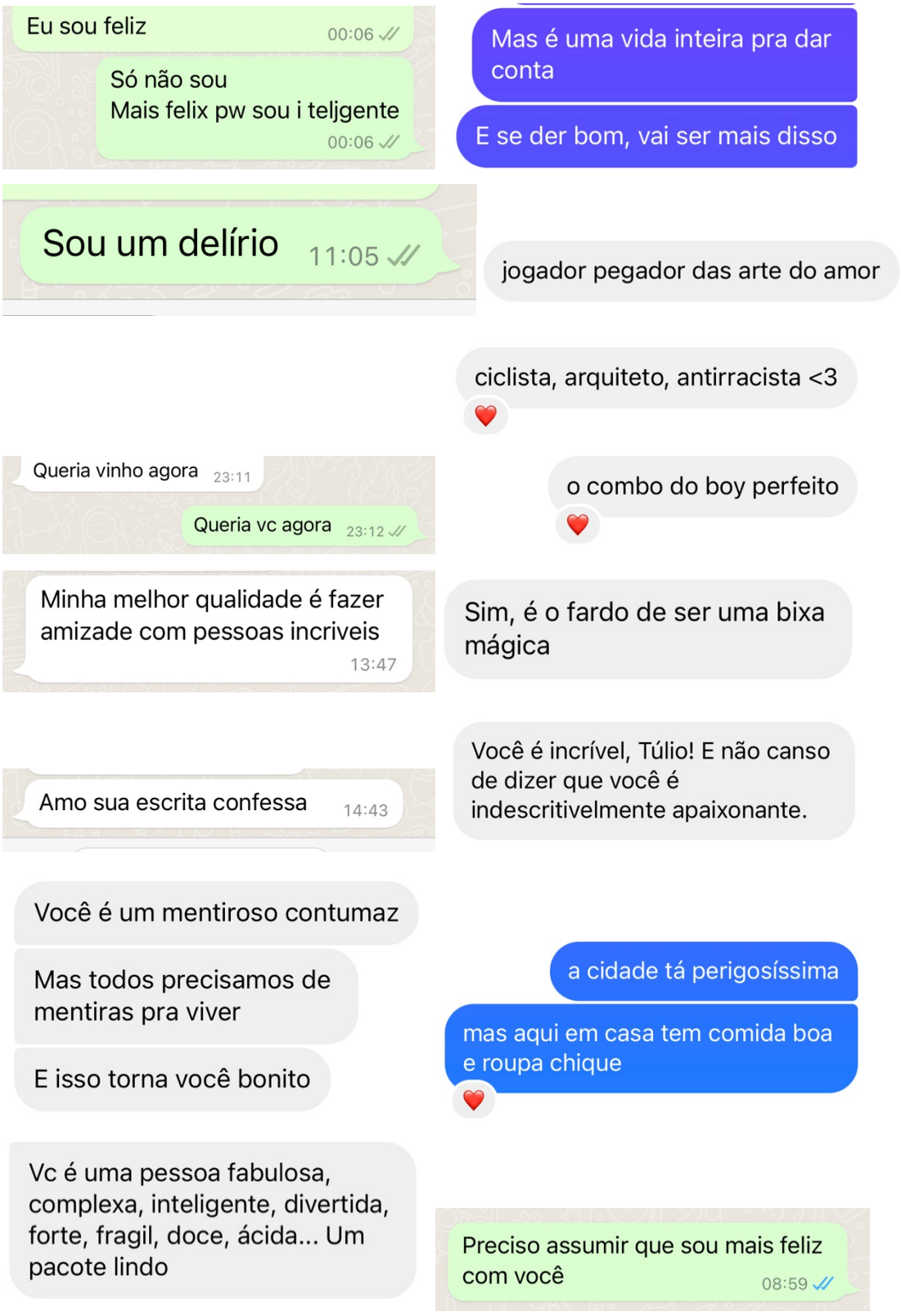
O cu é uma iguaria

Vc está cheio de enigmas

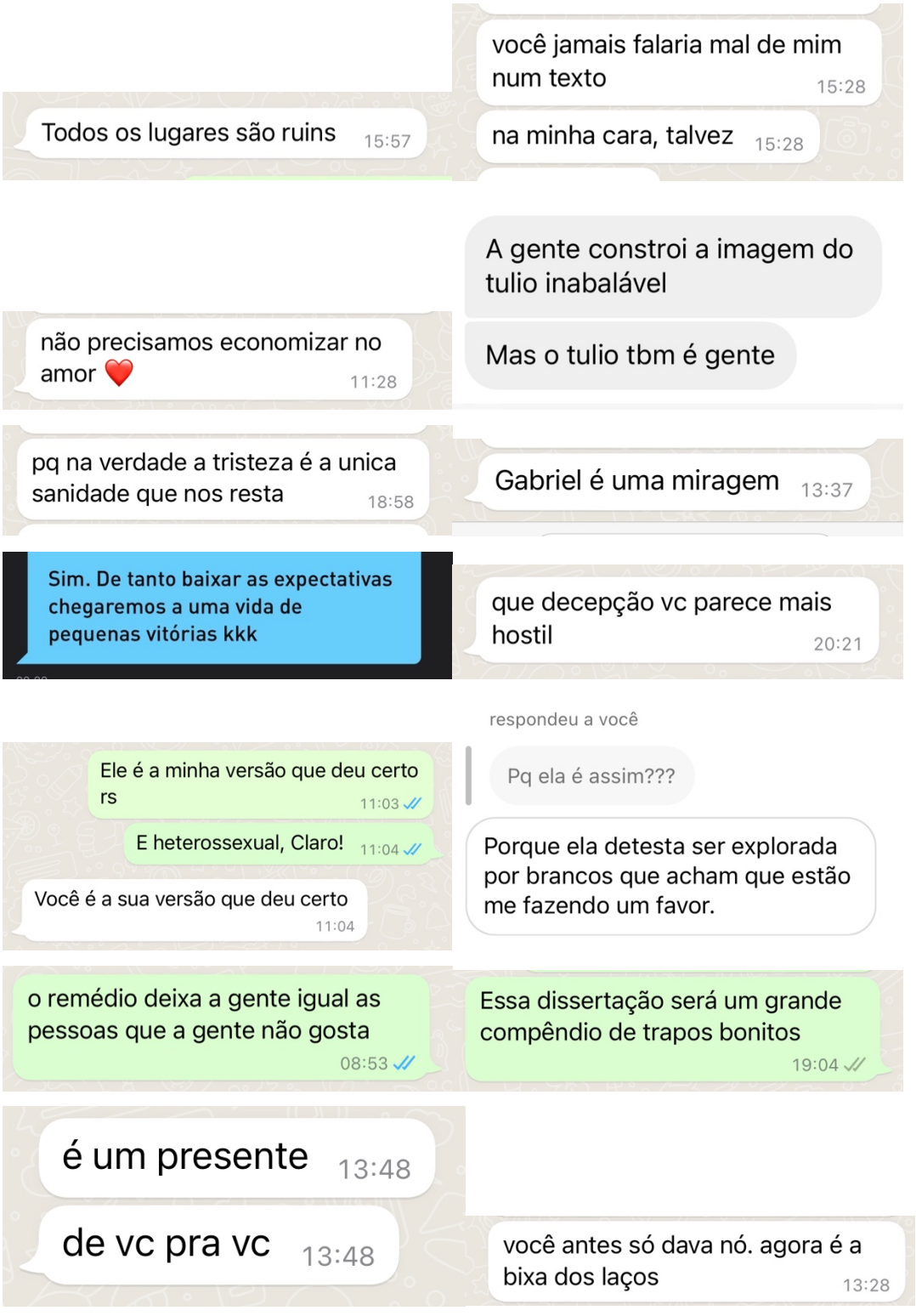
Sou um artista

bixa tu tem algum trabalho de performance que seja uma performance mesmo? 16:47


minha vida perdeu a emoção? um pouco... 08:53
mas pelo menos estou racional 08:53
Nossa 23:17
Que delícia meu Deus 23:17
Que delícia 23:17
eu adoro essas suas construções sem pontuações, sem pedir licença ou permissão 10:32
ao longo do livro fiquei anotando um ou outro suposto "erro" 10:32
mas era só sua liberdade 10:32
❤️ 10:32
Você tem super a vibe de namorado
De bom namorado
Ô Túlio
Eu
Você é demais, sabia?
Tenho uma admiração enorme por você ❤️
tipo, eu te conheço pessoalmente, eu sei que vc não é a pessoa que passa o tempo todo causando (pq passa boa parte do tempo sofrendo)
lembro da gente em Camboriú e alguém orando por você pra você ser batizado com o Espírito Santo
acho que funcionou, você ficou tão glorioso ♡
vai acabar feliz 14:36
miseravelmente feliz 14:36
Um drama de tudo que a gente compra hoje em dia 10:23
Não tem mais nada bem feito sendo produzido exceto nossa arte 10:23
E assim, o que eu tenho dito e pensado nessas últimas semanas: A GENTE PRECISA PARAR DE DIFICULTAR NOSSA VIDA! Que já é difícil o suficiente 13:20


Eu sou feliz 00:06
Só não sou
Mais felix pw sou i teljgente 00:06
Mas é uma vida inteira pra dar conta
E se der bom, vai ser mais disso
Sou um delírio 11:05
jogador pegador das arte do amor
ciclista, arquiteto, antirracista <3
Queria vinho agora 23:11
Queria vc agora 23:12
o combo do boy perfeito
Minha melhor qualidade é fazer amizade com pessoas incriveis 13:47
Sim, é o fardo de ser uma bixa mágica
Amo sua escrita confessa 14:43
Você é incrível, Túlio! E não canso de dizer que você é indescritivelmente apaixonante.
Você é um mentiroso contumaz
Mas todos precisamos de mentiras pra viver
E isso torna você bonito
a cidade tá perigosíssima
mas aqui em casa tem comida boa e roupa chique
Vc é uma pessoa fabulosa, complexa, inteligente, divertida, forte, fragil, doce, ácida... Um pacote lindo
Preciso assumir que sou mais feliz com você 08:59


Acho que estou me conhecendo profundamente 23:12
Isso me deixa
Triste mas me deixa
Livre 23:12
E NÃO É UMA CRÍTICA!!!!!!!
mas se vc quer essa vida, algumas escolhas são necessárias
Bixas fazendo suas famílias darem risada desde xxxx A.C.
Lgbt povo alegre
Pessoal animado
O riso não deve valer muito, pq não pensam duas vezes pra nos jogarem na fogueira
você fica muito radiante produzindo ou quando encontra um objeto na rua 22:56
oi amore, como você tá? 15:30
Triste, depressiva, raivosa, ansiosa e endividada 16:49
Três textos para três trabalhos de três artistas tristes 11:21
Como você pode ser você mesmo rodeado de serpentes?
Visto agora há pouco
Mas seu trabalho é muito bom. Me alegra, me instiga, me emociona, me dá esperanças
Vc conhece (e anda de mãos dadas com) o mundo real e não se ilude com a escola de arte
A gente não pode se acostumar com cada vez menos 12:21
Sonhei contigo! Depois quero te contar...você me ensinou uma coisa bonita!
sim, é mmais fácil mudar de lugar do que de si 07:01
Pra agendar precisa dormir contigo antes?
❤️
Da coisa trapo você é trapeiro
Sim!!
No seu caso, sim!
Logo isso vira outra coisa, UMA COISA


você jamais falaria mal de mim num texto 15:28
Todos os lugares são ruins 15:57
na minha cara, talvez 15:28
A gente constroi a imagem do tulio inabalável
não precisamos economizar no amor ❤️ 11:28
Mas o tulio tbm é gente
pq na verdade a tristeza é a unica sanidade que nos resta 18:58
Gabriel é uma miragem 13:37
Sim. De tanto baixar as expectativas chegaremos a uma vida de pequenas vitórias kkk
que decepção vc parece mais hostil 20:21
respondeu a você
Ele é a minha versão que deu certo rs 11:03
Pq ela é assim???
E heterossexual, Claro! 11:04
Porque ela detesta ser explorada por brancos que acham que estão me fazendo um favor.
Você é a sua versão que deu certo 11:04
o remédio deixa a gente igual as pessoas que a gente não gosta 08:53
Essa dissertação será um grande compêndio de trapos bonitos 19:04
é um presente 13:48
de vc pra vc 13:48
você antes só dava nó. agora é a bixa dos laços 13:28
Vou trair a ética bixa e escrever sobre pinturas heterossexuais

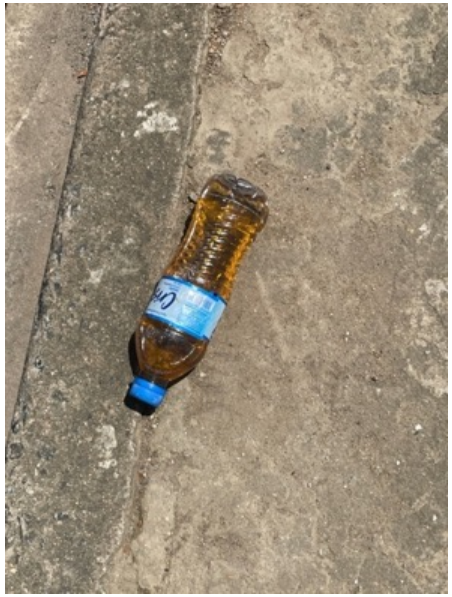
6. UMA PEQUENA COLEÇÃO DE MIJOS[261]: "TODO ÂNGULO DE 90 GRAUS É UM POSSÍVEL MICTÓRIO"[262]

[261] Uma pequena coleção de mijos. Urina humana em garrafas e sacos plásticos encontrados na cidade. Vestígios da fala de políticas públicas para espaços de necessidades básicas. Fonte: Acervo pessoal do autor.

[262] Este ensaio foi originalmente publicado na *Revista LORCA*. Cf. COSTA, Tulio (2021b).





"Sem um elemento utópico, não será possível construir um mundo diferente e restaria apenas um desejo piedoso e etéreo sem maiores consequências."

Gui Bonsiepe[263]

Em 2017, ano em que eu não estava muito bem da cabeça e bebia em demasia, tive uma discussão com um colega, recém-mestre em arquitetura e urbanismo. "Todo ângulo de 90º é um possível mictório" – vociferei o estatuto, um pouco alcoolizado, enquanto ele me olhava com estranhamento. Essa era uma proposta pedagógica (para não dizer uma alucinação) que ressoava em minha cabeça naquele período. Em certa medida, essa reflexão defendia a produção oposta do desenvolvimento projetual "capitalista", outrora de poltronas e luminárias e hoje de sei-lá-qual "objeto da moda" e varandas pomposas que circundam os desenvolvimentos em design e arquitetura. Eu o estava incentivando (provocando!) a propor para seus alunos, como exercício de aula, resoluções projetivas de baixo custo e alto impacto social, algo mais próximo da realidade e dos problemas básicos daquele território, inspirado sobretudo no projeto "Design for the other 90%",[264] chegando então a essa concepção exótica, irônica e (ainda mais) problemática: todo ângulo de 90º é um possível mictório.

O contexto original dessa discussão era o Carnaval, momento em que a euforia, a energia da multidão e a necessidade de mijar confluem. Ah, o Carnaval… Amores (de um único dia) e ciúmes (indevidos). Evento simbólico, marco da cultura (e da economia) brasileira e tão importante para pensar a ocupação do espaço urbano. E, pessoalmente, momento de celebração da amizade, renovação de ciclos, um elogio aos flertes, à autoestima e a tantas outras formas de liberdade e alegria fundamentais para a nossa existência nas megalópoles, que, para muitos, só se tornam possíveis durante esses eventos públicos nas ruas da cidade.

Sobre o colega da arquitetura, nunca mais nos falamos. Não por nunca mais termos nos vistos, mas porque fiquei com uma leve vergonha (ressaca moral) daquele ano insano (dois mil e dezessete!), e ele possivelmente estupefato com essa ideia maluca

---

[263] BONSIEPE, Gui (2011).

[264] O projeto explora alguns trabalhos projetuais que foram desenvolvidos e pensados para a solução de problemas sociais e econômicos de países marginalizados, visando maior acessibilidade a recursos básicos como água, comida e educação. SMITHSONIAN COOPER-HEWITT (2013).

que paira na minha cabeça até hoje. Todo ângulo de 90º é um possível mictório (e hoje, na cidade de São Paulo, um sanitário completo).

Acho que estou obcecado com esse título. Isso é um hábito que tenho observado em minhas pesquisas: a importância do título, da formulação escrita de um título e da sua repetição até a materialização em uma escultura, uma instalação, uma colagem ou um texto como este. Mesmo que anos depois. É necessário o tempo da digestão.

Deve ser muita petulância de uma bixa-carnavalesca (no caso, eu) pedir para um mestre (como ele) propor que, dentro de sua atuação profissional e educativa, projete-se um mictório mais eficiente para utilizar em uma festividade. Sabe o que era? (O que é!) Eu continuo inconformado com projetos superficiais em 2021 com tanta coisa urgente para ser resolvida, tem se criado cada vez mais obstáculos: “obstáculo para a remoção de obstáculos”.[265]

> É frustrante uma cidade que não te permite descansar.
>
> É criminosa uma cidade que não te propicia o básico.
>
> Xixi e cocô. Mijar e cagar na cidade.
>
> O direito de beber água.[266]
>
> E o descanso.[267]

[265] Um dos pensamentos de Flusser para definir o design. FLUSSER, Vilém (2013, p. 194).

[266] Para não ser injusto, observei que, em 2020 (importante ressaltar esta informação), no período de quarentena em função da pandemia de Covid-19, foram incluídos bebedouros com água potável em dois pontos de meu trajeto no centro da cidade: a Praça da República e o Largo do Arouche. Outros nove pontos do centro da cidade também foram contemplados com esse cuidado, conforme comunicação da prefeitura. SECRETARIA Especial de Comunicação (2020).

[267] Sobre essas reinvindicações citadas, a 12ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo evidencia o Sesc 24 de Maio como um edifício que contempla essas necessidades cotidianas, servindo de espaço de convívio e alívio para credenciados e pessoas do entorno: 12ª BIENAL de Arquitetura de São Paulo divulga programação no Sesc 24 de Maio e CCSP (2019).

Fiquei pensando no livro do Careri que ainda não li: *Caminhar e parar*.[268] Deduzo (ainda correndo o risco de ser lido com maus olhos pelos meus pares) que ele não seja uma bixa, claramente não é mulher, e não deve também viver em São Paulo: parar aqui é um privilégio. Eu e outras amigas bixas andamos de bicicleta não somente porque gostamos, mas é nosso espaço de segurança, cuja máxima (pasmem!) pauta-se em: "é melhor morrer atropelada do que por homofobia". E isso inclui o desconforto, muitas vezes, de esperar aflito a chegada da condução, sentar-se na poltrona do ônibus ou seguir em pé num vagão de metrô. Não é uma escolha fácil: qual seria a forma menos sofrida de morrer?

Então, quando penso nesse estado de permanência no espaço público, que seja para uma experiência estética de deriva, caminhadas cotidianas ou o simples fato de descansar em alguma das poucas praças da cidade que possuem bancos (pois ainda é mais importante que não se durmam neles![269]), é uma experiência outra para o corpo de um homem, de uma mulher[270] ou de uma bixa.

A bixa não tem um minuto de paz. A bixa-ciclista. A bixa-trapeira. A bixa-de-vestido. A bixa-exótica. A bixa-tantas-outras...[271] Esse estado de alerta constante ao qual nossos corpos são condicionados desde o nascimento nos adoecem. Eu estou cansada. Se a arte não salva ninguém, a arquitetura tampouco, o BBB menos ainda, mas parece que todos apresentam uma capacidade sofisticada de dificultar.

Acho que chegamos também àquele momento em que as artes performativas beberam muito da arquitetura e do urbanismo, e é hora de o jogo inverter também; o oposto despontar com mais propriedade. Performers, caminhantes, ciclistas proletários, pedestres anônimos e não artistas têm muito a ensinar aos urbanistas e projetistas urbanos. É um movimento que vem acontecendo, não é de agora, contudo, pensando em uma cidade como São Paulo, que carece cada vez mais dessa sensibilidade urbana, esse movimento, a meu ver, ainda é muito tímido, andando a

[268] CARERI, Francesco (2017).

[269] Como introdução ao tema, indico o artigo: SOUZA, Eduardo; PEREIRA, Mateus (2018).

[270] Essa reflexão sobre o corpo feminino no espaço urbano em práticas de flânerie é levantada na tese do Ricardo Luis Silva, no fragmento "Há uma flâneuse?" (SILVA, 2017, C2_6).

[271] Para "outros tipos de bixa", pesquisar a publicação independente *uma bicha*, desenvolvida por Caio Riscado (@riscadela) e lançada pela editora Pipoca Press (@pipocapress) em 2018.

passos muito lentos (como as caminhadas de um Dândi), mas talvez seja só a minha ansiedade ariana e eu deva dar tempo ao tempo: viver (e transformar) a cidade de fato!

Na minha cabeça utopista, nos meus pensamentos idealistas (aqui, claramente por imaginar um mictório em cada ângulo da cidade!), é difícil engolir que projetos de uso público[272] sejam projetados por sei-lá-quem.[273] Eu duvido que alguém que tenha vivenciado (de fato!) um Carnaval paulistano tenha projetado aqueles banheiros químicos e que os comerciantes que não permitem que os seus "parceiros" entregadores utilizem os banheiros de seus clientes tenham um dia precisado entregar alimentos com fome... Estou falando aqui de necessidades urgentes como mijar e cagar. Lavar as mãos. Ou tomar um copo de água potável.

Fico imaginando... como seria a passarela da Favela do Moinho[274] se ela fosse projetada[275] pelos trabalhadores que a cruzam duas vezes por dia, pelas crianças-estudantes que andam em bando, pelos ciclistas que a atravessam empurrando suas bicicletas naquela rampa íngreme ou pedalando em marchas levíssimas, pelos motoqueiros que a cruzam indevidamente em períodos noturnos e quase nos atropelam nas curvas sem vista, pelos casais amorosos-fogosos que trocam carinhos e fluidos naquele espaço fétido e inóspito ou por aqueles rapazes que compartilham a erva e trocam afetos (que só dois homens heterossexuais sabem como é), enquanto atentam-se à polícia, e por que não, e não menos importantes, pelos necessitados que utilizam seus ângulos de 90º e 180º como espaço de alívio?

Originalmente, pensei nesse "exercício pedagógico" para um Carnaval paulistano. Talvez eu esteja, inclusive, escrevendo este texto hoje, em fevereiro, como uma

[272] Para não esquecer: o projeto delirante, da fantasiosa gestão Cidade Linda do à época prefeito João Dória: banheiro de inox e ar-condicionado. [Nota: a notícia oficial no site da prefeitura está indisponível]. DORIA entrega banheiros públicos de aço inox e com ar-condicionado (2017)

[273] Para não esquecer: o resultado foi um grande fracasso e os banheiros nunca foram instalados (e nenhuma alternativa apresentada). QUASE dois anos após promessa, nenhum banheiro público foi instalado pela Prefeitura de São Paulo (2019)

[274] Não localizei o nome oficial dessa passarela, que atravessa o trilho da CPTM, ligando as ruas Capistrano de Abreu e Luigi Grego no bairro da Barra Funda, São Paulo/SP.

[275] Mais do que projetar efetivamente, nesse caso, traz o sentido de terem suas vozes ouvidas enquanto viventes do espaço. Sobre esse assunto, André Silva defende a necessidade de um olhar antropológico sobre a arquitetura. (SILVA, 2020).

reminiscência dessa experiência não vivida em 2021. Mas para o nosso contexto, esse exercício se torna mais urgente... Para quem anda e observa a cidade de São Paulo hoje, é sabido que não mais só espaços em quinas, mas qualquer vão livre tem sido usado como "espaço de alívio".[276] Eu mesmo já me peguei impelido a lidar com situações em que o meu olho que tudo vê se encontra com o olhar do sujeito que não tem o direito à privacidade da evacuação, e ainda, de modo humilde, trocamos olhares desculposos simultâneos: eu por ter visto demais e ele não sei por quê. Não temos que nos desculpar por esse projeto doentio. Mas é triste o que essa cidade se tornou. É triste eleger um prefeito cuja vitória ninguém comemorou, exceto, talvez, aquela arquiteta que acredita num projeto espetaculoso para o Minhocão como o que foi feito para o Anhangabaú.[277]

Feito este desabafo, não tenho nenhum projeto a oferecer ou uma resolução concreta sobre esse assunto, não sou uma bixa urbanista, projetista ou designer e não é sobre isso apenas, incluir mais obstáculos. Pelo contrário, é preciso removê-los a tal ponto que uma interferência não seja mais necessária. Reivindico aqui meu lugar de artista-trapeiro, a quem, na atual conjuntura, só resta imaginar, porque não sobrou mais nada (nem trapos para serem recolhidos na cidade).

P.S.: Tive dificuldades em editar este texto... Do que eu quero falar afinal? Não sei ao certo. Talvez seja só um exercício de imaginação e criatividade na/sobre a cidade, mas também para que não nos esqueçamos de nossa sensibilidade, empatia e da nossa capacidade de humanizar o outro. É isso.

[276] Tenho usado o termo "espaços de alívio" para me referir a lugares onde é possível resolver as necessidades fisiológicas básicas (urinar e evacuar), matar a sede e descansar na cidade.

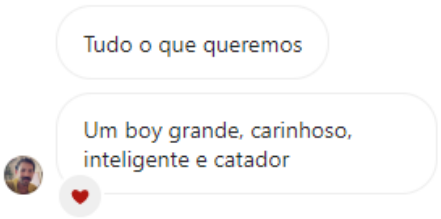
[277] Muitas críticas já foram escritas sobre o projeto em questão, não tecerei mais uma. Para conhecer o projeto: GESTÃO URBANA SP (2021).

7. UMA BIXA TRAPEIRA NÃO ESTÁ SOZINHA NO SEU SONHO

7.1 O QUÃO TRAPEIRA PODE SER UMA BIXA? – POR RAFAEL AMORIM[278]

Era capaz de atravessar a cidade em bicicleta só para te ver dançar.
E isso
diz muito sobre minha caixa torácica.

Matilde Campilho



Contrapesos, rabiolas, sacolas plásticas[279] e papéis de bala.

Se essa rua fosse minha, a tristeza estrutural dos dias, um autorretrato acidente… a tal da esperança de uma vida inteira ou a palavra Tétano[280] como título de uma primeira coleção de joias.

[278] rafael amorim (Rio de Janeiro/RJ, 1992) é poeta, artista visual e pesquisador graduado em artes visuais/escultura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (PPGAV-UFBA), em que investiga a possibilidade de uma escrita escultórica como posicionamento político/poético de pessoas dissidentes em raça, gênero e classe no âmbito acadêmico. Autor dos livros de prosa e poesia: *como tratar paisagens feridas* (Ed. Garamond), *matrimônio* (Margem Edições), *Estrada dos Coqueiros, 673* (independente) e *santíssimo* (Ed. Urutau).

[279] Cf. imagem p. 160.

[280] Cf. nota 250, p. 173. Cf. imagens p. 174.

 [281]

[281] *Figura 41 – Autorretrato-acidente (2015-2023). Coleção de retrovisores encontrados. Exposição coletiva Vazante – Funarte/SP, 2023. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

São essas as texturas do urbano vasculhado por Tulio, onde retalhos de tecidos e restos de aviamentos informam ao público um artista em flerte com a moda – de estilista de sucesso a aspirante a catadora de clipes. Ou, sem falsas modéstias: de artista de sucesso a pesquisadora interessada no banal como potência de criação.

Seu sucesso aparece na contramão da máquina que mantém a mais-valia da classe operária, encontrando os rastros de indivíduos que operam as engrenagens deste sistema. Em suas andanças ao Bom Retiro, por exemplo, Tulio Costa integra-se à paisagem do bairro populoso em confecções têxteis e lojas de roupas na região central da cidade de São Paulo, revelando-se como mais um desses trabalhadores.

Ao reagrupar os objetos encontrados, o artista cria séries e conjuntos que demandam tempo até que estejam finalizados – parece ser do interesse de Tulio trabalhar por meio de um processo contínuo de criações que não se encerram numa única forma ou finalidade. Como em suas plastificações, em que Tulio passa a operar uma segunda vida, uma terceira, uma quarta... Dali surgem os esquemas e as aproximações por cores, texturas, similaridades formais e outras características que compõem as coleções intermináveis de uma vida inteira.

Do encontro à plastificação, do plástico à reorganização, da nova forma à importância enquanto objeto artístico, o interesse da pesquisa de Tulio tem a ver com a reapresentação dos rastros que deixamos sobre a pele dos dias. Rastros que contam histórias de uma cidade em colapso[282], necessitando ser redesenhada diariamente. Rastros que revelam o hábito do descarte ao qual se encontram imersas as colônias contemporâneas.

Ao reimaginar a cidade, Tulio busca aspectos formais do desenho no vestígio de quem a habita junto de si: o ponto, a linha e o plano estão lá! A dimensão plástica dos trabalhos conta com a persuasão trazida por cores, formas e discursos impregnados em cada objeto e retrabalhados pelas mãos de quem os coleta enquanto ferramentas de um outro esboço. Em seu redesenho urbanístico, tramando uma urbe voltada para aspectos sensíveis da vida em comunidade, Tulio quase sempre expõe as fragilidades

[282] Cf. PEREIRA, Verônica Sales (2007); SILVA, Ricardo Luis (2019b).

coletivas dos grandes centros – como quem assume a autoria, ainda que coletiva, de cidades construídas sobre lógicas desiguais.

Por isso, a figura mítica e maldita do trapeiro é substituída pela Bixa trapeira: uma outra modelagem revisitada do homem das multidões[283]. Aqui é onde Tulio brilha feito seus objetos encontrados no meio da noite, trajado de vestido e batom sobre bicicleta. Ao tomar para si tal conceito – não mais um personagem –, Tulio transita e habita os interstícios entre centro e margem. Ele, a Bixa trapeira, percorre as cidades, jamais como um mero observador ou um errante. Não há tempo para se perder. A Bixa trapeira de Tulio, que em sua pesquisa preocupa-se também em encontrar seus pares, transita como agente modificador da paisagem e do juízo de um território urbano encaixotado em modelagens que não amparam corpos e subjetividades em estado de dissidência.

A Bixa trapeira coleciona objetos que se tornam preciosos quando encontrados. Ela coleciona aqueles amores que a convidam a atravessar a cidade, também os prints extraviados e expostos, servindo como provas de remetentes e destinatários anônimos. Em sua coleção de trapos são elaborados outros referenciais reflexivos para novos corpos textuais. A Bixa trapeira retira da cidade e da norma aquilo que lhes pareça excessivo para assim reencantar e tornar valiosa a sua experiência de arte e vida.

rafael amorim, entre fevereiro de 2022 e fevereiro de 2023.

[283] Cf. O homem da multidão. POE, Edgar Allan (2010).

7.2 SONHOS COR-DE-ROSA, HISTÓRIAS DE AMOR – POR GABRIEL PESSOTO[284]

Falar sobre o trabalho de Tulio Costa traz o mesmo prazer de contar uma história anedótica, de espalhar uma fofoca que ouvimos desprevenides, de fazer um desabafo sobre um sentimento em formulação ou ainda de confessar uma obsessão, sobretudo quando o assunto é Gabriel. Pouco se sabe sobre o sujeito cor-de-rosa, mas não faltam pistas: um cachorrinho de pelúcia pink, isqueiros em variados formatos e tons de rosa, canudinhos de plástico translúcido rosado, uma pistola de cola quente rosé, um dildo magenta macio – e este é só o começo de uma lista que não caberia aqui e esgotaria rapidamente as variações tonais atribuídas a esta cor.

[284] Gabriel Pessoto (Jundiaí/SP, 1993) é graduado em produção audiovisual (PUCRS) e pesquisa o trânsito de imagens entre mídias digitais e analógicas, do têxtil ao GIF, observando como visualidades cotidianas incidem sobre as intimidades em relação à construção de desejos e de memórias. Desde 2015, atua como artista visual e apresenta seu trabalho em espaços independentes e institucionais, salões e mostras de vídeo. Também é produtor da mostra de vídeo Festivau de C4nn3$, que já conta com treze edições realizadas em espaços independentes, galerias e museus.



285

[285] *Figuras 42-47 – Detalhes da instalação Gabriel é uma ficção, [vírgula], apresentada na Ista Galeria, Porto Alegre/RS em 2021. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Gabriel é um vício, Gabriel é uma ficção, Gabriel é um interlocutor, Gabriel se inscreve na pele e, no entanto, o que nos cabe nessa história é testemunhar o ajuntamento de um vasto recorte de objetos cor-de-rosa. Eventualmente dispostos em superfícies lisas, repousados sobre papel, plastificados ou, ainda, multiplicados em sua vibração e beleza ao serem posicionados entre espelhos. A possibilidade de estarmos diante de uma história de amor excita a imaginação. Declaração ou desilusão? Um romance platônico ou ato consumado? Realidade ou ficção? A diversidade de itens, contudo, borra as expectativas e desejos, complexifica essa trama, apaga e reescreve capítulos. Enquanto buscamos as peças deste quebra-cabeça, tentando articular uma relação entre esses itens tão diversos, contemplamos os objetos. São lindos. Olhamos para eles em busca de alguma resposta, de algum entendimento sobre o motivo daquela presença, o porquê de estarmos costurando relações entre tantas bugigangas rosadas, ou, ainda, no ímpeto de agenciarmos racionalmente essa coleção dentro de uma discussão sobre arte.



[286]

[286] *Figuras 48-51 – Fragmentos da vídeo-performance Minha primeira tatuagem, realizada na Ista Galeria, Porto Alegre/RS, em 2021. Disponível em: https://youtu.be/4vJPK6n332Y Fonte: Acervo pessoal do autor (registros por Gabriel Pessoto).*

É evidente que a maior parte dos objetos encontrados, guardados com zelo e exibidos pelo artista é fruto de uma produção industrial – miudezas de plástico, materiais sintéticos, cacarecos produzidos em larga escala por máquinas e vendidos por toda parte. Mesmo quando fragmentados, é possível apreender minimamente a materialidade dessas relíquias e associá-las ao grande acúmulo de bugigangas descartáveis que se apinharam nas últimas décadas. Essa característica industrial, que poderia ser um comentário sobre os excessos do capitalismo – da produção ao consumo –, toma outro contorno: o discurso amoroso. As frivolidades e os dejetos de um mundo drenado e industrializado não são capazes de ofuscar os sentimentos, afinal. As experiências se fixam aos objetos sem fazer juízo de valor e até mesmo uma escova de dentes pode ser a testemunha de um acontecimento indelével.

Outro elemento essencial na construção dessa coleção é o trânsito-gesto-processo a partir do qual os artigos são anexados. Não é vasculhando prateleiras de lojas, tampouco navegando por sites de venda on-line que a compilação é feita. Tulio se depara com esses itens, ele os flagra em seus deslocamentos pela cidade, caminhando ou montado na bicicleta, por uma cidade onde muitos vestígios das vidas alheias são descartados a céu aberto, nas esquinas, nas sarjetas. Essa economia dos restos materiais das experiências humanas – onde narrativas aderem inevitavelmente aos objetos – funciona como um ateliê, um espaço de coleta e curadoria. Portanto, não basta ser cor-de-rosa para pertencer à coleção. As marcas do uso, o desgaste, o descarte e a memória alheia embutida aos itens são parte da receita. As paixões movem o mundo, mas quem move os objetos? Os apaixonados? Não sabemos, não temos nenhuma pista do passado dessa matéria-prima que Tulio transforma em trabalho. É nessa lacuna que o procedimento poético do artista opera, transfigurando um objeto mundano e abandonado em um portador de potenciais narrativas, mais ou menos sugeridas pelo destino que o objeto tem em sua montagem, catalogação e nomeação.

Pensando também em possíveis diálogos com produções contemporâneas no campo da arte, me parece que não basta aproximar a pesquisa de Tulio do uso do ready-made,[287] conceito que foi sendo costurado ao longo do século XX, tampouco é

[287] DANTO, Arthur C. (2018).

suficiente entender o trabalho por uma abordagem de pós-produção,[288] como nos apontou Nicolas Bourriaud ao pontuar a recorrência de processos de reformulação e edição de vestígios do mundo-vida-história-cultura na produção de artistas. Um exercício imaginativo me faz pensar que a classificação para a série Gabriel teria mais a ver com uma noção de ready-made-ready-tainted,[289] ou seja, objetos maculados que carregam traços de uso e potência narrativa. Ciente da maleabilidade e diversidade desse material recolhido, os recursos formais empregados para a apresentação final dos trabalhos transitam entre ímpetos experimentais e formalistas. Eventualmente, um volume de componentes da coleção é exposto a um mesmo procedimento – à plastificação, à organização enfileirada, à aproximação por afinidades da utilidade original do item. Nesses casos, valoriza-se a individualidade dos objetos e podemos perceber sua inteireza ou suas precariedades e marcas de uso. Outrora, o cor-de-rosa se impõe pelo volume, quando a coleção é apresentada em grandes conjuntos, disposta com cuidado pelo artista em instalações site-specific.

Gabriel é um conceito em construção. Uma narrativa a qual novos elementos são acrescidos indefinidamente, extrapolando inclusive a noção de indivíduo. A profusão de objetos cor-de-rosa diz respeito a experiências anônimas-coletivas mais do que escrevem uma história coerente. Sendo assim, o adensamento dessa narrativa errática, que depende da sorte – por um lado de quem descarta e, por outro, dos caminhos traçados por quem recolhe e acolhe esses objetos –, opera enquanto um exercício de catalogação. Procedimento caro a artistas que observam uma produção massiva de itens de consumo, imagens e produtos culturais, a catalogação feita a partir de um dispositivo cromático nos expõe a uma série de inferências sobre questões de gosto, estilo, classe, gênero e nos informa sobre os espaços ocupados por uma cor dentro de uma trama social e cultural.

Apesar da cor, um dado fundamental na pesquisa de Tulio, se impor enquanto experiência sensorial, o design dos itens coletados por ele nos permite pensar sobre os clichês de um imaginário visual romântico. O cor-de-rosa, tão associado ao feminino e ao ingênuo, na configuração cultural que se apresenta para nós, dá o tom

[288] BOURRIAUD, Nicolas (2009b).

[289] Termo criado livremente a partir da adição da palavra "*tainted*", que pode ser traduzida da língua inglesa para o português como o adjetivo "maculado".

para essa coleção de artigos desenhados para o uso “feminino”, para um uso infantil “feminino”, para atrelar práticas e hábitos a um determinado gênero (sabemos bem qual deles) e, além do mais, valendo-se de uma iconografia decorativa romântica: corações, lacinhos, flores e pelúcias macias. Ao passo que rapidamente percebemos essa vocação “romântico-feminina” da coleção, ela nos desestabiliza. A infância dos sonhos e o “feliz para sempre” da vida a dois divide espaço com o erótico, com os vícios, com a higiene, com as tarefas de casa e outros pormenores menos idealizados de uma vida. É nessa profusão de ambiguidades que a potência narrativa da série Gabriel se afirma. Podemos especular, teorizar, buscar uma pista que indique um discurso coerente ou um personagem firme, mas a resposta é inatingível. Nem mesmo Tulio seria capaz de justificar todos esses fragmentos, todas essas bifurcações, o que não paralisa a obsessão por aproximar esse montante de tesouros. A história não para de ser contada, o rosa não deixa de aparecer furtivamente aos nossos olhos, portanto, passado e futuro alimentam simultaneamente essa escritura.

Guardo memória de um poema de Kaváfis, [290] já muito transformado pelas inconsistências características das lembranças, que descreve a atitude de um mercante que resistia em vender seus artefatos mais belos – ele os guardava em uma caixinha forrada de cetim nos fundos da loja. De alguma forma, o carinho e o fascínio desse personagem literário se refletem no gesto do artista que compila trapos. Diferentemente do mercante, no entanto, a ternura por esses objetos não leva Tulio a reservá-los longe dos olhos e das mãos dos outros para uma apreciação própria e egoísta. Ao contrário, ele escancara, ele implora para que olhemos com atenção para essa coleção para nos convencer da sua beleza, mas também daquilo que podemos aprender sobre o estado de coisas ao ver essa inusitada reunião.

Falar sobre o trabalho do Tulio é um deleite e, simultaneamente, uma tarefa infindável, talvez impossível. Falar dói, neste caso, pois é inevitável fechar algumas portas de leitura e especulação enquanto direciono o caminho por outras. Estar cego de amores pelo trabalho de um amigo é um presente ingrato, que nos condena à insatisfação sobre nosso alcance e capacidade de mediação sobre o objeto amado.

[290] KAVÁFIS, Konstandínos (2005).

Gabriel é um monumento, um altar, um tributo aos amantes – dos românticos aos apaixonados pelas belezas levianas, dos pessimistas, dos que deixaram casos mal resolvidos pelo caminho e não conseguem mais conviver com os vestígios de outrem. Contempla as intensidades do viver, mas também as possibilidades lúdicas do mundo material. A coleção em questão é um repositório de todos esses desejos românticos, desejos por histórias com finais felizes, desejo pelo deleite voyeurístico que sentimos com as resoluções trágicas. A mesma coleção, que tanto nos convoca a pensar sobre os causos da vida, nos apresenta uma fagulha de ruptura sobre a relação que estabelecemos com as coisas. Independentemente da cor e da forma, Gabriel nos evidencia o achatamento das nossas ações e gestos ao apontar para um comportamento fora da norma – recolher os restos, elevá-los, namorá-los, escutá-los. As peças estão dadas, mas as regras do jogo podem ser diferentes!

Tulio nos deixa inebriades por um conhecimento que não se acomoda em palavras – o conhecimento da experiência, da fantasia, da rua, do corpo, do gozo, do apego-despego, da educação sentimental, da obsessão, do amor, das possibilidades arejadas de relação com as coisas todas. Comovido, encerro.

Gabriel Pessoto, outubro de 2022.

7.3 DE ASPIRANTE A ESTILISTA DE SUCESSO A CATADORA DE CLIPES – POR DERI ANDRADE[291]

Um dos aspectos centrais na produção de Tulio Costa é sustentar uma relação quase que intrínseca entre vida e obra. Sua performatividade abarca uma dicotomia na qual a ação vira parte da rotina do artista trapeiro. Catar, buscar, pegar, não deixar escapar aquilo que está diante de si é a premissa de uma vida-obra. Nesse contrato vital que o artista faz consigo mesmo, o ato em si é o trabalho, ao passo que cada busca se conceitua como uma anedota do todo.

Voltemos ao começo. Aqui, falo sobre a obsessão de Tulíssimo, em todos os superlativos que esse adjetivo implica, por uma vida que seja vivida. *De aspirante a estilista de sucesso a catadora de clipes* (2019)*,* ou o oposto do que isso poderia significar, quando pensamos a trajetória do artista a partir da sua relação (ainda presente) com a moda, entendemos a escolha pelo local de passagem desse seu trabalho, registrado pelas lentes do artista Gabriel Pessoto.

Ao adentrar as ruas do bairro do Bom Retiro, na região central da cidade de São Paulo, Tulio se encontra com um passado não muito distante. Quando aquelas travessas eram parte de uma rotina do estilista-artista, sabia-se do potencial do espaço projetado para uma de suas obras. Trajando vestido dourado, batom vermelho, brincos de cristais e um sobretudo preto, pouco “usual” para uma prática de catar objetos na rua, nota-se as ramificações intrínsecas que almejam o encontro entre passado e futuro, endossando uma outra prática do artista, que encontra no vestuário um lugar-conforto.

[291] Deri Andrade (Penedo/AL, 1987) é pesquisador, curador e jornalista. Mestrando em estética e história da arte (Universidade de São Paulo-USP), especialista em cultura, educação e relações étnico-raciais (CELACC-Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação-USP) e formado em comunicação social: habilitação em jornalismo (Centro Universitário Tiradentes-Unit). Curou exposições individuais e coletivas no Brasil e em países como Inglaterra e Itália. Interessa-se por arte contemporânea, com foco nas poéticas de artistas negros/as/es e desenvolveu a plataforma Projeto Afro, resultado de um mapeamento de artistas negros/as/es em âmbito nacional. Tem passagens por instituições culturais, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Unibes Cultural e o Instituto Brincante. Atualmente é curador-assistente no Instituto Inhotim.



[292]

[292] *Figuras 52-63 – Fragmentos da vídeo-performance De aspirante a estilista de sucesso a catadora de clipes, realizada no bairro do Bom Retiro, em São Paulo/SP, em 2019. Disponível em: https://youtu.be/aIMz2uVnxKU Fonte: Acervo pessoal do autor (registros por Gabriel Pessoto).*

Se a vida é a obra para Tulio, a escolha por desbravar um dos bairros que faz parte de sua própria história é implicitamente relacional do ponto de vista de sua rotina, que não mais é aquela dos anos anteriores em que esse próprio bairro se abria para além de um conceito espacial de tempo. A vida, ali, para o então estilista, era um tanto banal. Explico. A banalidade, aqui, é um ponto de confronto encontrado pelo próprio artista enquanto realidade. Viver uma vida banal não é (não pode ser) uma escolha para ele. A banalidade é brutal e pode ser vazia. O vazio, para Tulio, não é uma opção. Portanto, não cabe mais a ele, e à sua antiga rotina, dar-se ao luxo de ser banal. Essas relações triviais são postas pelos próprios objetos encontrados, “que são insuportavelmente banais”, como se o artista se sentisse permitido à banalidade, corrompendo esse conceito ao salvar esses objetos, identificando-se neles.

Diante disso, o artista encontra nesse passado recente de alteridades o que viria a ser uma de suas obras mais completas. Ao percorrer as ruas do Bom Retiro catando clipes, colocando-se diante de si, de sua própria vida e daquele espaço, Tulio faz as pazes consigo mesmo e com sua antiga rotina. Faz as pazes com sua vida-obra. O ato de se agachar constantemente, visto no registro da vídeo-performance, é um ato de escolha. Ao optar por fazer esse gesto, o artista se percebe enquanto parte daquilo, enquanto artista. Agacha, pega um clipe, levanta, anda, agacha, pega um clipe, levanta, anda... Essa nova dinâmica rítmica pelas ruas do bairro compreende uma outra rotina, na qual a atenção se prende ao chão. No chão, está sua obra. Do chão, levanta-se um trabalho que é gesto, é corpo e é vida. O chão é o fundamento do trapeiro, diz o próprio artista.

Pelas ruas desse bairro que se apresenta deserto, Tulio defronta novamente o chão. Por esses caminhos, surge a oportunidade com o acaso. Decerto, os passos são certeiros e o olhar afiado, mas não se sabe o que está posto, apenas a certeza de alguns encontros, visto que o trapeiro deixa passar itens pelo caminho, fazendo que essa busca precise ser diária, constante, infinita, como uma vida inteira, título que carrega outros de seus trabalhos oriundos dessa série. Para esse trapeiro-colecionador, a busca incessante por esses tesouros é um desbravador de possibilidades.

Ao término desse caminho desgarrado, é realizada uma cerimônia de respeito ao que foi encontrado. Tulio, então, organiza seus clipes e os outros objetos em um ato de

catalogação, separando-os por tamanho, deformações, cores, tipos. É o momento de total encontro do trapeiro com sua nova coleção. Desse acervo, surgem esculturas, instalações, vídeo, xerogravura, fotografia como desdobramentos. Nesse instante de pós-vida, quando a vida é o instante da busca, percebe-se certa sinestesia por um dever cumprido. No contrato que faz consigo mesmo, Tulio Costa não teme em viver, seja por sua obra, sejam pelos caminhos oriundos dela, mas com uma promessa muito clara de aspirar ser o artista que é.

Deri Andrade, abril de 2023.

7.4 TRISTEZA ESTRUTURAL [PARA TULIO COSTA] – POR ANDREY KOENS[293]

Faz 8 graus em São Paulo enquanto escrevo, em um dos mais ou menos 40 dias do ano que faz frio dessa forma na cidade. Eu amo o frio, até quando não gosto dele; estranhamente as casas brasileiras não estão preparadas pra esse tempo. A que estou morando agora em especial parece uma geladeira. Ainda assim, de alguma forma posso dizer que o frio me dá prazer.

Entre *Só gosta do frio quem tem abrigo*, como diz o trabalho de Marcel Diogo (Recado da rua, 2017), e a "dor faz que me sinta vivo" (que tem mil variações, como "*no pain no gain*"), existe um enorme abismo sobre o qual não poderíamos sequer construir uma ponte. De alguma forma, gostar de frio pra mim é estar no fundo desse abismo, um lugar que chamo de "tristeza estrutural".

Tem uma abundância de motivos de diversas naturezas que configura esse lugar fugidio sobre o qual não sei fazer um juízo de valor ainda. Talvez não haja uma verdadeira solução para definir as bordas disso, pois é como tentar se fixar em um vulto, mas de propósito: faço dessa investigação cega um tipo de trilha às 6 da manhã numa paisagem ainda inebriada pela neblina, mistério. Talvez eu esteja perdido, talvez eu esteja profundamente traumatizado pelo nosso sistema de produção. Talvez estejamos todos.

Foi no mestrado, enquanto semeava com cuidado a semente do não saber, que me encontrei com Tulíssimo e a conversa entre nós passou das amenidades. Exige-se uma vontade de afeto para que certas relações existam. E a ressonância dos assuntos

[293] Andrey Koens (São José dos Campos/SP, 1992) vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Koens considera-se pintor, ainda que seus trabalhos façam um retorno conceitual à prática por meio da imagem computacional, inteligência artificial e robótica, na qual, apesar de sua construção digital, formaliza trabalhos pensados para a fisicalidade dos corpos e espaços. Atualmente cursa o mestrado em artes visuais no Instituto de Artes da Unesp sob orientação de Sérgio Romagnolo, em que investiga os tensionamentos sobre as sensibilidades que subjetivam os aparatos tecnológicos atuais. Desde 2020 é parte do Grupo de Arte e Inteligência Artificial (GAIA-FAUUSP-Inova USP), onde foi parte da organização e produção do projeto Demonumenta (2021).

de nossos trabalhos, que eram totalmente opostos, depois de algum tempo convergiu em assuntos que, no fundo, são os mesmos, mas investigados em lugares diferentes.

Tulio é uma pessoa sóbria que se pergunta sobre a felicidade (onde está e como chegar até ela) e eu sou uma pessoa divertida que se pergunta se é isso mesmo a felicidade, enquanto de forma literal se mata de trabalhar. Veja, é uma proximidade por estarmos ambos no fundo do poço.

Acho que é dessas conversas que saiu o primeiro trabalho que ele chamou de *Tristeza estrutural*, um círculo perfeito de pedras cuidadosamente costuradas em uma base, que antes de configurarem o trabalho parece que viveram por meses soltas nessa mesma formação em um lugar do chão da casa dele.



[294]

[294] *Figura 64 – Se esta rua fosse minha [Tristeza estrutural]. Chatons engrampados encontrados bordado sobre plástico. Dimensão: Ø 20cm. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Antes de falar dos outros trabalhos da série, falaria deste: o círculo perfeito temporário montado num lugar do íntimo onde não se pode pisar. Um jardim em volta do qual construímos muros; um parapeito que evita cair pra dentro de onde não poderíamos voltar.

É um delicado balé, configurar uma cidadania inclusiva e competir com o próximo por emprego e recursos. Ética bixa. Afeto público, afeto íntimo. Justiça com os pares. Nessa instância, antes de reverberar, peço que naveguem no LinkedIn e no Lattes; seu, meu, nossos, dos professores e dos CEOs.

Outros trabalhos da série que carregam o nome “tristeza estrutural” são compostos de metais encontrados e clipes galvanizados novos. Chegamos a falar sobre escrever um artigo a quatro mãos sobre eles, mas nunca tivemos tempo, e eu também não sou um bom acadêmico. As coisas que iriam pra lá estão aqui também, se uma *Revista Rosa* da vida realizasse o meu sonho de publicar um texto tão amador.



295

[295] *Figura 65 – Tristeza estrutural [para Andrey Koens] – Metais encontrados e clipes de aço galvanizado. Tamanhos diversos. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

Existe nesses trabalhos materiais pra mil vidas isto: o metal encontrado se choca com a perfeição maquiada do clipe novo, que se equilibra pra configurar naquela base algo possível. Esse não saber da tristeza estrutural se faz presente nesse choque de temporalidades: um saiu da loja e foi parar ali, outro circulou a cidade e foi, de mão em mão, sendo usado e descartado de forma orgânica até que chegou ali também.

Pergunto-me se, assim como os meus trabalhos em paisagem, esses não são alegóricos da nossa situação. Lembro que Tulio sofreu um pouco por usar algo que não fosse encontrado. Em respeito a isso, na minha forma afetuosa, porém distante, comprei os clipes e pedi que entregassem no ateliê dele. Nunca vi nem toquei nas caixas ou nos clipes pessoalmente, assim como é frequente na minha produção: muito é digital, e o que é impresso vai direto para a exposição e vejo só depois.

 [296]

De alguma forma, esses materiais navegaram o mundo até Tulio. Aquilo que foi produzido e passou pelas mãos e o abandono junto do que foi produzido e estava em potencial máximo passando por toda a cadeia logística onde Tulio também atuou como entregador. Arte-vida. Sobre ser novo, em trinta anos a gente vê.

Andrey Koens, maio de 2022.

[296] *Figura 66 – Tristeza estrutural [para Andrey Koens]. Metal encontrado e clipes de metal de aço galvanizado. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

7.5 CAFÉS DA MANHÃ



Um café da manhã digno de Tulio

[297]

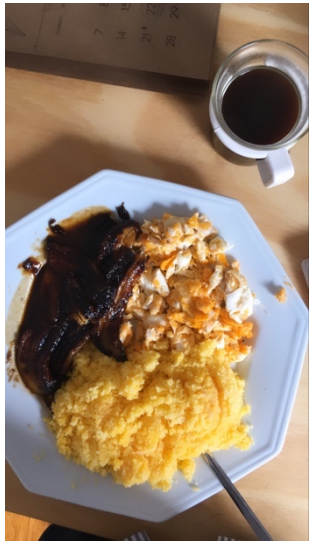
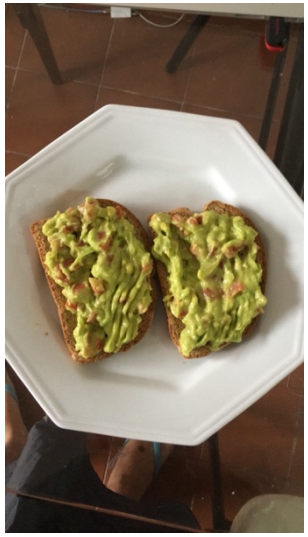
[297] *Figura 67 – Um café da manhã digno de Tulio. Captura de tela de mensagem recebida pelo Instagram. Fonte: Acervo pessoal do autor.*

7.5.1 Café da manhã – por Nina Porto[298]

Desconfio que o gosto pelos cafés da manhã tenha algo a ver com solidão, que consciente de si busca tornar-se solitude. Investigar o gosto pela própria companhia no silêncio das primeiras horas do dia, imprimir nelas um traço de contemplação e autocuidado – já que não sou fiel à rotina de skincare. Os cafés da manhã deixam mais sofisticada minha solidão. Além disso, me dedicar ao preparo da minha comida logo cedo, sentar e comer sem pressa, às vezes enquanto leio um poema ou escuto um podcast, devolve um pouco de dignidade à vida cotidiana. Reservo para mim o primeiro horário da agenda diária antes de me entregar aos ponteiros e à fome alheia. Assim, acordo e desperto também meus sentidos. Ouço os primeiros barulhos da cidade e de um ou outro passarinho, sinto o cheiro do café coando, tateio a manga úmida e escorregadia ao descascar, saboreio o cuscuz quentinho. Às vezes, não escovo os dentes depois, que é pra guardar por mais tempo a lembrança na boca, ao invés de trocá-la pelo aroma artificial de menta da pasta que me lança para a realidade.

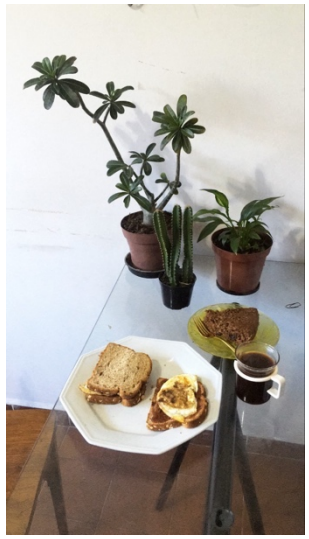
Nina Porto, julho de 2022

[298] Nina Porto (Goiânia/GO, 1990) é designer e pedagoga, especialista em educação para a sustentabilidade, com atuação na área de educação socioambiental no terceiro setor. Estudante informal de agroecologia e permacultura. Eterna aprendiz.






Café da manhã de hoje por
@mrbuzinas, meu amor





Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo


Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo
O SABOR
SUCRILHOS


Café da manhã com meu amor
Lucas Goulart
@mrbuzinas


Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo
Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo


MENOS 1 ANO DE VIDA
MAURICE MERLEAU-PONTY
Obrigado @viniciusalmeida_vica
por me alimentar 💞
@fabriquepaes
@mrbuzinas


Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo


@mrbuzinas



Café da manhã com
@l__barros____
@thauanferro
MACEIÓ




Pão de mel
@isa_panificacao
@iisabelavalentina

@mapiranga


Café da manhã com
@mrbuzinas



Diante de tanta tristeza, nem um café gostoso tem me animado mais
Café da manhã com @mrbuzinas


@jottacomj



Café da manhã com
@carmengar.cia sem ela rs

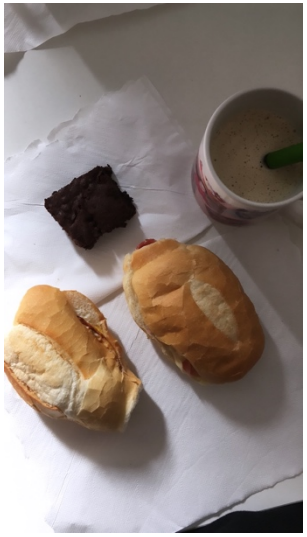
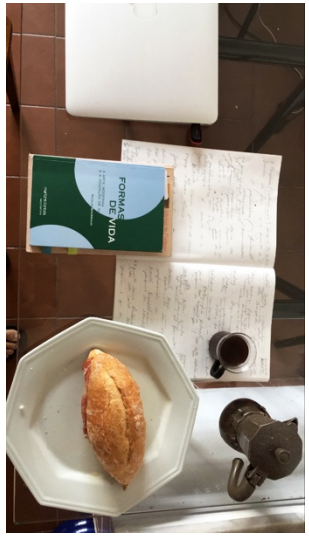
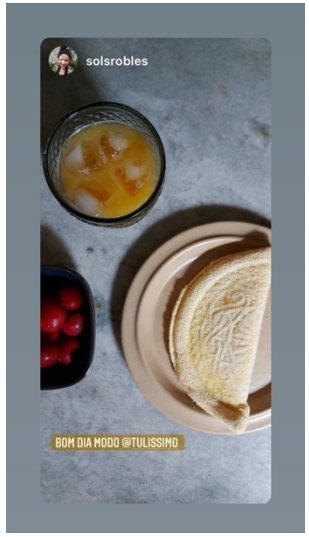

Café com Gabriel
via @aindamonique



Café da manhã com @iisabeldivina , minha
mãe e Lucas Goulart, meu namorado.
@mrbuzinas



Café da manhã que preparei para
meu amorzinho @mrbuzinas
Texto por @mrbuzinas




FORMAS DE VIDA

solsrobles
BOM DIA MODO @TULISSIMO







Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo




Café da manhã com
@mrbuzinas



@mrbuzinas





@mrbuzinas

Café da manhã com
@mrbuzinas

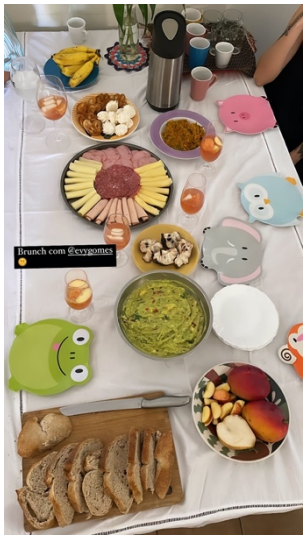


Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo
Via @pedro_d_o_rodrigues
Café da manhã com
@queroumapeleboa
Café da manhã com
@mrbuzinas
@mrbuzinas








Brunch com @cvygomes

Café da manhã com
@iisabeldivina , minha mãe


Café da manhã de
@mrbuzinas para mim

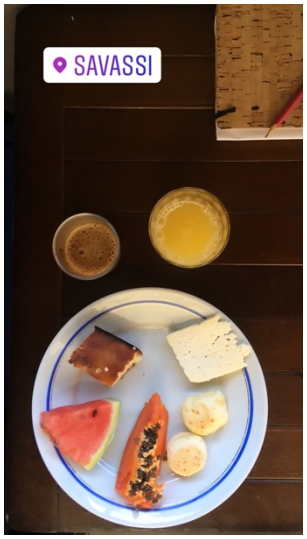

Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo








Café da manhã com
@l__barros____

Café da manhã com
@iisabeldivina , minha mãe

SAVASSI

Café da manhã com @germedemundo
e @yuridiasmelhoresvirao




@mrbuzinas




Para @juliamodolo_ ✨





Café da manhã com Lucas Goulart 💝 @mrbuzinas

Obrigado @viniciusalmeida_vica por me alimentar 💞 @pistor.paes

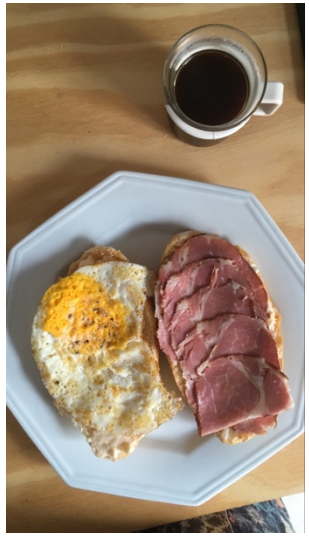


Café da manhã com @mrbuzinas🦃


Café da manhã com Lucas
Ambraziunas @mrbuzinas

Café da manhã com rafael amorim
@germedemundo

Café da manhã com
@yuridiasmelhoresvirao
@germedemundo












Café da manhã sem rafael amorim
Te amo @germedemundo! Obrigado por me ensinar tanto sobre arte/vida ✨
Te aguardo para a próxima temporada paulistana rs


Café da manhã com @mrbuzinas



Café da manhã com @mrbuzinas

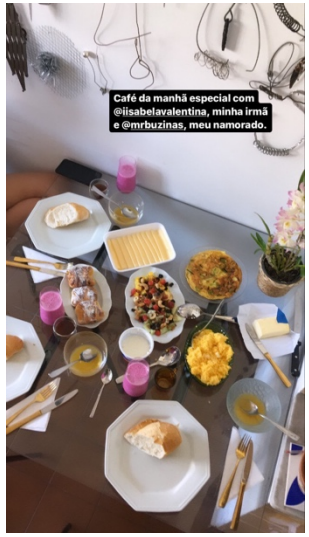


@iisabelavalentina
@mrbuzinas ✨






Café da manhã com
@l__barros____
@thauanferro


Café da manhã especial com
@iisabelavalentina, minha irmã
e @mrbuzinas, meu namorado.


@mrbuzinas



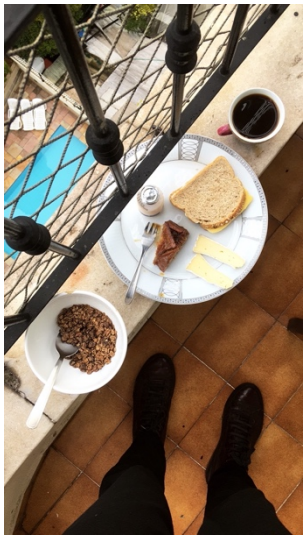


Ainda não acertei na proporção:
aveia amanhecida (overnight oats)
Aveia, chia, morangos, açúcar
mascavo e leite de amendoim



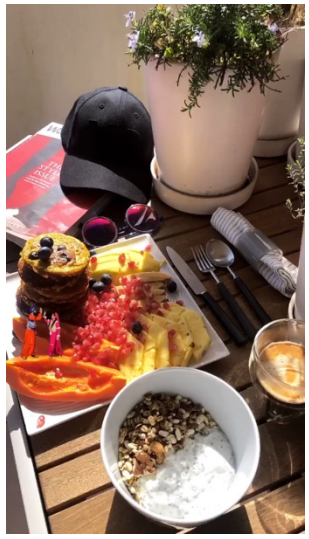
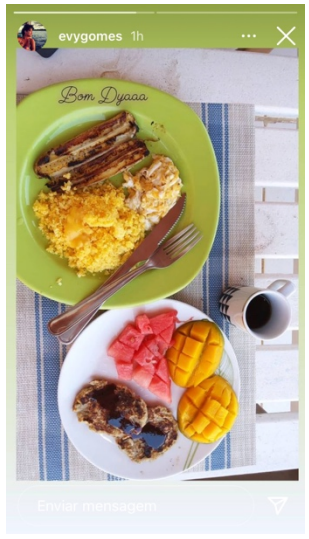

Improvisos matinais com @mrbuzinas

@mrbuzinas

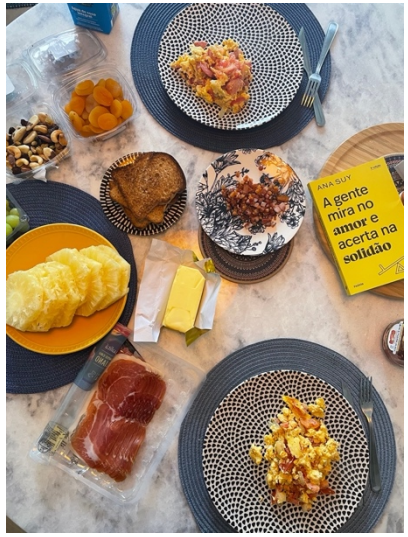
Café da manhã com
@iisabeldivina, minha mãe

bom dia só pros café na cama

bom dia minha inspiração,
digníssimo Túlio


evygomes 1h
Bom Dyaaa
Enviar mensagem




Mingau de aveia com noz moscada, canela, molado e cranberry.
Bom pra colaborar na mudança de estação verão/outono pra quem tem excesso de elemento ar (vatá dosha).


ANA SUY
A gente mira no amor e acerta na solidão











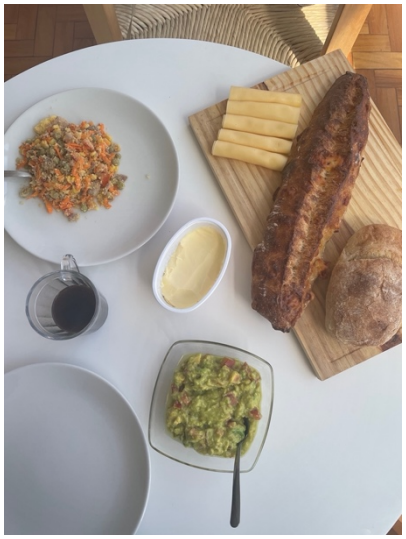












7.5.2 Meditação – Menu Pequeno [Almoço][299] – por Pedro Rodrigues[300]

A minha relação com o alimento sempre foi difícil. Desde que me lembro, oscilava entre as 90% das vezes em que dispensava o momento da refeição e os restantes 10% de grande prazer. Sofri com isso e fiz sofrer. Era muito magro, o que preocupava a minha família, e por isso não havia dispensa de nunca acabar tudo o que me tinha sido posto no prato. Juntamente, com isto, a educação era rigorosa e não se faziam pratos alternativos. Minha Mãe, que era quem normalmente cozinhava, escolhia a ementa e era igual para todos. Ela sabia o que eu gostava e com o que eles teriam menos problemas à mesa, mas era importante não cederem a caprichos e birras em prol de uma educação fortalecedora do carácter. Meus pais achavam que insistindo conseguiriam que eu começasse a gostar. Não aconteceu. O orgulho também teve a sua parte nesta contradição. Com o tempo algumas coisas mudaram, aprendi a gostar de alguns alimentos, como o peixe, por exemplo, e deixei de comer outros, como a carne vermelha, por opção.

Descobri, muito tarde, algumas intolerâncias que justificam o mal-estar que passei várias vezes: lactose e glúten – a segunda não tão grave.

De todas as refeições e das várias partes que a compõe, sempre fui atraído pelas mais cuidadas e simples como as entradas e as sobremesas, e de todas as refeições do dia as quais mais me davam prazer eram as intermédias: pequeno almoço, merenda e ceia. Em particular, o pequeno almoço. Era o momento que preparava o dia, a energia para arrancar. O meu cérebro ainda não processa à velocidade normal, todos os problemas a resolver estão ausentes ou turvos. Para mim é o momento mais puro entre o alimento e o sujeito.

---

[299] Texto escrito em português de Portugal.

[300] Pedro Manuel Soares de Oliveira Rodrigues (Fafe, norte de Portugal, 1972) é artista visual, designer de interiores e professor licenciado em artes visuais/desenho pela Escola Superior Artística do Porto (ESAP) e doutorando na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), em que investiga como o conceito do corpo sem órgãos dos filósofos Félix Guattari e Gilles Deleuze coabitariam o espaço racional do arquiteto Le Corbusier. Desenvolveu em áreas como o teatro, a dança e a dramaturgia os trabalhos: *Febre* (1996) *Correspondência* (1997) e *Cela Corbusier* (2012), projeto desenvolvido com Guimarães Capital Europeia da Cultura. Como designer trabalhou com companhias tais como Buttero, Fashion Clinic, Claus Porto e outras. Desempenha funções de docente desde 1995 no ensino artístico.

Com o tempo, passei a morar sozinho e aproveitei para tentar resolver alguns dos problemas que tinha com a comida/alimento. Já tinha alguma experiência em cozinha na preparação de alguns pratos, mas nada que preenchesse os requisitos de um menu diário. Tive, pois, que desenvolver as minhas capacidades.

Aproveitei para elevar a fasquia da sedução. Autossedução. Tinha que me iludir que provocar desejo, apelar a um satisfatório resultado. Todas as armas eram válidas e o autoconhecimento poderia orientar esta busca no sentido certo.

Na cozinha, há dois tempos que me atraem: a preparação e a apresentação. O primeiro, pelas características rítmicas e altamente performáticas e, o segundo, pelo obvio impacto visual. Ambos, muito úteis neste propósito da sedução, podem, no entanto, prometer o Céu e entregar o Inferno. Mas só a promessa pode ser muito útil, quando não for o Inferno, mas um Purgatório de indiferença. O visual pode manter a ilusão e a memória do processo sempre entretém a crítica analítica da iguaria apresentada. Posso assistir a todo o processo e ficar altamente satisfeito sem sequer provar o resultado. Aliás, é coisa que nem me agrada fazer, a prova, aquando da preparação, tento sempre usar outros recursos, como o olfato, para resolver esse assunto.

Não sou muito arrumado. Gosto de espalhar coisas como se fosse precisar delas para algo e por isso o caos povoa sempre os meus momentos de cozinha. No entanto, sou metódico e minucioso.

Tenho muito respeito pelos alimentos e por todos os processos, humanos e naturais, que fizeram que eles me chegassem. Não gosto de desperdiçar comida e tento aproveitar o máximo. Nem sempre é possível. Confesso que, às vezes, ignoro prazos de validade se entender que está tudo em bom estado. No entanto, acho que o nosso corpo é um templo e deve ser cuidado e respeitado. A qualidade e o sabor são muito importantes para mim. O respeito pelo ambiente nesta equação é essencial.

Cozinhar é um acto entre o ilusionismo – magia – e a sedução. Uma sedução concêntrica de fora para dentro. Objetivo, deslumbrar o meu cérebro.

O propósito à eventual conclusão do processo é levar-me a comer. É, portanto, um processo centrado em mim. Não quero, com isto, dizer que não gosto de cozinhar

para os outros, gosto muito. É um vínculo que se faz, uma comunicação que passa. Um momento de partilha. Não considero, no entanto, que esteja a exercer os meus poderes de sedução, até porque os acho muito desajeitados e pobres no geral. Isso não me preocupa. Estou apenas a partilhar a minha intimidade, as minhas fragilidades, as minhas descobertas, as minhas conquistas e de forma egoísta a controlar aquilo que me rodeia no momento da refeição.

Esse que foi um momento difícil e complicado, deve agora ser encenado. Eu preparo o ritual de forma a que não me seja possível negar a ingestão e quem sabe o prazer se avizinhe e me visite. Neste ritual todos os pormenores são muito úteis e válidos.

O saber estar à mesa. Conversa de treta,[301] signos de um continente viciado e anacrónico, quero lá saber! Sempre me encantaram imagens, filmes, relatos que reportam para os códigos antigos do "saber estar à mesa". As regras, a etiqueta, toda a parafernália envolvida... a imaculada limpeza de tudo, laboratorial, os elementos de decoração, a iluminação e obviamente os cheiros, que são muitos. Não me estou a referir só aos óbvios aromas dos alimentos e da comida, mas também há o dos tecidos envolvidos: toalhas, guardanapos, e só aí as memórias são muitas! Os vários materiais diversificam logo as propostas: algodão, linho, fibras sintéticas, plásticos etc. Depois, na manutenção deles ficam presos outros aromas: dos detergentes, sabões e amaciadores; a gaveta que os guardaram tanto tempo, o cheiro a velho, naftalina, alfazema, sabonete, à própria madeira, cânfora, pinho, cheiro do plástico que forra a gaveta, o mistério desse local parado no tempo em que sabemos que o silêncio reina e o tempo para. Depois as flores, que podem estar a embelezar a mesa e os seus mil aromas e a água delas. O requinte, a riqueza e a história dos elementos do enxoval, também me atraem muito. A finíssima porcelana cuja fragilidade desafia o seu uso e os seus variados formatos, tamanhos cores padrões texturas, que indicam uma especificidade, "estes só devem servir um salmão bem assado", "a cor destes enaltece o verde de uma fresquíssima salada", e por aí vai. Copos com pé ou sem pé? transparentes ou com cor? lisos ou com gravação? finos ou muito grossos? O faqueiro, utensílio essencial, o paralelo novamente cirúrgico: prateados, dourados, com cor? Com ou sem pega? Brilhantes ou mate? Minimalistas ou profusamente

[301] Conversa fiada; papo furado; diálogo sem interesse.

decorados? Leves ou pesados? Grandes ou pequenos? Nunca alheios à função que vão ocupar, colher de sopa, colher de café... A ordem da performance; existe uma ordem instituída: a entrada, primeiro prato, entre pratos, café e digestivo. Existem variações, mas a base é sempre muito parecida num contexto formal. Igualmente interessante é a ordem entre os tão variados alimentos e a justificação para a sucessão dos sabores: o salgado/doce, o líquido/sólido, o mole/duro, o quente/frio. E nestas variáveis, ou noutras, que se intercalam as diferentes propostas no sentido de se complementarem e enaltecerem. Os limites se testam.

Voltando ao primeiro momento do dia, o Pequeno Almoço, este nome reporta para um almoço menor, delicado, subtil, parece-me bem. A importância deste momento, para mim, foi crescendo e apurando até chegar ao que é hoje, não é perfeito nem ideal, é só aonde cheguei com ele.

Entre outras coisas é uma sucessão de procedimentos mais ou menos calculados e ordenados com o objetivo de manter uma base para múltiplas variáveis.

Esta divagação foi produzida a pedido de alguém muito especial, com quem partilhei inúmeros pequenos almoços, entre outros repastos, e que também teve o seu contributo para o apuro do que actualmente existe como o Meu Pequeno Almoço: o Tulio.

O MEU PEQUENO ALMOÇO – agora, diferente de ontem e de amanhã sabe-se lá!

Depois de relatar a variedade e infinitas possibilidades, eu reduzi tudo a poucas variáveis, essencialmente 3. Poderão ser mais e muito excepcionalmente menos. Um momento salgado, mais reconfortante, um momento doce, mais leve e mais fresco e um café! O café como alimento sempre! Pois, como em muitas coisas na minha vida eu me contradigo. O.k. Acho que o meu TOC – não diagnosticado, controlado e funcional – precisa de paz no início do dia e a rotina afasta o meu cérebro da ansiedade e eu fico bem em driblar apenas esta tríade: salgado/doce/café. As variantes, no entanto, acontecem quase sempre em pequena escala.

Factores que determinam as variações da tríade:

a. Tempo – disponível para o preparo e usufruto;

b. Altura do ano em que me encontro;

c. O que existe na despensa.

Tempo – preparo: a preparação não pode ser apressada. Tem o seu ritmo, a sua cadência. Assim é a preparação do meu Pequeno Almoço (PA). No entanto, não comprometo nunca o resultado. Adapto sempre ao tempo que tenho e nunca me desiludo. Mais tempo, vamos a Versailles! Menos tempo, uma concha apanhada na praia. Cada um tem a sua beleza e o seu lugar.

Altura do ano: 4 estações, 12 meses. Em cada um o que está disponível e acessível varia, assim como aquilo que vou preparar. Se está muito frio, prefiro algo quente. Se está calor, algo mais refrescante. Nem sempre (é possível). O.k.

A despensa: não gosto de ser apanhado desprevenido. Sempre que posso, coloco algo que me desafia a experimentar: uma fruta nova, um novo superalimento, um lote novo de café, um método diferente de fazer café...

Tempo – usufruto: A INGESTÃO. Este momento não pode ser descurado. Gosto que seja encenado e com alguma precisão. Onde vai acontecer? Na varanda, no sofá, na mesa de jantar, no balcão? O clima é decisivo: em dias de chuva, frio ou demasiado calor não posso usar a varanda. Agora o *Mise en place*: toalha, individual,[302] outros suportes, nada? O que vou usar para servir? Pratos, copos, travessa, tabuleiros, chávenas, ... qual a ordem entre eles? Aqui ainda não cheguei a nenhuma conclusão que me satisfaça, mantenho a variação como princípio, mesmo a ordem dos vários elementos na mesa é alterada, ainda que dentro de uma lógica convencional: talheres e guardanapo perto do prato, copo/chávena à direita, mas tudo é aceitável.

Todos os elementos devem vir para a mesa ao mesmo tempo e ficam a aguardar a sua vez. Não quero interromper o usufruto do que preparei. Muitas vezes coloco um livro ou revista para me acompanhar, mas nem sempre os folheios, acho que gosto da sua companhia e do que me disseram anteriormente ou da promessa do que têm para me contar. Os olhos passeiam pelo horizonte, pela paisagem, pelo ecrã do

[302] Também chamado no Brasil de jogo americano.

computador, pela TV, pelo vazio, às vezes ponho música, às vezes ouço os sons que chegam. Às vezes sinto o sol a bater na cara, no corpo. Sou feliz aqui. Aqui sinto-me pleno e depois começa o dia.

Este não é um texto académico. É um texto fácil, simples, deve ter erros, não o revi antes de enviar, é um texto de interesse... circunscrito.

É sobre interesses partilhados e sobre coisas que aproximam pessoas.

Para ti, Tulio, com muito carinho.

Pedro Manoel Soares de Oliveira Rodrigues, julho de 2022.

[CONSIDERAÇÕES FINAIS]

A LENDA[303] [EU TAMBÉM SOU UMA BIXA INTELECTUAL COMO MINHA AMIGA MARCEL COUTO[304]][305]

[303] Música: A Lenda – Linn da Quebrada, 2017.

Vou te contar a lenda da bicha esquisita
Não sei se você acredita, ela não é feia (nem bonita)
Mas eu vou te contar a lenda da bicha esquisita
Não sei se você acredita, ela não é feia (nem bonita)

Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora
Desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora
Ela jogou tudo pro alto, deu a cara pra bater
Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o cu, se foder

De boba ela só tem a cara e o jeito de andar
Mas sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar
Estudar, estudar, estudar sem parar
Tão esperta essa bichona, não basta apenas estudar
Fraca de fisionomia, muito mais que abusada
Essa bicha é molotov, o bonde das rejeitada

Eu tô bonita? (tá engraçada)
Eu não tô bonita? (tá engraçada)
Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada (2X)

Abandonada pelo pai, por sua tia foi criada
Enquanto a mãe era empregada, alagoana arretada
Faz das tripas o coração, lava roupa, louça e o chão
Passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão

Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada)
Porque "uma podre maçã deixa as outras contaminada"
Eu tinha tudo pra der certo e dei até o cu fazer bico
Hoje, meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas
Sou eu mesmo quem fabrico

Eu tô bonita? (tá engraçada)
Eu não tô bonita? (tá engraçada)
Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada (4X)

[304] Marcel Cabral Couto (São Paulo/SP, 1984) é bixa intelectual periférica, latino-americana-afro-caribenha e persa. Formada em filosofia pela PUC-SP (2010) e mestre em antropologia visual pelo departamento de Ciências Sociais da Unifesp de Guarulhos. Atua como pesquisador no Grupo de Estudos em Antropologia Visual e Urbana – VISURB. Estudou arte e sociedade na América Latina pela cátedra Unesco do Memorial da América Latina. Graduou-se também em pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Tem interesse por estudos voltados à cultura e arte na América Latina e pela proteção do patrimônio histórico, artístico, simbólico e cultural.

[305] Este ensaio foi originalmente publicado na *Revista Desvio*. Cf. COSTA, Tulio (2022a).

“Como – ou por quê – você transformou sua prática artística em pesquisa acadêmica?”

Por narcisismo. Essa foi a primeira resposta que eu pensei para essa pergunta... No entanto, aprofundando esse questionamento, notei que estava sendo injusto comigo mesmo e com os antepassados que me trouxeram aqui. Além disso, não dizemos coisas do tipo “egocêntrico” de outras escritas hegemônicas que estão aí vigentes. A arrogância foi o peso que me deram para sobreviver. Minha avó sonhou. Sonhou que eu era um professor entrando numa universidade de terno e valise na mão. Minha avó tinha o sonho de ser professora ou dançarina. Estudou até a quarta série e trabalhou na roça. A educação em casa sempre foi uma exigência (quase que para fazer jus a todos os outros que não tiveram essa oportunidade), e com muito rigor. Minha mãe engravidou precocemente (de mim) e interrompeu os estudos por alguns momentos, mas retomou, se profissionalizou, se graduou e se pós-graduou. O desejo pela experiência do conhecimento atrelado a uma ânsia de viver melhor. Mestrado e doutorado eram coisas faladas em casa desde pequeno, sem que eu nem soubesse o que isso significava (e arriscaria dizer que minha mãe também não, pelo menos não na sua completude, mas imaginávamos). Eu quero ser uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto. E fico feliz de estar numa turma de mestrado que tenha tantas colegas bixas (e aqui uso “bixa” com essa grafia mesmo e num sentido bastante amplo do termo, mas que deixarei subentendido). Nós vencemos. Esta é a sensação que eu tenho. Nesse desejo de ser uma bixa intelectual, estudando pra caralho, comendo marmita pra fazer cursos profissionalizantes e pré-vestibulares, circulando em cidades outras desde os 12 anos, conhecendo pessoas, andando quilômetros a pé, sozinha, com esse corpo bixa desbravando uma provinciana cidade Tupã, pressentindo que algo aconteceria. Tinha de acontecer. Eu sonhei! Estar num curso de mestrado em que mais da metade do pessoal é bixa me faz vislumbrar que vencemos porque não estamos mais sós. Ou melhor, eu não estou mais só como estive em grande parte da minha infância e adolescência. Continuo cansada, mas agora minimamente pertencente. Essa estratégia antiga das bixas de se pautarem na educação/formação/intelectualidade/conhecimento como uma forma de resistência fode com nossas cabeças, mas também nos articula. Para mim, é uma honra estar em São Paulo e ver que existe um corpo intelectual de sapas-trans-bixas-travestis. Nós vencemos. Mesmo fodidas. Nós vencemos e não nos dirão o contrário. Me faz pensar no meu tio-avô, aliás, na minha tia-avó, travesti possivelmente, que decidiu

viver seus instintos no interior de São Paulo e em por que não me contaram sua história com nitidez. Por que não sei nada de sua experiência travesti de beira de estrada, morta pela SIDA (!?), que era o grande pesadelo de qualquer mãe de criança viada dos anos 2000 no interior de São Paulo? Por sorte, o endocrinologista disse: vocês vão precisar amá-lo mais do que nunca! Como não lembrar dos meus outros tios-avôs andarilhos, alcoolistas, nômades, caminhantes, alguns que conheci e que deram tanto trabalho para Juenir Mendes, minha avó materna, que cuidou de todos com tanto carinho... são memórias da fome e da severidade com que seu pai os tratava, relatadas por meu avô José Antônio. Ou dos meus tios esquizo-depressivos-suicidas-neurodebilitados... Meu Deus! Eu olho tanto para o meu futuro, mas eu sou todo o meu passado. Envolto em tudo isso, me configuro essa bixa trapeira-colecionadora. Minha vida-pesquisa, que me tira o sono, que me faz escrever esses textos de despedida. Eu sou muito mais passado que futuro. É isso o que me motiva a pensar, ou melhor, a transformar a minha pesquisa em escrita acadêmica [mas nem tanto, mas não só]. Escrever um relato de uma vida ordinária que, *a priori*, já está fadada ao esquecimento, mas cujo rastro pretendo deixar na história, que seja por uma nota de rodapé numa dissertação que poucos lerão ou como objeto de pesquisa para outros trabalhos, como já o fizeram. Isso se deu, basicamente, porque precisava transformar toda uma experiência de vida em ganha-pão. Porque precisamos comer (e BEM!) para pensar e agir. Como “mercantilizar” um saber, uma experiência, que não é necessariamente uma matéria ou uma técnica? Eu também sou uma bixa intelectual, e talvez a ficção (e a escrita) seja o lugar possível para pensar essa imaterialidade. Seja pelo meu guarda-roupa, seja por estar de vestido e batom sobre uma bicicleta no centro de São Paulo dizendo que esse é o meu trabalho mais importante. Porque é. Quem sabe um dia eu consiga juntar tudo isso e ensinar alguma coisa para além da minha própria existência. E que pretensão maçadora essa de querer ensinar alguma coisa... não tem isso de função! É que é difícil só passar... só seguir... só morrer pra gente como a gente. É possível? Ou talvez essa seja uma ilusão autobiográfica e eu seja mais eficiente (para não dizer importante) trabalhando como agente administrativo numa editora... por que não? Também? Ou talvez eu seja essa poeta que se utiliza de desperdícios para narrar imagens de uma imagem bixa tão corriqueira: aquela que consegue estudar, se formar e fugir do interior do Brasil para tentar uma vida um pouco mais autônoma em São Paulo capital... quantas como

essa vocês não conhecem, ou talvez até mesmo seja? Eu sonhei. Nós sonhamos. Lembrando que tudo isso custa. Então quando penso em transformar a minha vida-pesquisa (por mais banal que seja) em pesquisa acadêmica, eu vislumbro também poder continuar sentindo tecidos naturais no meu corpo, tomando meus cafés da manhã e, por que não, convidando outrem para se sentar à mesa. Não me interessa mais comer sozinho, gosto de cozinhar em quantidade. Fartura. Abundância. Como na despensa do meu avô. São muitos interesses. A memória que me vem à cabeça é a de minha avó Maria, baiana, chegando em casa com um colchão de solteiro na cabeça que ela comprou de presente para mim (e que provavelmente demorariam para entregar e ela decidiu entregar por conta). Ou aquele saco gigante de cocos frescos que ela me deu e era maior do que eu poderia carregar na bicicleta, o que me fez ser mordido pelos cachorros de sua vizinha. Eu gritei por socorro aquele dia, naquela rua deserta do bairro Bandeirantes em Herculândia. São imagens de amor. São imagens de beleza. Aquele cuscuz adocicado na casa da vó Maria é a escrita de um lugar que habitei tão raro. Sem contar a minha avó Juenir Mendes gritando: PEDALA, PEDALA, PEDALA! Enquanto me jogava no abismo do chão de terra batida para que eu aprendesse a ser livre. Ou me ameaçando, com uma vara na mão, para subir na jabuticabeira em vez de ficar chorando embaixo enquanto meus primos se divertiam em cima. Ela é professora. Foi aniversário dela dia 6 de novembro. Eu a amo e ela a mim. Incondicionalmente. Talvez ela me ame ainda mais, muito mais... muito, muito, muito mais. Mas eu a amo muito, muito, muito também. Paixão da minha vida. Quando eu fui aprovado no mestrado, ela me disse: “Agora você está mais perto do que longe”. Talvez seja a minha epígrafe, ou o título da minha exposição de formatura [que, porventura, não fiz]. Com isso em mente, a resposta para esta pergunta, “Como – ou por quê – você transformou sua prática artística em pesquisa acadêmica?”, talvez seja: porque nós sonhamos e vencemos. [Para Juenir Mendes da Silva e Sousa, minha avó materna]

[REFERÊNCIAS]

UMA BIXA TRAPEIRA-COLECIONADORA NÃO ESTÁ SOZINHA NO SEU DELÍRIO

12ª BIENAL de Arquitetura de São Paulo divulga programação no Sesc 24 de Maio e CCSP. **ArchDaily**, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/923711/12a-bienal-de-arquitetura-de-sao-paulo-divulga-programacao-no-sesc-24-de-maio-e-ccsp>. Acesso em: 30 mar. 2021.

A LENDA dos caboclos d'agua. Direção: Bruno Bennec. Minas Gerais: Festival Taguatinga, 2019. (15 min). Disponível em: <https://festivaltaguatinga.com.br/festivalTagua/14/assista/vote/filme/1511>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. Coleção Espírito Crítico. p. 15-45.

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 77-92.

ALMEIDA JÚNIOR, Dilton Lopes de; JACQUES, Paola Berenstein; SILVA, Ramon Martins da. Narrar por relações I. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de narrar. Salvador: Edufba, 2020. p. 22-49.

ALMEIDA, Vinícius Dias Oliveira de. **Deslocamentos: entre gravuras, desenhos, colagens, pinturas e livros de artista**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)–Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2023.

AMIGO, Maria Luisa; ARROYABE, Fernández de. **Ócio-estético-valioso**. São Paulo: Sesc Edições, 2018.

AMORIM, rafael; BAKER, Julia (orgs.). **A respeito do fracasso e outras virtudes**. Rio de Janeiro: Do autor, 2022.

AMORIM, rafael. **por uma poética do contato: ancoragem emocional, cidade-equívoco e terreno baldio**. 2020. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - Escultura)–Escola de Belas Artes. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020.

AMORIM, rafael. **santíssimo**. Cotia: Urutau, 2023.

ANJOS, Ana Raylander Mártis dos. **A promessa como procedimento artístico**. São Paulo: Tenda de livros, 2020. Disponível em: <https://anaraylandermartisdosanjos.com/A-promessa-como-procedimento-artistico>. Acesso em: 4 maio 2023.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução Hortência dos Santos. São Paulo: Unesp, 2018.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

BASBAUM, Ricardo. artes/vidas. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, p. 235-246, 30 jun. 2017.

BASTOS, Roberto Kennedy de Lemos. A escrita como cuidado de si na obra tardia de Michel Foucault. **Revista Sísifo**, Feira de Santana v. 1, n. 5, p. 158-170, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas, volume 2. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018. 3 v.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida**: a arte moderna e a invenção de si. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

BOURRIAUD, Nicolas. O que é um artista (hoje)? **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 77-78, 2003.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**: por uma estética da globalização. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

BRETT, Guy. **Brasil experimental**: arte/vida, proposições e paradoxos. Tradução Renato Rezende. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

BRILHANTE, Aline Veras Morais; MOREIRA, Cláudio. Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção do conhecimento acadêmico. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 1099-1113, 2016.

CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

CALLAI, Cristiana. A relação da pesquisa com a escrita e com as possibilidades de dizer de si. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 103-110.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia urbana da comunicação. Tradução Cecilia Prada. 2. ed. São Paulo: Stúdio Nobel, 2004.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Tradução Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COSTA, Rodrigo Lopes. **Álbum de família na arte/educação:** matéria de ficção. 2022. 251 f. Dissertação (Mestrado em Artes visuais)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022.

COSTA, Tulio. A lenda [eu também sou uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto]. **Revista Desvio**, ano 7, n. 2. p. 28-32, 2022a.

COSTA, Tulio. **Bixas brancas chorando de barriga cheia?**: assombros capitalistas, ética bixa e reflexões sobre a tristeza estrutural. Texto crítico para a exposição virtual *Chora, Lobo* do artista Andrey Koens. São Paulo: 2022b. 8 p.

COSTA, Tulio. [Cenas de duas bixas-trapeiras-colecionadoras]. In: AMORIM, rafael; BAKER, Julia (orgs.). A respeito do fracasso e outras virtudes. Rio de Janeiro: Do autor, 2022c. p. 165-185.

COSTA, Tulio. Diário de viagem. In: VIANA, Fausto; PESTANA, San (orgs.). **Dos bastidores eu vejo o mundo**: cenografia, figurino, maquiagem e mais. v. VI. São Paulo: ECA-USP, 2021a. p. 385-444.

COSTA, Tulio. Todo ângulo de 90° é um possível mictório. **Revista LORCA**, São Paulo, ano I, n. 2, p. 149-156, abr. 2021b.

COSTA, Tulio. Uma bixa trapeira em quarentena. In: CUISSI, Angelo (org.). **A arte da solidão**: artistas-pesquisadores refletem sobre a pandemia. São Paulo: Yanubiá Edições, 2021c. p. 111-117.

COVERLY, Merlin. **A arte de caminhar**: o escritor como caminhante. Tradução Cristina Cupertino. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CRUZ, Beatriz. **Projeto desandar**. Página inicial. Disponível em: https://projetodesandar.weebly.com/ Acesso em: 9 jun. 2023.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**. Tradução Pedro Süssekind. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIANA Vreeland: the eyes has to travel. Direção: Lisa Immordino Vreeland; Bent-Jorgen Perlmutt; Frédéric Tcheng. Produção: Gloss Studio. Estados Unidos: Samuel Goldwyn Company, 2011. (86 min).

DORIA entrega banheiros públicos de aço inox e com ar-condicionado. **R7**, 2017. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/doria-entrega-banheiros-publicos-de-aco-inox-e-com-ar-condicionado-25012017>. Acesso em: 31 mar. 2020.

EDELKOORT, Li. Vestir um Miyake é como vestir uma experiência. In. MIYAKE, Issey. **Pleat Please**. Köln: Taschen, 2012. p. 18-29

FABRINI, Verônica. ARTE E VIDA. **Revista Aspas**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 3-13, 2014.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. Tradução Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 45, n. 2, 2020. p. 188-208.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressas dados etnográficos. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoções**, João Pessoa, v. 15, n. 45, 2016. p. 116-130.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

GESTÃO Urbana SP. **Cidade de São Paulo**, 2021. Requalificação do Anhangabaú. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/projetos-urbanos/anhangabau/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GIROTTO, Karlla Barreto. O que é ser um artista hoje? **Aurora – Revista de arte, mídia e política**, v. 10, n. 29, p. 156-166, 2017.

GOLDENBERG, RoseLee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. 3. ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GRAÇAS, Elisabeth Mendes das. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2000.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de narrar. Salvador: Edufba, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 206-234.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **ArqTexto**, v. 7, p. 16-25, 2005.

JIMÉNEZ, Ariel. **Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KAPROW, Allan. A educação do não-artista, parte I (1971). Tradução Carlos Klimick. **Concinnitas – Revista do Instituto de Artes da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 214-226, 2003.

KAVÁFIS, Konstandínos. **Os poemas**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 11-30, 2008.

KOHAN, Walter Omar. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 48-56.

KRÜGER, Constance von. A coleção – um gesto poético: uma leitura benjaminiana sobre o colecionismo. **Cadernos Benjaminianos**, Belo Horizonte, v. 8, p. 71-78, 2014.

LABORATÓRIO de estudos urbanos – UFRJ. Narrar por transversalidades I: jogos de intriga. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de narrar. Salvador: Edufba, 2020. p. 178-186.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Tradução Sergio Maduro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 17-30.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, jul. 2010.

LOPES, José Rogério. Colecionismo, objetos e arte: entre o visível e o invisível. **Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-9, 2015.

MACHADO, Leila Domingues; ALMEIDA, Laura Paste de. Notas sobre escrever [n]uma vida. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 75-85.

MALLMANN, Francisco. **Haverá festa com o que restar**. Cotia: Urutau, 2018.

MANZONI, Piero. In. FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecilia (orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 35-36.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem na multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. **Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 12, p. 55-65, 2008.

MENESES, Emerson Silva. **Quem é esse rapaz que tanto androginiza? Transgressões vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda)–Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MIYAKE, Issey. **Pleat Please**. Köln: Taschen, 2012.

MOMBAÇA, Jota; DE PAULA, Thiago. Não podemos construir o que não podemos imaginar primeiro. **Paço das Artes**, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.pacodasartes.org.br/temporadas/f8b23208-bb32-407a-9bdc-d853e0beaa2c/nao-podemos-construir-o-que-nao-podemos-imaginar-primeiro. Acesso em: 10 maio 2023.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** São Paulo: Oficina de Imaginação Política / Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: http://imgs.fbsp.org.br/files/62cc76f73d2d77003436339c56954187.pdf. Acesso em: 4 jun. 2023.

OS CATADORES e eu. Direção: Agnès Varda. França: Ciné-Tamaris, 2000. (78 min). Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=1333916976681688. Acesso em: 5 ago. 2019.

OS CATADORES e eu: dois anos depois. Direção: Agnès Varda. França: Ciné-Tamaris, 2002. (59 min). Disponível em: https://web.facebook.com/oscatadoreseeu/videos/345414317564058. Acesso em: 10 maio 2023.

OLDENBURG, Claes. Sou a favor de uma arte... In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecilia (orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 67-71.

PEREC, Georges. **A coleção particular**. Tradução Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

QUASE dois anos após promessa, nenhum banheiro público foi instalado pela Prefeitura de São Paulo. BOM DIA SP. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/10/quase-dois-anos-apos-promessa-nenhum-banheiro-publico-foi-instalado-pela-prefeitura-de-sp.ghtml>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por nebulosas: notas sobre um modo de pensar a escrita da história. JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 238-261.

PEREIRA, Verônica Sales. Os rastros do trapeiro: memória, vulnerabilidade social e a cidade na experiência de moradores de rua no bairro do Brás em São Paulo. **Risco – Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo**, São Paulo, v. 2, p. 65-83, 2007.

PESSOA, Desirée. Allan Kaprow: o happening e a ética do corpo. **Revista Trágica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 103-118, 2015.

POE, Edgar Allan. O homem da multidão. In: BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 91-103.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética**: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. 2. ed. rev. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

RAIMONDI, Gustavo Antonio *et al*. A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros método+lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 12, 2020.

RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de. "Ninguém solta a mão de ninguém": uma autoetnografia performática "ingênua" (?), "romântica" (?) e "esperançosa" (?). **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 37, p. 1-25, 2021.

RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de. O corpo negado pela sua "extrema subjetividade": expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 23, p. 1-14, 2019.

RAIMONDI, Gustavo Antonio. **Corpos que (não) importam na prática médica**: uma autoetnografia performática sobre o corpo gay na escola médica. 2019. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)–Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

RAYEL, Mara Lafourcade. Gesto, afeto e arte em Espinosa. **Algazarra** (São Paulo, Online), n. 5, p. 196-214, nov. 2017.

RENNÓ, Rosângela. **Menos-valia [leilão]**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RAMPIM, João Felipe Lopes. O colecionador entre a arte e a história: sobre a materialidade no materialismo histórico de Walter Benjamin. **Revista Limiar**, Guarulhos, v. 3, n. 6, p. 163-194, 2016.

RIBETTO, Anelice. Experiências, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 58-67.

RICHARDSON, Laurel; SUEYOSHI, Humberto Issao. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 542-561, 2018.

SALOMÃO, Waly. **Poesia total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAMPAIO, Valzeli. Arte e vida: bordas dissolvidas. **Concinnitas – Revista do Instituto de Artes da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 214-226, 2003.

SANTOS, Gabriel Lühmann dos. Caminhada na arte contemporânea. **Revista Ciclos**, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 99-105, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL - Revista de Ciências Sociais**, USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SECRETARIA Especial de Comunicação. População em situação de rua recebe atendimento preventivo contra o novo coronavírus. **Cidade de São Paulo**, 2020. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/populacao-em-situacao-de-rua-recebe-atendimento-preventivo-contra-o-novo-coronavirus>. Acesso em: 31 mar. 2021.

SILVA, Adelaide Maria de Estorvo Alencar da. **Ca cara no sol: memórias de desobedientes**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, André Luis de Oliveira. **Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim**: ensaio antirracista para a arquitetura. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso de Arquitetura e Urbanismo)–Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Ricardo Luis; SILVA, Joyse Cavalcante. Sobrevivência de outras cartografias ou indícios de uma possibilidade subjetiva de representação do mundo. Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo. “XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020”. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

SILVA, Ricardo Luis. Cartografia como narrativa: experiências artísticas de Guillermo Kuitca y Jorge Macchi como procedimento de leituras urbanas. **Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, v. 11, n. 3, p. 58-85, 2019a.

SILVA, Ricardo Luis. **Elogios à inutilidade**: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana. 2017. 904 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

SILVA, Ricardo Luis. Rastros e vestígios na/da cidade: três artistas colecionadores de fragmentos da vida urbana. **Revista Pixo**, Pelotas, v. 3, n. 8, p. 79-95, 2019b.

SILVA, Ricardo Luis. Recolhendo resíduos: a caixa de trapos como procedimento de leitura da cidade. In: Projetar – Arquitetura e cidade: privilégios, conflitos e possibilidades, IX, 2019, Curitiba. **Anais do 9º Projetar**, Curitiba, [s. n.], p. 1-10, 2019c.

SILVEIRA, Marcelo. **O guardião das coisas inúteis**. Texto e curadoria Felipe Scovino. Recife: Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, 2016.

SMITHSONIAN COOPER-HEWITT. **Design Other 90**, 2013. Página inicial. Disponível em: https://www.designother90.org/. Acesso em: 31 mar. 2021.

SNEED, Gillian. Dos happenings ao diálogo: legado de Allan Kaprow nas práticas artísticas “relacionais” contemporâneas. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 169-187, 2011,. Artigo traduzido publicado originalmente em Art Criticism, v. 25, n. 2, out. 2010.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUZA, Eduardo; PEREIRA, Mateus. Arquitetura hostil: a cidade é para todos? **ArchDaily**, 8 fev. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/888722/arquitetura-hostil-a-cidade-e-para-todos>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SOUZA, Elisa de. As escrevivências de Conceição Evaristo como escrita de nós: saberes que atravessas práticas pessoais e pedagógicas. **Revista Em Favor da Igualdade Racial**, Rio Branco, v. 5, n. 1, p. 41-51, 2022.

STARACE, Giovanni. **Os objetos e a vida**: reflexões sobre as posses, as emoções e a memória. Tradução Sergio Maduro. São Paulo: Martins fontes, 2015.

TAVARES, Derek. Escrita de si: uma ilusão autobiográfica. **1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentabilidade e Segurança**. João Pessoa, Paraíba, 2014.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 37-64, 2003.

VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 98-121.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 57-72, 2002.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Escritas de si: a alternativa dramática. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 2008, São Paulo. **Anais**… São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2ziGSWc>. Acesso em: 27 maio 2023.

VIANA, Fausto; COSTA, Tulio. Ascensão e queda de uma paixão: notas de uma bixa egocêntrica. In: VIANA, Fausto; PESTANA, San (orgs.). **Dos bastidores eu vejo o mundo**: cenografia, figurino, maquiagem e mais. v. VI. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 363-380.

VIANA, Fausto. Notas sobre o diário de viagem de Tulio Costa. In: VIANA, Fausto; PESTANA, San (orgs.). **Dos bastidores eu vejo o mundo**: cenografia, figurino, maquiagem e mais. v. VI. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 381-384.

VIEIRA, Helena. O diálogo anda impossível? **Pausa para o fim do mundo**, YouTube, 2021. (22 min). Disponível em: https://youtu.be/yG5qehbmMBQ. Acesso em: 29 maio 2023.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Tradução Pablo Cardellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WALICKOSKY, Marcos. **Escrever-através**. Ilha de Santa Catarina: editora editora, 2019.

[APÊNDICE]

POSFÁCIO [306] – AGORA VOCÊ ESTÁ MAIS PERTO DO QUE LONGE[307]

Eu inventei uma vida inteirinha para ser feliz e isso inclui essa dissertação. Claramente não a inventei sozinho. Contei, primeiramente, com a imaginação de Isabel Divina, minha mãe e Juenir Mendes, minha avó materna e posteriormente, com o delírio das dezenas de autores, presentes nas 10 páginas de referências deste trabalho, que encontrei para dialogar comigo sobre a possível episteme de uma bixa trapeira-colecionadora.

Esse trabalho não se propõe a definir um trapeiro-colecionador. Ainda que eu acredite em sua tríade fundante – a cidade, a coleção e a caminhada – as possibilidades de atuação poética do trapeiro-colecionador, dentro desse conjunto, são infinitas e qualquer tentativa de teorização, ou circunscrição de um conceito, reduziria experiências complexas, o que não me interessa.

Tampouco pretendo falar por outras bixas trapeiras-colecionadoras, ainda que as tenha encontrado pelo caminho de pesquisa e possuamos algumas semelhanças em nossas histórias, modos de vida e em nossa produção intelectual e estética. Também não pretendo definir a minha própria atuação. Apresentarei, contudo, uma reflexividade (para usar um termo da autoetnografia), nesta minha escrita em primeira pessoa. Intento, com esse documento, apresentar um espólio parcial das minhas práticas de arte-vida até agora, junho de 2023.

Parafraseando Walter Benjamin, mais que inventariar os trapos – ainda que o faça aqui em alguma escala – é preciso apresentá-los. Neste processo, o leitor deste

[306] Ensaio escrito para leitura no dia da minha defesa do mestrado.

[307] Quando eu fui aprovado no processo seletivo do mestrado minha avó me disse: “agora você está mais perto do que longe”. Essa frase ficou ecoando na minha cabeça durante esses três anos e ela seria o título das considerações finais da dissertação, que acabei, por fim, alterando, como tantas outras coisas do projeto inicial. A frase reaparece aqui no título deste posfácio, que escrevi depois que enviei o arquivo para a banca avaliadora. Essa frase dialoga com o dia DIA 9621 do meu diário (p. 166).

trabalho também poderá juntar os fragmentos – e preencher as lacunas apresentadas – para pensar novos sentidos do “fazer de trapeiro”, dessa possível “experiência dos trapos”. O saber do trapeiro se dá pela experiência e não poderá se dar de outra forma. É um conhecimento que parte do corpo e de uma vivência implicada em um estilo de vida, em uma ética.

Isso vem de encontro a uma constatação que tive esses dias na Avenida Paulista: “o olhar ferino do trapeiro é o mesmo desses rapazes que assaltam celulares sobre as rodas de uma bicicleta no centro de São Paulo.” Arrisco dizer que o trapeiro e o trombadinha reivindicam uma não invisibilidade e nesse contexto, o trapeiro-colecionador e a coleção de trapos, se fundem: uma bixa trapeira-colecionadora almeja ser vista com a mesma dignidade, cuidado e atenção que ele dá aos seus tesouros (vulgo, trapos).

Num mundo ideal, não haveria trapeiros ou trombadinhas, só colecionadores e trabalhadores bem remunerados. E nesse cenário eu não seria uma bixa trapeira-colecionadora acumulando esse apanhado de pensamentos, seria apenas uma bixa, ou numa outra hipótese, uma bixa-pintora, como quando respondi para a minha professora Dulce, na primeira série, que eu gostaria de ser pintor quando crescesse:

– De paredes??? Ela indagou, surpresa.

– Não, boba, de quadros! Eu respondi, sendo uma criança de 7 anos de idade.

Se a invisibilidade de alguns é um sintoma do capitalismo, a repetição vira uma ferramenta: repetir para não esquecer. Observarão, ao lerem atentamente essa dissertação, que alguns discursos das “Capturas [hypomnematas]” retornam nas frases do diário, nas críticas dos meus ensaios e nos títulos de alguns trabalhos de arte. O inverso também é possível. A ordem dos aparecimentos, no entanto, importa menos que sua intencionalidade: serem lidas, serem vistas, serem escritas, serem materializadas em suas afirmações.

É um pressuposto da coleção a repetição. A aproximação de vários itens de um mesmo tema. Talvez, por isso, a coleção como método funcione tão bem para a invenção de si, e para as bixas, que desde sempre vem reescrevendo o mundo a partir dos que lhe sobram. Inventar a partir do que nos deixaram: inventar a partir dos restos, ou a partir do muito pouco, inventar a partir do que foi esquecido (ou deixado para morrer), inventar a partir do que está ao alcance das mãos. E nas práticas de uma

bixa trapeira-colecionadora, eu mesma, repetir, repetir, repetir, para não esquecer que eu sou, para que não esqueçam quem somos, para que não questionem quem eu não desisto de ser e, principalmente, para que eu invente que eu almejo ser: complexa, equivocada, inteira.

Este trabalho nasce – e se materializa – deste desejo.

Obrigado.

Tulio Costa, 30 de junho de 2023.